UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RENAN REIS FONSECA

**O TRANSNACIONAL E O LOCAL NAS REVISTAS *READER'S DIGEST* E
SELEÇÕES: RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL**
(1939-1971)

Versão Corrigida

São Paulo

2018

RENAN REIS FONSECA

**O TRANSNACIONAL E O LOCAL NAS REVISTAS *READER'S DIGEST* E
SELEÇÕES: RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL
(1939-1971)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História Social.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Mary Anne Junqueira

Versão Corrigida

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F676t Fonseca, Renan Reis
O transnacional e o local nas revistas Reader's Digest e Seleções: relações de gênero nos Estados Unidos e no Brasil (1939-1971). / Renan Reis Fonseca ; orientadora Mary Anne Junqueira. - São Paulo, 2018. 275 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Brasil-Estados Unidos. 2. Gênero. 3. Reader's Digest. 4. Seleções do Reader's Digest. 5. Transnacional. I. Junqueira, Mary Anne, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Nome do (a) aluno (a): Renan Reis Fonseca

Data da defesa: 08/02/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Mary Anne Junqueira

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 08/04/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

FONSECA, Renan Reis. **O transnacional e o local nas revistas *Reader's Digest* e *Seleções*: relações de gênero nos Estados Unidos e no Brasil (1939-1971).** Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História Social.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Para Francielly, que com amor e companheirismo tornou esta jornada possível. Para minha família, que me deu o suporte e a possibilidade de sonhar. Para Eduardo, que nasceu em meio ao texto.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Mary Anne Junqueira, que acreditou no meu potencial e forneceu inúmeras ideias para o desenvolvimento dessa pesquisa. Agradeço, ainda, pela constante leitura atenta e crítica dos capítulos que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos colegas do doutorado pelo companheirismo e pelas produtivas discussões realizadas dentro e fora de sala, com certeza muitas sugestões foram acatadas nesta tese e muitas outras fomentaram ideias para pesquisas futuras. Agradeço em especial à Júlia Oliveira e Gabriela Xabay pelas intensas conversas e parcerias ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História Social que durante as disciplinas, eventos científicos, encontros casuais, sempre demonstraram boa vontade em ensinar e contribuir de forma construtiva no desenvolvimento da presente tese de doutorado. Em especial, agradeço às professoras Stella Franco e Maria Helena Capelato pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

Aos companheiros de trabalho do Colégio Embraer Juarez Wanderley que diariamente acompanharam e incentivaram o desenvolvimento da pesquisa. Aos meus alunos, em especial, que sempre me deram forças para prosseguir e que em conversas pelos corredores me fizeram constantemente reaprender a aprender.

À Francielly Baliana pelo amor e amizade; pela leitura e revisão atenta da tese, além dos comentários e discussões sempre construtivos. Pelas palavras sempre gentis que me fizeram acreditar que daria certo. Agradeço pelo prazer de dividir os livros, os gatos e o cachorro, o tempo, as alegrias da vida, o amor pela escrita.

Aos amigos de São João del-Rei e do Vale do Paraíba, os quais sempre farão parte de minha trajetória e que sempre serão lembrados com carinho independente da distância e do tempo. À amiga Gabriela Freitas pelas conversas e pela ajuda nas primeiras leituras realizadas nas revistas. À Fabiana, Murilo e às meninas, por terem sempre à mesa café e boa conversa.

À Julia Mattos, que acompanhou o início deste trabalho e contribuiu com as traduções iniciais, tão bem-feitas, pelos comentários e pelas sugestões. Agradeço também à Eugênia Luiza e Heloísa que realizaram e revisaram algumas das demais traduções. À Marina Helena, pelas discussões acadêmicas nos congressos e pela gentileza de se predispor a consultar e me enviar um artigo disponível na New York University Libraries.

Aos funcionários da Biblioteca Mário de Andrade e da ESPM que gentilmente me atenderam e organizaram a consulta aos acervos do *Reader's Digest* e de *Seleções*. À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela oportunidade de realização do curso.

Por fim, agradeço aos meus pais, Camila e Ruy, à minha irmã Christiane, ao Éder e ao Eduardo pelo carinho, paciência e amor ao longo de todos esses anos. Agradeço, profundamente, o esforço e a abdicção exercicidos por eles para que estas ideias ganhassem vida. Espero que tenha valido a pena, espero, mais ainda, que de alguma forma este trabalho possa contribuir para a construção de um mundo melhor para todos nós.

Não sei se sou homem,
se sou mulher. Mas este
é o caminho do estio
e por perto passam os bois.
(CAMPILHO, Matilde)

RESUMO

FONSECA, Renan Reis Fonseca. **O transnacional e o local nas revistas *Reader's Digest* e *Seleções***: relações de gênero nos Estados Unidos e no Brasil (1939-1971). 2018. 276 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Esta tese analisa duas revistas de variedades, a norte americana *Reader's Digest* e a brasileira *Seleções do Reader's Digest*, entre os anos de 1939 e 1971. Ambas as revistas tinham como fundamento editorial a seleção e a reprodução condensada de artigos publicados em outros periódicos impressos. As publicações compõem importantes fontes de pesquisa para a percepção de elementos transnacionais entre os dois países, isto é, aquilo que era escolhido como possível para ser reproduzido em cada uma das nações, fazendo circular temáticas de maneiras distintas, a depender principalmente de contextos locais. O objetivo da análise se concentra nas relações e representações de gênero que circulavam entre Estados Unidos e Brasil, com foco no modo como a mulher é apresentada e mobilizada em diferentes situações, atentando para a forma como os periódicos, ao levarem em consideração as perspectivas locais, foram capazes de dialogar e propor papéis determinados em distintos contextos sociais e políticos. A pesquisa procura também compreender a difusão de um discurso pautado na compreensão de uma “classe média universal”, atentando-se para a forma como as revistas apresentaram temas como a família, o controle de natalidade e a participação política como elementos norteadores para se atingir tal propagação. Pretende, por fim, apontar a forma como grupos subalternizados e de contestação como, por exemplo, os movimentos pelos Direitos Civis e de mulheres, foram negativamente apresentados nas páginas dos periódicos, enquanto os mesmos reforçavam tipos considerados modelares de conduta por seus editores.

Palavras-chave: Brasil, Estados Unidos, Gênero, *Reader's Digest*, *Seleções do Reader's Digest*, Transnacional.

ABSTRACT

FONSECA, Renan Reis. **The transnational and the local on *Reader's Digest* and *Seleções***: gender relations in The United States and in Brazil. 2018. 276 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This thesis analyzes two variety magazines, the North American *Reader's Digest* and the Brazilian *Seleções do Reader's Digest*, among the years of 1939 and 1971. Both magazines were based on the selection and condensed reproduction of articles published in other printed periodicals. The publications make up important sources of research for the perception of transnational elements between the two countries, that is, what was chosen as possible to be reproduced in each of the nations, circulating themes in different ways, depending mainly on local contexts. The purpose of the analysis focuses on the gender relations and representations that circulated between the United States and Brazil, focusing on the way women are presented and mobilized in different situations, paying attention to the way in which the magazines, taking into account local perspectives, were able to dialogue and propose specific roles in different social and political contexts. The research also seeks to understand the diffusion of a discourse based on the understanding of a "universal middle class", considering the way these magazines presented topics for instance family, birth control and political participation as guiding elements to achieve such propagation. Finally, it intends to point out how subalternized groups and of contestation, such as the movements for Civil Rights and women, were negatively presented in the pages of the periodicals, while they reinforced types considered behavioral by their editors..

Keywords: Brazil, United States, Gender, *Reader's Digest*, *Seleções do Reader's Digest*, Transnational.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	<i>Reader's Digest</i> , fevereiro de 1922, edição número 1.....	59
Figura 2 -	<i>Reader's Digest</i> , julho de 1957.....	60
Figura 3 -	<i>A História do Reader's Digest e de Seleções - Seleções do Reader's Digest</i> , junho de 1942, edição número 5.....	82
Figura 4 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , fevereiro de 1942, edição número 1.....	87
Figura 5 -	<i>Reader's Digest</i> , fevereiro de 1943, p. 7.....	116
Figura 6 -	<i>Reader's Digest</i> , maio de 1943, p. 85.....	125
Figura 7 -	<i>Reader's Digest</i> , setembro de 1946, p. 33.....	149
Figura 8 -	Número de artigos sobre a União Soviética ou comunismo no <i>Reader's Digest</i> , 1922-1994.....	155
Figura 9 -	<i>Reader's Digest</i> , abril de 1947, p. 132.....	184
Figura 10 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , março de 1947, p. 85.....	185
Figura 11 -	<i>Reader's Digest</i> , abril de 1960, p. 64.....	198
Figura 12 -	<i>The New York Times</i> , 5 de novembro de 1977, capa.....	203
Figura 13 -	<i>The New York Times</i> , 5 de novembro de 1977, p. 46.....	204
Figura 14 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , outubro de 1960, p. 30.....	226
Figura 15 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , agosto de 1970, p. 132-3.....	239
Figura 16 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , novembro de 1964, p. 93.....	242
Figura 17 -	<i>Reader's Digest</i> , novembro de 1964, p. 133.....	243
Figura 18 -	<i>Selecciones del Reader's Digest</i> , dezembro de 1964, p. 41.....	244
Figura 19 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , novembro de 1964, p. 104.....	248
Figura 20 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , agosto de 1970, p. 73.....	257
Figura 21 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , novembro de 1970, p. 129.....	258
Figura 22 -	<i>Seleções do Reader's Digest</i> , dezembro de 1970, p. 104.....	259

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de artigos veiculados por tema em <i>Digest</i> e <i>Seleções</i> (1946-1948 e 1952-1954).....	101
Tabela 2 - Número de artigos veiculados por tema e por ano no <i>Digest</i> (1946-1948 e 1952-1954).....	101
Tabela 3 - Número de artigos veiculados por tema e por ano em <i>Seleções</i> (1946-1948 e 1952-1954).....	102
Tabela 4 - Relação de biografias publicadas sobre mulheres e homens no <i>Digest</i> (1946-1948 e 1952-1954).....	104
Tabela 5 - Relação de biografias publicadas sobre mulheres e homens em <i>Seleções</i> (1946-1948 e 1952-1954).....	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – <i>READER’S DIGEST</i> : UMA NOVA PROPOSTA DE REVISTA DE VARIEDADES.....	28
1.1 – O CRESCIMENTO DAS REVISTAS NO MERCADO EDITORIAL NORTE-AMERICANO.	29
1.2 – WILLIAM ROY DE WITT WALLACE: “CONDENSANDO CONHECIMENTO”.....	32
1.3 – <i>READER’S DIGEST</i> , A EDIFICAÇÃO DO IMPÉRIO.....	37
1.4 – EM BUSCA DO PÚBLICO FEMININO: O PAPEL DE LILA BELL ACHESON NA CONSTITUIÇÃO DA REVISTA.....	48
1.5 – <i>READER’S DIGEST</i> : CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E FORMATAÇÃO.....	57
CAPÍTULO II – <i>SELEÇÕES DO READER’S DIGEST</i> : A VARIEDADE À BRASILEIRA.....	66
2.1 – <i>READER’S DIGEST ASSOCIATION</i> : DOS ESTADOS UNIDOS PARA O MUNDO.....	66
2.2 – <i>READER’S DIGEST</i> : SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA.....	68
2.3 – <i>SELEÇÕES DO READER’S DIGEST</i> : A MODERNIDADE NORTE-AMERICANA CHEGA AO BRASIL.....	78
2.4 – <i>SELEÇÕES</i> : A CONDENSAÇÃO DA REVISTA JÁ CONDENSADA – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E FORMATAÇÃO.....	83
2.5 – PRIMEIROS TEMPOS DE <i>SELEÇÕES</i> NO BRASIL: A RECEPÇÃO DA REVISTA NO MERCADO BRASILEIRO.....	86
2.6 – ELEMENTOS DA RECEPÇÃO DE <i>SELEÇÕES DO READER’S DIGEST</i> NO MERCADO BRASILEIRO.....	94
2.7 – AS PRINCIPAIS PROPOSTAS TEMÁTICAS DO <i>READER’S DIGEST ASSOCIATION</i>	99
CAPÍTULO III – POSSIBILIDADES E LIMITES PARA A AMPLIAÇÃO DO LUGAR DAS MULHERES NOS ESTADOS UNIDOS: RELAÇÕES DE GÊNERO NA REVISTA NORTE-AMERICANA.....	107
3.1 – <i>READER’S DIGEST</i> : MOBILIZANDO MULHERES PARA A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	113

3.1.1	– <i>Do trabalho no lar ao mercado de trabalho nos Estados Unidos</i>	113
3.1.2	– <i>As mulheres vestem o uniforme: WAC's no front de guerra</i>	121
3.1.3	– <i>O trabalho feminino, os “desvios” sociais e o caminho para o pós-guerra: o Digest prepara a “desmobilização das mulheres”</i>	128
3.2	– <i>READER'S DIGEST: OS DEVERES DO HOMEM NO ESFORÇO DE GUERRA</i>	133
3.2.1	– <i>A participação do homem negro no esforço de guerra</i>	135
3.3	– <i>DESMOBILIZANDO AS MULHERES AO FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL</i>	141
3.4	– <i>GUERRA FRIA E GÊNERO EM UM MUNDO BIPOLARIZADO</i>	152
CAPÍTULO IV – TIPOS INESQUECÍVEIS: OS MODELOS DE CONDUTA FEMININOS “ATEMPORAIS” DO <i>READER'S DIGEST</i>		160
4.1	– <i>MEU TIPO INESQUECÍVEL: MODELOS DE CONDUTA “ATEMPORAIS”</i>	167
4.2	– <i>O DIGEST E OS MODELOS DE CONDUTA EM PERÍODOS DE EXCEÇÃO: ABOLICIONISTAS, SUFRAGISTAS, ETC</i>	172
4.3	– <i>O DIGEST E OS MODELOS DE CONDUTA NO PÓS-GUERRA: MULHERES EM POSTOS DE DESTAQUE</i>	181
4.4	– <i>DIREITOS CIVIS E A CONTRACULTURA</i>	191
4.5	– <i>AS FUNCIONÁRIAS PROCESSAM O READER'S DIGEST</i>	200
CAPÍTULO V – RELAÇÕES DE GÊNERO EM <i>SELEÇÕES DO READER'S DIGEST</i>		205
5.1	– <i>O PAPEL DA MULHER DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM SELEÇÕES</i>	208
5.2	– <i>O PAPEL DO HOMEM DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM SELEÇÕES</i>	216
5.3	– <i>RELAÇÕES DE GÊNERO NO IMEDIATO PÓS-GUERRA: A MODERNIDADE CONSERVADORA</i>	222
5.4	– <i>CONTRACEPÇÃO: MODERNIDADE E CONTROLE DEMOGRÁFICO</i>	229
5.5	– <i>AS MULHERES PROTAGONISTAS DO GOLPE DE 1964</i>	240
5.6	– <i>SELEÇÕES PERDE TERRENO NO BRASIL</i>	255
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		261
FONTES.....		267
REFERÊNCIAS.....		267

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco a análise de duas das revistas que se mostraram ricas fontes históricas para acompanhar a defesa de determinados papéis para mulheres e, conseqüentemente, para homens nos Estados Unidos e no Brasil. Tratam-se da norte-americana *Reader's Digest* e da sua versão brasileira *Seleções do Reader's Digest*, que tiveram a sua era de ouro entre as décadas de 1940 a 1960. Ambas produziram importante impacto nas duas sociedades, diagnosticando problemas e propondo soluções para o seu público-alvo de famílias de classe média – com destaque para as mulheres – e para questões políticas em geral. Como revistas de variedade, tratavam de temas diversificados.

Como parte do *Reader's Digest Association*, os dois periódicos compreendem o corpus documental da tese de doutorado aqui apresentada, que tem como objetivo analisar o lugar da mulher na família e na sociedade em cada uma das publicações, ao longo do período compreendido entre 1939 e 1971.¹

A trajetória de sucesso do *Digest*, que tinha a pretensão de informar toda a família, iniciou-se em 1922, como parte dos investimentos pessoais do casal DeWitt e Lila Wallace. Composta por uma seleção, espécie de *clipping*, de artigos publicados por outras revistas que os idealizadores da publicação consideravam de interesse duradouro, o *Digest* cresceu exponencialmente ao longo dos anos e expandiu suas vendas para diversos outros países, entre eles o Brasil, que em 1942 passou a ser solo da venda de *Seleções*, um produto formatado a partir de uma seleção de artigos da revista norte-americana, devidamente traduzidos para o público brasileiro.

Enquanto o *Digest* conseguiu atravessar a Depressão nos Estados Unidos e apoiar o governo em prol da entrada na Segunda Guerra Mundial, *Seleções*, por sua vez, adentrou o mercado editorial nacional com o apoio do governo

¹ Doravante, ao longo deste trabalho, *Reader's Digest* será referida apenas como *Digest* e *Seleções do Reader's Digest* como *Seleções*.

norte-americano, no bojo da Política da Boa Vizinhança. No caso das revistas que se apresentam tanto como objeto quanto como fonte deste estudo, o público-alvo era, primordialmente, a família dos setores médios nos Estados Unidos e no Brasil.

Deste modo, homens e mulheres protagonizavam papéis de gênero específicos que merecem um olhar analítico ao se considerar a forma como esses sujeitos são representados nos periódicos.² Articuladas às questões de gênero, esta pesquisa investiga problemas relativos à imprensa e ao mercado transnacional que circulava entre Brasil e Estados Unidos, particularmente o das revistas de variedades.³ A circulação cultural mais ampla entre os dois países remonta à década de 1920, quando o cinema norte-americano passou a ser exibido nas salas brasileiras.

O recorte temporal da pesquisa tem como ponto de partida o ano de 1939, início da Segunda Guerra Mundial, conflito em que os Estados Unidos entraram em 1941, e contexto no qual as mulheres foram deslocadas para o mundo do trabalho, enquanto os homens estavam no *front*. Em 1942, foi lançada no Brasil, como parte do esforço de guerra a revista *Seleções do Reader's Digest*. A pesquisa tem como marco final o ano de 1971, quando ambos os periódicos perdem lugar nos dois países e *Seleções* passa a ser editada em Portugal. O

² Esse interesse por temas como a relação Brasil-Estados Unidos permeada por um olhar para as relações de gênero e a História da Imprensa surgiu ao longo de minha trajetória acadêmica desde a Iniciação Científica, culminando no desenvolvimento de uma Dissertação de Mestrado (*Os quadrinhos em sua (sub)versão romântica: amor e gênero na Revista O Idílio, 1948-1950*) que envolveu o contexto de ambos os países. Nessas pesquisas, o foco se deteve em revistas de histórias em quadrinhos românticas (antecessoras das inúmeras revistas de fotonovelas lançadas nas décadas seguintes), publicadas inicialmente nos Estados Unidos e posteriormente no Brasil, entre os anos 1948-1950. As revistas em questão serviram de base para que se problematizasse questões referentes aos Estudos de Gênero e à História das Mulheres, e buscavam compreender de que forma gênero, romance e consumo articulavam-se em tais produtos culturais visando perpetuar relações de gênero desiguais e opressoras.

³ A leitura de algumas obras acerca da relação Brasil-Estados Unidos também fomentou a iniciativa para a presente pesquisa. Entre elas, há que se destacar: MUNHOZ, Sidnei; TEIXEIRA, Francisco Carlos. *Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XIX, XX e XXI*. Maringá: Editora Universidade Estadual de Maringá, 2011. MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1986. TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Digest ainda teve algum fôlego até início dos anos 1980, mas *Seleções*, como outras revistas brasileiras, perdeu espaço para a televisão.

A escolha das fontes esteve pautada no fato de o *Digest* ser uma revista de ampla circulação nos Estados Unidos e também em razão de *Seleções* ter caído no gosto dos brasileiros, como veremos. Os periódicos, sob o nosso ponto de vista, permitem compreender que alguns aspectos relativos ao que se esperava da conduta feminina no âmbito da família de classe média ultrapassaram fronteiras deste e/ou daquele país, consubstanciando-se num repertório que alcançava famílias de classe média de distintas nacionalidades. Por outro lado, a revista *Seleções* não era exclusivamente uma tradução do *Digest* norte-americano. Como o nome diz, a revista era uma seleção de artigos do *Digest* traduzidos para o português. Essas escolhas permitem pensar sobre temas que não eram aceitáveis entre os brasileiros e que, por este motivo, foram descartados. Possibilitam, ainda, refletir sobre temas e juízos que eram de aceitação de brasileiros e norte-americanos. Importante destacar que, ao tratar de aspectos relacionados a uma postura conservadora nos periódicos, a análise se deteve, de forma mais enfática, naqueles referentes aos costumes e práticas.

A relação mais intensa entre Brasil e Estados Unidos se deu em um momento em que a política externa norte-americana passou a voltar o seu olhar para a América Latina devido à Política da Boa Vizinhança, implementada em 1933 por Franklin Delano Roosevelt (1933-1945), mas que ganhou força principalmente com a Segunda Guerra Mundial. O objetivo era manter os países latino-americanos alinhados aos Aliados em combate às forças do Eixo que ganhavam espaço na Europa, o que despendeu grande esforço diplomático e empreendimento do governo dos Estados Unidos.⁴ Apesar da intenção norte-

⁴ Segundo Gerson de Moura, é “conhecida como a política da ‘Boa Vizinhança’ a ação política do presidente Roosevelt dirigida ao restante do continente [e] envolvia vários tipos de iniciativa, mas faltava-lhe um padrão definido e coerente. Era apresentada como uma política baseada nos seguintes novos pressupostos: os Estados Unidos poderiam abandonar sua política de interferência e, principalmente, de intervenção militar; a igualdade jurídica de todas as nações americanas poderia ser

americana ter sido a de diminuir diferenças entre Brasil e Estados Unidos com o objetivo de ganhar um parceiro contra o Eixo, as diferenças entre os dois países ainda eram grandes, tanto politicamente quanto em termos econômicos e sociais.⁵ A religião também era um fator de diferenciação, tendo em vista que os Estados Unidos eram um país em grande medida protestante e o Brasil, por sua vez, católico. Essas distâncias, no entanto, não foram limitantes para que as representações da mulher, por exemplo, e seu papel na família, como também modelos de conduta e hábitos de consumo, cruzassem fronteiras e fossem amplamente veiculados nas duas nações.

As diferenças econômicas e políticas entre Brasil e Estados Unidos também se refletiam no âmbito social. Depois do esforço sufragista, as mulheres norte-americanas passaram a votar em âmbito nacional em 1920. Elas adentraram o mercado de trabalho desde o início do século XX, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. Tal deslocamento, do domínio privado para o público, pediu por novas formas de representação, especialmente porque também vinham transformando o modo como os papéis e relações de gênero eram propriamente vivenciados em ambos os contextos.⁶

O período posterior à Segunda Guerra Mundial reforçou a permanência da mulher em diversos postos de trabalho, o que se deve, entre outros fatores, ao fato de que a renda do trabalho feminino contribuía amplamente para que muitas famílias norte-americanas pudessem ser consideradas pertencentes aos setores

reconhecida na prática além de na teoria; havia a necessidade de consultas interamericanas sempre que problemas no interior de uma república ameaçassem se tornar fonte de perigo para as outras; precisava-se chegar a um acordo para cooperar de todas as maneiras praticáveis, de modo a fazer avançar o bem-estar dos povos das Américas.” MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1915: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012, p. 39.

⁵ Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Ed. da USF, 2000.

⁶ Sobre o contexto norte-americano, ver: DIGGINS, John Patrick. *The Proud Decades: America in war and Peace, 1941-1960*. New York: W.W. Norton & Company, 1989. Mais informações sobre a mulher nos Estados Unidos podem ser encontradas em: CHAFE, William H.. *The paradox of change: american women in the 20th century*. Oxford: Oxford University Press, 1992. Sobre a mulher e o contexto da Segunda Guerra Mundial, além das obras citadas, ver: WEATHERFORD, Doris. *American Women and World War II*. New York: Castle Books, 2008.

médios e assim usufruíssem dos bens de consumo disponíveis.⁷ No entanto, o cenário brasileiro, tanto no período da Segunda Guerra Mundial, quanto no período do pós-guerra e da Guerra Fria, forneceu às mulheres, principalmente, oportunidades distintas daquelas vivenciadas pelas norte-americanas. Apesar de terem conseguido o direito ao voto em 1932, durante a Era Vargas, as mulheres brasileiras vivenciavam condições muito restritas em relação ao universo do espaço público.

Essas distintas especificidades da movimentação de mulheres e de suas vivências nos espaços públicos e privados têm relação direta com a realidade política, econômica e social de cada um dos países, como apontado, mas também se vincula com características relativas aos diferentes estágios de industrialização. Além disso, havia também as perspectivas hegemônicas dos Estados Unidos em cenário internacional que colocavam o Brasil em posição secundária no que se referia, por exemplo, à produção e ao acesso a bens de consumo.

Essas condições fizeram com que os artigos publicados por *Digest* e *Seleções* ao longo das décadas analisadas precisassem considerar permanências e modificações dos mais variados tipos, especialmente no contexto do pós-guerra e nos anos de Guerra Fria. Uma vez que transformações nas conjunturas de ambos os países foram progressivas e, em certa medida, inevitáveis, as tentativas de adaptação de ambas revistas às mudanças do mundo foram bem-sucedidas durante algum tempo, mas não puderam resistir ao universo da televisão e às transformações próprias da Guerra Fria.

Bibliografia sobre *Reader's Digest* e *Seleções do Reader's Digest*

Apesar do grande destaque alcançado pelas revistas, um número restrito de trabalhos acadêmicos, mas também jornalísticos, foi dedicado ao seu estudo,

⁷ Cf. CHAFE, William H.. 1992. O autor, em capítulo intitulado *The debate on woman's place*, discute amplamente o assunto.

entre eles pode-se destacar: *Theirs was the kingdom, Lila and DeWitt Wallace and the story of the Reader's Digest*, de John Heidenry (1993) e *American Dreamers, the Wallaces and Reader's Digest: an insider's story*, de Peter Canning (1996). Ambas as obras se dedicam a traçar a trajetória de sucesso de Lila e DeWitt Wallace, atentando para a consolidação do *Reader's Digest*, suas subdivisões internacionais e também para as transformações editoriais ocorridas ao longo de décadas. Como trabalhos de divulgação, as obras reúnem importantes informações que permitiram o desenvolvimento desta pesquisa. Entretanto, são narrativas que não privilegiam a crítica.

Os dois trabalhos foram lançados na década de 1990, quando o *Digest* – embora tenha ainda resistido até início da década de 1980 nos Estados Unidos – já era objeto de recordação e tema de narrativas que privilegiavam os negócios empreendidos por famílias, capitaneadas pelo *self-made man*.⁸ Heidenry publicou sua obra em 1993 e Canning em 1996. Por esse motivo, em muitos momentos a obra de Canning se mostra uma releitura da de Heidenry, a qual é bem mais completa e focada nos aspectos editoriais da revista. É importante ressaltar que ambas as obras exaltam os papéis pioneiros de Lila e DeWitt Wallace pautados no imaginário de sucesso americano, do *self-made man* e do *american way of life*, ideários amplamente divulgados pelo *Digest* e por *Seleções*.

Nos Estados Unidos, há poucos trabalhos historiográficos sobre o *Digest*. Entre esses, destaca-se o de Joanne P. Sharp, *Condensing the Cold War: "Reader's Digest" and American Identity* que consiste em uma análise da identidade norte-americana durante o período da Guerra Fria.⁹ Sharp busca compreender de que forma o *Digest* influenciou a opinião pública norte-

⁸ Trata-se do período posterior à morte de DeWitt Wallace (1889-1981) e Lila Bell Wallace (1887-1984), momento em que o *Reader's Digest Association* vivenciou transições, disputas e divisões internas, que aliado a ascensão maciça de outras mídias ocasionou uma perda de mercado considerável quando comparada ao desempenho de décadas anteriores.

⁹ SHARP, Joanne P.. *Condensing the Cold War: "Reader's Digest" and American Identity*. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 2000.

americana em relação à Guerra Fria criando imagens positivas dos Estados Unidos e negativas da União Soviética, além de buscar definir qual era o papel da recepção dos leitores nesse embate. Portanto, Sharp salienta como a revista, ao longo de suas matérias, criou imagens singulares dos Estados Unidos e do inimigo soviético.

A partir dos anos 2000, alguns trabalhos começaram a ser publicados no Brasil tendo como foco principal de análise a revista *Seleções*. Mary Anne Junqueira se dedicou ao estudo da versão brasileira do *Digest*, sem, todavia, esquecer a revista norte-americana. A obra em questão, *Ao sul do Rio Grande: Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*, buscou compreender as imagens construídas sobre a América Latina veiculadas pela revista *Seleções do Reader's Digest*, atentando para conceitos caros à cultura norte-americana tais como *wilderness* e fronteira.¹⁰

Outros trabalhos se detiveram em análises pontuais, como, por exemplo, o de Joana Maria Pedro, que estudou os métodos contraceptivos divulgados por *Seleções*, além de outras revistas, a partir dos anos 1960.¹¹ Lenita Jacira Farias Raad discorreu, em um artigo, sobre a difusão de um discurso sobre o controle populacional visando conter a expansão do comunismo na América também a partir dos anos 1960.¹² Posteriormente, Raad produziu uma Dissertação de Mestrado abordando o discurso anticomunista veiculado por *Seleções* no Brasil entre as décadas de 1950 e 1960.¹³ O trabalho de Sílvia Pereira, *Seleções do Reader's Digest, 1954-1964. Um mapa da intolerância política*, analisa o que

¹⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000.

¹¹ PEDRO, Maria Joana. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, no. 45, 2003, p. 239-260.

¹² RAAD, Lenita Jacira Farias. Revista *Seleções do Reader's Digest* e as campanhas de controle demográfico no interior da guerra fria. In: *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 11, no. 11, 2004, p. 167-176.

¹³ RAAD, Lenita Jacira Farias. "... denunciando os males do comunismo": o anticomunismo na revista *Seleções Reader's Digest* (1950-1960). Florianópolis: Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Dissertação de Mestrado, 2005, (mimeo).

chama de “propaganda ideológica Pró-Occidente” e as relações de *Seleções* com o mercado editorial brasileiro naqueles anos.¹⁴

A tese aqui apresentada se diferencia dos demais trabalhos, já que se detém às representações e relações de gênero no *Digest* e em *Seleções*. O tema ainda não foi abordado detidamente, ainda que a família e o lugar da mulher na sociedade tenham preenchido páginas e páginas das duas revistas.

Procedimentos teórico-metodológicos

As revistas de variedades são importantes fontes para os historiadores e na presente pesquisa formam o corpus central de análise. Maria Helena Capelato, em *O controle da opinião e os limites da liberdade, imprensa paulista (1920-1945)*, ao discorrer sobre a imprensa, em especial a de jornais, elenca argumentos que podem contribuir para a compreensão das revistas aqui propostas para análise.¹⁵ Segundo a autora, a imprensa busca se colocar como uma fonte confiável, neutra e imparcial. No entanto, as revistas respondem a projetos políticos e são, antes de mais nada, negócios que preveem lucros.¹⁶ Capelato indica que órgãos de imprensa são instrumentos de interesse – pois são antes de mais nada um negócio –, como também uma ferramenta de intervenção na sociedade. A análise das revistas será pautada por tais colocações. A mesma

¹⁴ PEREIRA, Sílvio Luiz Gonçalves. *Seleções do Reader's Digest, 1954-1964*. Um mapa da intolerância política. São Paulo: Departamento de História, FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 2006, (mimeo). Podemos destacar ainda um trabalho que se dedica ao estudo do discurso sobre o *american way of life* na versão da revista que circulou pela América Latina em língua espanhola: SCHERER JÚNIOR, Charles. *A Revista Selecciones del Reader's Digest e a constituição da imagem dos estereótipos do american way of life: 1940/1950*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Tese de Doutorado, 2009, (mimeo).

¹⁵ Cf. CAPELATO, Maria Helena. O controle da opinião e os limites da liberdade: Imprensa paulista (1920-1945). *Revista brasileira de História*. São Paulo: São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 12, nº. 23/24, 1991, p. 57.

¹⁶ Capelato, salienta, inclusive, que os periodistas se colocavam como formadores de opinião, sendo além de fiscalizadores do governo, agentes de uma missão pedagógica.

autora, em parceria com Maria Ligia Coelho Prado, foi pioneira nos estudos sobre imprensa ao discutir a ideologia do jornal *O Estado de São Paulo*.¹⁷

Fundamentais, também, são as colocações de Tania Regina de Luca no que concerne às fundamentações teórico-metodológicas, e a necessidade de analisar não somente o conteúdo das revistas, mas também a forma como tais conteúdos são dispostos por estas, além de abordar a relevância do processo editorial na construção de imaginários difundidos em diferentes contextos históricos.¹⁸ Partindo dessas colocações, é possível problematizar melhor o projeto de uma temática transnacional dentro do *Digest* e de *Seleções*. Importante, também, o estudo de Ana Luiza Martins, *Revistas em Revista: Imprensa e práticas Culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, que mostra a evolução do mercado editorial de revistas no Brasil.¹⁹

Esta tese se apoia nas reflexões da crítica feminista e suas colocações sobre a categoria analítica gênero, amplamente discutida por teóricas como Joan Scott, Judith Butler, entre outras.²⁰ O presente trabalho não consiste em um trabalho de História das Mulheres, pois não prevê a existência de uma essência feminina, nem quer resgatar pioneiras do passado. Tem como importante aporte as relações e representações de gênero expostas nas sociedades norte-americana e brasileira. Caracteriza-se, portanto, como um trabalho no âmbito dos estudos de gênero, adotando uma perspectiva dialógica e relacional.²¹

¹⁷ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo"*. São Paulo: Alfa Omega, 1980.

¹⁸ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

¹⁹ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas Culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP, 2000.

²⁰ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010; SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99; SCOTT, Joan. "Prefácio a *gender and politics of history*". In: *Cadernos Pagu*. n. 3, 1994, p. 11-27; PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis, 17 (1): 296, janeiro-abril/2009; TILLY, Louise A.. Gênero, História das Mulheres e História Social. In: *Cadernos Pagu*. n. 3, 1994, p. 29-62.

²¹ Sobre a relação entre História das Mulheres, Gênero e História Social ver: PINSKY, Carla Bassanezi. Op. cit., 2009; TILLY, Louise A., Op. cit., 1994.

A historiadora Joan Scott afirma que gênero não diz respeito apenas às características biológicas que definem homens e mulheres como categorias naturais, mas é algo que se constrói a partir das relações sociais e culturais entre homens e mulheres, sendo um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado.²² Os estudos de gênero questionam a visão tradicional que situava o homem no espaço público e a mulher no âmbito privado do lar, além de colocar em xeque as próprias definições de masculino e feminino.

O uso da categoria gênero se dá, também, segundo a distinção elaborada por Judith Butler, em que sexo e gênero “sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos”.²³ A presente pesquisa assume uma concepção semelhante ao compreender gênero como uma construção cultural do que é percebido e passado como diferença sexual, ou seja, das maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é “ser homem” e “ser mulher”, e o que é “masculino” e “feminino”. Partindo da categoria gênero e da análise do corpus em questão, um dos aspectos a se observar nas revistas será como as representações e relações de gênero são apresentadas, atentando para possíveis permanências, transgressões e/ou repressões.

A pesquisa aqui apresentada também operará a partir do conceito de representação, importante para discutir as propostas de lugares e condutas para as mulheres nas revistas. Para tal, Roger Chartier ensina que representações não são discursos neutros, uma vez que produzem estratégias e práticas sociais. Propõe que se tome o conceito de representação “num sentido mais particular e historicamente determinado”.²⁴ Ele acredita em uma História Cultural Social que

tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses

²² Cf. SCOTT, Joan. 1995.

²³ BUTLER, Judith. 2010, p. 24.

²⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel, 1990, p. 20.

objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou que gostariam que fosse.²⁵

O fato de *Digest* e de *Seleções* publicarem os mesmos artigos defendendo papéis específicos para mulheres em sociedades diferentes como a norte-americana e a brasileira é indicação de que há elementos transnacionais veiculados pelas revistas. A *American Historical Review* publicou, em 2006, um fórum de debate sobre o que viria a ser transnacional.²⁶ Os autores salientam a emergência, nos últimos anos, de estudos que discorrem sobre o aspecto transnacional dentro dos estudos históricos e argumentam que as pesquisas mais bem-sucedidas dentro desta perspectiva são aquelas que analisam de que modo práticas culturais e ideologias configuram, carregam em si e dão aval para que elementos sociopolíticos e econômicos, incluindo pessoas e bens, circulem de forma local, mas também global.²⁷

Importante ressaltar que a História Transnacional ganhou destaque principalmente nos Estados Unidos, uma vez que esta perspectiva contribuiu para uma abordagem que visava romper com uma concepção nacionalista de excepcionalidade norte-americana vigente na historiografia desse país. Na visão da História Transnacional, os Estados Unidos deixam de serem vistos como um modelo para outros países e passam a serem compreendidos como mais um país com suas especificidades locais. Thomas Bender afirma, em livro precursor dos estudos que têm a abordagem transnacional como referência, que os Estados Unidos eram um país entre outros. O objetivo do autor era apontar que tal

²⁵ CHARTIER, Roger. 1990, p. 21.

²⁶ BAYLY, C.A et al. Conversation: on Transnational History. In: *The American Historical Review*. Chicago: The University of Chicago Press, Vol. 111, Nº 5, Dezembro/2006, p. 1441-1464.

²⁷ Ibidem, p. 1451. Alguns autores da entrevista salientam para a questão de gênero dentro da História Transnacional, como, por exemplo, Wendy Kozol, que argumenta que estudiosas feministas dentro de uma perspectiva transnacional têm explorado “como gênero molda a experiência de maneiras que não apenas delinham condições de poder e desigualdade”. Ibidem

perspectiva permitia incluir o país no mundo, combatendo o excepcionalismo norte-americano.²⁸

Por fim, a pesquisa se apoia em trabalho organizado por Ricardo López e Barbara Weinstein que afirmam que a classe média está no centro das discussões sobre globalização. Segundo eles, há quem tenha defendido que um “consenso da classe média” poderia ser fundamental para a estabilidade e prosperidade política global. Além disso, afirmam que a política externa norte-americana ganharia mais se estimulasse o crescimento da classe média em determinados países. Para López e Weinstein, estas proposições que investem na existência de uma classe média transnacional estão vinculadas sempre nas apostas de modernização das sociedades envolvidas.²⁹

Antes de apresentar os capítulos da tese, informo ao leitor que todos os excertos da revista norte-americana estão em inglês nas notas de rodapé e foram traduzidos para o português no corpo do texto. Todas as traduções são minhas, incluindo as de referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, discutimos o lançamento do *Reader's Digest* nos Estados Unidos, em 1922, na época considerada uma revista inovadora, mas também questionada pela imprensa tradicional que valorizava o trabalho do jornalista e do repórter e não o trabalho de seleção e edição de artigos em outras revistas. Trata do crescimento do periódico até se transformar no império liderado por DeWitt e Lila Wallace, destacando a importância da última na concepção da publicação.

O segundo capítulo, por sua vez, se dedicou à entrada da revista *Seleções do Reader's Digest* no território brasileiro em 1942. Para estabelecer uma

²⁸ BENDER, Thomas. *A Nation Among Nations. América's Place in World History*. Nova York: Hill and Wang, 2006.

²⁹ LÓPEZ, A. Ricardo; WEINSTEIN, Barbara (orgs). *The Making of the middle class: toward a transnational history*. USA: Duke University Press, 2012.

melhor compreensão da empreitada, apresentamos o projeto de expansão implementado pelo *Reader's Digest Association* que providenciou versões do *Digest* em diferentes lugares do mundo. Além disso, mostramos elementos da recepção da revista no Brasil.

No terceiro capítulo, tratamos dos artigos publicados pelo *Reader's Digest* particularmente nos anos da Segunda Guerra Mundial. O foco recaiu na mobilização das mulheres durante os anos de conflito, apontando as diferentes formas pelas quais elas contribuíram com o esforço de guerra. A revista ajudou na mobilização das norte-americanas para o trabalho na indústria, enquanto os homens estavam em frente de batalha, e posteriormente defendeu a desmobilização ao fim do conflito.

Já no quarto capítulo, os *tipos inesquecíveis* apresentados pela revista norte-americana são destacados, enfatizando as mulheres com “trajetórias notáveis” que foram selecionadas pelo *Digest*. A análise voltou-se para mulheres que representaram modelos de conduta e que deveriam inspirar outras mulheres tanto no período da Segunda Guerra Mundial, quanto no da Guerra Fria. O espectro de uma moral conservadora do *Digest* é demarcado pela resistência da revista à luta pelos Direitos Civis, nos anos 1950, e ao movimento da Contracultura, na década de 1960, nos Estados Unidos.

No quinto e último capítulo, nos dedicamos à *Seleções do Reader's Digest* e aos modos como os papéis e, por conseguinte, as relações de gênero foram, em geral selecionados no *Digest*, foram apresentadas pela revista brasileira. A análise destacou temas reiterados pela publicação nacional, como a ênfase no controle da natalidade, particularmente nos países do então chamado terceiro mundo, e o papel das mulheres quando do golpe de 1964 no Brasil.

Ainda hoje é possível encontrar pessoas, nos dois países, que se encantaram com ambos os periódicos. Os dois são evocados não apenas como revistas simpáticas e agradáveis, mas como publicações que fazem os antigos leitores relembrares nostalgicamente de parte da sua vida.

CAPÍTULO I – *READER’S DIGEST*: UMA NOVA PROPOSTA DE REVISTA DE VARIEDADES

Desde o início do século XX, enquanto o mundo passava por grandes transformações políticas e econômicas, e à medida que a industrialização e a modernidade estabeleciam-se como parte da dinâmica social, a diversificação dos meios de comunicação tornou-se fundamental para a organização das sociedades. Nos Estados Unidos, os veículos de imprensa tiveram uma importância crescente na vida nacional. Os jornais, que antes dominavam o mercado de notícias, passaram a dividir o espaço com outras possibilidades midiáticas.

A partir dos anos 1920, o rádio rapidamente adentrou os lares norte-americanos, informando e proporcionando uma nova experiência comunicacional e de lazer que envolvia toda a família. O cinema juntou-se a essas mídias como poderoso meio imagético. Esses meios de comunicação eram resultado de transformações importantes operadas nas sociedades, mas também agiam como influentes agentes transformadores.

É neste cenário que a proposta de mídia impressa no formato revista ganhou novas perspectivas, tornando-se um produto ainda mais importante na difusão de informações e conhecimentos, que passaram a ser consumidos de forma mais rápida e cotidiana. Nesse período, revistas tiveram papel fundamental, especialmente por se tornarem, como os jornais, meios que defendiam o projeto de um grupo, em geral vinculado ao liberalismo econômico, mas que eram divulgados como universal. Como os jornais, especialmente as revistas de notícias se colocavam como neutras. Entretanto, as revistas também podiam ter caráter educativo, informacional e modeladores culturais de moral e boas maneiras, em conformidade com um “espírito nacional” que então se formava no país. Duas das revistas que operaram nesses dois âmbitos, como resultantes das mudanças e operadoras desses mesmos processos de

transformação, ainda que em contextos diferenciados, foram a norte-americana *Reader's Digest* e, em um segundo momento, a brasileira *Seleções do Reader's Digest*.³⁰

1.1- O crescimento das revistas no mercado editorial norte-americano

Foi após a Guerra Civil (1861-1865) que as revistas norte-americanas se ampliaram, também, em termos de projeções gráficas, especialmente com o advento da fotografia. Esse salto formativo suscitou um crescimento ainda maior no número de publicações existentes.³¹ Alguns dos principais periódicos do período foram: *Harper's Monthly Magazine*, fundada em 1859, e que em 1887 chegou a 185 mil exemplares; *The Nation*, em 1882, que chegou a 220 mil exemplares em 1887; *Munsey's*, que passou dos 20 mil exemplares em 1893 para 500 mil em 1895. *Cosmopolitan*, fundada em 1886 e voltada para a literatura, de 100 mil tiragens em 1892, passou a um milhão em 1905.³²

Com a modernização dos meios de comunicação no início do século XX juntamente à consolidação de impérios midiáticos, o mercado editorial norte-americano se expandiu a passos largos e a concepção do material a ser publicado ganhou contornos cada vez mais variados. Esse crescimento das revistas na virada do século XIX para o século XX foi marcado por novas fórmulas no modo de se conceber as publicações, especialmente por ser tecido juntamente a

³⁰ Para mais elementos sobre a formação e desenvolvimento da imprensa norte-americana, ver: BURBAGE, Robert.; CAZEMAJOU, J.; KASPI, A. *Os meios de comunicação nos Estados Unidos: imprensa, rádio, televisão*. Rio de Janeiro: Agir, 1973; EMERY, Edwin. *História da imprensa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965; TEBBEL, William. *Os meios de comunicação nos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1978.

³¹ Segundo William Tebbel, nos anos 1890, havia mais de 4.400 revistas em circulação, e cerca de 5.100 no final do século. TEBBEL, William. Op. cit., p. 276, 277.

³² Cf. BURBAGE, Robert.; CAZEMAJOU, J.; KASPI, A. Op. cit., p. 30.

um movimento de concentração da imprensa norte-americana. Entre 1913 e 1914, Willian Randolph Hearst, por exemplo, possuía 30 jornais.³³

Nesse mesmo cenário havia ainda a conhecida *Yellow Press* (imprensa marron), que se utilizava do sensacionalismo para vender a qualquer custo.³⁴ A partir do final da Primeira Guerra, parte da imprensa norte-americana passou a trabalhar com a ideia de objetividade. Eles acreditavam que os fatos falavam por si sós e que a imprensa deveria evitar valores e determinados posicionamentos. Os empreendedores pretendiam contribuir para o princípio de legitimação da autoridade do jornalista na descrição dos fatos e interpretação do mundo.³⁵ Essa busca por parte dos jornalistas visava aproximá-los de outras categorias profissionais mais bem estabelecidas, como, por exemplo, as de médicos e advogados.

Mas, como aponta Michael Shudson, a objetividade não bastou para resumir essa proposta de legitimação da classe jornalística, uma vez que subsistiram em grandes jornais, rádios e revistas a exploração de narrativas (perfis biográficos, grandes reportagens, matérias seriadas, etc.). Diferentemente da crença na objetividade tão em voga naquele começo de século, muitos veículos mantiveram a estratégia de não somente apresentar os fatos, mas também de problematizá-los dentro de temáticas mais amplas.³⁶

Os empreendimentos oscilavam, então, entre uma vertente que se dedicava a publicações especializadas e outra corrente que começava a ver na diversificação de conteúdos a possibilidade de atingir públicos cada vez mais amplos e variados. Isso levou a uma consequente transformação nos processos produtivos e na formatação dos periódicos, que precisavam ser cada vez mais convidativos em um cenário tão competitivo. A possibilidade de explorar

³³ Cf. SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: A Social History of American Newspapers*. New York: Basic Books, 1978.

³⁴ Para mais detalhes sobre a *Yellow Press*, ver: CAMPBELL, W. Joseph. *Yellow Journalism: Puncturing the Myths, Defining the Legacies*. Westport: Praeger Publishers, 2001.

³⁵ SCHUDSON, Michael. Op. cit., p. 121-159.

³⁶ Ibidem

imagens e fotografias juntamente com o texto impresso foi fundamental nessa reconfiguração.³⁷

Neste contexto, é importante destacar o surgimento de algumas revistas norte-americanas que mudaram definitivamente o mercado editorial nos Estados Unidos e em alguns países do ocidente, e que anunciavam uma espécie de “recriação da forma do jornalismo impresso”. No formato *newsmagazine*, foi lançada a *Time*, em 1923, e a *Newsweek*, em 1933.³⁸ Editada por Henry R. Luce e Briton Hadden, a *Time* inaugurou o gênero de revista semanal de notícias. *Newsweek*, editada por Thomas J. C. Martyn, fez coro à proposta, apresentando sempre temas atuais aos seus leitores. Ambas tinham como foco principal a publicação de matérias mais elaboradas, pois eram editadas com mais tempo – a maioria era semanal –, diferentemente dos jornais, responsáveis por informações mais ágeis, mas, às vezes, sem o devido aprofundamento, já que eram diários. Outra revista que ganhou grande destaque foi a descontraída *New Yorker*, publicada a partir de 1925. Com estilo despojado, procurava se diferenciar das demais, sendo uma sofisticada revista de humor que publicava ensaios, críticas literárias, charges. Buscava atingir um público mais cosmopolita e era editada por Harold Ross.

No entanto, seria uma revista lançada em 1922 que definiria novos padrões e que nas décadas seguintes alcançaria um fiel público leitor não só nos Estados Unidos, mas em diversos países do ocidente e do oriente: *The Reader's Digest*.³⁹ Todas as demais revistas, apesar de terem alcançado imenso sucesso editorial, abarcavam um público seletivo e diferente do *Digest*, além de possuírem,

³⁷ O contexto era extremamente favorável para as revistas. Segundo Peter Canning, “as revistas eram onde a ação acontecia. O Congresso reconheceu a importância das revistas como ‘educadoras nacionais’ e concedeu a elas privilégios de postagem em 1879. As editoras usaram este subsídio para espalhar seus produtos por todo o país.” CANNING, Peter. *American Dreamers: the Wallaces and Reader's Digest: an insider's story*. New York, NY: Simon & Schuster, 1996, p. 36.

³⁸ As duas revistas fixaram, assim, o modelo em que se baseariam todas as restantes *newsmagazines*, como a norte-americana *U.S News & World Report*, a alemã *Der Spiegel*, as francesas *Le Point* e *L'Express*, as portuguesas *Visão*, *Sábado* e *Focus*, depois as brasileiras *Veja*, *Isto É* e *Época*, etc.

³⁹ Posteriormente, a revista deixaria de imprimir o *The* em suas capas e passaria a ser conhecida apenas por *Reader's Digest*.

como veremos, propostas editoriais muito distintas. O *Digest*, por décadas, não teve uma concorrente direta que pudesse lhe trazer preocupações de mercado. Era uma revista de variedades, considerada muito confiável, pois se dedicava a “assuntos sérios”, oferecendo caminhos para que o indivíduo pudesse se desenvolver, melhorar, sem muito esforço, já que grande parte dos leitores possuía muitas ocupações diárias em um mundo cada vez mais modernizado.

A idealização do *Digest* veio de William Roy DeWitt Wallace (1889-1981) e ocorreu nesse contexto de crescimento das revistas e das classes médias urbanas a partir principalmente da Primeira Guerra Mundial. A revista, gestada por um período de quase dez anos, foi lançada em fevereiro de 1922. Embora o modelo *Digest* tivesse antecedentes, como a *Tit-Bits* e a *Answers*, revistas britânicas do final do século XIX, periódicos baseados nas condensações de livros e outras publicações intercaladas com conteúdos de entretenimento e desafios ao leitor, essa revista chegou às mãos de milhões de pessoas, principalmente pelo seu estilo variado, de leitura leve e clara.⁴⁰ O *Digest* condensaria por décadas, em suas páginas, o imaginário do *american way of life*, além de contribuir, como veremos, para a consolidação da cultura norte-americana nas mais diferentes partes do globo.

1.2 - William Roy DeWitt Wallace: “condensando conhecimento”

William Roy DeWitt Wallace nasceu em 1889, em Saint Paul, Minnesota. Filho de um pastor e professor presbiteriano, passou a infância imerso pelo imaginário da marcha para o oeste que marcou todo o século XIX nos Estados

⁴⁰ *Tit-bits* foi uma revista britânica de grande longevidade. Publicada a partir de outubro de 1881, a revista, de variedades, semanalmente publicava histórias dramáticas e sensacionalistas, além de contos. Deixou de ser editada apenas em 1989. *Answers* foi lançada em 1888 pelo magnata Alfred Harmsworth. Inicialmente intitulada *Answers to Correspondents on Every Subject under the Sun* (Respostas para os correspondentes sobre todos os assuntos do mundo), um ano após sua primeira edição teve seu nome encurtado para *Answers*. A revista que tinha como intuito competir com *Tit-bits*, posteriormente foi convertida em uma coluna no jornal *Daily Mail*, ambos pertencentes ao mesmo proprietário, e foi intitulada *Answers to Correspondents*.

Unidos.⁴¹ Aliada a um discurso conservador, principalmente no que concerne aos costumes, tal formação, de cunho tradicional, anos mais tarde, foi fundamental para a composição editorial e temática do *Digest*. Segundo John Heidenry, Wallace

era um anticomunista estridente com uma opinião negativa em relação a Joe McCarthy; um conservador moderado que promovia com entusiasmo a governança global, o divórcio, os métodos contraceptivos e a legalização do aborto; um jogador de poker que contava piadas sujas e raramente ia à igreja e até mesmo possuía uma modesta coleção de pornografia. Ao mesmo tempo, ele apoiava as práticas religiosas porque acreditava que a América deveria permanecer um “país cristão”.⁴²

O perfil de Wallace apresentado acima, apesar de conter alguns pensamentos destoantes e contraditórios à sua formação cristã à época, como a defesa do divórcio e do controle de natalidade, demonstra o perfil tradicional do homem conservador norte-americano, branco, de origem anglo-saxã e de orientação religiosa protestante. Ainda que o editor tenha apoiado algumas políticas liberais de Franklin Delano Roosevelt para salvar o país da Depressão, esteve alinhado, ao longo de sua vida, com o campo republicano conservador nos Estados Unidos.⁴³ Wallace se apresentava como *self-made man*, o típico homem norte-americano de sucesso que ascendia socialmente pelos seus próprios meios.⁴⁴

⁴¹ A vida de William Roy DeWitt Wallace, assim como a história do *Digest*, foi amplamente trabalhada em: HEIDENRY, John. *Theirs was the kingdom: Lila and DeWitt Wallace and the Story of The Reader's Digest*. USA, Norton & Company, 1994; e CANNING, Peter. 1996.

⁴² HEIDENRY, John. Op. cit., p. 21. Se refere a leis que defendiam valores cristãos, como, por exemplo, a lei seca.

⁴³ Sobre os sentidos do liberalismo nos Estados Unidos, ver: BRINKLEY, Alan. *Liberalism and its discontents*. Cambridge: Harvard University Press, 1998. Brinkley afirma que os Estados Unidos adotaram uma perspectiva liberal com a emergência do *New Deal*. Desse modo, liberal é vinculado aos direitos sociais (saúde, educação, oportunidades de trabalho e inserção na sociedade), semelhante ao Estado do Bem Estar Social. A partir da Depressão, houve divisões entre aqueles que defendiam intervenções do Estado na economia e aqueles que seguiam uma perspectiva voltada para a sua mínima intervenção. Embate este que ainda permeia o cenário político norte-americano. Ainda sobre a concepção de liberal e liberalismo nos Estados Unidos, ver: ZAHRAN, Geraldo. *Tradição liberal e política externa nos Estados Unidos: um diálogo com interpretações realistas e idealistas*. Rio de Janeiro: Apicuri: Ed. PUC-Rio, 2012. Geraldo Zahran explica que, “contemporaneamente, a utilização do termo ‘liberal’ nos Estados Unidos possui uma forte vinculação ao Partido Democrata. Na

A trajetória de Wallace, durante a adolescência, oscilou entre colégios internatos e sistemáticos conflitos com os pais. Distante da mãe, que sofria de esquizofrenia, e preterido pelo pai, o jovem sempre teve que trilhar um caminho solitário nos colégios religiosos pelos quais passou. Em 1907, aos 18 anos, Wallace foi aceito no *Macalester College*, porém, rapidamente se envolveu em confusões e abandonou os estudos. Passou, então, a trabalhar em um banco. Naqueles anos, começou a escrever nos tempos livres em cadernos ou fichas de anotações. Essas anotações, “recados joviais para si mesmo – repletos de aforismos e citações, listas para melhoramentos pessoais, ideias para ganhar dinheiro – eram os embriões do que viria a se tornar o *Reader’s Digest*.”⁴⁵ Wallace, ao que parece, se interessava mais pela catalogação de informações, uma espécie de *clipping*, que julgava de uso prático para o desenvolvimento e o sucesso do homem. Nessa trajetória pessoal, portanto, o que se percebe é uma constante busca por elementos que contribuíssem para seu sucesso dentro de uma sociedade cada vez mais competitiva, e que acabariam, como veremos, auxiliando na composição do *Digest*.

Nos primeiros anos da segunda década do século XX, Wallace realizou inúmeras incursões pelo interior dos Estados Unidos. Trabalhou com a venda de panfletos de porta em porta, o que o levou a ter contato com expectativas e interesses de uma população que vivenciava um exponencial crescimento econômico norte-americano, a consolidação da industrialização, a ascensão dos

concepção estadunidense, as políticas liberais seriam aquelas que postulam um Estado mais presente na economia, atuando com o intuito de proteger o cidadão e fornecer bens públicos como educação, saúde, previdência social e outros. A tradição do Partido Democrata é de promover governos nos quais o Estado atua com níveis mais elevados de intervenção na sociedade, o que em outras partes do mundo poderia ser classificado como governos mais à esquerda do espectro político.” ZAHARAN, Geraldo. 2012, p. 27. O autor acrescenta: “Interessante notar a inversão da terminologia utilizada nos Estados Unidos, em relação ao resto do mundo. Fora deste país, a referência a políticas liberais é diretamente relacionada [ao liberalismo econômico e] a partidos que defendem liberdades individuais e menores graus de intervenção estatal na sociedade.” Em nota de rodapé: 2, *Ibidem*.

⁴⁴ A doutrina do Destino Manifesto se popularizou no período da Guerra com o México (1846-1848), quando um imaginário norte-americano que concebia aquela sociedade como um povo escolhido por Deus para levar a civilização a outros locais e povos legitimou parte da conquista territorial do país.

⁴⁵ HEIDENRY, John. 1994, p. 28.

grandes magnatas e monopólios e a concentração de renda, além de intensas mobilizações e transformações sociais. Pôde perceber, nesses encontros, uma demanda por mais informações práticas do que de conhecimento em nível acadêmico.⁴⁶

Nas primeiras décadas daquele século, os Estados Unidos não apenas se desenvolviam e buscavam mercados, mas também vivenciavam uma modernidade bem estabelecida, contando com ampla rede de ferrovias que cruzavam o país e que mantinham um sistema postal barato, distribuição de eletricidade, e apostavam nas possibilidades da aviação, na ampliação de linhas de telefone, de redes de rádio, etc. Esses elementos possibilitavam uma distribuição rápida e efetiva de informações e produtos. Havia, portanto, um intenso potencial para os negócios. Possibilidades que Wallace alimentava ao iniciar o processo de desenvolvimento de uma publicação que fosse rentável e que suprisse as necessidades práticas do público, que cada vez mais eram percebidas por ele.

As viagens que fez a diferentes lugares lhe proporcionaram apreender realidades sociais e culturais distintas. Em 1916, animado após a experiência adquirida, Wallace investiu pela primeira vez em uma publicação, uma revista de informes agrícolas. Precursora do modelo do *Digest*, a revista foi pensada e impressa em um único volume.

Selecionando o melhor das informações contidas nos milhares de relatórios publicados por diversos departamentos de agricultura, ele [Wallace] criou um livreto de resumos de 128 páginas intitulado *o melhor da agricultura* com o subtítulo *uma lista seleta de publicações*

⁴⁶ HEIDENRY, John. 1994, p. 21-38. Por outro lado, reações à modernidade surgiam de diferentes grupos norte-americanos, inclusive de parte de uma parcela de moradores religiosos das zonas rurais que buscavam defender os princípios tradicionais, incluindo o repúdio ao evolucionismo em prol do criacionismo. Na esteira de tal discurso há, ainda, o movimento que buscou e conseguiu aprovar a Lei Seca, a partir de 1920, que foi banida apenas em 1933 durante o governo de Franklin Delano Roosevelt.

*valiosas para fazendeiros e suas esposas disponível para distribuição gratuita pelo governo e estações de experimentos estaduais.*⁴⁷

Portanto, inicialmente, Wallace pensou numa revista para um segmento específico da sociedade para logo depois mudar de ideia, como veremos. O subtítulo da revista, ao destacar não ser uma publicação apenas focada no pequeno fazendeiro, mas também em sua mulher, salienta que o público alvo de Wallace, desde o início, não eram apenas os homens, mas também outros membros da família. Com o *Digest*, a preocupação não seria diferente.

Essa revista que precedeu o *Digest* custava \$0,35 cents, um valor acima da média para o período, e saiu com uma tiragem de cem mil exemplares. Wallace demorou um tempo considerável para conseguir vendê-las, optando pela distribuição em determinados pontos das cidades por onde passava. Porém, a experiência anterior da venda de porta em porta, aliada a desta revista para os fazendeiros, deve ter lhe ajudado a perceber que o que a média das famílias de trabalhadores norte-americanos necessitava era de uma publicação que lhes fornecesse informações rápidas numa vida cotidiana em que o tempo livre era escasso e estava associado às oportunidades de produzir ou exercer uma atividade que fosse rentável.

Em 1917, após os Estados Unidos declararem guerra à Alemanha, Wallace se alistou no exército norte-americano e no mesmo ano foi enviado para o *front* francês. O período da guerra foi fundamental para que a gestação do *Digest* se concretizasse. Após ser ferido em combate, passou aproximadamente seis meses se recuperando no hospital do exército. Wallace se dedicou, durante o período de recuperação, a ler e condensar inúmeros artigos das mais variadas revistas disponíveis, como, por exemplo, *Saturday Evening Post*, *Scribner's*, dentre outras. Sua proposta era condensar artigos previamente escolhidos por determinados critérios, reduzindo-os a um quarto do tamanho original. Ao

⁴⁷ Ibidem, p. 36, grifos do original.

retornar aos Estados Unidos, após essa experiência de guerra, em 1919, Wallace começou, finalmente, a planejar o que mais tarde se tornaria a revista *The Reader's Digest*.⁴⁸

Em janeiro de 1920, uma revista custando \$0,25 cents, sem propagandas e contendo 31 artigos, foi impressa com uma tiragem de 500 exemplares. Esta seria a primeira tentativa de Wallace de inserir no mercado uma revista nos moldes do *Digest*. A ideia era ter um protótipo, em mãos, do que pretendia para poder apresentar aos maiores editores de revistas dos Estados Unidos. A publicação foi levada, inclusive, ao magnata da imprensa William Randolph Hearst, que a rejeitou por acreditar se tratar de um produto que não ultrapassaria os 300 mil exemplares mensais, tiragem baixa diante de outras publicações que o empresário editava naquele momento.

A rejeição levaria Wallace a adiar e reelaborar seu projeto editorial. Seria o tempo necessário para que ele organizasse melhor sua proposta e encontrasse aquela que seria sua sócia na vida e nos negócios, Lila Bell Acheson (1889-1984).

1.3 - *Reader's Digest*, a edificação do Império

Em fevereiro de 1922, com uma tiragem de apenas cinco mil exemplares, o primeiro número de *The Reader's Digest* foi enviado aos seus assinantes, uma vez que a revista era vendida somente pelos correios através de um sistema de assinatura, prática que persiste até os dias atuais.⁴⁹ Sob a tutela do casal de idealizadores e editores Lila Bell Wallace e DeWitt Wallace, que possuíam, respectivamente, 48% e 52% do negócio, a revista, em anos subsequentes,

⁴⁸ Cf. HEIDENRY, John. 1994, p. 38-40.

⁴⁹ Segundo Peter Canning, dez anos após seu lançamento, “ao final de 1932, sua circulação era de 401 mil; em 1934 era de 852 mil; em 1936 [...] *Reader's Digest* estava sendo enviada para surpreendentes 1.801,393 lares [norte-]americanos todo mês.” CANNING, Peter. 1996, p. 66. Na atualidade a revista é vendida, também, em bancas de jornais de todo o mundo.

rapidamente se transformou em um grande império midiático, conduzido pela empresa criada para tal fim, *The Reader's Digest Association (RDA)*.⁵⁰

O *Digest* evitava produzir artigos originais. O cerne da publicação era o de compilar artigos já publicados por outras revistas veiculadas nos Estados Unidos. Tal prática significava que a seleção obedecia a determinados critérios, constituídos por Wallace. Cada assinatura anual custava \$2,97 dólares, ou poderia ser adquirida a \$0,25 cents o exemplar avulso. A proposta de Wallace era a de selecionar artigos que julgava ser de interesse permanente, ou seja, que resistissem ao tempo. Por isso, os editores procuravam escolher artigos cujos temas consideravam de interesse “universal”. Para eles, o que era universal deveria ser também atemporal. Não sem motivo, a revista era publicada num formato que permitia que fosse colecionada, guardada para consulta em outro momento.⁵¹ Como veremos adiante, grande parte dos artigos fugia a essa regra e podem ser enquadrados dentro de uma lógica temporal e contextualizada, o que contraria a proposta inicial de Wallace.

O *Digest* foi responsável, ao longo dos anos, por uma estratégia inusitada no meio editorial a partir dos anos 1930, quando os editores da revista começaram a plantar artigos em outras publicações para depois poderem apresentá-los de forma condensada no *Digest*. A proposta visava evitar problemas com direitos autorais e contribuía para que a publicação pudesse contar com material que fosse consonante com o perfil editorial da revista. Durante anos, Wallace selecionou e permitiu que seus editores republicassem artigos de outros periódicos sem nunca ter pago pelos direitos autorais e/ou de propriedade.

⁵⁰ Apesar de ter pego empréstimos com o pai e um irmão para conseguir inicialmente realizar seu projeto, Wallace nunca os colocou como sócios do empreendimento. CANNING, Peter. 1996, p. 39.

⁵¹ Em diversos países a revista contava com um sistema organizado de encadernação dos exemplares, o que poderia ocorrer a cada seis meses. Para tanto, a própria revista publicava nas edições de junho e de dezembro um *index* dos artigos publicados ao longo daqueles seis meses. Ao longo dos anos o *index* desapareceu das páginas do *Digest*, bem como de sua versão em português, *Seleções do Reader's Digest*.

Com o passar dos anos e o sucesso alcançado pelo *Digest*, a exposição da publicação e de seus proprietários aumentou proporcionalmente, o que levou Wallace a se preocupar com futuros processos movidos por periódicos que nada recebiam por alimentar a revista com seus artigos, ou que simplesmente desconheciam essa prática implementada pelos editores do *Digest*. Dessa forma, fazer com que artigos encomendados pelo *Digest* fossem publicados, anteriormente, na íntegra em outras revistas, oferecia tanto a oportunidade de um melhor relacionamento dentro do mercado editorial de periódicos – ao oferecer-lhes conteúdo inédito – quanto aumentava o acervo de possibilidades de publicação do *Digest*. A pergunta a ser feita é: por que não publicaram tais artigos diretamente no *Digest*? Provavelmente para não ferir a concepção inicial do periódico de selecionar “o que havia de melhor” em outras publicações.

A revista *Reader's Digest* não deveria ser descartada como os jornais ou outras revistas. Resta saber se os idealizadores do *Digest* e seus editores reconsideraram os significados da palavra “universal”, já que, a partir do final da década de 1960, a revista passou a perder leitores. Mesmo os temas que vigoravam na década de 1920, quando o *Digest* foi criado, eram outros em 1950. Em outras palavras, ainda que durante as primeiras décadas mantivesse certo padrão editorial, com poucas mudanças, com a entrada da televisão nas casas dos seus leitores e mudanças no país e no mundo – como a contracultura e os Direitos Civis nos Estados Unidos, e os movimentos sociais e políticos de 1968 no ocidente – ela teve que passar por modificações distintas para continuar a atrair leitores. Desse modo, pode-se dizer que o *Digest* não era nem “universal”, nem “atemporal”.

Para os editores, “temas universais” eram também aqueles que pudessem despertar o interesse de diferentes pessoas em culturas distintas. Por exemplo, para eles, o ser humano morria de determinadas doenças e tinha atração pelo desconhecido. Assim, foram privilegiadas as possíveis curas de determinadas doenças, narrativas sobre lugares inóspitos e remotos, grandes feitos do homem,

a importância da família nuclear na constituição social e os papéis do homem e da mulher na sociedade, a trajetória de pessoas de destaque, artigos políticos e econômicos, principalmente durante momentos de conflito ou tensão em âmbito global, entre outros temas.

A revista não contava com jornalistas, mas especialistas em *copy desk*.⁵² O que quer dizer que, além de selecionar artigos em outras revistas, as publicações eram editadas para um padrão do *Digest* de texto curto e fluido, inicialmente de duas páginas no máximo e, posteriormente, assumindo configurações maiores dependendo da temática a ser explorada.⁵³ Esse tipo de edição permitia leitura rápida de grande número de informações e opiniões.

O primeiro envio da revista foi feito para o *Business and Professional Womens's Club* de Pittsburgh, na Pensilvânia. Segundo John Heidenry, Wallace “havia decidido que sua nova revista seria de interesse permanente para mulheres e, com esse intuito, nomeou Lila Bell Wallace e sua prima Hazel Cubberly co-editoras de sua iniciante publicação.”⁵⁴ Esse destaque dado ao público feminino, como abordaremos posteriormente, tem importante influência de Lila Wallace, que acreditava que o interesse das mulheres seria fundamental para o sucesso da revista. Tal informação suscita inúmeros questionamentos sobre a participação das mulheres no processo de produção da revista, bem como no modo como são representadas nos artigos a elas destinados, elementos que nortearão o desenvolvimento deste trabalho.

O perfil das leitoras do *Reader's Digest*, partindo da proposta editorial da revista, se concentrava nas mulheres dos setores médios da sociedade, casadas ou solteiras, jovens ou idosas, que poderiam encontrar na revista informações

⁵² O *copy desk* é o profissional que dentro de um processo editorial realiza atividades de corte, edição e revisão de um texto, tornando-o formatado para publicação.

⁵³ Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira* (1942-1970). Bragança Paulista: Ed. da USF, 2000, p. 32.

⁵⁴ HEIDENRY, John. 1994, p. 46. Hazel, posteriormente, continuou realizando trabalhos de compilação e envio para a revista, mas deixou de ser creditada como editora. Lila, por sua vez, ainda permaneceu sendo creditada por décadas, apesar de, ao longo dos anos, deixar de exercer parte da função editorial direta.

“importantes” para o pleno desempenho de suas atividades, seja como mães, avós, esposas. Para as mulheres ainda solteiras, visava apresentar elementos que compreendia como relevantes para o seu futuro amoroso, social e cívico. Neste sentido, a preocupação da revista era ser capaz, portanto, de atingir um público feminino amplo mesmo que apresentasse um discurso restrito ao que se acreditava ser estrutural para o bom andamento moral da sociedade. A revista raramente discorre sobre a mulher negra ou latina, o que pode se subentender que não concebia tais grupos como um de seus focos de mercado.

Inicialmente, a publicação era editada em Nova York e contava apenas com DeWitt e Lila Wallace para sua composição e envio. Ainda em 1922, os proprietários mudaram a sede da revista para Pleasantville, pequena cidade nos arredores de Nova York. Naquela cidade, todo o processo editorial foi sistematizado e, ao longo da década de 1920, diversos editores e colaboradores foram contratados. Consta que os empregos gerados pela produção do *Digest*, ao longo dos anos, foram o que fizeram aquela cidade crescer, além de terem criado na localidade um ambiente familiar entre os funcionários.

Nos primeiros anos, a revista conseguiu aumentar exponencialmente a sua tiragem mensal, saltando do comedido número inicial de cinco mil em 1922 para 200 mil em 1929, 300 mil em 1932, e atingindo incríveis 1.457.500 milhões em 1935. Em 1938, menos de duas décadas após o seu lançamento, a revista atingiu a marca de 3,25 milhões de exemplares sendo enviados para os lares norte-americanos todos os meses.⁵⁵ Neste sentido, podemos apontar que a revista se converteu em uma importante fonte de informações para a população norte-americana, dado que não passaria despercebido ao governo dos Estados Unidos

⁵⁵ De acordo com John Heidenry, em 1935, O *Digest* havia obtido um crescimento de 400% nas vendas em relação à 1929, somando as vendas por assinatura e as das bancas de jornal. Assim, o *Digest* naquele ano vendia “uma média de 571.600 cópias nas bancas (sem contar outros 116.700 nas escolas), mais do que *Time*, *Newsweek* [...], *The New Yorker*, *Vogue*, *Harpe’s Bazaar*, *Popular Science* juntos (revistas que haviam crescido significativamente nos últimos seis anos). Além do *Saturday Evening Post*, somente três outras revistas vendiam mais do que a *RD* nas bancas: *Liberty* (894,346), *Woman’s Home Companion* (872,399), and *Collier’s* (859,150).” HEIDENRY, John, 1994, p. 83.

que, posteriormente, veria neste produto um importante agente para a difusão do modo de vida daquele país, além de tratá-lo como um aliado para a propagação de discursos que buscariam conter o avanço de setores descontentes ou questionadores dentro da sociedade, como veremos nos próximos capítulos.

Em 1925, numa tentativa de abarcar uma parcela maior de mercado, o *Digest* passou a ser vendido, também, nas bancas de jornais. As vendas foram bem-sucedidas, porém, ainda havia a preocupação com a possibilidade de as assinaturas iniciais não serem renovadas, uma vez que as revistas, agora, poderiam ser compradas em exemplares avulsos, o que despertaria uma concorrência mais acirrada e uma exposição diante das publicações para as quais Wallace não pagava direitos de publicação. Essa tentativa – a de ser vendida em bancas ou quiosques – foi abortada no mesmo ano de 1925; somente a partir de 1929 a revista oficialmente passou a ser, também, vendida em bancas de jornais.

No que concerne ao posicionamento político, elemento importante para caracterizar a composição editorial da revista, DeWitt Wallace declarava fiel apoio ao Partido Republicano. Desde o início, o *Digest* posicionou-se como um periódico conservador (principalmente em elementos referentes aos costumes), o que não impediu os donos da revista de apoiarem, por exemplo, o democrata Franklin Delano Roosevelt durante o seu governo, no período do *New Deal*, e de terem sido peças importantes da política externa norte-americana no período da Segunda Guerra Mundial.⁵⁶

A posição política que era expressa pela revista pode ser analisada através dos inúmeros artigos que foram publicados, ainda que se considerassem como neutros e privilegiando temas “universais”. Diversos deles tratam da livre iniciativa do indivíduo, do livre mercado e do Estado mínimo, e de suas importâncias para o desenvolvimento de uma nação. Em contraposição, a revista

⁵⁶ Cf. HEIDENRY, John. 1994, p. 66. Heidenry salienta, ainda, que havia funcionários com visões políticas diferentes, no entanto, grosso modo, “o *Digest* [...] era protestante tradicional e republicano de direita”. Ibidem, p. 287.

e, posteriormente, suas traduções, abordavam, principalmente, um discurso negativo sobre o nazismo e principalmente o comunismo e suas nocividades para a sociedade norte-americana e outras do ocidente.

Ainda que, ao longo das décadas, o *Digest* contasse com outros editores, a composição da revista não se alterou. Publicava, como salientado, artigos políticos de cunho conservador, mas se preocupava em apresentar, também, alguns artigos que demonstrassem uma pretensa tentativa de neutralidade. Essa tentativa vinha na forma de artigos que supostamente apresentavam conteúdos explicativos sobre determinado tema, considerando os prós e os contras de cada situação ou pontos de vista diferentes.⁵⁷

Um exemplo dessa tentativa pode ser verificado em uma edição de outubro de 1943, que, ao abordar a temática do controle de natalidade, a revista apresentou a visão sob o ponto de vista do reverendo Edgar Schmiedler, Diretor da Secretaria de Vida Familiar da Conferência Nacional do Bem-Estar Cristão (*Director of Family Life Bureau of the National Catholic Welfare Conference*), contrário ao controle. O clérigo respondeu a uma publicação do mês de julho do mesmo ano em que o *Digest* apresentou de forma entusiástica o tema. Em sequência ao texto do reverendo, a revista trouxe ainda o controle de natalidade sob a perspectiva de pesquisas de opinião, em que a grande maioria dos entrevistados apoiava a prática.⁵⁸ O *Digest* apoiava o controle de natalidade principalmente nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Para eles, lugares onde havia uma classe média reduzida e altos índices de pobreza eram propícios ao comunismo e à anarquia, por isso, a necessidade de um controle de natalidade enquanto política de estado.

⁵⁷ Uma das tentativas foi uma famosa série que publicava artigos contendo dois pontos de vista destoantes sobre um mesmo tema. A série, intitulada *Pro and con*, discorreu sobre temáticas polêmicas, tais como: *Legalize Divorce by mutual Consent?* (*Reader's Digest*, Jan. de 1939); *Open our doors to German Refugees* (*Reader's Digest*, Jul. de 1941); *Shall we keep foreigners out?* (*Reader's Digest*, Nov. de 1944); dentre outros.

⁵⁸ *Reader's Digest* (Out. de 1943, p. 115-118).

O *Digest* ao compilar artigos de temática ampla sistematicamente reproduzia textos de especialistas em determinados assuntos. Essa utilização, por vezes, poderia apresentar uma contradição sobre sua pretensa neutralidade, uma vez que levava seus leitores a terem acesso a um discurso que suscitava o científico para se afirmar. Podemos citar, por exemplo, representações religiosas recorrendo a supostos argumentos e dados científicos para reforçar seus posicionamentos contrários e de contenção sobre questões polêmicas, como aborto, controle de natalidade e sexualidade juvenil e da mulher. Assim, “apresentar os dois lados de um problema/assunto era a partir de então uma parte vital da filosofia editorial de Wallace, como se ele estivesse conduzindo um exame público das testemunhas tanto para a acusação quanto para a defesa.”⁵⁹ Entretanto, a seleção e edição dos textos publicados, bem como a utilização de supostas estatísticas e dados científicos, nunca completamente esclarecidos, ditavam o teor e posicionamento da revista na maior parte dos casos.

Muitas vezes, a revista também buscava uma interação com os leitores, sugerindo a participação dos mesmos em forma de opinião, que poderiam ser publicadas. Essa atitude demonstrava, ainda, uma tentativa de apresentar outros pontos de vista sobre um assunto, mesmo que selecionados em processo editorial.

Um exemplo dessa tentativa de neutralidade pode ser representado pelo fato de que, apesar de ser simpático ao partido republicano e ver com descrença a administração de Franklin Delano Roosevelt, Wallace publicou artigos favoráveis ao presidente e à política do *New Deal* ao longo dos anos 1930, como apontado.⁶⁰

⁵⁹ HEIDENRY, 1994, p. 119.

⁶⁰ O *New Deal* compunha um pacote de medidas propostas por Franklin Delano Roosevelt a partir de 1933, para restaurar e promover a indústria e a agricultura, regular o mercado financeiro e oferecer melhor assistência e estrutura social para a população no pós Grande Depressão de 1929. Para mais, ver: FRASER, Steve; GERSTLE, Gary (orgs.). *The Rise and Fall of The New Deal Order: 1930-1980*.

No caso da União Soviética e consequentemente do comunismo, a revista oscilou em suas posições. Chegou a publicar artigos que destacavam algumas personalidades daquele país, principalmente ao longo da Segunda Guerra Mundial, sempre de forma contida, momento em que Stalin compunha a frente Aliada. No entanto, após o término do conflito e o consequente início da Guerra Fria, o *Digest* se posicionou definitivamente contra e assumiu uma postura hostil em relação àquela vertente política, como pode ser percebido em uma reportagem de junho de 1955, *Farewell to “Home, Sweet Home” - why and how the Communists deliberately destroy family life behind the Iron Curtain* (Adeus ao “lar doce lar” – por que e como os comunistas deliberadamente destroem famílias por trás da “Cortina de Ferro”).⁶¹ O artigo apresenta de forma dramática a maneira como os comunistas agiam após tomarem um país, destruindo os lares e colocando os membros da família em conflito, e conclui afirmando que, “sob o todo-poderoso Estado Comunista, um lar - antes o paraíso do amor, privacidade e contentamento – deixa de ser um lar.”⁶²

A pretensa neutralidade, aliada à tentativa de interação com o leitor, junto aos aspectos lúdicos, que foram sendo inseridos na revista ao longo dos anos, foram fundamentais para a permanência e o sucesso do *Digest* nos Estados Unidos. A revista não somente sobreviveu a um momento crítico da história norte-americana, o da Grande Depressão de 1929, como continuou crescendo e se expandindo nas décadas seguintes, momento em que muitos negócios, inclusive outras grandes revistas, fecharam as portas ou vivenciaram uma perda significativa de mercado e lucro.

New Jersey: Princeton University Press, 1989; LIMONCIC, Flávio. *Os inventores do New Deal: Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

⁶¹ *Reader's Digest* (Jun. de 1955, p. 156-160).

⁶² Leland Stowe, autor do artigo, recebeu o prêmio Pulitzer pelo seu trabalho como corresponde na França durante a Segunda Guerra Mundial. No original: *under the all-powerful Communist State a home - once the heaven of love, privacy and contentment - ceases to be a home*. Outra forma de apresentar de forma negativa o sistema soviético pode ser visto, por exemplo, em *Sexual License: Key Soviet Strategy*, publicado em março de 1955. Segundo a própria revista, trata-se de um texto em que “um renomado correspondente estrangeiro apresenta, com evidências detalhadas, a medonha figura da degeneração moral dos estados satélites soviéticos.” *Reader's Digest* (Mar. de 1955, p. 27-32).

Apesar de ter se mantido durante a Grande Depressão, houve problemas a contornar: várias das revistas nas quais o *Digest* obtinha suas fontes faliram. A solução encontrada para a questão se pautou em duas ações: produzir alguns artigos originais e reimprimir artigos já apresentados pela revista em anos anteriores.

A Segunda Guerra Mundial fez do *Digest* o periódico mais vendido no mundo, além de permitir a Wallace, com o incentivo do governo norte-americano, expandir seus negócios. A publicação, mesmo sem ter sofrido grandes mudanças editoriais por décadas, foi capaz de abarcar públicos diferentes e mantê-los, apesar das contingências históricas. De acordo com John Heidenry,

a mistura de isolacionismo feroz, humor, calorosas histórias que causam comoção e de escândalos sensacionalistas continuou a atingir novos recordes. No início de 1941, *Business Week* finalmente anunciou o que “já se suspeitava há muito tempo – *RD* era a revista de maior circulação no mundo”. A tiragem mensal é de 4.100.000 em janeiro, o que inclui a edição britânica, impressa em Londres (180.000 cópias) e a nova edição em espanhol, “*Selecciones del Reader’s Digest*”, distribuída na América Latina (225.000 cópias).⁶³

O período posterior à Segunda Guerra Mundial marcou o auge do *Digest* nos Estados Unidos. A revista havia se tornado referência, gozava de prestígio com seus leitores e era capaz de ser extremamente rentável. Dessa forma, Lila e DeWitt Wallace, à frente do *Reader’s Digest Association (RDA)*, corporação que gerenciava a revista norte-americana e suas subsidiárias, continuaram investindo em negócios múltiplos, todos eles atrelados ao projeto da revista inicial. A venda casada, ou a introdução de brindes e sorteios, coleções de livros, discos, dentre outros itens, foram meios intensamente praticados pela organização para ampliar e manter-se no mercado de forma lucrativa.

⁶³ HEIDENRY, John. 1994, p. 122.

A década seguinte ao pós-guerra coincidiria com a introdução de publicidade na revista e com a ascensão da economia norte-americana a um patamar inimaginável nos anos 1930. O *New Deal* parecia não ter cumprido totalmente sua promessa de estabilização da economia. No entanto, condições históricas e econômicas mundiais, além da situação devastadora da Europa logo após 1945, fizeram com que os Estados Unidos saíssem da guerra com as condições necessárias para se transformarem na maior potência mundial. Segundo Alan Brinkley,

o *New Deal* não acabou com a pobreza nem produziu uma redistribuição da riqueza significativa. [...] Apesar de todas as suas limitações, no entanto, a administração de Roosevelt está entre as mais importantes da história norte-americana. O *New Deal* criou uma série de novas instituições estatais que expandiram grandemente, e permanentemente, o papel do governo federal na vida norte-americana. O governo estava, a partir de então, comprometido a fornecer ao menos uma assistência mínima aos pobres, desempregados e idosos; a proteger os direitos dos trabalhadores e dos sindicatos; a estabilizar o sistema bancário; a regular os mercados financeiros; a subsidiar a produção agrícola; e a fazer muitas outras coisas que não eram anteriormente responsabilidades federais. Como resultado do *New Deal*, a vida econômica e política norte-americana se tornaram mais competitivas do que nunca, com trabalhadores, agricultores, consumidores, entre outros, agora capazes de pressionar o governo com suas demandas de modo que estava disponível somente para o mundo corporativo no passado.⁶⁴

Neste contexto de confiança e crescimento, haveria apenas um entrave, o receio de que a prática socialista da União Soviética, que também se fortalecera com o conflito bélico, se espalhasse não só pela Europa, mas também por outras partes do globo. Era necessário não apenas se opor, mas, também, conter o que ficaria conhecido como a ameaça vermelha (*Red Menace* ou *Red Scare*).⁶⁵

A Guerra Fria, aliada à ascensão de uma classe média cada vez mais consolidada nos Estados Unidos, ofereceu material de sobra para que o *Digest*

⁶⁴ BRINKLEY, Alan. 1998, p. 33-34.

⁶⁵ Sobre a questão, ver mais em: Red Scares Abroad and at Home. In: PATTERSON, James T.. *Grand Expectations: The United States, 1945-1974*. New York: Oxford University Press, 1997, p. 165-206.

continuasse reproduzindo artigos sobre o *american way of life*. Mais do que nunca era preciso difundir o estilo de vida do norte-americano, tanto em seu próprio país quanto ao redor do mundo. O *Digest*, desse modo, nos mais diferentes contextos, apostava em temas que poderiam interessar a todos os integrantes da família (dos avós às crianças): lugares inexplorados, últimas descobertas da Ciência, combate às doenças e vícios (como a luta contra o câncer, a paralisia infantil, o tabagismo e o alcoolismo), culturas de outros países, sempre marcando a diferença entre os países “civilizados e os atrasados”, como mencionado.

A condição que permitiu ao *Digest* manter-se por tanto tempo como líder em seu segmento pode estar atrelada ao fato de ser distribuído principalmente na forma de assinaturas, o que manteve o comodismo do recebimento da revista em casa. Pode-se destacar, também, o fato de o *RDA* ter mantido os preços das assinaturas anuais inalterados por quase três décadas. Além dessas condições, apesar de não comportar publicidade nos primeiros anos, o *Digest* sempre se preocupou com sua autopromoção, o que fez com que a revista publicasse, em vários números, textos que reforçavam suas qualidades e seus diferenciais diante das demais revistas disponíveis no mercado. Alguns desses textos eram assinados por distintas personalidades norte-americanas ou europeias, tais como: Winston Churchill, Nelson Rockefeller, Charles Lindbergh, Richard Nixon, dentre outros. Além desses fatores, poderíamos acentuar a inserção do *Digest* em outros setores, como o atrelamento da revista a brindes e a outros produtos, como livros compilados, e conjuntos de discos e livros temáticos.

1.4- Em busca do público feminino: o papel de Lila Bell Acheson na constituição da revista

Lila Bell Acheson nasceu em 1887, em Virden, na província de Manitoba, Canadá. Filha de Thomas Davis Acheson e Mary Huston, passou os primeiros

anos da infância na fazenda dos avós. Nos anos seguintes, após o pai ser ordenado pela Igreja Presbiteriana, Lila passou toda a sua infância e adolescência mudando de cidade para que o pai assumisse uma nova congregação.⁶⁶

Em 1906, se formou no *Colégio Lewiston*. Apesar de naqueles anos poucas mulheres frequentarem a universidade, com o incentivo do pai, Lila entrou na *Ward-Belmont College* em Nashville, Tennessee. Dois anos depois se transferiu para a *School of Social Services at The University of Oregon*.

Após terminar seus estudos, a carreira no Serviço Social lhe pareceu promissora. O pai, no entanto, discordava e exigia da filha que se casasse e se estabelecesse. A imagem de uma filha trabalhadora lhe desagradava e Lila precisou insistir durante um verão inteiro para conseguir dissuadí-lo de tal propósito. Segundo Peter Canning, essa postura autônoma e persuasiva de Lila foram pontos fundamentais para a futura gestão do *Reader's Digest Association*.⁶⁷

Entre 1910 e 1911, Lila assumiu uma escola em Fox Island, em Puget Sound. O local, repleto de imigrantes, lhe serviu de base para atingir um novo cargo em 1912, o comando de um *YMCA – Young Men's Christian Association* (no Brasil: Associação Cristã de Moços). No ano seguinte, aceitou uma transferência para uma escola de nível médio em Puyallup, Washington, onde ficou por mais dois anos. Passou outro curto período lecionando em Eatonville. Com o início da Primeira Guerra Mundial e com a experiência adquirida, Lila assumiu um cargo para contribuir com o esforço de guerra no *YMCA* nacional. Neste momento, muitas mulheres nos Estados Unidos ocuparam, de forma intensa, os espaços das indústrias para preencherem os cargos dos homens que partiam para a guerra. “Desacostumadas à vida na fábrica, essas meninas

⁶⁶ Peter Canning dedica um capítulo inteiro narrando a trajetória de Lila até a publicação do *Digest* em 1922: Lila (1887 – 1922). In: CANNING, Peter. 1996, p. 41-56.

⁶⁷ Ibidem, p. 46.

sofriam alarmantes taxas de demissões e de acidentes, assim como de pressão, tédio e solidão. Para manter os meninos da linha de frente abastecidos, algo precisava ser feito para as meninas em casa.”⁶⁸ Cabia às profissionais na área do serviço social, como Lila, atuar na amenização desses impactos sobre as mulheres trabalhadoras.

Segundo os biógrafos de Lila, ela trabalhou ao longo da guerra exercendo a função de serviço social, tanto prestando serviços para o *YMCA* quanto para o *U.S. Department of Labor* (Ministério do Trabalho). Ao final do conflito, em 1918, continuou com serviços sociais para o *YMCA*, em Nova Orleans, nas colheitas de algodão e tabaco, onde imperava a mão-de-obra feminina. Posteriormente, Lila se dedicou a realizar trabalhos para o departamento de serviço social da Igreja Presbiteriana, onde assumiu o cargo de secretária nacional. Pouco tempo depois, em 1920, por alguns meses, trabalhou para a *Inter-Church World Movement* assistindo famílias imigrantes nas colheitas nos estados de Nova York e Nova Inglaterra. Os elementos apresentados pelos biógrafos da fundadora do *Digest* divulgam uma mulher que teve uma formação voltada para o social, além de estar em constante contato com grupos desfavorecidos dentro da sociedade norte-americana, no entanto, tais elementos não parecem ter sido suficientes para que, ao participar da fundação de uma revista, Lila voltasse, novamente, seu olhar para tais setores da sociedade, que raras vezes aparecem em artigos do *Digest*.

A construção que um dos biógrafos dos criadores do *Digest*, Peter Canning, faz de Lila tende a apresentar uma figura que atingiu o sucesso profissional, mas que, apesar disso, não estava feliz, pois lhe faltava algo fundamental: um casamento. O biógrafo argumenta que Lila

tinha 31 anos de idade agora e a necessidade de se casar – sejam quais fossem os seus medos – não podia mais ser adiada. Somente através

⁶⁸ CANNING, Peter. 1996, p. 46-7.

do casamento ela encontraria a verdadeira liberdade. E somente com um homem para a representar - para ser seu agente em um mundo injustamente dominado pelos homens – ela poderia realizar o que ela tinha em mente. Mas que homem? Ela achava os homens em geral decepcionantes – muito bobos para serem levados a sério ou muito grosseiros, muito machões, para se confiar.⁶⁹

Uma história que parece comum a muitas mulheres ao longo do século XX, inclusive em muitas das histórias que aparecerão no *Digest*, é a da mulher de sucesso que trabalhava fora e que ainda se sentia infeliz por não conquistar um marido e constituir família. Essa foi a forma como Peter Canning apresentou Lila. Apesar de tudo, uma mulher que precisava de um homem. Se essa era uma questão para Lila, não saberemos, mas certamente era um problema para Canning: a mulher, provavelmente qualquer mulher, segundo o autor, tinha urgência em conseguir um marido, um homem para liderar a família.

Os dois biógrafos do casal e do *Digest*, John Heidenry e o já citado Peter Canning, concordam que tanto Lila quanto Wallace nunca quiseram ter filhos e, em alguns pontos, chegam a sugerir que em dado momento optaram por um casamento de conveniência. À medida que Wallace cada vez mais se dedicava à revista, Lila, com o passar dos anos, foi se afastando e assumindo outros papéis, na filantropia e na construção e administração das residências do casal. Lila assumiria, ainda, grande destaque na constituição de uma coleção de arte e no apoio a inúmeros eventos e instituições artísticas. Encabeçou, dessa forma, o posto de relações públicas do casal diante da sociedade norte-americana, papel que a levaria a manter contato direto e intenso com importantes personalidades, tais como Nelson Rockefeller.

Numa série de artigos publicados nas contracapas do *Digest* entre agosto de 1946 e dezembro de 1950, que discorriam brevemente sobre os editores que trabalhavam para o *RDA*, nenhum deles se dedicou a Lila. O *Digest* parecia querer construir um imaginário familiar editorial conduzido, portanto, apenas

⁶⁹ CANNING, Peter. 1996, p. 49-50.

por homens, mesma situação que um dos biógrafos de Lila parece sugerir ao se referir a sua vida.⁷⁰ Entretanto, a influência de Lila na concepção da revista e em seu desenvolvimento inicial se apresenta de forma recorrente. Cabe ressaltar que a revista pouco se modificou estruturalmente ao longo de suas primeiras décadas, o que nos leva a crer que a participação de Lila, mesmo que apenas nos momentos iniciais, foi fundamental para a história posterior da revista.

Dentre estes pequenos artigos, cerca de 53 foram publicados para tratar dos editores homens, e apenas um se dedicou a tratar de uma editora mulher: Lois Mattox Miller. O artigo, publicado no exemplar de março de 1949, apresenta elementos importantes da trajetória jornalística, principalmente dentro do *Digest*, de Lois Miller, que é colocada como *roving editor* (uma espécie de editora correspondente). Segundo a própria Lois Miller: “ao me tornar a correspondente do *Reader’s Digest* em 1943, eu passei meses viajando pela maior parte da América do Sul, incluindo partes remotas da Amazônia.”⁷¹ Ainda segundo a editora, ela foi enviada para a Europa logo após o colapso da Alemanha e teria sido uma das três pessoas norte-americanas a adentrar o bunker de Hitler. Por fim, Miller se apresenta como uma jornalista que tem como principal interesse os “avanços na medicina e saúde pública.”⁷² Os artigos produzidos por Lois Miller nos anos seguintes atestariam tais interesses.

Tomando ainda como exemplo a edição de março de 1949, um número considerável de mulheres é listado dentro do quadro editorial de cargos intermediários da revista. Aparecem naquele exemplar como *associate editors* (editoras associadas): Helen H. Colvin, Marie Gilchrist, Helen F. Hector, Dorothy Hinnit (que trabalhou para o *Digest* entre 1933-1959), Audrey Jackson,

⁷⁰ Mesmo tendo colaborado com Wallace na produção das primeiras edições do *Digest*, Lila, segundo John Heidenry, nunca teria editado uma publicação, apesar de seu nome aparecer como editora nas revistas por décadas. HEIDENRY, John. 1994, p. 113.

⁷¹ *Reader’s Digest* (Mar. de 1949, contracapa). No original: *becoming a Reader’s Digest Roving Editor in 1943, I spent months traveling through most of South America, including remote sections of the Amazon.*

⁷² *Ibidem*. No original: *advances in medicine and public health.*

Corinne Johnson, Vera K. Lawrence, Edith L. Miller, Grace Naismith, Hope Mills, Lucy L. Notestein, Mary C. Presson, Mary T. Steyn. Dos 23 *associate editors*, 13 eram mulheres. Consta, ainda, Suzanne Quarenghi como assistente no *Business Department*. Nenhuma outra mulher, além de Lois Mattox Miller, aparece como *roving editor*, e nenhuma ocupa um cargo de *senior editor* ou de editor chefe nas edições internacionais.

Na edição de julho de 1948 do *Digest*, o artigo que abre a revista é de Lois Miller e narra a história de seu encontro com um sapateiro artesanal. No entanto, o que marca o artigo é a escolha feita para completar o restante da última página. Assim que o artigo de Miller termina, para preencher o espaço em branco abaixo, foi escolhido um texto de outra jornalista, Ruth Millet, que parece ilustrar bem a questão da participação das mulheres na composição do *Digest*.⁷³ O artigo, intitulado *It's a Man's World* (É o mundo dos homens), comenta:

É o mundo dos homens, é sim. Veja as diferenças entre essas palavras e frases descritivas. Se um homem não se casa, ele é um “solteirão” – uma palavra glamurosa. Se uma mulher não se casa, ela é uma “encalhada”. Quando ele sai à noite é uma “noitada com os amigos”, quando ela sai é uma “desfrutável”. O que ele ouve no escritório são “notícias”. O que ela ouve na partida de bridge é fofoca. Se ele mantém a família, ele é o “chefe da casa”, se ela é a provedora, ela “veste as calças”. Se ele é muito solícito, ele é um marido dedicado, se ela é solícita, ele é “mimado” por ela. Se ele “fica de olho” nela em uma festa, ele é um marido atento. Se ela fica junto com ele, ela é uma esposa possessiva. Na meia idade ele está no auge da vida e da carreira. Na mesma idade ela “ficou para tia”, é coroa. Se ele é mão

⁷³ A jornalista Ruth Linwood Millett nasceu 10 de fevereiro de 1912, em Dallas, Texas. Após formar-se pela Universidade de Iowa, fez carreira no jornal *Enterprise Association*, onde escreveu, até 1967, duas colunas voltadas para o público feminino: “Mind Your Manners” e “Ruth Millett diz. . .”, que mais tarde seriam intituladas “Nós, as Mulheres”. Casada e mãe de gêmeos, embora incentivasse as mulheres na realização de papéis tradicionais no lar e na família, Millet era uma forte defensora de mulheres com papel social e manifestava-se contra as desigualdades no mercado de trabalho. Suas colunas abordavam questões referentes ao universo feminino, à educação e carreira, cuidados com a casa, etiqueta, relações pessoais e cultura popular, mas também falava da vida das mulheres após a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e os movimentos culturais dos anos 1950 e 1960. Em 1953, foi nomeada uma das dez mulheres mais poderosas dos EUA pela revista *Pageant*, e também foi homenageada pelo *New York Newspaper Women's Club*, uma fraternidade para mulheres escritoras. Para mais, ver: <http://blogs.lib.tcu.edu/specialcollections/2015/04/27/ruth-millett-papers-available-for-research/> Acesso em 06/05/2018.

aberta, ele “não nega nada para sua família”. Se ela não conta os centavos, ela é extravagante e gerencia mal o dinheiro. Cabelos brancos dão a ele um “ar distinto”. Se ela tem fios brancos é uma velha bruxa. Se ele não bate papo ele é um “tipo quieto”. Se ela é quieta, é “tímida”. Tudo depende de uma única coisa: se estamos falando de um homem ou de uma mulher.⁷⁴

Nota-se que, aqui e ali, o *Digest* comentava a situação da mulher frente ao homem. Millet parece captar bem o momento social da sociedade norte-americana em 1948, ao apresentar duas formas de se ver o mundo e as situações representadas por homens e mulheres. A escolha do texto para acompanhar o artigo de Miller é sugestivo e demonstra como a participação das mulheres na composição editorial do *Digest* se fazia marcante. Como salienta Millet, as interpretações e apresentações dependem do sujeito de quem se fala, se homem, as características serão, na maior parte das vezes, positivas, se mulheres, negativas.

Os biógrafos dos fundadores do *Digest* parecem ter interpretado o surgimento da revista e a sua estruturação sempre partindo da trajetória de DeWitt Wallace, relegando a Lila um papel secundário. Entretanto, reitero que o grupo editorial da revista era composto de um grande número de mulheres, responsáveis pelo *copy desk* dos artigos, que apesar de não ocuparem os mais altos cargos, participavam diretamente das operações editoriais. É importante notar que as contratações para o quadro de funcionários da revista sempre

⁷⁴ *Reader's Digest* (Mar. de 1948, p. 3). No original: *It's a man's world, all right. Just look at the difference in these descriptive words and phrases. If a man doesn't marry, he's a "bachelor" – glamorous word. If a woman doesn't marry she's an "old maid". When it's his night out he's "out with the boys." When it is her night out she's at a "hen party." What he hears at the office is "news." What she hears at a bridge party is "gossip." If he runs the family he is "head of the house." If she runs it she "wears the pants in that family." If he is overly solicitous of her he is a "devoted husband." If she is overly solicitous of him he is "henpecked." If he keeps his eye on her at a party he is an "attentive husband." If she sticks close to him she is a "possessive wife" In middle age he is "in the prime of life" or "at the peak of his career." At the same age she's "no spring chicken." If he is an easy spender he "does not deny his family anything." If she doesn't count the pennies she's "extravagant" or a "poor manager." Gray hair gives him a distinguished look. If she has it, she's an old hag. If he hasn't any small talk he's "the quiet type." If she hasn't any she is "mousy." It all depends on one thing – whether you're speaking of a man or a woman.*

precisavam passar pelo crivo de Lila.⁷⁵ Direta ou indiretamente, portanto, a influência de Lila se fazia presente na condução da publicação. Dessa forma, é preciso olhar para o *Digest* sob uma perspectiva que leve em consideração essa participação e as formas como discursos como os veiculados acima foram apresentados.

Esse aspecto adiciona outro componente à preocupação central deste trabalho, pois considera-se que o *Digest* contou não somente com forte atuação de uma mulher como idealizadora e proprietária, mas também de muitas mulheres responsáveis pelos *copy desks*. Aquelas que cortavam, reviam, condensavam artigos de outras revistas norte-americanas para posterior publicação no *Digest*. O que se pode afirmar é que um número considerável de mulheres, tratando-se do período em questão, trabalhou na produção, inclusive na editoração final da revista. A presença destas mulheres, aliado ao fato de muitos artigos serem direcionados à educação sexual, controle de natalidade, discussões sobre a família, sobre o trabalho feminino e sobre a vida da mulher solteira, corrobora grande parte dos questionamentos e proposições que serão apresentados ao longo deste trabalho.

Percebe-se que Lila percorreu uma carreira ascendente de sucesso, ocupando papel de destaque no *Digest*, ainda que a “cabeça” do negócio fosse DeWitt Wallace. Mas não se pode negar que Lila Wallace era também protagonista na concepção e na ascensão da revista como um dos periódicos de maior sucesso nos Estados Unidos, o que era raro para mulheres no início do século XX. As mulheres começavam a preencher um espaço cada vez maior na imprensa e algumas, inclusive, eram extremamente importantes e influentes, principalmente no que se refere às colunas sociais. Dentre as colunistas de

⁷⁵ John Heidenry argumenta que “cada editor, juntamente com sua esposa, estava sujeito a aprovação de Wally e Lila já que era a ideia dos Wallace era que qualquer um contratado pelo *Digest* estava contratado por toda a vida.” HEIDENRY, John. 1994, p. 74.

grande repercussão nos Estados Unidos, podemos destacar a conselheira Ann Landers, que teve importantes e polêmicos textos publicados no *Digest*.

Como já destacado, o período que antecedeu ao casamento de Lila foi fundamental para sua formação. Por estar em uma posição bem diferente das mulheres com quem convivia, Lila pôde apreender, assim como Wallace em suas viagens, diferentes realidades e necessidades das mulheres com as quais tinha contato em seus trabalhos, principalmente os de assistência social. Esse conhecimento lhe possibilitou, anos mais tarde, sugerir a Wallace que visse nas mulheres trabalhadoras um público alvo importante. Afinal, a Primeira Guerra Mundial, em parte, havia arrancado aquelas mulheres dos seus lares e as jogado no mundo do trabalho e, por isso, havia todo um novo mundo a ser descoberto, e o *Digest* poderia preencher parte dessa lacuna.⁷⁶

Ainda segundo Lila Wallace, a revista abarcaria não só o universo das mulheres que tinham empregos formais, mas também o das que eram donas de casa. Convencidos do público que deveria ser atingido – homens e mulheres –, os Wallace, no primeiro exemplar do *Digest* nos Estados Unidos, dedicaram diversos artigos ao público feminino, tais como: *Untying the Apron Strings* (Desamarrando os laços do avental), *Whatever is new for women is wrong* (Qualquer coisa que seja nova para as mulheres é errado), *Wanted – Motives for motherhood* (Procurada – razões para a maternidade), artigos que somente pelo título suscitam interessantes análises.⁷⁷ Em outras palavras, a revista era voltada para a família de classe média, na qual a mulher tinha papel importantíssimo para configuração não apenas daquela família, mas na configuração da sociedade, ainda que o homem fosse visto como a cabeça do casal. Segundo Mary Anne Junqueira,

⁷⁶ CANNING, Peter. 1996, p. 53.

⁷⁷ *Reader's Digest* (Fev. de 1922).

a revista era dirigida à família de classe média norte-americana. Muitos artigos foram influenciados por Lila Wallace, principalmente os dirigidos às mulheres e a problemas voltados para o universo feminino. Posicionava-se como publicação moderna, tratando temas polêmicos que eram evitados por outras revistas, como a questão do divórcio e do controle de natalidade, este último um dos temas preferidos do *Digest*.⁷⁸

Foi dessa forma, com a variedade de temáticas que deveriam atingir todos os membros da família, buscando público leitor variado, que o *Digest* conseguiu firmar-se como uma das publicações mais importantes dos Estados Unidos. O *Reader's Digest*, embora fosse uma revista de variedade, não comprometida com a objetividade, como os periódicos de notícias – como jornais da grande mídia –, era respeitada e concentrava enorme confiabilidade. Isso possibilitou à revista ganhar, também, espaço em outros países, contribuindo para a difusão em todo o mundo do *american way of life*, discurso básico dos estratos médios norte-americanos. Tornou-se, portanto, um importante agente para a difusão cultural, mas também para a efetivação dos ideais políticos e econômicos dos Estados Unidos ao longo do século XX, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial.

1.5 - *Reader's Digest*: critérios de seleção e formatação

De acordo com Muniz Sodré,

a fundação do *Reader's Digest*, em fevereiro de 1922, instituiu um tipo de texto que iria constituir o grande fenômeno editorial do século XX. O digesto, que fora no passado uma forma literária especializada, utilizada, em geral, para textos legais, reencontrou-se na cultura de massa: o que se dizia em mil palavras poderia ser dito em dez.⁷⁹

⁷⁸ JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000, p. 25.

⁷⁹ SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*: introdução à cultura de massa brasileira. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 52-3.

Partindo desta premissa, faz-se importante uma apresentação básica dos elementos gráficos e editoriais do *Digest*, a fim de se compreender como se deram os processos de composição material da revista, que foram o suporte de todo esse trabalho de publicação de conteúdo variado.

A estrutura do *Digest* buscava compilar em poucas linhas um artigo previamente publicado em outro periódico. O *Digest* contava com 31 artigos de temáticas variadas, que poderiam agradar ao homem, à mulher e até às crianças. O propósito era que fosse lido um artigo por dia. Próprio para ser carregado de forma fácil, e ser lido em diferentes lugares, saiu no formato 13,4 cm x 18,4 cm, menor que as revistas tradicionais publicadas atualmente, que geralmente têm uma média de tamanho de 20,2 cm x 26,6 cm, mas maior que um livro de bolso, que geralmente tem 11 cm x 18 cm. No Brasil, este formato é chamado de formatinho, que é um dos principais usados na impressão de histórias em quadrinhos. Note-se que a revista se adaptava a uma das características da modernidade: ao mundo da pressa e da ocupação que não permitia grande tempo para leitura.

A capa da revista, nos primeiros anos, se resumia a uma ou duas cores, com a utilização de alguns detalhes desenhados. Em alguns anos, o índice da revista passou a ser publicado na capa – ou na contracapa –, detalhe que se tornou sua marca por décadas. As ilustrações começaram a compor a revista apenas a partir de 1939 e, ao longo dos anos, ocuparam não somente páginas de artigos, mas também a capa e a contracapa.

Os critérios de seleção para os artigos a serem publicados no *Digest* foram desde o início estabelecidos por Wallace e deveriam responder a três pontos fundamentais. Mary Anne Junqueira afirma que a própria revista *Seleções*, a versão brasileira do *Reader's Digest*, informava sobre tais critérios: 1) É digno

de ser seguido? 2) É aplicável aos interesses da maioria? 3) É de interesse permanente?⁸⁰

Figura 1: *Reader's Digest*, fevereiro de 1922, edição número 1.

⁸⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000, p. 33.

Tais diretrizes deixam clara a preocupação de Wallace em tratar de temáticas consideradas “universais” sem deixar de se preocupar com a individualidade de seus leitores. A revista buscava reproduzir artigos que funcionassem como modelos de ação e conduta. Revela, também, a necessidade de que tais artigos possuísem uma utilidade prática. Deixa explícito que a revista visava se colocar como uma interlocutora dos interesses da maioria nos mais diversos contextos.⁸¹

July 1957		Reader's Digest	
ARTICLES OF LASTING INTEREST			
The Facts Behind Filter-Tip Cigarettes	Lois Mattox Miller & James Monahan	33	
What You Need Nowadays to Get into College	Leland Stowe	40	
Land of Hope and Old Glory	The Times of London	46	
Babies By Appointment	McCall's	48	
The Epic Story of Gettysburg	Bruce Catton	51	
Why I Love Italian Men	"Roman Candle"	58	
How Influence-Peddlers Shortchange the Union Wage Earner	Lester Velie	61	
New Surgery for Ailing Hearts	J. D. Ratcliff	70	
Making the Most of Small Talk	The Diplomat	74	
The Head I Almost Lost	W. Douglas Hartley	89	
Unlikable "Like"	Clifton Fadiman	92	
Ambassador With a Horn	Mayfair	93	
Why Red China Won't Break With Russia	Hollington K. Tong	97	
I Was Afraid of the Water	American Weekly	101	
Has Inflation Become a Way of Life?	From an Address	106	
Amelia Earhart's Last Flight	Lawrence Elliott	110	
The Drama of Offshore Oil	Ira Wolfert	119	
Change Your Pace	Together	127	
The Army's Deadliest Soldiers	Denver Post	129	
Blueprint for Community Fun	Kiwanis	135	
Jim Texas, USN	American Mercury	139	
Plastic Magic for the Garden	Farm and Ranch	143	
Ceylon: Isle of Delight	Gordon Gaskill	147	
Help Wanted: For the 40-Plus	Your Life	154	
We're Going Overboard About Outboards	Popular Mechanics	162	
Poland's Quiet Revolution	Christine Hotchkiss	170	
Pitcher in a Jam? Call the Weatherman!	Sports Illustrated	180	
If It Hadn't Been for Grandma	Eddie Cantor	186	
The Perils of Promiscuity	"A Woman Doctor Looks at Love and Life"	192	
Canada: Triumph of Tolerance	Bruce Hutchison	194	
Book Section	Born to Give	Raymond B. Fosdick	78
Humor in Uniform, 23—Life in These United States, 67			
It Pays to Increase Your Word Power, 117—Quotable Quotes, 160			
Points to Ponder, 183—Have You an Amusing Anecdote? 199			

Figura 2: *Reader's Digest*, julho de 1957.

⁸¹ Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000.

O público alvo era predominantemente o dos setores médios rurais e urbanos, famílias de pequenos empreendedores e assalariados, que geralmente tinham pouco tempo para leitura. Por essa razão, os artigos eram editados para serem curtos e se adaptarem à realidade das pessoas, cada vez mais ocupadas. Como indicado, eram organizados na revista para serem lidos um por dia. De acordo com Peter Canning, nos primeiros anos do *Digest*, a revista contava com:

somente sessenta e quatro páginas, incluindo capa e contracapa do mesmo material das páginas internas. Sem propagandas. Sem ilustrações. Sem cor. Sem ficção. Na capa, entre o logo *Reader's Digest* e uma levemente alterada declaração de princípios (“trinta e um artigos de renomadas revistas por mês. Cada artigo de valor e interesse permanentes, em forma condensada e compacta”) havia o desenho de uma mulher escrevendo em um pergaminho [...].⁸²

A revista norte-americana evitou os anúncios publicitários, que passaram a ser publicados como parte de cada exemplar apenas em 1956. Em poucos anos, a revista deixou as iniciais 64 páginas, passando a 112. Em 1939, ano em que início o recorte temporal aqui proposto, a publicação tinha 146 páginas e, em 1971, contava com significativas 280. Importante ressaltar que, como visto, nesse último momento já se havia introduzido publicidade em suas páginas.

De acordo com John Heidenry, no primeiro número, os artigos, grosso modo, compunham

três agradáveis e condescendentes tributos às mulheres, dois para animais, um perfil inspiracional de um dos heróis de DeWitt, Henry Ford; dicas de como se dar bem na vida e no trabalho; e garantias de que sensatez e conhecimento dos fatos eram os grandes niveladores da sociedade. A pequena quantidade de humor nos primeiros anos da revista reflete sua convicção de que a leitura deveria ser principalmente informativa e não divertida. Somente depois de o sucesso parecer garantido que DeWitt abriu a porta para anedotas

⁸² CANNING, Peter. 1996, p. 57.

americanas, piadas, duplos sentidos, e toda variedade de jogos de palavras.⁸³

Essas características, voltadas ao entretenimento, que de início não faziam parte da revista, tornaram-se um marco dentro da publicação, visto que gradativamente o *Digest* foi adquirindo uma proposta cada vez mais lúdica, o que pode ser percebido nas edições das décadas posteriores.

Ao longo das décadas, o *Digest* procurou manter essa estrutura inicial, mas, com o crescente acréscimo de páginas, pôde expandir suas temáticas e seções fixas. Os artigos passaram a ser divididos pelos editores em 25 categorias, como, por exemplo, comunismo, sexo-casamento, divórcio, relações humanas, aventura, etc.⁸⁴ Nesse contexto, é interessante notar a grande quantidade de categorias relacionadas à temática da família, elemento que será aprofundado nos capítulos seguintes.

A revista compilava artigos que funcionavam como uma ode à História e ao modo de vida dos norte-americanos, sempre de modo conservador ou moderado. Artigos exaltando situações-limite, mas que alcançavam a superação, o *american way of life*, questões políticas globais e os modos de vida de outros povos eram constantemente selecionados para publicação, mas esses mesmos modos eram comparados com os do norte-americano, muitas vezes de forma hierárquica.⁸⁵

A revista em língua inglesa chegava também a outros países. Essa versão internacional, no entanto, possuía publicidade em suas páginas, muito antes do uso da publicidade no *Digest* distribuído nos Estados Unidos. Essa prática

⁸³ HEIDENRY, John. 1994, p. 49. O termo *Americana* pode ser compreendido, segundo o dicionário *Michaelis*, como: n. coleção de objetos e documentos literários, históricos e etnográficos que se referem à esfera cultural norte-americana.

⁸⁴ Durante mais de uma década, o *Digest* publicava a cada seis meses, como destacado anteriormente, no final da revista, um *index* dos artigos publicados naqueles exemplares. O *index* seguia, grosso modo, as divisões citadas.

⁸⁵ HEIDENRY, John. 1994, p. 13.

visava diminuir os custos de distribuição internacional e tornar a revista economicamente viável.⁸⁶

No caso da revista original, distribuída nos Estados Unidos, a inserção de publicidade se deu de forma bem distinta: através de consulta aos leitores. Em uma matéria da revista de abril de 1955, os editores do *Digest* questionaram os leitores se eles preferiam que a revista, que não havia sofrido um aumento de preço por 25 anos, sofresse um aumento de dez cents de dólar, passando a custar \$0,35 cents o exemplar, ou que passasse a contar com publicidade em suas páginas iniciais. Aquela edição já contava com os primeiros anúncios publicados pelo *Digest*, que serviriam como uma espécie de amostra para o leitor. Os editores também acrescentaram aquele exemplar uma reportagem de cinco páginas sobre a contribuição da publicidade ao estilo de vida norte-americano, o que reforça o pretenso aspecto democrático da decisão.⁸⁷ Por fim, os leitores optaram pela inserção de propagandas em detrimento da possibilidade do aumento no preço de cada exemplar.

É importante ressaltar a estratégia dos editores, pois nesse texto eles deixam claro que propagandas de cigarro e bebidas não seriam aceitas. Esta decisão reafirma a intenção do *Digest* em se manter uma revista voltada para toda a família, que prezava por uma publicidade que soasse mais “saudável” para todos os membros daquele grupo. Mostra também os valores cristãos protestantes que atravessavam o *Digest*. A estratégia salienta, também, uma tentativa de aproximação entre editores e leitores, o que faria com que estes últimos se sentissem parte integrante da produção da revista, sendo capazes de escolher pela inserção ou não de publicidade, ou mesmo contribuir com alguma

⁸⁶ No ano de 1954, “as vinte e nove edições internacionais tinham veiculado mais de 1500 páginas de propagandas, representando 2000 empresas diferentes. A maioria dos anunciantes em edições estrangeiras eram grandes conglomerados americanos que operavam internacionalmente – U.S. Steel, Texaco, Eastman Kodak, Gillete, International Harvest, Standard Oil, Lockheed, Swift.” Ibidem, p. 238.

⁸⁷ *Reader's Digest* (Abr. de 1955, contracapa e p. 103-7). O artigo recebeu o título de *Publicidade: sua contribuição para o American Way of Life* (*Advertising: Its Contribution to the American Way of Life*).

anedota ou situação divertida que tenham vivenciado, sempre passando pelo crivo dos editores do *Digest*.

Inicialmente, foram publicadas 32 páginas de propagandas, que apareciam no início, meio e fim da publicação. Em anos subsequentes, a publicidade foi melhor diluída ao longo do produto, buscando atender a uma estratégia e dinâmica publicitária, já que muitas propagandas começaram a vir na sequência de artigos com temáticas semelhantes aos produtos/serviços divulgados.

Mesmo com a inserção da publicidade, devido aos diversos aumentos no processo produtivo e de distribuição, a revista precisou, entretanto, aumentar o seu valor de capa. Aumentos progressivos aconteceram nos anos seguintes e, em 1971, logo após o final do recorte temporal proposto nessa pesquisa, o preço de cada exemplar estava estabelecido em \$0,60 cents.

Com o tempo, seções fixas foram inseridas na revista, que passou a ter um número maior de páginas. Algumas seções se destacaram e marcaram a história do *Digest*, dentre elas, *The most unforgettable character I ever met*, *Toward more picturesque speech*, *Life in these United States*, *Drama in real life*, etc.⁸⁸

À medida que a revista ia se consolidando no mercado, estratégias para ocupar de forma precisa as páginas foram adotadas. Nenhuma de suas partes era deixada em branco. Quando um artigo, ao seu final, não ocupava uma página completa, os editores a terminavam de preencher com anedotas, frases edificantes, piadas, comentários de leitores. Com o passar dos anos, alguns desses complementos acabaram ganhando seções inteiras, como, por exemplo, *Personal Glimpses*, em que eram apresentadas situações inusitadas e/ou engraçadas enviadas pelos próprios leitores. Eram seções que despertavam o lúdico, interagiam com os leitores, já que muitas delas contavam com a colaboração destes que, além de terem um espaço na revista, eram remunerados

⁸⁸ Algumas dessas seções fariam sucesso posteriormente na revista em português, com destaque para *Meu tipo inesquecível* e *Flagrantes da vida real*.

pela contribuição. Eram, em geral, compostas por pequenos textos, anedotas, pílulas que podiam ser compartilhadas entre os membros da família e com os amigos.⁸⁹ As demais formas de se preencher a revista contavam com a utilização dos espaços em branco para fazer chamadas para assinaturas, ou para anunciar artigos que seriam publicados posteriormente.

⁸⁹ A revista pagava cinco dólares aos leitores por cada texto aceito para publicação nos espaços que ficariam em branco. Posteriormente, a revista aumentaria a proposta e os valores, passando a aceitar grandes histórias, narrativas de superação, de motivação e o valor aumenta exponencialmente, chegando aos 2.500 dólares.

CAPÍTULO II – *SELEÇÕES DO READER’S DIGEST*: A VARIEDADE À BRASILEIRA

2.1- *Reader’s Digest Association*: dos Estados Unidos para o mundo

Um dos elementos a ser levado em consideração é justamente o fato de a revista *Reader’s Digest* ter não somente sobrevivido, mas ampliado seu mercado em momentos conturbados da história norte-americana e mundial. Esta expansão ressalta sua capacidade de se adaptar a contextos diferentes, visto que ela facilmente adentrou, e posteriormente alcançou sucesso, em diferentes partes do mundo.

Dentro desta perspectiva, pode-se dizer que o *Digest*, ao procurar trabalhar com temáticas variadas que eles consideravam de interesse permanente, construiu um perfil que o permitia cruzar diferentes fronteiras e ainda assim ser um produto atraente. Essa capacidade seria fundamental em uma abordagem para além do nacional, uma vez que a revista seria capaz de dialogar com estratos médios, que se tornaram o seu público principal ao longo dos anos, de diferentes países. A revista poderia, desta forma, difundir parte do ideário dos estratos médios norte-americanos para outras localidades do globo, o que significava, por outro lado, ir de encontro, também em parte, às aspirações de populações com igual ensejo em outros países (tendo em vista a heterogeneidade dos setores médios dentro de um mesmo país e entre um país e outro, ainda que a revista acreditasse que tais grupos pudessem compor uma “classe média universal”). Quer-se dizer que o *Digest* caiu em terreno fértil: havia uma classe média em ascensão em vários países do Ocidente, apesar das diferenças, com algumas aspirações comuns: determinado padrão de consumo, temores de perder

o pouco que havia conquistado, necessidade de marcar a sua diferença com relação aos mais pobres, e composta, em geral, por conservadores.⁹⁰

Essa tentativa ficou mais evidente à medida em que as subsidiárias do *Digest* difundiam aspectos do *american way of life* como um estilo de vida padrão para os setores médios nos mais diversos países. Essa possibilidade de ir além do cenário nacional seria mais um dos aspectos que contribuiriam para a longevidade da publicação. Assim como os Estados Unidos e a sua difusão cultural obtiveram imenso sucesso ao longo de todo o século XX, o *Digest* e sua abordagem de âmbito transnacional seguiriam o mesmo caminho, difundindo o que os norte-americanos pareciam ter de mais particular no período pós-guerra, uma classe média que cada vez mais ascendia e se consolidava.⁹¹ Apesar de atentar para o potencial transnacional da revista *Reader's Digest*, o intuito da presente tese não consiste em empreender uma análise utilizando-se do transnacional enquanto proposição teórica e metodologia de trabalho. Visa, entretanto, apontar ocasiões em que elementos transnacionais parecem ter sido pensados e abordados pelos editores da publicação com o intuito de difundir ideais e propagar questões relativas às relações de gênero e de concepções atreladas ao consumo e à formação e consolidação da família de classe média para além dos Estados Unidos.⁹²

Nas décadas seguintes ao seu lançamento, em 1922, o *Digest* ganhou versões em 21 línguas e/ou foi distribuído em mais de 70 países. Tal difusão iniciou-se em 1938, quando a revista ganhou uma edição na Inglaterra. Em 1940, já com a Segunda Guerra Mundial em andamento e prevendo a entrada dos

⁹⁰ Cf. EHRENREICH, Barbara. *O Medo da Queda: Ascensão e Crise da Classe Média*. São Paulo: Scritta, 1989.

⁹¹ Sobre o transnacional, ver: BAYLY, C. A.; BECKERT, Sven; CONNELLY, Matthew, et al. Conversation: on Transnational History. In: *The American Historical Review*. Chicago: The University of Chicago Press, Vol. 111, Nº 5, Dezembro/2006, p. 1441-1464. Para Bayly, as análises históricas mais bem-sucedidas dentro da perspectiva transnacional são aquelas que “examinam como práticas culturais e ideologias moldam, contém ou permitem as condições sociais políticas e econômicas nas quais as pessoas e os bens circulam dentro dos lugares locais, regionais e globais.” Ibidem, p. 1451.

⁹² Sobre a relação entre o transnacional e a classe média, ver: LÓPEZ, A. Ricardo; WEINSTEIN, Barbara (orgs). *The Making of the middle class: toward a transnational history*. USA: Duke University Press, 2012.

Estados Unidos no conflito, a revista chegou ao México, com o nome de *Selecciones del Reader's Digest*, já como parte da Política de Boa Vizinhança. Em 1942, como veremos, ganhou uma versão em português para ser distribuída no Brasil e em Portugal. Nos anos seguintes, passou a ser publicada em diversos países europeus, africanos e asiáticos: Suécia (1943), Egito (1943), Finlândia (1945), Austrália (1946), Dinamarca (1946), Japão (1946), Bélgica (1947), França (1947), Noruega (1947), Canadá (em francês, 1947), Canadá (em inglês, 1948), Alemanha (1948), Itália (1948), África do sul (1948), Suíça (1948), Nova Zelândia (1950), Áustria (1952), Espanha (1952), Índia e Paquistão (em inglês, 1954), Holanda (1957) China, Hong Kong, Sudeste Asiático (em chinês tradicional, 1965), Bélgica (1968), dentre outros.

O *Rader's Digest Association*, grupo editorial que publicava o *Digest* e todos os seus derivados, não se restringiu apenas ao mercado cultural impresso de periódicos. Ele realizou incursões, principalmente a partir da década de 1940, na publicação de livros, no lançamento de discos (inclusive coleções), no rádio e na televisão. Ao longo dos anos 1970, os editores do *Digest* se direcionaram, também, para o audiovisual, e uma produtora foi criada, a *Reader's Digest Films*, que, ao longo daquela década, chegou a produzir alguns filmes antes de encerrar suas atividades.⁹³

2.2 - *Reader's Digest*: Segunda Guerra Mundial e Política da Boa Vizinhança

O início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, foi determinante para a forma como os Estados Unidos e as nações europeias

⁹³ *Reader's Digest Films* produziu algumas adaptações que ficaram conhecidas, assim como outras produções do período, como *Family Movies*. Podemos destacar: *Tom Sawyer* (1973), *Huckleberry Finn* (1974), ambas adaptações da obra de Mark Twain, *Mr. Quilp* (1975), adaptação da obra de Oscar Wilde e *It Shouldn't Happen to a Vet* (1977), adaptação de um dos romances de James Herriot. HEIDENRY, John. *Theirs was the kingdom: Lila and DeWitt Wallace and the Story of The Reader's Digest*. USA, Norton & Company, 1994, p. 334-39; e CANNING, Peter. *American Dreamers: the Wallaces and Reader's Digest: an insider's story*. New York, NY: Simon & Schuster, 1996, p. 141.

envolvidas no conflito passaram a olhar para os países da América Latina. Consequentemente, os anos do pós-guerra contribuíram para delinear o papel daqueles países em relação a um mundo que assumiu contornos bipolarizados a partir de 1945. O início da Guerra Fria manteve de um lado os Estados Unidos, potência capitalista, e de outro a socialista União Soviética. Os demais países do globo, aos poucos, assumiram posições ou foram rearticulados a um dos lados. Desde o início dos anos 1920, a América Latina se converteu em um território profícuo e disputado por ideologias distintas e como mercado para bens de consumo oriundos de diferentes países.

Na América Latina o interregno de 1919-1939 se caracterizou por um declínio na influência britânica e um crescimento na influência alemã e estadunidense. Do ponto de vista ideológico, três correntes principais - liberalismo, fascismo e socialismo - lutavam pelos corações e mentes dos povos latino-americanos. Mas do ponto de vista da influência política e econômica, a Grã-Bretanha defendia sua posição, enquanto Estados Unidos e Alemanha eram relevantes na medida em que o crescimento de seu sistema de poder os colocava em posições antagônicas perante as nações latino-americanas. Os alemães enfatizavam o autoritarismo antiparlamentar, o protecionismo econômico e o nacionalismo militar, enquanto os estadunidenses enfatizavam a democracia liberal e o internacionalismo de livre comércio. A América Latina era não só palco de uma guerra comercial, mas também de disputa política e ideológica, justamente quando formas autoritárias de governo e o nacionalismo econômico estavam florescendo na parte sul do continente.⁹⁴

No contexto da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, em dezembro de 1941, após os ataques a Pearl Harbor, a preocupação do país em difundir sua política e ganhar apoio dos países latino-americanos se intensificou. Como um braço da política norte-americana, a revista *Reader's Digest*, em pouco tempo, passou a ser

⁹⁴ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012, p. 36.

enviada para as tropas norte-americanas e inglesas em batalha, circulação que chegava a 2 milhões de exemplares. Os aviões de guerra que levavam as tropas para o *front* levavam também, para os vários países onde aterrissavam, as versões já traduzidas do *Digest*.⁹⁵

O *Digest* teve papel fundamental no esforço de guerra norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial. Naquele momento, a revista adentrou seu período de ascensão definitiva e, como destacado, passou a ser distribuída em diversas partes do globo. Como salienta John Heidenry, durante a Segunda Guerra, *Reader's Digest* se transformou em uma “instituição [norte-]americana”, consolidando seu império editorial.⁹⁶

Nos anos precedentes à entrada dos Estados Unidos no conflito, a primeira aposta do *Digest* em se difundir internacionalmente foi publicar uma versão para ser distribuída na Inglaterra, como já mencionado. Foi com a ameaça da guerra na Europa, em 1938, e motivado também pelos crescentes resultados de vendas nos Estados Unidos, que DeWitt Wallace começou a idealizar sua proposta de lançar o *Digest* no mercado britânico. No ano seguinte, a revista, apesar de ser uma aposta de mercado, foi lançada a um baixo custo de produção por se tratar de um *reprint* das melhores edições da versão norte-americana. A primeira edição britânica seguiu os moldes do *Digest* publicado nos Estados Unidos: 96 páginas sem propagandas, cores ou ilustrações.

As traduções da revista, nas mais diversas línguas, a partir de então, inundaram os lares de diferentes famílias no mundo. Ao mesmo tempo em que os ideais políticos e econômicos dos Estados Unidos eram condensados em artigos do *Digest*, cresciam as possibilidades de difusão global do modo de vida norte-americano. Essa difusão do *Digest* e o sucesso alcançado posteriormente em muitos países da Ásia ressaltam sua contribuição para a ocidentalização de outras partes do mundo. Como destaca Antonio Pedro Tota, a difusão dos meios

⁹⁵ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira* (1942-1970). Bragança Paulista: Ed. da USF, 2000, p. 38.

⁹⁶ HEIDENRY, John. 1994, p. 122.

culturais norte-americanos, como veremos, acompanhou e foi intensamente fomentada pela política norte-americana. O mapa da difusão da revista refletiu e se coadunou com os interesses dos Estados Unidos.⁹⁷

Ainda em 1938, Wallace havia pensado em uma edição em espanhol para ser distribuída na América Latina. No entanto, uma pesquisa de mercado o dissuadiu do empreendimento. Havia como motivadores o alto custo da tradução dos artigos, dificuldades no processo de impressão e distribuição das revistas, visto que a organização dos correios nos países latino-americanos muito se diferenciava da dos norte-americanos. No entanto, um dos pontos centrais para a desistência se deveu ao fato de a pesquisa não visualizar a existência de leitores pertencentes à classe média, com exceção da Argentina, “o mais europeu dos países latinos”.⁹⁸ O sucesso que a revista, em suas versões em espanhol e português, alcançou na América Latina, em anos posteriores, mostra que o *Digest* errara no seu diagnóstico.

As subsidiárias do *Digest* ao redor do mundo – como embaixadas e sedes de outras empresas – foram de grande contribuição para a política externa dos Estados Unidos e não encontraram resistência de mercado.⁹⁹ A ideia de difundir a cultura norte-americana principalmente na América Latina foi reforçada com o advento da guerra a partir de 1939, como destacado, quando conter a propaganda do Eixo foi fundamental para a política e para os negócios dos Estados Unidos. Aspectos da cultura norte-americana entraram no continente vendendo modernidade e inovação a respeito do consumo, padrão de vida e valores, especialmente da classe média. No âmbito econômico, propalava-se pelo livre mercado e pela iniciativa e liberdade individuais, sem que o Estado atuasse nesse aspecto.

⁹⁷ Cf. TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 190.

⁹⁸ HEIDENRY, John. 1994, p. 152.

⁹⁹ A edição em árabe, *Al-Mukhtar*, apesar de um inicial sucesso, foi a única revista a ser rapidamente cancelada após o término da Segunda Guerra. Posteriormente voltou a ser publicada, mas teve suas edições suspensas em 1967. Ibidem, p. 170; 299.

A América Latina, então, se manteve nos planos tanto dos Estados Unidos quanto do *RDA* a partir de finais dos anos 1930, momento em que o *Reader's Digest* assumiu uma postura mais consistente de internacionalização. Posteriormente, principalmente ao longo dos anos 1950, a preocupação residiu na contenção da difusão das ideias soviéticas. Era preciso proteger e livrar o continente da ameaça vermelha.¹⁰⁰

A possibilidade de a revista chegar às mãos de leitores na América Latina em seus idiomas nacionais foi uma importante medida dentro da Política da Boa Vizinhança que o governo norte-americano começava a implementar e que interessava sobremaneira ao *Digest*. Essa Política, idealizada no governo de Franklin Delano Roosevelt (1933-1945), visava uma aproximação entre os países das Américas, uma cooperação mais efetiva entre eles, que seria claramente liderada pelos Estados Unidos.¹⁰¹ A estratégia pretendia modificar a imagem daquele país diante dos demais, depois das políticas intervencionistas que criaram indelével ressentimentos nos latino-americanos e que tiveram lugar entre 1898, anos da Guerra Hispano-americana, e 1933, quando Franklin Delano Roosevelt assumiu e instituiu a Política da Boa Vizinhança. A prática intervencionista foi liderada por distintos presidentes, a maioria republicanos, como Theodore Roosevelt (1901-1909), mas também democratas, como Woodrow Wilson (1913-1921).

Nesta perspectiva, o governo norte-americano criou, em 1940, o *OCIAA - Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, a mais importante agência

¹⁰⁰ Sobre o *Reader's Digest* e as questões comunistas, ver: SHARP, Joanne. *Condensing the Cold War: Reader's Digest and American Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. Para o caso de *Seleções do Reader's Digest*, a versão em português do periódico norte-americano, e o comunismo, ver: BEGHETTO, Lorena. *O Pesadelo comunista ameaça o Ocidente: o anticomunismo nas revistas Seleções do Reader's Digest, (1946-1960)*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Dissertação de Mestrado, 2004, (mimeo); PEREIRA, Sílvio Luiz Gonçalves. *Seleções do Reader's Digest, 1954-1964: um mapa da intolerância política*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 2006, (mimeo).

¹⁰¹ Sobre a aproximação entre os países americanos, ver: ALVES JR., Alexandre Guilherme da Cruz. *Discursos americanos de cooperação durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

criada dentro da Política da Boa Vizinhança, que se preocupava em combater, principalmente, o nazi-fascismo na América Latina.¹⁰² O OCIAA, que teve suas atividades encerradas em 1946, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, visava estabelecer relações comerciais e atuar dentro de princípios da propaganda política da época, como, por exemplo: distribuir, através de filmes, notícias e outros produtos culturais, imagens positivas dos Estados Unidos na América Latina. A distribuição das revistas do *RDA*, naquele contexto, exerceu um papel fundamental dentro da política norte-americana durante o período de guerra. Segundo Antonio Pedro Tota, as intenções eram “americanizar”, de forma pacífica, os países latino-americanos.¹⁰³ Essa americanização seria fundamental para os anos do pós-guerra, momento em que a economia e os produtos norte-americanos entrariam de forma definitiva nas sociedades latino-americanas, inclusive no Brasil.¹⁰⁴ De acordo com Gerson Moura, partindo dos objetivos oficiais do governo norte-americano,

o propósito do OCIAA era “formular e executar um programa para aumentar a solidariedade hemisférica e avançar o espírito de cooperação interamericana”. Esta era a “mensagem” que o OCIAA comunicava por todos os meios possíveis à América Latina durante sua existência. Na prática, o programa de cooperação e a solidariedade hemisférica eram um meio de se alcançar outros fins: os programas eram um instrumento utilizado pelos Estados Unidos para enfrentar o

¹⁰² O OCIAA foi amplamente discutido em trabalhos como, por exemplo, os de: MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984; MOURA, Gerson. 2012; e o de TOTA, Antonio Pedro. 2000. Sobre a relação entre o OCIAA e *Seleções do Reader's Digest*, ver: MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery. *A Política Cultural norte-americana no Brasil: o caso do OCIAA e o papel das Seleções Reader's Digest 1940-1946*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UERJ - Departamento de História, 2002 (mimeo).; MONTEIRO, Erica Daniel. *Quando a Guerra é um negócio*. F. D. Roosevelt, iniciativa privada e Relações Interamericanas durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editoras Prismas, 2014.

¹⁰³ Cf. TOTA, Antonio Pedro. 2000, p. 19. Tota ressalta a importância dos produtos culturais norte-americanos nesse processo para o contexto brasileiro.

¹⁰⁴ Sobre o contexto norte-americano, ver: DIGGINS, John Patrick. *The Proud Decades: America in war and Peace, 1941-1960*. New York: W.W. Norton & Company, 1989; FRASER, Steve; GERSTLE, Gary (orgs.). *The Rise and Fall of The New Deal Order: 1930-1980*. New Jersey: Princeton University Press, 1989; PATTERSON, James T.. *Grand Expectations: The United States, 1945-1974*. New York: Oxford University Press, 1997.

desafio do eixo na esfera internacional e consolidar seu próprio poder como Grande Potência.¹⁰⁵

O magnata Nelson Aldrich Rockefeller ficou incumbido de administrar o *OCIAA*, desde o início de suas atividades, tornando-se um importante personagem na relação entre os Estados Unidos e a América Latina, principalmente durante os anos de guerra.¹⁰⁶

A atuação de Rockefeller nos países do hemisfério sul, principalmente em relação ao Brasil, foi amplamente discutida em trabalhos desenvolvidos por Antonio Pedro Tota e por Gerson Moura.¹⁰⁷ O político norte-americano foi responsável por uma série de medidas de difusão cultural, além de trabalhar para que acordos econômicos fossem firmados entre as nações latinas e os Estados Unidos. Nelson Rockefeller era conhecido “como um patrão com quem se podia negociar. Ele era, como sabemos, um republicano, mas de perfil progressista e liberal, e, principalmente, apoiava as medidas do governo democrata.”¹⁰⁸

A habilidade política, os contatos e a sua maleabilidade diante de interesses diversos, especialmente econômicos, contribuíram para que Nelson Rockefeller se mostrasse um exímio mediador entre as nações latino-americanas e os Estados Unidos. Rockefeller possuía, além de interesses políticos, interesses econômicos, uma vez que sua família era detentora de vários investimentos nos países da América Latina.

O político norte-americano visitou por diversas vezes os países latino-americanos e dedicou algumas dessas visitas ao Brasil. Segundo Antonio Pedro Tota,

¹⁰⁵ MOURA, Gerson. 2012, p. 60, grifos do original.

¹⁰⁶ Sobre Nelson Rockefeller e o contexto latino-americano, em especial o Brasil, ver: TOTA, Antonio Pedro. *O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

¹⁰⁷ Os trabalhos em questão são os já citados: MOURA, Gerson. 1984; 2012.; TOTA, Antonio Pedro. 2000; 2014.

¹⁰⁸ TOTA, Antonio Pedro. 2014, p. 62.

até o final da década de 1960 [Rockefeller] esteve aqui dez vezes. Com exceção de três viagens oficiais – em setembro de 1942, como coordenador do Office [OCIAA]; em janeiro de 1951, como representante do governo [norte-]americano na posse de Getúlio Vargas; e em julho de 1969, como enviado especial do presidente Nixon –, todas as demais estavam relacionadas a seu projeto de amplo espectro para a transformação do Brasil. Construiu, zelosamente, uma rede de amigos, sócios e admiradores que serviram para espalhar os princípios políticos, econômicos e ideológicos do americanismo. Seus projetos não se limitavam a pesquisas com novas raças de porcos ou de sementes de milho híbrido, mas envolviam também a cultura, tanto erudita quanto popular.¹⁰⁹

Nesse contexto de difusão dos ideais e expansão dos domínios norte-americanos, em agosto de 1940, como destacado anteriormente, a primeira edição de *Selecciones del Reader's Digest* chegou às bancas latino-americanas.¹¹⁰ Aquele primeiro número vendeu 148 mil cópias, quantidade que em poucos meses dobrou. Em 1942, *Selecciones* estava vendendo um milhão de cópias, que eram distribuídas por diversos países da região.¹¹¹ A partir daquele momento, assim como os Estados Unidos, o império do *RDA* se consolidou e se diversificou. Nas décadas seguintes, o *Digest*, com suas mais variadas edições, se tornou a revista mais vendida do mundo, posição que sustentou por décadas.

Apesar do receio de DeWitt Wallace com relação à viabilidade econômica das revistas distribuídas na América Latina, o incentivo do governo norte-americano, a atuação de Nelson Rockefeller na intermediação, e a aceitação da inserção de propagandas, com o intuito de baixar os custos, foram argumentos convincentes para o empreendimento e a posterior produção e distribuição.

Selecciones, antes e depois de ser publicada, ganhou grande repercussão e propaganda no *Digest*, bem como as demais revistas lançadas pelo *RDA*. Ao

¹⁰⁹ TOTA, Antonio Pedro. 2014, p. 228.

¹¹⁰ Doravante, *Selecciones del Reader's Digest* será mencionada apenas como *Selecciones*.

¹¹¹ *Selecciones*, primeiramente, foi distribuída no México. Segundo Mary Anne Junqueira, “meses depois a revista já cobria a Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Cuba, o Chile, Equador, El Salvador, a Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai, e Venezuela.” JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000, p. 37.

longo do ano de 1940, inúmeras chamadas foram direcionadas aos leitores norte-americanos para que se atentassem para a revista em espanhol. A quarta capa da edição de agosto de 1940 do *Digest*, mês de lançamento de *Selecciones*, reproduziu quatro depoimentos “Da América do Norte e do Sul.”, aprovando a iniciativa do *RDA*.¹¹² O diretor-geral da União Pan-Americana, Dr. L. S. Rowe, destacou que: [a revista] “marcará um passo adiante no grande movimento para estreitar os laços culturais entre os Estados Unidos e as nações da América Latina”.¹¹³ A proposta foi abordada como um esforço pela causa pan-americana desde o início. Em artigo de contracapa, na edição de setembro daquele ano, o *Digest* destacou que ao servir à causa pan-americana, a

publicação de Reader's Digest em espanhol para distribuição na América Latina, anunciada mês passado, foi recebida com calorosa aprovação pública. Milhares de homens e mulheres nos Estados Unidos patrocinaram assinaturas fretadas de boa vontade por um dólar cada para pessoas na América Latina com interesses profissionais similares. [...] Embaixadores e ministros do México, Colômbia, Paraguai, Argentina, Equador, Chile, Honduras, da República Dominicana e outros países da América Latina endossaram com entusiasmo a nova edição em espanhol. Membros do alto escalão do governo americano, assim como líderes profissionais e de negócios, aprovaram a Reader's Digest em espanhol como a mais eficiente intérprete dos ideais e instituições dos Estados Unidos para as vinte repúblicas da América Latina.¹¹⁴

¹¹² *Reader's Digest* (Ago. de 1940, quarta capa). No original: *from North and South America*.

¹¹³ *Ibidem*. No original: *will mark a real step forward into the great movement for closer cultural ties between the United States and the nations of Latin America*. Leo Stanton Rowe foi diretor da União Pan-Americana entre os anos 1920-1946. A União Pan-Americana surgiu da Primeira Conferência Internacional Americana realizada em Washington, entre outubro de 1889 e abril de 1890 cujo objetivo era promover melhores relações comerciais, de comunicação e diplomáticas entre as nações americanas. Posteriormente, foi convertida na Secretaria Geral da Organização dos Estados Americanos, a OEA. O pan-americanismo foi amplamente recuperado no contexto da Política da Boa Vizinhança. Sobre a recuperação do pan-americanismo no contexto da Boa Vizinhança, consultar: MAUAD, Ana Maria. Fotografia e a cultura política nos tempos da política da Boa Vizinhança. *Anais do Museu Paulista*. v. 22, p. 133-159, 2014; e MAUAD, Ana Maria. Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 43-76, 2005; GIMENES, Gabriela Xabay. *Estados Unidos e América Latina nas páginas do Chicago Tribune: Pan Americanismo e Exposição Universal de Chicago (1889-1894)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2016, (mimeo).

¹¹⁴ *Reader's Digest* (Set. de 1940, contracapa). No original: *publication of The Reader's Digest in Spanish for distribution in Latin America, announced last month, has met with hearty public approval. Thousands of men and women in the United States have sponsored Charted Good-Will Subscriptions*

Dessa forma, com essa proposta, o *Digest* contribuía com a política norte-americana, uma vez que, como destacado em um subtítulo, estava “fazendo valer a política da boa vizinhança.”¹¹⁵ Com o claro intuito de apresentar e difundir os ideais e instituições dos Estados Unidos, a iniciativa do *RDA* contribuiu de forma decisiva, principalmente a partir de 1941, com a entrada do governo norte-americano na Segunda Guerra, para a hegemonia cultural do país na América Latina.

A revista em espanhol ficou sob a tutela do editor colombiano Eduardo Cárdenas, que trabalhou com um grupo de funcionários em um escritório em Nova York, na tradução e edição das publicações. Eduardo Cárdenas, como destaca Mary Anne Junqueira, foi um importante homem dentro dos quadros da *CIA - Central Intelligence Agency*. Tal fato possibilita afirmar que o “*Digest* [em suas mais distintas versões] foi um meio de comunicação valioso para o Departamento de Estado, para o Serviço Secreto, a CIA e para as empresas [norte-]americanas, que procuravam novos mercados fora dos Estados Unidos.”¹¹⁶ A escolha de Eduardo Cárdenas como responsável reforça a preocupação de que as publicações voltadas para a América Latina estivessem alinhadas à política norte-americana.

Ficava sob sua responsabilidade o cuidado para que nenhum artigo que pudesse ofender a moral e os bons costumes de orientação católica fosse publicado. A preocupação com a matriz religiosa cristã, ancorada no catolicismo, diferentemente daquela predominante nos Estados Unidos, a protestante, foi um

at \$1 each for persons in Latin America having similar occupational interests. [...] Ambassadors and ministers from Mexico, Colombia, Paraguay, Argentina, Ecuador, Chile, Honduras, the Dominican Republic, and other Latin-American countries have enthusiastically endorsed the new Spanish edition. High officials in the United States government, as well as leaders in professional and business fields, have likewise approved The Reader's Digest in Spanish as a most effective interpreter of the ideals and institutions of the United States to the 20 republics of Latin America.

¹¹⁵ *Reader's Digest* (Set. de 1940, quarta capa). No original: *putting the good neighbor policy to work*.

¹¹⁶ JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000, p. 40. Mary Anne Junqueira destaca, por exemplo, o fato de que ao longo do golpe militar no Chile, em 1973, fotografos foram especialmente contratados pela revista para registrar supostas denúncias contra o então presidente, Salvador Allende. *Ibidem*

importante elemento para o sucesso da revista em espanhol e, posteriormente, da em português.

2.3- *Seleções do Reader's Digest: a modernidade norte-americana chega ao Brasil*

No contexto de intensificação e início da participação norte-americana no conflito da Segunda Guerra Mundial, o *RDA* começou a planejar o lançamento de “uma edição em português para venda tanto no Brasil quanto em Portugal. Nelson Rockefeller, coordenador de assuntos interamericanos no Departamento de Estado, estava entre os que pressionavam o *Digest* nesta direção.”¹¹⁷

A partir desse momento, o impacto dos dispositivos mobilizados em nome do esforço de guerra, deveria ser capaz de atingir toda a América Latina. O Brasil, no auge do Estado Novo (1937-1945), governado por Getúlio Vargas, se tornou um alvo fundamental para a política e diplomacia norte-americana no continente, principalmente pelo conhecimento de que a administração do chefe de estado brasileiro era marcada pelo centralismo, nacionalismo e autoritarismo, elementos próximos da ideologia nazi-fascista, sustentáculo dos países que compunham o Eixo. Segundo Maria Helena Capelato,

no varguismo, não apenas as técnicas de manipulação destinadas a provocar mudanças de sensibilidade e exaltação dos sentimentos, mas também as formas de organização e planejamento dos órgãos encarregados da propaganda política revelam identidade com a proposta nazista. No entanto, elas apresentam características particulares e produziram resultados distintos do modelo europeu.¹¹⁸

¹¹⁷ HEIDENRY, John. 1994, p. 156.

¹¹⁸ CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Orga). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999, p. 168.

Nesse sentido, nota-se o dualismo de Vargas durante o início da Segunda Guerra Mundial que ora se voltava para Alemanha, ora para os Estados Unidos. Mas também a preocupação daquele país em atingir o público brasileiro e controlar o avanço de políticas e disseminação de propaganda adotadas por Alemanha e Itália ao longo do conflito. Apesar de causar certa preocupação para o país norte-americano em termos de posicionamento político, a partir de janeiro de 1942, o governo brasileiro se alinhou definitivamente aos Aliados ao romper relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo.

Apesar das restrições de material durante os anos de guerra e da concentração das atividades nos Estados Unidos, principalmente as militares e industriais, estarem voltadas para o conflito, este, de fato, nunca atingiu as atividades do *RDA*. Muito pelo contrário, enquanto diversas editoras contavam com estoques limitados de papel, o *RDA* não possuía restrições para a publicação das edições que eram distribuídas nos *fronts* ou em outros países. Apenas o *Digest* que era distribuído nos Estados Unidos teve um corte momentâneo no número de páginas.

Com o sucesso da edição em espanhol e com o investimento dos Estados Unidos em difundir outros produtos e mídias no Brasil desde os anos de 1920 e 1930, como o cinema e a publicidade, a sociedade brasileira vinha se constituindo como um território de interesses diversos para os norte-americanos. Como destaca Mary Anne Junqueira, “a inter-relação entre a sociedade e os meios de comunicação havia construído uma atmosfera cultural, na qual modelos culturais norte-americanos haviam penetrado no ambiente e estavam relacionados à modernidade.”¹¹⁹

Em fevereiro de 1942, iniciava-se, então, a história de *Seleções do Reader's Digest* no cenário brasileiro, uma publicação que rapidamente entrou no gosto popular e que em pouco tempo se tornou a segunda revista mais

¹¹⁹ JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000, p. 43

vendida do país. Tornou-se um importante braço do *Digest* norte-americano, produto que interessou ao Departamento de Estado tanto norte-americano quanto brasileiro, e atuou de forma contundente, ao lado de publicações de peso no Brasil, como a revista *O Cruzeiro*, contra o nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial, e contra governos reformistas, que consideravam comunistas, ou os comunistas de fato.

O lançamento de *Seleções*, em 1942, contribuiu para a consolidação do *RDA* nos Estados Unidos. No período da guerra, a revista auxiliou na difusão da política e cultura norte-americana na América Latina. Ao término do conflito, essa defesa dos modos de vida preponderantes nos setores médios dos Estados Unidos continuou a ser veiculada no continente, por meio da revista, que passou, também, a ser distribuída nos demais países de língua portuguesa no continente africano, como Angola e Moçambique. É provável que os editores pensassem que a revista ajudaria no processo de “civilização ou ocidentalização” da África.

Logo no início de sua publicação, *Seleções* se preocupou em sedimentar em território nacional a história do *RDA*. A primeira medida adotada pela revista foi publicar logo em seu segundo número o que eles chamaram de *A História Desta Revista*. O artigo, reproduzido na quarta capa, narra de forma sucinta o surgimento de *Reader's Digest* e a forma como com a edição em português pretendiam atingir no Brasil o mesmo sucesso alcançado nos Estados Unidos. Para tanto,

Seleções do Reader's Digest seguirá os mesmos princípios que fizeram de *The Reader's Digest* e de sua edição em espanhol, *Selecciones*, as revistas mais populares de quantas haja publicadas em idioma inglês ou espanhol. Todos os meses os 61 redatores examinarão mais de 500 jornais e revistas, alguns sobre assuntos gerais, outros de caráter comercial e técnico; após terem sido escolhidos, de material tão abundante, cerca de 30 artigos, passarão a condensá-los, para serem oferecidos logo ao leitor, resumidos permanentemente em forma de folheto. [...]

Seleções do Reader's Digest contribuirá para facilitar a um bom número de pessoas, tanto na América Latina como na América de língua inglesa, uma compreensão mais clara das correntes do

pensamento e dos problemas do mundo atual, concorrendo também para dar uma demonstração inequívoca da comunhão de ideais e interesses que liga as nações deste hemisfério.¹²⁰

O texto, além de reforçar a concepção da revista para o público leitor, destaca a contribuição que a publicação traria para a aproximação entre as partes do continente, o que, como vimos, era propósito da Política da Boa Vizinhança. Seria capaz, também, de apresentar de forma plural os diversos discursos e realidades presentes no mundo, salientando os aspectos que uniriam as nações do continente americano.

A preocupação em deixar o leitor ciente da relevância da revista e construir uma imagem de confiabilidade e aproximação pode ser reafirmada com a preocupação de imprimir *A História do Reader's Digest e de Seleções*, artigo mais amplo publicado na edição de junho de 1942.¹²¹ Trata-se de uma ampliação do prévio artigo supracitado em que a história detalhada dos fundadores e dos primeiros anos do *RDA* é apresentada.

Nas décadas seguintes ao seu lançamento, a revista assumiu a posição de formadora de opinião, ao lado de outros periódicos, e veiculava textos que valorizavam o capitalismo e mostravam o crescimento dos setores médios, elementos da modernidade norte-americana que cada vez mais eram reproduzidos pelos mais diversos meios culturais, tais como o cinema, o rádio, a mídia impressa e as propagandas inseridas nesses espaços.

Tanto o *Digest* quanto *Seleções* atingiram marcas expressivas de tiragem. Enquanto nos Estados Unidos, ainda na década de 1920, ultrapassou a marca de um milhão de exemplares por número, como já vimos, no Brasil, chegou aos 600 mil exemplares, já em seus primeiros anos.¹²² Na capa do primeiro exemplar de *Seleções*, a revista destacava a expressiva tiragem mundial do *Digest* nas mais variadas línguas: cinco milhões de revistas sendo distribuídas nas mais

¹²⁰ *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1942, terceira e quarta capas).

¹²¹ *Ibidem* (Jun. de 1942, p. 17-24).

¹²² JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000, p. 49.

diferentes localidades do mundo.¹²³ Ambas continuam sendo publicadas até os dias atuais.¹²⁴ Entretanto, perderam muitos leitores que eram fiéis, em particular para a televisão. Os leitores de hoje, grosso modo, não têm mais o mesmo interesse em revistas como *Seleções*.

Figura 3: A História do Reader's Digest e de Seleções - Seleções do Reader's Digest, junho de 1942, edição número 5.

¹²³ *Seleções de Reader's Digest* (Fev. de 1942, capa).

¹²⁴ Em junho de 2007, sessenta e cinco anos após ser lançada no Brasil, *Seleções de Reader's Digest* ainda possuía uma venda média de 395 mil exemplares por edição, ocupando a quinta colocação em estimativas de vendas no Brasil. CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 229.

2.4- *Seleções*: a condensação da revista já condensada – critérios de seleção e formatação

Como visto, o *Reader's Digest* norte-americano era uma seleção de artigos considerados interessantes pelos editores da revista em outras revistas norte-americanas. Já *Seleções*, como outras versões internacionais, era uma seleção de artigos do *Digest* norte-americano, ou de artigos que, mesmo selecionados pelos editores da revista norte-americana, não foram publicados anteriormente, além de alguns artigos específicos que seguiam os critérios da editoria geral e que foram escolhidos pelos editores da versão em português. Isso quer dizer que a revista que finalmente saía no Brasil passava por distintos filtros. Eles preferiam usar a palavra condensação, o que sugere que os temas e artigos eram depurados, adensados até permanecer aquilo que consideravam como “universal” e que interessasse à humanidade. Os temas que foram selecionados para sair no *Digest* e depois selecionados para sair no Brasil consideramos aqui como aqueles de alcance transnacional.

A seleção de artigos para a composição de *Seleções* era feita por brasileiros, primeiro nos Estados Unidos e depois no Brasil. Isso também quer dizer que aqueles responsáveis pela seleção escolhiam artigos que poderiam cair no gosto do brasileiro. Em outras palavras, a seleção de artigos nos mostra que alguns temas que circularam nos Estados Unidos e no Brasil, uma vez que ambas as revistas eram muito bem recebidas, esperadas pelo público leitor norte-americano e brasileiro, atingiram culturas distintas. Já os artigos que eram descartados poderiam ferir sensibilidades da outra cultura (a brasileira) ou se referiam a assuntos norte-americanos muito específicos. Desta forma, embora ambas as revistas divulgassem que seus temas eram universais, a escolha de um brasileiro para fazer a seleção e a própria escolha de artigos que seriam mais bem aceitos pelos locais contradiz o discurso de “universalidade” dos temas que

publicavam. Mostra também que a “classe média universal” que defendiam eram diferentes lá e aqui.

A edição brasileira da revista foi lançada no formato 13,4 cm x 18,4 cm e era impressa em papel cartonado e capa nos moldes da edição norte-americana. Assim como o *Digest*, *Seleções* não contava com um editorial em seus números. O modelo padrão da versão em inglês – capa com sumário, artigos variados e contracapa geralmente apresentando textos de autopromoção – foi adotado na edição em português.

A seleção dos textos e a posterior tradução ficava a cargo de editores brasileiros, instalados nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, em escritório no Brasil a partir de 1951, localizado no Rio de Janeiro, e em Portugal a partir de 1971.¹²⁵

Nos primeiros anos da revista, figuras brasileiras importantes compuseram seu corpo editorial, tais como Afrânio Coutinho e Antônio Callado.¹²⁶ Segundo Mary Anne Junqueira, o processo de edição de *Seleções* acontecia de forma bem direta:

depois de selecionados no *Digest* norte-americano, os artigos iam para as mãos dos tradutores que trabalhavam como free-lancers [...]. Recebidas as traduções, os redatores faziam o *copy desk* (redação final do texto) com a finalidade de tirar algum “estrangeirismo”. Não era permitido mexer nos artigos. A tradução deveria manter o sentido do texto norte-americano, evitando acréscimos ou reduções. Era montado o sumário e estava pronta a versão brasileira. A redação de *Seleções* não possuía a efervescência de uma redação comum. Era o trabalho típico de escritório.¹²⁷

A própria revista *Seleções*, em um texto que preenchia a contracapa da edição de dezembro de 1942, nas palavras de Maria Martins, mulher do

¹²⁵ JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000, p. 45.

¹²⁶ Ibidem, p. 44-45.

¹²⁷ Ibidem, p. 48 (grifos do original). Mary Anne Junqueira salienta, também, que após os escritórios terem sido instalados no Rio de Janeiro, figuras importantes contribuíram com a tradução de artigos, os quais podemos destacar: Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Carlos Lacerda, entre outros. Ibidem, p. 49.

embaixador do Brasil nos Estados Unidos, destaca as suas qualidades e as do *Digest*, salientando parte do processo editorial pelo qual passavam as revistas. Apontava Maria Martins que:

a razão por que nunca me sinto desapontada com um artigo do Reader's Digest, é que esta revista não é uma revista *qualquer*, mas a melhor entre tantas outras revistas. Nela encontramos a literatura mais deleitosa do dia, cuidadosamente selecionada dentre dezenas de livros e periódicos, e em seguida trabalhada, condensada e refeita por escritores especializados, até que tudo se reduz a um pequeno, elegante e denso voluminho - que facilmente, ao sair, posso arrumar na minha bolsa.

Leio-a enquanto espero um convidado que se atrasou, e quando viajo de automóvel, e à noite, antes de adormecer, para manter-me bem informada. Mas o Reader's Digest faz mais do que isso: acabo de lê-lo no mesmo estado de espírito em que saio de meu estúdio: repousada, com o espírito refrescado, e fortalecida para quantas provações o dia possa reservar-me.¹²⁸

Maria Helena Capelato, ao estudar a imprensa durante o Estado Novo, destaca que esta foi “controlada e manipulada no varguismo. No Brasil, as empresas jornalísticas só podiam se estabelecer se obtivessem registros concedidos pelos órgãos do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, e as atividades dos profissionais também ficaram sob esse controle.”¹²⁹ Apesar da vigência de tal política, o *RDA* parece não ter tido problemas em constituir empresa nacional e colocar no mercado a revista *Seleções* que, como veremos, gozou, desde o início, de apoio de personalidades importantes dentro do governo, tais como o diretor do DIP, Lourival Fontes. Para resolver tal questão, o *RDA* compôs a *Editora Ypiranga S.A.*, com a finalidade de, a partir dela, uma empresa nacional, distribuir *Seleções* em solo brasileiro. A *Editora Ypiranga*, como destacou Sílvio Pereira, era composta, inicialmente, da seguinte forma:

¹²⁸ *Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1942, contracapa, grifos do original).

¹²⁹ CAPELATO, Maria Helena. 1999, p. 174.

Carlos Reichenbach, dono da Companhia Lithographica Ypiranga, era seu diretor-presidente, e Fernando Chinaglia, dono da Distribuidora que leva o seu nome, seu diretor-vice-presidente. Dr. Lauriston Job Lane, Jr, que ocupou o cargo de Diretor-consultivo, era médico e, [...] “muito querido, um homem muito respeitado, principalmente na colônia norte-americana”. Tito Leite e José de Mara Nogueira, Redator-chefe e Redator-secretário, respectivamente, já trabalhavam na revista desde seu início, em Nova York. Os outros redatores eram João Távora e o escritor J. J. Veiga.¹³⁰

Com esta composição, formada por importantes figuras nacionais, das mais destacadas áreas, é que *Seleções* ganhou a sua primeira estrutura em solo nacional e pôde, assim, conjuntamente com o escritório central nos Estados Unidos, ser produzida e distribuída ao longo dos anos de guerra pelas mais variadas regiões brasileiras.

2.5- Primeiros tempos de *Seleções* no Brasil: a recepção da revista no mercado brasileiro

O primeiro exemplar de *Seleções*, que foi publicado no Brasil em fevereiro de 1942, custava 2\$000 mil-réis e seguia os mesmos padrões de tamanho do *Digest*.¹³¹ A capa, toda verde, foi impressa em papel couché, enquanto no miolo foi utilizado o papel típico das revistas norte-americanas daquele momento. Contava com a utilização de poucas cores e imagens em seu interior, em formatação simples. Fotografias apareciam apenas nos anúncios publicitários. Condizendo com o modelo de sucesso da versão norte-americana, *Seleções* apresentava na capa o sumário com os artigos presentes na edição e na quarta capa trazia comentários enaltecedores sobre as revistas do *RDA*, escritos por grandes personalidades brasileiras e internacionais. Por vezes, em anos

¹³⁰ PEREIRA, Sílvio Luiz Gonçalves. 2006, p. 83.

¹³¹ *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1942). Em novembro daquele ano, com a mudança da moeda brasileira para Cruzeiros, *Seleções* passou a custar Cr\$2,00.

posteriores, esse índice é que ocupava a quarta capa, enquanto a primeira trazia uma ilustração.

TIRAGEM MUNDIAL DE 5.000.000

SELECÇÕES

do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

O Médico de Lennox	por A. J. Cronin	1
Eu Bombardeei a Alemanha	Life	5
A Prece é Força	pelo Dr. Alexis Carrel	8
Roubados às Garras da Morte	por Paul de Kruif	11
Precisa-se: Um Dólar de Turismo!	Survey Graphic	15
Domina-te e Vencerás	por Winfred Rhoades	17
Um Chofer de Taxi na Estrada da Birmânia	Asia	19
Adotamos uma Criança	Atlantic Monthly	23
Odisséia de uma Cantora Negra	Christian Century	27
Contacto Pessoal entre Operário e Patrão	Rotarian	32
...e a Morte foi Instantânea	por J. C. Furnas	35
Como tem Melhorado a Humanidade	Liberty	40
A Última e Melhor Esperança da Terra	Atlantic Monthly	43
Propagandista do Ártico	New Yorker	48
Aproveite a Minha Experiência	por F. Rodell, C. Brandt	52
A Força de Stáline na América	American Mercury	55
Como o Brasil Abateu um Invasor	Correio da Manhã	62
Os Entorpecentes—Nova Arma do Japão	Commentator	67
Representa Bem Seu Papel?	Rotarian	71
Médicos Americanos no «Front» Inglês	Living Age	75
O Lento Nocaute da Nicotina	por Gene Tunney	78
Novos Horizontes para a Mocidade	Forum	81
Um Cão no Tribunal	por Henry H. Curran	85
...Por Alcinha «A Ratinha»	Cosmopolitan	87
Os Oito Grandes Mistérios da Ciência	New Republic	91
O Dominador dos Gigantes da Floresta	American Forests	95
Redimidos pela Terra	American Magazine	98
A Engenharia na Linha da Frente	Scientific American	101
Seção de Livros	por Eve Curie	105
O Misterioso Papel Azul	Saturday Review	120
Milagres em Milton	Kiwanis Magazine	121

Em Todo o Brasil 25000

FEVEREIRO de 1942

Figura 4: *Seleções do Reader's Digest*, fevereiro de 1942, edição número 1.

Assim como o *Digest*, *Seleções*, desde o início, se preocupou em estabelecer uma consistente autopromoção. A prática, que visava reforçar uma imagem positiva para os leitores, permaneceu ao longo dos anos de sua publicação. Os textos variavam de comentários diretos sobre a qualidade da revista aos olhos de intelectuais e políticos, até pequenas narrativas sobre o papel do periódico (tanto o norte-americano quanto a versão brasileira) e sua

importância no cotidiano dos mais variados leitores. De forma geral, grande parte dessas notas visava destacar o caráter instrutivo, informativo e educacional do *Digest* e de *Seleções*.

Os comentários de grandes personalidades elucidam em grande parte a proposta editorial da publicação e reafirmam, também, importantes pontos de análise deste trabalho. Dentre os comentários no primeiro número da revista, destaco três, que demonstram desde as perspectivas de público da nova publicação até aspectos políticos e diplomáticos. O primeiro, de autoria de Lourival Fontes, o já referido Diretor-Geral do DIP, após destacar a importância da revista para a difusão e enaltecimento do idioma português, acrescenta que:

os brasileiros recebem com o mais intenso regozijo esta nova edição de *Reader's Digest*, que muito poderá contribuir para desenvolver as boas relações entre os Estados Unidos e o Brasil, cuja amizade é tão antiga quanto a independência de ambas as nações e tem sido reforçada, no curso da história, por iniludíveis demonstrações de solidariedade e afeto. Que esta edição de *Reader's Digest* possa ser mais um elemento de aproximação, pela cultura e pelo espírito, do povo das duas nações – a de Washington e a de José Bonifácio.¹³²

O texto ressaltou a importância da aproximação entre os dois países, um dos objetivos centrais da Política da Boa Vizinhança e do *OCIAA*. Mas a aproximação agora está em matéria assinada por um brasileiro, um homem próximo a Getúlio Vargas, que escrevia com o objetivo de ajudar a vender a revista. Lourival Fontes destacava o histórico entre os dois países, buscando não só eventos de solidariedade, mas, também, destacando o processo de independência de ambas as nações. Cabe ressaltar que os Estados Unidos foram a primeira nação a reconhecer a independência do Brasil em 1824, fato que parece ser resgatado, no contexto, como um ato de amizade e de boas relações a ser levado em consideração neste novo cenário. Ao buscar na imagem dos “pais fundadores” uma aproximação, figuras que não só participaram da condução

¹³² *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1942, quarta capa).

daquelas nações, mas que contribuíram para a elaboração de suas primeiras constituições, o articulista procura construir uma relação em que os Estados Unidos teriam se portado na dianteira de uma proposta de aproximação amigável, elemento que seria reforçado, naquele momento, com a publicação da revista em português.

Segundo Maria Helena Capelato, Lourival Fontes, peça fundamental da censura do Estado Novo, chegou a apresentar “ao governo um plano para a criação de uma grande rádio estatal com objetivos propagandísticos, no estilo da que existia na Alemanha de Goebbels, mas a proposta não teve acolhida.”¹³³ A intenção editorial de *Seleções*, ao destacar um comentário do diretor do DIP, uma das principais agências de controle do governo Vargas durante o Estado Novo, demonstra compreensão do cenário político brasileiro do momento. A revista, dessa forma, parecia agradar aos interesses do governo ao ser aprovada diante do crivo da censura.

A aprovação assertiva da revista por Lourival Fontes destaca a forma positiva com que *Seleções* entrou no mercado editorial brasileiro em um momento crítico para a imprensa nacional. Apesar de muitos jornais e revistas não terem sido atingidos pela política governista, a censura e as perseguições fizeram com que muitos outros fechassem as portas e que diversos jornalistas fossem perseguidos e presos.¹³⁴ Mesmo diante de dirigentes com propostas políticas distintas daquelas promovidas pela revista, esta conseguiu galgar espaço e apoio no cenário nacional logo em seus primeiros números. Certamente, isso também se deu em razão dos artigos que foram selecionados no *Digest* para serem publicados em *Seleções* e veiculados no Braisl. Por exemplo, não houve artigos com críticas a Vargas em *Seleções*, diferentemente do que ocorreu no

¹³³ CAPELATO, Maria Helena. 1999, p. 177.

¹³⁴ Cf. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900 – 2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Digest. Era momento de aproximação e de tentativa dos Estados Unidos em aparar arestas para atrair o Brasil e outros para o lado dos Aliados.

Seleções se preocupou, também, em se apresentar positivamente diante de setores teoricamente independentes da imprensa, como pode se ver no segundo texto que destaco, de autoria de Herbert Moses, presidente da ABI - Associação Brasileira de Imprensa, cargo que ocupou de maio de 1931 até abril de 1964. Segundo Moses, “o *Reader’s Digest* criando primeiro uma edição espanhola e agora uma da língua portuguesa promove a realização de uma das mais belas aspirações do Brasil: a difusão da *cultura universal* nas Américas através das três línguas”.¹³⁵ O texto ressalta novamente a importância da publicação de *Seleções* para a integração da América, mas também para a possibilidade de se produzir uma cultura de caráter integracional entre os países do continente.

Herbert Moses foi membro da sociedade que compunha a *Editora Ypiranga*, empresa nacional que distribuía a revista *Seleções*. Possuía, portanto, interesses em destacar a introdução da revista no Brasil.¹³⁶ Há, nesse destaque de tais comentários por *Seleções*, uma clara preocupação em demonstrar que a revista é bem recebida tanto pelo Estado brasileiro quanto pelos setores privados da imprensa nacional.

Herbert Moses reitera o já comentado aqui: buscavam algo de interesse permanente, a-histórico, e que alcançasse a humanidade. Buscavam aquilo que consideravam universal. Sabemos que tal pretensão sofreu os limites do tempo – em 1970 a revista passou por revezes de todos os tipos – e das culturas, a revista em árabe, por exemplo, como salientado, não teve o sucesso que outras tiveram. Interessante notar, também, a preocupação do articulista ao colocar que a iniciativa do *Reader’s Digest* viria a responder uma das aspirações brasileiras, a

¹³⁵ *Seleções do Reader’s Digest* (Fev. de 1942, terceira capa, grifos acrescentados).

¹³⁶ Cf. PEREIRA, Sílvio Luiz Gonçalves. 2006, p. 83. O autor destaca que Moses “iniciou suas atividades na revista como consultor, mas em seguida assumiu o cargo de Diretor-Presidente, a partir do final de 1956, ficando até 1971, quando a publicação começou a ser realizada em Portugal.” Ibidem, nota de rodapé.

de difundir uma cultura que fosse de amplo interesse, para os mais diferentes povos da América. Dessa forma, Herbert Moses parece demonstrar que *Seleções* viria não apenas para trazer elementos externos à cultura brasileira, como uma proposta norte-americana, mas também para responder a uma necessidade já apontada pelo Brasil, propagar e promover aspectos da cultura brasileira que contribuíssem para o que consideravam “universal”.

A jornalista Sylvia de Bittencourt, do *Correio da Manhã*, assina o único comentário escrito por uma mulher, e o último que destaco.¹³⁷ Apresentada como conhecida articulista daquele jornal, Sylvia de Bittencourt apresenta *Seleções* para o público em geral destacando o possível interesse por parte das mulheres na revista. Escreve a jornalista:

como mulher, eu ousa esta predição: as mulheres serão as mais entusiásticas admiradoras de *Seleções do Reader's Digest* no Brasil. É que esta revista não oferece, apenas, uma simples e árida coleção de fatos friamente expostos, mas, em verdade, páginas iluminadas por uma vibrante e emocional nota humana, uma constante afirmação de tudo que constrói e que alimenta a esperança – tudo que é bom, delicado e verdadeiro – para a qual, eu creio, a mulher tem uma receptividade sensível e um julgamento justo.¹³⁸

Sylvia de Bittencourt destacou os pontos que acreditava serem os motivadores para uma maior receptividade das mulheres em relação à revista: a emotividade que a publicação causaria por apresentar um conteúdo delicado, sensível ao público feminino. A posição da colunista parece se coadunar com a concepção de público alvo proposto por Lila Wallace, apresentada anteriormente, ou seja, de que as mulheres, por agora terem uma possibilidade maior de transitar além

¹³⁷ Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, também conhecida como *Majoy* (pseudônimo com que assinava suas colunas), foi uma importante jornalista brasileira que atuou na cobertura da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Trabalhou por alguns anos no *Correio da Manhã*. Conjuntamente ao seu marido, Paulo Bittencourt, foi a primeira mulher a receber o mais destacado prêmio de jornalismo em 1941, o *Maria Moors Cabot*, concedido pela Universidade de Colúmbia.

¹³⁸ *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1942, terceira capa).

do espaço doméstico, privado, não só teriam maior interesse nesse tipo de publicação, como deveriam ser vistas como consumidoras em potencial.¹³⁹

Os três excertos destacam os principais pontos de análise do presente trabalho, a aproximação Brasil - Estados Unidos via produtos culturais, a crescente tendência transnacional de alguns conteúdos e a perspectiva tanto da participação quanto da representação e da recepção das mulheres em relação às revistas em questão, o *Digest* e *Seleções*. Pontuam, também, a forma como *Seleções* entra no mercado brasileiro recebendo a opinião positiva de proeminentes personalidades nacionais, prática comumente realizada na publicação do *Digest* nos Estados Unidos.

Quanto ao conteúdo escolhido para preencher as páginas do primeiro exemplar, a proposta parece ser semelhante à do *Digest* quando do seu lançamento. O primeiro número de *Seleções* comporta textos de diferentes categorias, compilando grandes artigos já publicados pela revista norte-americana e acrescentando um artigo nacional, *Como o Brasil abateu um invasor*, que havia sido veiculado no jornal *Correio da Manhã*. Os demais artigos abarcam temáticas como: outros textos sobre a Segunda Guerra, exaltando, principalmente, a participação norte-americana no conflito (que havia acabado de aderir ao combate); a difusão do governo de Stálin na América (uma das grandes preocupações dos Estados Unidos); artigos relacionados à saúde; à adoção de crianças; à constituição da personalidade humana; e um conto romântico. No entanto, são dois artigos desta primeira edição, ambos escritos por mulheres, que chamam a atenção logo no primeiro número por reforçarem a possível ideia de que o público feminino seria um dos alvos principais da revista.

¹³⁹ Sylvia de Bittencourt assina, também, um artigo de quarta capa alguns meses depois, em junho de 1942. No texto, a jornalista ressalta a importância da revista, seu caráter informativo e criterioso. No entanto, nesse texto, Bittencourt amplia o horizonte de público leitor da revista e destaca que: “redatores examinam centenas de livros e revistas que eu não tenho tempo de ler, e resumem o que aí encontram de mais interessante, apresentando-o aos leitores num volume pequeno e cômodo. [...] É difícil imaginar uma contribuição de maior valor e de maior utilidade que *Seleções do Reader's Digest* para o Brasil, onde há tantos leitores, cheios de sadia curiosidade intelectual, que lêem para saber, e lêem por prazer.” *Seleções do Reader's Digest* (Jun. de 1942, terceira e quarta capas).

Os textos, escritos por mulheres de diferentes contextos, abordam, da mesma forma, mulheres de distintas realidades. O primeiro artigo que destaco trata-se de um olhar sobre a vida da cantora negra norte-americana Marian Anderson.¹⁴⁰ Intitulado *Odisséia de uma cantora negra*, a autora, Ruth Woodbury Wedwick, narra a trajetória da contralto que, inicialmente, não alcançou sucesso nos Estados Unidos devido ao forte preconceito racial presente naquele momento. Na época, o país vivia ainda sob segregação racial. Segundo a autora, Marian Anderson nada tinha de uma típica “*diva*: é disciplinada, amável, de raro bom senso” e acrescenta que

a base da vida de Marian Anderson está na religião – religião que não consiste em abstrações góticas, ornamentadas por dogmas, nem no primitivo frenesí cortado de ritmos africanos, mas na consagração e na luz da *Ode à Alegria*. Beethoven teria compreendido e amado esta *Filha de Rei*.¹⁴¹

Fica evidente o destaque dado ao rigor artístico de Anderson vinculado à música clássica europeia. Mas a autora argumenta que, apesar de negra, ela não é afeita aos ritmos africanos. Refere-se à abstrações góticas, ornamentos por dogmas, provavelmente referindo-se à Igreja Católica. Ainda que a revista falasse em plena década de 1940, ressalta-se o conservadorismo dos costumes da revista: a mulher negra só se sobressaía por que não apresentava resquícios de sua origem.

O texto, que em seu início destaca a segregação racial nos Estados Unidos como um dos motivos da dificuldade para que Anderson atingisse o sucesso, traz uma contradição. Supõe que a cantora tenha alcançado êxito, dentre outros motivos, por se distanciar dos *ritmos africanos* e se ater à música clássica. Dessa forma, teria ela sido, para a autora do artigo, aprovada por um dos maiores

¹⁴⁰ Marian Anderson (1897 - 1993), em 2016, ganhou destaque nos Estados Unidos ao ser uma das grandes personalidades do século XX para estampar o verso das notas de cinco dólares. A frente das cédulas continua tendo como referência Abraham Lincoln. O verso será compartilhado entre Anderson, Martin Luther King, Jr. e Eleanor Roosevelt, outra mulher a ser destacada nos próximos capítulos.

¹⁴¹ *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1942, p. 31).

compositores clássicos brancos da História. Em outras palavras, temos uma mulher branca afirmando o destaque de uma mulher negra a partir da possibilidade do aval de um homem branco.

O segundo artigo que destaco foi publicado em uma das seções fixas da revista, *Seção de Livros*, que compilava livros de sucesso nos Estados Unidos. A obra selecionada foi *Marie Curie, My Mother*, biografia da primeira mulher vencedora do Prêmio Nobel (receberia o prêmio por duas vezes), escrito por Eve Curie, filha da biografada.¹⁴²

O interesse da revista em destacar o papel feminino em diferentes áreas, como a arte e a ciência, realidades distantes da maioria das mulheres brasileiras, mas também das norte-americanas, daquele momento, é um elemento positivo e demonstra que *Seleções*, apesar de assumir um teor conservador em relação aos costumes, se preocupava em apresentar distintas e renomadas personalidades femininas. É preciso, no entanto, se ater para a forma como essas mulheres são apresentadas, se são colocadas como um modelo a ser almejado, como mulheres comuns (o que poderia criar uma maior identificação com as leitoras), ou apenas como exceções de sucesso. Tais questionamentos ressaltam a importância de se deter em análises mais amplas e contextualizadas sobre o olhar do *Digest* e de *Seleções* acerca do papel e das representações das mulheres nos Estados Unidos e no Brasil, destacando suas especificidades e realidades, entendendo-as tanto como escritoras das revistas, personagem dos artigos, leitoras e consumidoras em potencial. Questões estas que serão trabalhadas de forma mais aprofundada ao longo dos próximos capítulos.

2.6- Elementos da recepção de *Seleções do Reader's Digest* no mercado brasileiro

¹⁴² *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1942, p. 105-119).

Sabe-se que medir a recepção de periódicos do passado é difícil. É possível obter indícios sobre a circulação de *Seleções* no Brasil, principalmente através de alguns dados encontrados na própria revista. Sobre a repercussão da revista no cenário brasileiro, no entanto, pode-se dizer que foi muito positiva. A publicação atingiu todas as partes do território nacional, o que pode ser atestado pelos pontos de vendas disponibilizados em quase todas as edições. Na edição de agosto de 1944, por exemplo, são disponibilizados, pelo distribuidor Fernando Chinaglia, 21 locais autorizados de venda, distribuídos pelas cinco regiões do país. Os locais também estavam autorizados a realizar assinaturas de *Seleções*.¹⁴³

A aceitação pelo público leitor brasileiro se deu de forma rápida e o crescimento da revista em pouco tempo atingiu números relevantes para concorrer com as revistas de maior tiragem naquele momento no Brasil. A própria revista ao longo das primeiras edições destacava o seu sucesso, como, por exemplo, em maio de 1942, quando em artigo na quarta capa anunciou não só o êxito recente da revista no Brasil, mas também um aumento de tiragem de 50%, saindo dos iniciais cem mil exemplares da primeira edição para 150.000 mil. Segundo o artigo,

os leitores de *Seleções do Reader's Digest* terão decerto prazer em saber que, ao atingir o seu terceiro número, esta nova revista é já um dos periódicos de mais larga difusão no Brasil. Os brasileiros compraram, só por si, mais exemplares do primeiro número de *Seleções*, do que toda a América Espanhola do primeiro número de *Selecciones*, a edição hoje definitivamente vitoriosa de *The Reader's Digest* em castelhano.

Por todo o país encontrou *Seleções* o mais lisonjeiro acolhimento, desde o Pará, à Baía e ao Rio Grande do Sul.¹⁴⁴

Desde o seu início, *Seleções* competiu com *O Cruzeiro*, que gozava de privilegiada posição no cenário nacional brasileiro.¹⁴⁵ Posteriormente, outras

¹⁴³ *Seleções do Reader's Digest* (Ago. de 1944, contracapa).

¹⁴⁴ *Ibidem* (Mai. de 1942, quarta capa).

concorrentes surgiram, tais como *Manchete*. Diferentemente da revista do *RDA*, *O Cruzeiro* tinha uma periodicidade semanal e era distribuída pelos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.

Havia, por parte de *Seleções*, uma preocupação com as concorrentes ao longo dos anos. Inúmeras pesquisas comparando as duas revistas foram realizadas entre 1950 e 1960. Algumas delas foram encomendadas para institutos distintos, tais como o IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

Sílvio Pereira destacou as comparações entre *Seleções* e *O Cruzeiro* realizadas em diferentes momentos. Em quase todos os quesitos *O Cruzeiro* levava vantagem. Um dos critérios em que *Seleções* se destacava era o de confiabilidade. Em 1950, *O Cruzeiro* ocupava o primeiro lugar no Rio de Janeiro entre as revistas mais lidas pelo público, com 50,5%, *Seleções* vinha a seguir com 42,5%. Em São Paulo, os números mudavam ligeiramente, a primeira com 61% e a segunda com 41,5%.¹⁴⁶ Sílvio Pereira destaca que, na mesma pesquisa, quando

questionados sobre a revista “mais interessante”, *O Cruzeiro* manteve a liderança no Rio de Janeiro, com 35,2% dos votos, seguido por *Seleções* (21,1%). Mas o resultado se invertia na cidade de São Paulo: *Seleções* com 30,0% e *O Cruzeiro* com 22,2%. Por sua vez, no quesito “revista mais útil”, *Seleções* ocupava a primeira posição, nas duas cidades: 32,1% no Rio e 34,0% em São Paulo, seguida de *O Cruzeiro*, com 29,3% e 15,4%, respectivamente. Perguntados sobre “qual revista lhes inspirava mais confiança”, *Seleções* ficava na frente: 31,3% no Rio de Janeiro e 30,7% em São Paulo, enquanto que *O Cruzeiro* respondia por 28,3% e 22,4%, respectivamente.¹⁴⁷

¹⁴⁵ *O Cruzeiro* foi lançado em 1928 e, a partir dos anos 1940, se tornou a revista de maior destaque no cenário nacional. Segundo Ana Maria de Abreu Laurenza, *O Cruzeiro* “atingiu uma média de 720 mil exemplares semanais (1954), num país de quase 52 milhões de habitantes, predominantemente rural e semi-analfabeto.” LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 181.

¹⁴⁶ PEREIRA, Sílvio Luiz Gonçalves. 2006, p. 110.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 110.

Seleções se mantinha à frente em São Paulo no item “mais interessante”, mas perdia para *O Cruzeiro* no Rio de Janeiro. Quando questionados sobre a “revista mais útil”, *Seleções* detinha o primeiro lugar nas duas capitais. O número médio de vezes em que “os entrevistados manuseavam o exemplar das duas revistas”, dez vezes, destacou *Seleções*. Esse ponto demonstra “o caráter permanente das informações na publicação norte-americana” em solo brasileiro.¹⁴⁸

No caso de *Seleções*, a pretensão de atingir os setores médios urbanos preexistia ao lançamento da revista, como visto anteriormente. O foco no setor médio era propício à difusão da publicidade naquele contexto no Brasil. Como apontado, enquanto o *Digest* norte-americano sobrevivia apenas com assinaturas, *Selecciones* e *Seleções* puderam alcançar regiões remotas da América Latina graças à publicidade que reduziu o preço de capa.

Diversas empresas, dos mais variados setores, anunciavam nas revistas internacionais do *RDA*. A publicidade em *Seleções*, logo em seu primeiro número, trazia o tom geral das propagandas, diversos anúncios sobre produtos bélicos, materiais de escritório, automóveis e empresas aéreas. Muitas dessas propagandas eram direcionadas às mulheres e ao lar.¹⁴⁹ Sobre a publicidade em *Seleções* ao longo do período da Guerra:

A tônica geral das peças publicitárias veiculadas em *Seleções* a partir de fevereiro de 1942 imaginava para os leitores, de maneira simultânea, o contexto da Segunda Guerra Mundial e os “inimigos em comum” de “todos” os americanos, bem como as benesses que adviriam aos Aliados no futuro do pós-guerra. A imaginação de um

¹⁴⁸ PEREIRA, Sílvio Luiz Gonçalves. 2006, p. 110.

¹⁴⁹ Para uma análise da publicidade em *Seleções*, ver: TÖPKE, Denise Rugani. *Miss Anos Dourados: as representações da mulher nos anúncios de Seleções do Reader's Digest*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007 (mimeo). A análise de Töpke se deteve apenas aos anúncios veiculados por *Seleções* ao longo da década de 1950. A autora conclui que a mulher predominantemente representada e alvo da publicidade em *Seleções* é “definitivamente a ‘rainha do lar’, vendida amplamente nos anúncios de *Seleções* como sendo o único tipo possível de mulher, ensinando como se comportar, vestir e pensar. Ali podemos encontrar uma publicidade que, através de seus anúncios, a um só tempo sustenta e propaga a propaganda ideológica do *american way of life*.” Ibidem, p. 88-89.

“avanço” simétrico entre os países era dada a partir do exemplo norte-americano, a sociedade brasileira, tinha através das mensagens e anúncios veiculados em *Seleções* um farto material para constituir os seus próprios significados do *american way of life*, embora os seus estereótipos estivessem bem definidos, quais sejam os nazistas e demais países integrantes do chamado, na época, “Eixo do Mal”.¹⁵⁰

Dessa forma, podemos concluir que *Seleções* assumiu um papel determinante no cenário editorial e publicitário brasileiro desde meados do conflito. Construindo um público leitor fiel, a revista ganhou grandes proporções, o que contribuiu para que se mantivesse no mercado brasileiro pelas décadas seguintes. Muito embora esse fato comprove que a revista teve ótima recepção diante do público nacional, é importante destacar a dificuldade de se medir propriamente essa recepção.¹⁵¹ Isso porque os antigos leitores de *Seleções*, assim como de outras revistas, tendem a falar das publicações de forma nostálgica, relacionando a leitura a momentos particulares de suas vidas. Dessa forma, falam mais de suas próprias vidas do que do produto impresso. Esses elementos, no entanto, ainda não contribuem decisivamente para que se possa medir e obter uma compreensão mais aprofundada sobre recepção, o que problematiza e abre margem para que novos olhares sobre o modo como *Seleções* foi recebida no Brasil sejam levantados.

¹⁵⁰ SCHERER JÚNIOR, Charles. A disseminação da cultura e da ideologia norte-americana no Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial e o caso da Revista *Seleções* do Reader's Digest. In: *Revista Latino-Americana de História*. Vol. 3, nº 10 – Ago. de 2014, p. 16, grifos do original.

¹⁵¹ Como destaca Maria Immacolata Vassallo de Lopes, a complexidade de se medir a recepção consiste na questão de que esta “não é um processo redutível a fatores psicológicos e à vida cotidiana, a despeito de ancorar-se nessas esferas, mas é um fenômeno profundamente político e cultural. Isto é, os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é por isso um contexto complexo, multidimensional em que as pessoas vivem suas vidas diárias e em que, ao mesmo tempo, se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas que extrapolam suas atividades cotidianas. Este é o conjunto de pressupostos que informa uma teoria compreensiva dos estudos de recepção. A produção e a reprodução social do sentido envolvidas nesses processos culturais não são apenas uma questão de sentido, mas, também e principalmente, uma questão de poder.” LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. In: *Revista MATRIZES*. São Paulo, V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014, p. 65-80.

2.7- As principais propostas temáticas do *Reader's Digest Association*

Os elementos capazes de serem disseminados tanto no *Digest* quanto em *Seleções* comportam em si, como destacado, o que poderíamos chamar de transnacional. O termo tem ganhado repercussão dentro dos estudos históricos nas últimas décadas. Barbara Weinstein, ao problematizar a adoção de uma História com viés transnacional, destaca que esta se diferencia de uma história puramente internacional, que estaria preocupada com a interação entre as nações, enquanto uma abordagem transnacional não colocaria as nações como principal elemento de embate ou interação.¹⁵²

Em outra abordagem, para Patrícia Seed, uma História Transnacional “indica uma comparação entre o movimento contemporâneo de grupos, bens, tecnologias ou pessoas através de fronteiras nacionais e o trânsito de objetos ou pessoas similares ou relacionadas anteriormente”.¹⁵³ Dessa maneira, uma melhor compreensão sobre a forma como determinados elementos circularam no passado pode ser capaz de apontar a existência e a predominância ou o desaparecimento de certos temas, discursos, objetos, etc., na atualidade, uma vez que teriam ou não sido capazes de dialogar em/com diferentes contextos.

Segundo Wendy Kozol, “os estudos históricos transnacionais mais efetivos são aqueles que examinam como práticas culturais e ideologias moldam, restringem, ou possibilitam as condições econômicas, sociais e políticas nas quais as pessoas e bens circulam dentro de âmbitos locais, regionais ou globais.”¹⁵⁴ Cabe ressaltar, novamente, que o presente trabalho não pretende

¹⁵² WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. In: *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.14, jan./jun. 2013 p. 10-31. Barbara Weinstein organizou ainda uma coletânea de artigos, intitulada *The Making of the middle class: toward a transnational history*, que se dedica a pensar a formação e difusão de uma concepção de classe média: LÓPEZ, A. Ricardo; WEINSTEIN, Barbara (orgs). 2012.

¹⁵³ BAYLY, C.A.; BECKERT, Sven; CONNELLY, Matthew, et al. 2006, p. 1443.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 1451.

realizar uma análise transnacional das revistas em questão, ou seja, não tem como intuito utilizar o conceito enquanto método de análise, mas apenas apontar a existência de alguns conteúdos transnacionais entre as publicações do *RDA*. Desse modo, partindo das colocações expostas, o elemento transnacional será observado através da circulação ou não de algumas temáticas através dos artigos, destacando, desse modo, perspectivas locais e transnacionais. A possibilidade de circular em ambas as revistas denuncia que alguns artigos e temáticas possuíam mais adaptabilidade a diferentes contextos e eram de conhecimento dos editores em seu processo de seleção dos artigos, tornando-os mais facilmente presentes nas mais distintas edições das revistas do *RDA*.

Ao realizar um breve levantamento – foram utilizadas as revistas do *Digest* e de *Seleções* referentes aos meses de janeiro de 1946 até dezembro de 1948 e de janeiro de 1952 até dezembro de 1954 (ver tabela 1) – das edições de alguns anos do *Digest* e de *Seleções*, é possível perceber que os temas abordados de forma mais recorrente em grande parte das edições das revistas do *RDA*, respeitando-se as diferenças temporais de publicação, eram: em primeiro lugar, as biografias, narrativas de sucesso pessoal, muitas delas publicadas nas seções *Meu tipo inesquecível* ou na seção de livros; artigos que versavam sobre a família ou aspectos relacionados a ela; temáticas políticas; artigos sobre guerra de uma forma geral, mas também puramente dedicados à União Soviética, à Alemanha e ao Japão; artigos que versassem sobre medicina e saúde; ciência; sobre indústria e trabalho.¹⁵⁵

Cabe ressaltar que os artigos eram catalogados, muitas vezes, em mais de uma categoria pelos editores do *RDA*. Dentre os temas que os editores pareciam

¹⁵⁵ Os temas utilizados para o levantamento foram destacados entre os mais recorrentes ao se analisar as revistas, como as biografias e os artigos sobre política e economia, e aqueles relevantes à presente proposta de pesquisa, como família, mulher, Estados Unidos. Todos os termos foram levantados a partir de informações contidas nos índices organizados por assunto, publicados semestralmente (junho e dezembro) pelas próprias revistas. As terminologias utilizadas são as escolhidas pelos próprios periódicos para classificar, por temas, os artigos que haviam sido publicados, o que não corresponde a uma busca que se baseie apenas nos próprios títulos dos textos.

acreditar possuir uma maior capacidade “universal”, o que para nós significa uma capacidade de ser publicado além do âmbito local, ou seja, dos Estados Unidos (uma vez que eram acentuadamente publicados em ambas as versões), destacam-se as narrativas de superação ou crescimento pessoais, elementos relacionados à família, economia, política e à guerra (ver tabelas 2 e 3).

TEMAS - <i>Digest</i> e <i>Seleções</i> (1946-1948 e 1952-1954)	TOTAL
Biografias	859
Família/Casamento/Crianças/Adolescentes	409
Política/Governo	308
Guerra	206
Economia	197
Estados Unidos	154
Religião	137
América Latina	87
Mulheres	55
Brasil	44

Tabela 1 - Número de artigos veiculados por tema em *Digest* e *Seleções* (1946-1948 e 1952-1954)

	DIGEST						
	ANOS						
TEMAS	1946	1947	1948	1952	1953	1954	TOTAL
Biografias	115	103	92	77	64	47	498
Família/Casamento Crianças/Adolescentes	34	48	42	36	48	41	249
Política/Governo	19	20	23	39	25	14	140
Guerra	28	10	13	25	29	10	115
Economia	12	09	23	22	30	33	129
Estados Unidos	17	13	11	10	21	23	95
Religião	18	11	08	26	14	21	98
América Hispânica ¹⁵⁶	09	06	17	04	05	06	47
Mulheres	13	07	01	04	01	01	27
Brasil	02	01	01	-	-	03	07

Tabela 2 - Número de artigos veiculados por tema e por ano no *Digest* (1946-1948 e 1952-1954)

¹⁵⁶ É provável que o número de artigos sobre a temática tenha se elevado em 1948 por conta da fundação da Organização dos Estados Americanos (OEA).

	SELEÇÕES						
	ANOS						
TEMAS	1946	1947	1948	1952	1953	1954	TOTAL
Biografias	46	62	59	55	66	74	362
Família/Casamento Crianças/Adolescentes	20	31	31	28	26	24	160
Política/Governo	33	31	36	28	19	21	168
Guerra	30	15	06	15	15	10	91
Economia	10	13	15	15	11	04	68
Estados Unidos	01	03	04	12	12	18	59
Religião	05	11	04	06	09	04	39
América Latina	03	15	13	06	02	02	40
Mulheres	-	05	07	09	02	05	28
Brasil	02	02	04	12	10	09	37

Tabela 3 - Número de artigos veiculados por tema e por ano em *Seleções* (1946-1948 e 1952-1954)

Nas revistas selecionadas para realizar um breve levantamento foi possível encontrar, respectivamente no *Digest* e em *Seleções*, 129 e 68 artigos sobre economia, 140 e 168 sobre governo/política/política internacional, 115 e 91 com a temática da guerra. É perceptível, também, que enquanto o número de biografias publicadas pelo *Digest* ao longo dos anos decresce, em *Seleções* elas seguem um movimento crescente.

A partir dos dados levantados, podemos ainda salientar que o *Digest* e *Seleções* se preocupavam em falar sobre os Estados Unidos e sua cultura, formação e tradição, apresentando com menor intensidade artigos sobre outras localidades, como os países da América Latina. A revista norte-americana, como destacado anteriormente, ao criticar nações como União Soviética, Alemanha, Cuba, por exemplo, buscava construir e reafirmar um imaginário depreciativo sobre aqueles países na intenção de se afirmar positivamente.¹⁵⁷

Ao realizar uma busca nos *indexes* das próprias revistas pelos termos *Estados Unidos* ou *América* – outra palavra adotada pelos norte-americanos para

¹⁵⁷ Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000.

se referirem a si mesmos – nas revistas do *Digest* são numerosos os artigos referentes aos norte-americanos, suas políticas, seu modo de vida, reproduzindo um modelo a ser seguido. Por outro lado, ao buscar pelos mesmos termos em *Seleções*, os casos em que há uma entrada com *Estados Unidos* e/ou *América* são crescentes ao longo dos anos, apesar de aparecerem em menor número em relação ao *Digest*. A nomenclatura *Estados Unidos*, que é destacada em apenas um artigo em *Seleções* em 1946, pode ser encontrada em 18 artigos em 1954, salientando que o discurso sobre aquele país, no Brasil, se intensificou após a Segunda Guerra Mundial, ganhando destaque durante a Guerra Fria.

Em contraposição, o termo *Brasil* é encontrado com pouca frequência no *Digest*, comportando apenas sete artigos nos anos selecionados. No caso de *Seleções*, o vocábulo segue a mesma trajetória de *Estados Unidos* na revista norte-americana, se torna mais recorrente com o passar dos anos, totalizando 37 artigos. A estratégia dos editores, ao que parece, foi introduzir em *Seleções* artigos que trouxessem à tona características dos norte-americanos, muitas vezes sem se referir, necessariamente, ao nome do país. Era através de artigos, por exemplo, sobre agricultura, cotidiano familiar, política internacional, economia, posicionamentos políticos pessoais, e principalmente sobre histórias pessoais, que o *Digest* era capaz de falar tanto ao local – os Estados Unidos –, quanto aos demais países em que o *RDA* atingiu, trazendo, direta ou indiretamente, características norte-americanas. Pode-se dizer que essa foi uma das formas como os artigos publicados em *Seleções* contribuíram para a construção de um imaginário sobre os Estados Unidos no Brasil.

Como salientado, um elemento que se destacou entre as temáticas apontadas foram as biografias ou narrativas individuais. Definitivamente, a ação do indivíduo, particularmente o do estrato médio, era central para ambas as revistas. O *Digest* e *Seleções*, ao longo dos anos destacados (1946-1948 e 1952-1954), publicaram, juntos, 859 artigos sobre o tema (conforme tabela 1). A proporção de tais publicações nas duas revistas apresentou certa disparidade,

foram 498 biografias no *Digest* e 362 em *Seleções*. Tal diferença pode ter relação com o fato de os *tipos inesquecíveis* versarem sobre temáticas e personagens muito localizadas (cotidiano das famílias do interior dos Estados Unidos, por exemplo), o que nem sempre seria um atrativo para o público brasileiro.

Um dos pontos concernentes ao presente trabalho ganha visibilidade quando comparamos os dados acima destacando as quantidades de narrativas sobre homens e mulheres publicadas em ambas as revistas (ver tabelas 4 e 5). Tanto no *Digest* quanto em *Seleções*, quase 90% dos artigos trataram da trajetória de sucesso e/ou superação de homens, enquanto o restante se dedicou a tratar de mulheres. Tais dados destacam que os editores de ambas as revistas buscavam nas narrativas masculinas uma forma de apresentar aquilo que julgavam permanente e digno de ser reproduzido como modelo. Mais do que isso, apesar do papel das mulheres nas revistas, a centralidade das temáticas e dos protagonistas pertencia majoritariamente ao homem. Não se apresentava como possibilidade, portanto, uma equidade entre homens e mulheres nas páginas dos periódicos.

	<i>DIGEST</i>		TOTAL	%
	1946-1948	1952-1954		
BIOGRAFIAS	310	188	498	100 %
Mulheres	24	30	54	10,8 %
Homens	286	158	444	89,2 %

Tabela 4 - Relação de biografias publicadas sobre mulheres e homens no *Digest* (1946-1948 e 1952-1954)

	<i>SELEÇÕES</i>			
BIOGRAFIAS	1946-1948	1952-1954	TOTAL	%
	167	195	362	100 %
Mulheres	12	30	42	11,6 %
Homens	155	165	320	88,4 %

Tabela 5 - Relação de biografias publicadas sobre mulheres e homens em *Seleções* (1946-1948 e 1952-1954)

Alguns temas foram preteridos para serem publicados na edição brasileira de forma tão intensa quanto eram publicados pela matriz norte-americana. Podemos destacar, por exemplo, que artigos que versavam sobre religião e sexualidade nem sempre encontravam ressonância fora da fronteiras nacionais, tendo em vista as diferenças culturais entre as duas nações. Podemos destacar que o *Digest* publicava um número bem maior de artigos que *Seleções* sobre: economia (nos anos destacados, respectivamente, 129 e 68), religião (98 e 39) e família (249 e 160). Tal disparidade de números reforça a proposição de que os artigos sobre a temática escolhidos para serem veiculados em *Seleções* deveriam seguir alguns padrões locais e nem todos os artigos, de fato, se mostravam “permanentes e atemporais” como pretendiam os editores do *RDA*. Embora alguns conteúdos circulassem nas duas culturas, nem todos os seus artigos tinham a mesma característica. Quando a busca nos *indexes* se deteve ao termo *mulher*, no *Digest* e em *Seleções*, os números encontrados assumem uma proporção diferente, mais equilibrada, foram, respectivamente, 27 e 28.

Por fim, dentre as mais diversas temáticas, dois elementos, abordados muitas vezes de forma indireta nos artigos, são recorrentes e aparecem em ambas as revistas apesar das diferenças de contextos entre Brasil e Estados Unidos: a família, primordialmente a de classe média, e os elementos a ela atrelados; e o consequente papel da mulher dentro dessa família. Como veremos nos próximos capítulos, tanto a classe média quanto o papel e as representações da mulher dentro da sociedade parecem ter assumido uma concepção ampla e

importante para os editores do *Digest* e de *Seleções*. Neste ponto, é preciso destacar que circulavam inúmeros artigos não apenas sobre a classe média e as mulheres, mas também artigos voltados para esses públicos, ou, dizendo de outra forma, artigos que se esperava que atingissem essa camada do público leitor. Esses artigos, ou a escolha por não os publicar, compõem parte das análises dos capítulos seguintes.

CAPÍTULO III – POSSIBILIDADES E LIMITES PARA A AMPLIAÇÃO DO LUGAR DAS MULHERES NOS ESTADOS UNIDOS: RELAÇÕES DE GÊNERO NA REVISTA NORTE-AMERICANA

*O problema das mulheres é que elas não tomaram o controle. Olhe a bagunça que os homens fizeram no mundo.*¹⁵⁸ – Frank Capra

A Segunda Guerra Mundial se mostrou determinante para que novas formas de organização social e política se efetivassem em diversas esferas da sociedade, tanto durante o conflito quanto nas décadas seguintes ao seu término. Como destacou John W. Jeffries, “para os afro-americanos e para as mulheres, a guerra desafiou papéis e normas antigas e serviu para estabelecer as bases para os direitos civis e os movimentos de mulheres do pós-guerra”.¹⁵⁹

A entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1941, marcou o momento em que muitas mulheres foram mobilizadas a ocupar os mais distintos postos de trabalho antes majoritariamente masculinos, principalmente dentro das indústrias, escritórios, comércio, uma vez que grande parte dos homens norte-americanos passou a ocupar os *fronts* de guerra na Europa e nas demais frentes de combate.

Muitas dessas mulheres que se apresentaram ao mercado de trabalho naquele momento, desde finais do século XIX e início do XX, já ocupavam

¹⁵⁸ *Reader's Digest* (Set. de 1947, p.74). No original: *The trouble with women is that they haven't taken over. Look at the mess the men have made in the world.*

¹⁵⁹ JEFFRIES, John W.. *Wartime America: The World War II Home Front*. Chicago: American Ways Series, 1996, p. 5. Jeffries aborda a discussão sobre distintas interpretações relacionadas às consequências da Segunda Guerra Mundial para os Estados Unidos, tratando tanto de uma parte da historiografia que compreende o momento como uma virada crucial nas condições políticas, econômicas e sociais da nação, quanto de um outro viés que visualiza a Segunda Guerra como um evento importante dentro de um contexto de transição que havia se iniciado desde os anos de 1930. A temática também é amplamente discutida em: WINKLER, Allan M.. *Home Front U.S.A.: America during World War II*. Illinois: Harlan Davidson, 2012.

diversos setores das indústrias, principalmente os têxteis. O conflito bélico, no entanto, acentuou as possibilidades e fez com que muitas se destacassem em postos anteriormente a elas vedados, como nos setores da indústria aérea e da indústria pesada, mas também em posições militares, particularmente as administrativas, em serviços de espionagem, além de serviços cotidianos em esferas administrativas e comerciais que deveriam continuar sendo realizados no cotidiano da nação e que seriam de extrema importância para o esforço de guerra. Entretanto, debateu-se o porte de armas por mulheres e chegou-se a cogitar em mulheres militares como lançadoras de baterias antiaéreas. Os postos de trabalho administrativos, no âmbito civil, dentro de escritórios, ganharam grande destaque neste momento e podem ter sido os mais representativos para o pós-guerra, uma vez que contribuíram para consolidar uma parcela do mercado no qual parte reduzida das mulheres, tendo-se em vista o contingente mobilizado, se mantiveram presentes após o término do conflito.¹⁶⁰

Essa entrada cada vez mais massiva das mulheres no mercado de trabalho e em espaços anteriormente pouco frequentados por elas é fundamental para o nosso propósito de compreender como os papéis representados por elas nas mais diversas áreas se modificaram de forma significativa a partir da Segunda Guerra Mundial, alterando, assim, configurações tradicionais dos papéis de mulheres, que se refletiram nas relações de gênero e nas formas de organização familiar.¹⁶¹

As mudanças sociais, políticas e econômicas que a guerra trouxe, bem como os deslocamentos dentro dos papéis de gênero tradicionais, converteram-se em uma arena de possíveis conflitos entre os mais distintos grupos sociais.¹⁶² Ao mesmo tempo em que representaram mudanças repentinas, o período marcou,

¹⁶⁰ Cf. JEFFRIES, John W.. 1996, p. 97.

¹⁶¹ CHAFE, William H.. *The paradox of change: american women in the 20th century*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

¹⁶² Cf. WINKLER, Allan M. 2012. Winkler destacou, também, as diferentes mobilizações e transformações vivenciadas por outros grupos étnicos e *outsiders*, tais como os nativo-americanos, os latinos, os chineses, os italianos, os japoneses, os judeus, compondo um cenário mais amplo dos deslocamentos ocorridos na sociedade norte-americana nos anos de guerra. Ibidem, p. 56-90.

também, a reorganização dos papéis de gênero e, em muitos casos, a tentativa de retomar antigos padrões e normas. Roger Chartier destacou que

as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.¹⁶³

Cabe compreender, portanto, de que forma tais projetos para o lugar da mulher foram veiculados pelas revistas; e quais os dispositivos e argumentos foram utilizados nos artigos para defender o deslocamento da mulher do lar ao universo do trabalho remunerado, principalmente na indústria e nos escritórios, e vice-versa.

O papel da mulher na sociedade ganhava novos contornos e, uma vez que se diferia de momentos históricos anteriores, o modo como os discursos e as propagandas de guerra foram apresentados e articulados principalmente pelos meios de comunicação demonstra o quanto foram necessárias rearticulações por parte destes setores, que mesmo alimentando em boa parte do tempo uma visão tradicional acerca da posição e do papel esperado dessas mulheres, precisou se lançar às possibilidades de novas perspectivas. De forma relacional e complexa alteraram-se, também, configurações sobre os papéis dos homens dentro da sociedade, o que impactou diretamente nos relacionamentos, na família, e nas formas de se compreender e vivenciar o corpo e as construções de gênero possíveis.

Grande parte dos norte-americanos foram para o *front* acreditando estar lutando pela defesa de seus princípios individuais, além de acreditarem que a virtude estava do seu lado. A propaganda construída pelo governo, à medida em que o país aumentava sua participação no conflito, buscou destacar a importância da mobilização dos mais diversos grupos sociais, inclusive da

¹⁶³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Portugal: Difel, 1990, p. 17.

população negra e das mulheres.¹⁶⁴ Importa ressaltar, entretanto, que a propaganda política que visava a mobilização das mulheres para o esforço de guerra privilegiava principalmente a mulher branca.

Neste sentido, a convocação dos homens para a luta nos *fronts* de batalha se tornou intensa. Na mesma direção caminhou a mobilização no chamado *homefront*, que compreendia o esforço de guerra por parte dos civis internamente para contribuir com aqueles que partiam para o conflito além das fronteiras nacionais, ou seja, o envolvimento dos civis em manterem as demandas do *front* de combate e do próprio país interiormente. Muitas mulheres norte-americanas e britânicas contribuíram nos *fronts* de guerra, ainda que possuíssem a limitação de não poderem portar e utilizar armas. Apesar de, como veremos, a guerra possibilitar novos papéis para as mulheres norte-americanas, nos parece claro que o porte de armas em combate ainda se manteve como um posicionamento de gênero que distinguia a participação de homens e mulheres ao longo do conflito. A posse de armas, se mantinha, neste sentido, uma clara demarcação de masculinidade, mesmo em uma situação tão dramática quanto a guerra. Reforçava-se, portanto, um importante elemento do mundo ocidental, mas não restrito a ele como sabemos, o de que cabia aos homens exercer a função de proteção da nação e de suas famílias.

Para Allan Winkler, a mobilização norte-americana em todos as frentes foi, em geral, bem-sucedida pois esteve ancorada, também, nos interesses econômicos dos mais diferentes setores de negócios, além de contar com a aceitação da população civil em compor a força de trabalho necessária nas indústrias, comércio e, também, no campo.¹⁶⁵ Neste cenário, para contribuir com a mobilização e a alocação dos trabalhadores nos setores produtivos, foi criada,

¹⁶⁴ JEFFRIES, John W.. 1996. A importância da propaganda de guerra também foi abordada por Allan Winkler em *The Politics of Propaganda: The Office of War Information*. Sobre o assunto, Allan Winkley destacou que a “propaganda proporcionou um meio através do qual a nação exaltou o seu povo e definiu as prioridades para os outros em todo o mundo. WINKLER, Allan. 2012, p. 34.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 16.

em 1942, a *War Manpower Commission* (WMC – Comissão de Recursos Humanos de Guerra).¹⁶⁶

A guerra mobilizou a participação feminina em outros contextos também, tanto do lado dos Aliados, quanto nos países do Eixo, principalmente na Alemanha. A mobilização das mulheres ganhou grande repercussão e assumiu diferenciados formatos em cada país. O historiador D'Ann Campbell procurou discutir como se deu a participação das mulheres norte-americanas, britânicas, alemãs e soviéticas no conflito. Campbell destaca que, de forma geral, com exceção das mulheres soviéticas, as mulheres dos demais participantes do conflito não foram autorizadas, como destacado, a pegar em armas, mesmo que em alguns casos tenham sido treinadas para tais situações.¹⁶⁷ Nesse sentido, pode-se dizer que não participaram do combate efetivo, corpo a corpo, mas ficavam em acampamentos próximos contribuindo em questões administrativas ou de saúde. Em outras palavras, em funções em que assessoravam os homens e cuidando de feridos.

Ainda que tenha ocorrido um grande avanço na participação das mulheres dentro das forças armadas, sua participação esteve restrita a certas condições que se mantiveram intactas dentro da ordem militar. Intensificou-se a participação das enfermeiras e das mulheres que exerceram efetivo e sistemático trabalho burocrático dentro do corpo militar. Campbell destacou que “formar soldados mulheres foi o mais dramático experimento governamental na mudança de

¹⁶⁶ WINKLER, Allan. 2012, p. 21.

¹⁶⁷ CAMPBELL, D'Ann. Women in combat: The World War II Experience in the United States, Great Britain, Germany, and the Soviet Union. In: *The Journal of Military History*, vol. 57, nº2 (abr., de 1993), p. 301-23. Como apontou Campbell, “a classificação de não combatente que preocupava os norte-americanos, britânicos e alemães se mostrou um luxo inacessível para os soviéticos.” Ibidem, p. 319. Para o caso das mulheres alemãs, cabe destacar, também, o trabalho de NELSON, Cortney, “*Our Weapon is the Wooden Spoon: Motherhood, Racism, and War: The Diverse Roles of Women in Nazi Germany*” (2014). Dissertação (Mestrado em História) – East Tennessee State University. Tennessee, p. 103. 2014. Acesso em: <https://dc.etsu.edu/etd/2448>. Nelson aborda a participação das mulheres alemãs e destaca a participação de algumas mulheres na construção de modelos de participação do regime Nazista, como por exemplo as figuras de Eva Braun, Magda Goebbels e Gertrud Scholtz-Klink

papéis sexuais tradicionais já tentado”.¹⁶⁸ Importante ressaltar, ainda, que diversas mulheres atuaram na aviação (na indústria e em alguns casos como pilotas civis) e na espionagem. Apesar disso, não adentravam o campo de batalha, tampouco detinham o porte de armas, condições que se apresentam como elementos decisivos para uma distinção clara entre os gêneros, tanto por parte do governo, como pela opinião pública.

O modo como estas (re)configurações foram apresentadas no *Digest* – e posteriormente em *Seleções*, como discutiremos no capítulo cinco – pode fornecer importantes noções para se compreender questões que ganharam corpo durante a Segunda Guerra e que nas décadas seguintes ganhariam destaque, como a ascensão e conformação de uma classe média defendida como universal nos Estados Unidos, que seria propulsora para uma difusão ainda maior do *american way of life* em todo o mundo. Dentro dessa proposta, como veremos, o *Digest* intercedeu pelo papel da mulher na sociedade, após 1940, acompanhando os direcionamentos do governo, num trabalho mobilizador para o qual a revista, e outros periódicos, não evitou esforços. O *Digest*, como um meio de imprensa, agiu, neste sentido, como bem pontuaram Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, ao tratarem de periódico do contexto brasileiro: “fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”.¹⁶⁹

O *Digest*, em primeiro lugar, gastou muita tinta para mobilizar as mulheres para o esforço de guerra: defendendo que elas atuassem dentro dos Estados Unidos, como civis no *homefront*, ocupando os lugares dos homens enquanto eles estavam na frente de batalha, mas também fora do país, como militares (em serviços administrativos) nos *fronts* de guerra, nos escritórios, auxiliando na linha de frente, em grande parte atuando como enfermeiras. Com

¹⁶⁸ CAMPBELL, D’Ann. 1993, p. 302.

¹⁶⁹ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980, p. XIX.

o fim da guerra, e o retorno dos combatentes, a revista passou a defender, com exceções, o retorno da mulher ao trabalho doméstico, num esforço sem precedentes de desmobilização. Houve mulheres que concordaram e as que não mais se adaptaram ao universo tradicional, ainda que a relação entre homens e mulheres permanecesse desigual. De qualquer forma, as mudanças impostas pela Segunda Guerra Mundial mudaram de forma definitiva o lugar das mulheres nos Estados Unidos, abrindo espaço, inclusive, para os movimentos feministas dos anos 1960 e 1970.

Neste sentido, podemos concordar com a colocação de Judy Litoff e David Smith, que ponturam que “de fato, o legado da Segunda Guerra Mundial inspirou uma nova geração de mulheres – as filhas de nossos antepassados da Segunda Guerra Mundial – a exigir maior igualdade para as mulheres no local de trabalho e na sociedade como um todo.”¹⁷⁰

3.1 – *Reader’s Digest*: mobilizando mulheres para a Segunda Guerra Mundial

3.1.1 – Do trabalho no lar ao mercado de trabalho nos Estados Unidos

Após o início da Segunda Guerra Mundial na Europa, com o avanço das tropas de Hitler sobre a Polônia, em 1939, a revista norte-americana *Reader’s Digest* passou a apresentar intensamente, através de diferentes artigos, a forma como a guerra se desenrolava. Ainda que os Estados Unidos se mantivessem em uma postura de não alinhamento em relação aos países que se confrontavam, os artigos, grosso modo, já se detinham a apresentar os lados de forma parcial.¹⁷¹ O

¹⁷⁰ LITOFF, Judy Barrett; SMITH, David C.. American Women in a World at War. IN: *OAH Magazine of History*, Vol. 16, No. 3, World War II Homefront (primavera, 2002), p. 7-12.

¹⁷¹ Neste contexto, o *Digest* se dedicava a apresentar de forma negativa tanto os países, como Alemanha, Itália e Japão, quanto personagens importantes dentro do conflito, tais como Hitler, Mussolini e outras lideranças de relevantes quadros do Eixo. A União Soviética comumente foi

avanço alemão era visto como um possível problema à democracia e liberdade defendidas pela nação norte-americana, ainda que existissem simpatizantes nazistas no país. Porém, as disputas internas sobre a entrada ou não do país no conflito adiaram a sua participação efetiva até finais de 1941.

Com a entrada definitiva dos norte-americanos na guerra, o *Digest* adotou abertamente uma linha editorial que versava diretamente sobre o contexto, trazendo artigos que reforçavam o projeto político do esforço de guerra do qual a revista fazia parte. O que a revista não deixa de destacar, também, é que a organização dos papéis desempenhados pelas mulheres, seja no trabalho ou na organização doméstica, eram fundamentais para o sucesso dos Aliados, agora liderados pelos Estados Unidos, contra a ameaça que o Eixo representava.¹⁷² Como aponta Mary Anne Junqueira,

a guerra foi um divisor de águas para os Estados Unidos. A partir de então, o país abandonou o tão falado isolacionismo e se posicionou como líder internacional, vencedor absoluto do conflito. Se antes os Estados Unidos estavam voltados para dentro, debatendo seus problemas econômicos e as divisões internas, ao final da guerra falava-se em unidade interna e responsabilidades internacionais.¹⁷³

Os artigos publicados pelo *Digest* naquele contexto ressaltavam a necessidade do trabalho feminino e da contribuição das mulheres no *homefront*. Nesse momento, muitas delas precisaram lidar com a mudança de uma estrutura de vida que havia acabado de se reorganizar após os anos de Depressão e da reestruturação implementada pelas medidas adotadas pelo *New Deal*. Ainda

apresentada de forma comedida, destacando-se sua importância para o conflito, mas ressaltando-se a preocupação que aquela nação causava e poderia suscitar no pós-guerra aos Estados Unidos.

¹⁷² Sobre a mulher, sua participação no conflito, e o contexto da Segunda Guerra Mundial, ver: HARTMANN, Susan M.. *The Home Front and Beyond: American Women in the 1940s*. Boston: Twayne Publishers, 1982; MAY, Elaine Tyler. *Homeward Bound: American families in the cold war era*. New York: Basic Books, 2008; WEATHERFORD, Doris. *American Women and World War II*. New York: Castle books, 2008; YELLIN, Emily. *Our mother's war: American women at Home and at the Front during the World War II*. New York: Simon and Schuster, 2004.

¹⁷³ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 147.

assim, as mulheres tiveram uma participação indispensável para o sucesso dos Aliados no *front* de guerra, uma vez que tiveram um papel fundamental na organização e manutenção social dos Estados Unidos ao longo dos anos de conflito. Reiterando o já mencionado e segundo Susan Hartmann,

os acontecimentos críticos dos anos 40 remodelaram a vida das mulheres de muitas maneiras, assim como aconteceu com a dos homens. Como membros de uma família, as mulheres se beneficiaram da explosão econômica induzida pela Guerra e, como trabalhadoras, elas desfrutaram de oportunidades de emprego sem precedentes. A propaganda do governo salientou a importância crucial das mulheres no esforço de guerra e os novos controles dos governos impuseram restrições às escolhas econômicas tanto das mulheres quanto dos homens. Embora as mulheres não estivessem sujeitas ao recrutamento, a Segunda Guerra Mundial deu-lhes a primeira oportunidade de servir como membros regulares das forças armadas.¹⁷⁴

A publicização da mobilização das mulheres para participarem do esforço de guerra apareceu de diversas formas na revista norte-americana, uma vez que o *RDA*, desde o início do conflito, havia se convertido em um aliado do governo norte-americano para a divulgação de publicidade governamental. A mais direta, no entanto, veio em fevereiro de 1943, quando no artigo de título *You will be mobilized (Você será mobilizado)*, Harry Hopkins, ex-secretário de comércio de Franklin D. Roosevelt e importante figura nas relações com a Inglaterra durante os anos de guerra, destacou que:

nós devemos utilizar nosso poderio feminino até um ponto nunca sonhado antes na América. Na Rússia as mulheres estão lutando; atrás das linhas elas estão fazendo o trabalho dos homens. Esta é uma das razões pelas quais o exército russo tem tido uma performance tão magnífica. Recentemente eu estive em um navio comercial russo em um porto americano e a capitã e 47 dos 50 tripulantes eram mulheres. Eu não acredito em mandar as mulheres para a batalha. Mas acredito que elas possam manejar armas antiaéreas em todas as nossas cidades costeiras. Algumas podem se ferir, assim como as enfermeiras se feriram em Corregidor, mas homens e mulheres estão juntos nesta

¹⁷⁴ HARTMANN, Susan M.. 1982, p. 15.

guerra. Milhares de mulheres em empregos, agora considerados não-essenciais, precisaram mudar de empregos. Milhões de pessoas sem emprego precisaram trabalhar. Mulheres que não podiam trabalhar em fábricas e lojas passam a desempenhar tarefas igualmente essenciais, tais como cuidar de crianças cujas mães estão nas fábricas de munição. Enfermeiras que se casaram e se aposentaram têm que retomar suas profissões. [...] Esta é uma Guerra em que todos nós precisamos lutar lado a lado, civis e militares, homens e mulheres, Russos, Britânicos, Chineses. Um esforço comum levantará nossa moral. Tornaremos-nos uma nação invencível.¹⁷⁵

Figura 5: Reader's Digest, fevereiro de 1943, p. 7.

¹⁷⁵ *Reader's Digest* (Fev. de 1943, p. 7-10). No original: *We must use our womanpower to an extent heretofore undreamed of in America. In Russia, women are fighting in battle; behind the lines they are doing men's work. That's one reason why the Russian army has performed so magnificently. I was recently on a Russian merchant ship in an American port and the captain and 47 of the crew of 50 were women. I don't believe in sending women into battle. But I do believe they can man anti-aircraft guns in all our coastal cities. Some may be wounded, as nurses were wounded at Corregidor, but men and women are in this war together. Thousands of women now in non-essential work must change their jobs. Millions not now in jobs must go to work. Those women who cannot work in factories and shops will perform such essential tasks as caring for children whose mothers are working in munitions plants. Nurses who have married and retired must resume their profession. [...] This is a war in which all of us must fight side by side, civilians and military, men and women, Russians, British, Chinese. A united effort will lift us spiritually. We will become an undefeatable nation.*

Importante destacar primeiramente que os russos e chineses são vistos sem maiores desqualificações ao lado dos britânicos no esforço de guerra, posição que mudou significativamente no pós-guerra. O texto do artigo não esconde o entusiasmo: as portas do mercado de trabalho se abriam para as mulheres: elas poderiam entrar no esforço de guerra atuando nas indústrias, escritórios, comércio, dentre outras atividades, mas também atuando na defesa interna. De forma mais modesta, poderiam inclusive atuar em algumas operações militares, mas não em situações efetivas de combate. Neste sentido, os papéis tradicionais atribuídos a elas começavam a se deslocar, alterando, em certa medida, a ordenação social de gênero que preponderava até aquele momento na sociedade norte-americana: a que representava a mulher de forma tradicional enquanto esposa e mãe, devotada ao lar e aos afazeres domésticos.

Tais transformações e deslocamentos dentro da sociedade podem ser percebidos ao se analisar um dos artigos publicados pelo *Digest* que destacava que, ao procurar por formas de contribuir com o esforço de guerra, uma mulher

surpreendia-se com a quantidade de empregos disponíveis. O escritório da Defesa Civil listou 208 atividades que precisavam ser executadas. As mulheres podiam atuar como guardiãs de ataques aéreos, motoristas de ambulância, auxiliares de bombeiros, enfermeiras, médicos especialistas em dietas, ou organizar escolas para crianças cujas mães estavam trabalhando em postos de defesa. Algumas puderam preencher postos técnicos no exército e na marinha. As necessidades eram ilimitadas.¹⁷⁶

Com as necessidades do país aumentando, cabia, então, às mulheres o dever de contribuir com o esforço de guerra, ainda que essas possibilidades de atuação não pudessem ser comparadas às dadas aos homens, inclusive pelo fato de estes manterem a maior parte dos cargos de chefia e organização, mesmo em espaços em que predominava o trabalho realizado por mulheres. Parte desses postos de trabalho se manteriam abertos a elas com o término do conflito, enquanto outros

¹⁷⁶ *Reader's Digest* (Mai. de 1942, p. 27).

voltaram a ser destinados exclusivamente aos homens, principalmente aqueles de maior destaque e rentabilidade.

A abordagem adotada pelo *Digest* abarcou diferentes formas de mobilização dessas mulheres, o que pode ser evidenciado com um texto publicado em julho de 1943, escrito por Dorothy Parker, e intitulado *Are we women or are we mice? (Somos mulheres ou ratos?)*.¹⁷⁷ Em seu artigo, a escritora norte-americana abordou as mulheres em uma outra perspectiva: a de que não deveriam se recusar a assumir trabalhos remunerados, ou seja, a participação deveria ser efetiva e não apenas restrita a ações voluntárias esporádicas. A publicação ganhou grande repercussão nos Estados Unidos e suscitou posições a favor e também contrárias. De acordo com Melissa McEuan, o artigo primeiramente havia sido rejeitado por um dos editores do *Digest*, no entanto, posteriormente a revista acabou publicando a versão em questão, em um formato reduzido. A negativa inicial dos editores do *Digest* se tornou de conhecimento do governo norte-americano e segundo McEuan:

Mary Brewster White na Comissão Americana de Mão de Obra para Guerra (WMC) queria que “a literatura do tipo ‘esprema-os’ [a que fizesse intensa pressão] circulasse com a maior abrangência possível” e tentou colocar esse ensaio em revistas nacionais para leitores em geral. Quando foi inicialmente rejeitada pelo editor do *Reader's Digest*, que o considerou “especializado demais” para seus leitores, White concluiu: “Parece-me que quase todo o país se especializou, brilhantemente, em mal-entendidos quanto à mão de obra feminina. Uma olhada rápida em alguns egos femininos bem escolhidos ajudaria bastante”. No verão de 1943, a mobilização trabalhista [das mulheres] continuou, mas não na velocidade que os oficiais do governo norte-americano esperavam. As questões levantadas pelas agências iam desde “De quem é a culpa?” até “Como elas podem ser trazidas a bordo?”. Uma pessoa, respondendo ao texto de White, salientou, “é bem possível que uma parte significativa do corpo editorial da revista

¹⁷⁷ *Reader's Digest* (Jul. de 1943, p. 71-72). Dorothy Parker (1893-1967) foi uma importante escritora, poetisa, jornalista roteirista e crítica norte-americana. Escreveu para importantes revistas como *Vanity Fair* e *The New Yorker*. Polêmica, teve grande destaque no cenário cultural norte-americano da primeira metade do século XX.

compartilhe secretamente da opinião de que as mulheres de uniforme ou macacão estão traindo o seu sexo.”¹⁷⁸

O artigo de Dorothy Parker que instava as mulheres a participarem de forma abrangente no esforço de guerra, colocava em xeque a sociedade norte-americana que, diante das transformações que o conflito começava a instaurar no corpo social, apresentava suas contradições e resistências. O texto de Parker que criticava as mulheres que não se mobilizavam e que argumentavam que gostariam de fazer mais dizendo “se ao menos pudesse ser um homem por este período!”¹⁷⁹, parece ter consternado uma parcela do público leitor, inclusive dos editores, uma vez que sugere que

ela poderia dar um jeito. Poderia ser um homem durante aquele período. Ela não só poderia ser um homem, como era seu dever ser um. Eu não quero dizer que ela deveria se comportar como aqueles atletas olímpicos que costumavam trocar de sexo. O que quero dizer é que agora a mulher poderia tomar o emprego de um homem, já que este homem precisava assumir uma posição mais extrema. O seu governo pedia isso a ela. Esta é a parte da mulher na vitória desta Guerra.¹⁸⁰

Os editores do *Digest* não devem ter gostado desta posição. Temporariamente, então, a mulher poderia “ser como o homem”, adentrar o mundo do trabalho remunerado fora do lar, ainda que a desigualdade entre uns e outras permanecessem, embora não citada pela revista, já que a imprensa geralmente abria apenas aqui e ali espaço para algumas autoras denunciarem as diferenças de lugares na sociedade. Neste sentido, fica apontado que as atribuições do mundo do trabalho definiam e destacavam as caracterizações de gênero.

¹⁷⁸ MCEUEN, Melissa A. *Making War, Making Women: Femininity and Duty on the American Home Front, 1941-1945*. USA: University of Georgia Press, 2010, p. 178, grifos do original.

¹⁷⁹ *Reader's Digest* (Jul. de 1943, p. 71).

¹⁸⁰ Ibidem. No original: *she could get her wish like a shot. She could be a man for the duration. She not only could be, but it is her duty to be. I don't mean that she should behave like those Olympic athletes who used to keep changing sexes in midstream. I mean that right now she could take a man's job, for that man must go on to fill a sterner position. Her government asks her to do it. That is her part in winning this war.*

É importante ressaltar que, neste cenário, revistas como o *Digest* foram fundamentais ao governo norte-americano, uma vez que conseguiram mediar tais conflitos no *homefront* e, apesar de não concordarem muitas vezes com as condições que se apresentavam no cenário de guerra, publicizaram as demandas governamentais, tornando-as legítimas diante do público leitor. Como sugere o artigo em seu término, “não haverá um uniforme sofisticado. [...] porque você estará desempenhando um grande trabalho no maior de todos os trabalhos – salvar o futuro.”¹⁸¹ Como veremos, garantir o futuro, para as mulheres, representaria manter a possibilidade de reestabelecimento das antigas estruturas, o retorno dos homens, a constituição de uma família e a reocupação de seus antigos papéis sociais. Se a autora se questiona, “pelo amor de Deus, somos mulheres ou ratos?”, não resta dúvidas de que, mais uma vez, as mulheres demonstravam que poderiam ter um papel relevante, ainda que essa escolha estivesse estritamente relacionada a um conservadorismo de papéis e espaços.

Ainda que houvesse a possibilidade de autonomia que um salário poderia trazer às mulheres, deve-se perguntar se trabalhos como rebitadoras ou datilógrafas eram, de fato, estimulantes às trabalhadoras da época. Note-se que muitas, como hoje, passaram à dupla jornada. Uma mulher sem filhos poderia se engajar no esforço de guerra, mas, e uma mãe de família, com quem deixaria seus filhos?

Entretanto, isso foi pouco contemplado pelo *Digest*. A revista parece ter trabalhado com a perspectiva de que a mobilização incluía a possibilidade de que algumas mulheres se dedicassem a cuidar dos filhos daquelas mulheres que ocuparam posições de trabalho fora do lar.

¹⁸¹ *Reader's Digest* (Jul. de 1943, p. 72). No original: *there won't be any chic uniform. [...] For you will be doing great work in the greatest of all works – the saving of the future.*

3.1.2 – As mulheres vestem o uniforme: *WAC's* no *front* de guerra

*Há tantas mulheres no exército agora que quando um soldado vê um uniforme descendo a rua, ele tem que esperar até chegar mais perto para saber se bate continência ou assobia. Bob Hope (NBC)*¹⁸²

*Na África do Norte, um policial militar parou uma mulher da corporação do exército de mulheres porque ela não bateu continência a um grupo de segundos tenentes. “Você teria batido continência”, ela pergunta, “se eles o tivessem chamado de “inútil?” Walter Winchell*¹⁸³

Apesar das novas possibilidades apresentadas, a participação das mulheres norte-americanas em situações de guerra não era tão incomum quanto poderia parecer. Desde a Guerra Civil (1861-1865) ocorrida nos Estados Unidos, as mulheres participavam dos conflitos, trabalhando como enfermeiras, principalmente, mas também como cozinheiras, dentre outras funções subalternas, exercendo papéis e atribuições necessárias ao andamento das atividades militares.

Após serem convocadas a contribuírem com os esforços de guerra ao longo da Segunda Guerra Mundial, essa participação, nas mais diferentes ocupações, precisou mais uma vez ser afirmada, legitimada diante da sociedade, especialmente porque o que também se acreditava estar em jogo era a manutenção de sua feminilidade que, apesar dos novos papéis assumidos, precisava ser garantida, principalmente àquelas que se alistaram para ocupar cargos dentro das forças armadas.

¹⁸² *Reader's Digest* (Set. de 1943, p. 82). No original: *There are so many women in the army now that when a soldier sees a uniform coming down the street he has to wait till it gets within 20 feet before he knows whether to salute or whistle.*

¹⁸³ *Reader's Digest* (Mar. de 1944, p. 31). No original: *In North Africa, an MP`stopped a Wac because she failed to salute a group of second lieutenants. “Would you have saluted,” she snapped, “if they had called you ‘Toots?’”*

Para estas últimas, pode-se dizer que a participação durante a Segunda Guerra Mundial foi mais intensa e significou mudanças substanciais, como o fato de que “elas foram utilizadas em *quase todas* as atividades de combate e alcançaram status permanente, regular no contexto militar”, diferentemente do ocorrido na Primeira Guerra Mundial, quando as mulheres dos Estados Unidos participaram apenas como enfermeiras e não tiveram a possibilidade de serem incorporadas às forças armadas após o conflito.¹⁸⁴

Esta participação na Segunda Guerra Mundial esteve concentrada em algumas unidades especiais, como *Women's Airforce Service Pilots* (WASP), nas Forças Aéreas, como aviadoras civis; *Women's Army Corps* (WAC, inicialmente o grupo foi denominado *Women's Army Auxiliary Corps - WAAC*), na Marinha; através do *Women Accepted for Volunteer Emergency Service* (WAVES), *Marine Corps Women's Reserve* (MCWR), na Guarda-Costeira (*SPARS*); e como enfermeiras tanto na *Army Nurse Corps* (ANC), quanto na *Navy Nurse Corps* (NNC). No entanto, as unidades que encontraram pouca resistência social diante da mobilização das mulheres foram, mais uma vez, as que as colocavam como enfermeiras, profissão a elas historicamente associada, que de forma essencializada as creditavam como detentoras naturais da habilidade do cuidado.

O *Digest* dedicou especial atenção ao *Women's Army Auxiliary Corps - WAAC*: as únicas mulheres a comporem, a partir de 1942, de forma efetiva, os quadros do exército e a participarem diretamente no *front* de guerra, e que foram de extrema importância ao longo do conflito, servindo desde funções de escritório até a indicada atuação na enfermagem. Com o avanço do conflito e com dificuldades de organizar e administrar um grupo de auxílio, o governo dos Estados Unidos, em 1943, mudou a categorização das *WAAC*, concedendo status

¹⁸⁴ HARTMANN, Susan. 1982, p. 31, grifos acrescentados. Apesar de participarem de muitas atividades dentro do esforço de Guerra e mesmo no *Front* de guerra, as mulheres, como já destacado, não podiam portar armas, nem atuar em confronto direto.

de militar para o agrupamento, que passou a ser denominado apenas de *Women's Army Corps (WAC)*.¹⁸⁵

O grupo, assim como outros setores organizados de mulheres mobilizadas, sofreu inúmeras críticas de civis e de setores militares masculinos (ainda que muitos apoiassem os agrupamentos femininos) ao longo da guerra, sendo, por vezes, acusado de levar as mulheres a perderem sua “feminilidade” e até de cometerem atos considerados lascivos, por exemplo. Para muitos, as mulheres poderiam ajudar as forças armadas, mas não se tornarem militares como um corpo específico dessas unidades, mesmo atuando majoritariamente na parte administrativa e nos espaços da enfermaria. Inúmeros comentários provinham, também, de setores masculinos dentro das forças armadas, que insinuavam que a contribuição das mulheres dentro das corporações poderia (ou deveria) vir através de favores sexuais.¹⁸⁶

De qualquer modo, a sexualidade da mulher que adentrava as forças armadas era intensamente condenada, fosse ao ser acusada de comportamento masculinizante e de ser lésbica, ou por manter uma conduta heterossexual destoante dos padrões moralizantes e tradicionais ainda em vigor, mesmo em tempos de completa instabilidade social. Nesse sentido, mais uma vez, um olhar condenatório, principalmente de homens, mas também das próprias mulheres, imperava sobre a moralidade e o julgamento social.

¹⁸⁵ Para maiores detalhes sobre a participação das *WAC's* no conflito, ver: WEATHERFORD, Doris. *The military woman*. In: WEATHERFORD, Doris. 2008. YELLIN, Emily. *This man's Army: Wacs*. In YELLIN, Emily. 2004. HARTMANN, Susan. 1982.

¹⁸⁶ Segundo Susan Hartmann, “nos poucos casos em que militares homens e mulheres foram considerados culpados conjuntamente por má conduta sexual, as mulheres foram punidas de maneira mais severa”. Ibidem, 1982, p. 39. A temática da importância da manutenção da feminilidade e da promiscuidade também foi abordada no, já mencionado, estudo de D'Ann Campbell, que concluiu que o medo diante da opinião pública foi decisivo para que o general George C. Marshall colocasse um fim ao experimento que havia sido conduzido para uma tentativa de utilizar as WACS em combate. Segundo Campbell, “Marshall tomou a decisão. Ele encerrou o experimento, transferiu as WACS, ordenou que os resultados fossem mantidos confidenciais e nunca pensou em usar as mulheres em combate novamente. A América havia traçado a linha do gênero. Se a decisão tivesse sido tomada exclusivamente com base na eficiência e no desempenho, as mulheres teriam sido designadas para as baterias AA. Baseava-se mais nas necessidades atuais do Exército para mulheres trabalhadoras, no estado da opinião pública e na hostilidade geral em relação às mulheres em papéis de gênero não tradicionais em 1943.” CAMPBELL, D' Ann. 1993, p. 306.

Na esteira dessa rotulação de mulheres do grupo como masculinizadas, em diversos meios, sua participação no embate foi questionada. No entanto, o governo norte-americano, através de uma ampla política de publicidade para as *WAC*, se preocupou em destacar sua importância e comprometimento, além de reforçar a concepção de que as mulheres que se alistavam se mantinham “tão femininas quanto antes do alistamento, e que, de fato, elas desenvolveram um novo charme”.¹⁸⁷

O *Digest*, mais uma vez servindo como um meio de publicidade e porta-voz das políticas governamentais, apresentou as *WAC* em um artigo de título *Ladies of the Army (Moças do Exército)*, e assim as descreveu:

o motivo por trás dos alistamentos é um homem nas forças armadas. Namoradas, esposas, mães e filhas desejam compartilhar as experiências de guerra com seus homens em serviço militar. Em seus alojamentos, onde é permitido às militares terem três fotos, fotos de homens ultrapassam as demais em uma proporção de duas para uma. Mas não há estrelas de cinema. Todas as fotos estão lá por parentesco – de sangue ou do coração.

As Wacs são boas soldadas, mas no temperamento ainda são femininas [...] E depois da guerra? A maioria das Wacs, claro, quer se casar e se tornar mãe. Algumas planejam trabalhar nas áreas para as quais foram treinadas na corporação. Muitas querem permanecer na corporação e participar da grande reconstrução do pós-guerra no exterior. Elas acreditam que é apropriado que a mão de uma mulher alimente as crianças famintas da Europa.¹⁸⁸

O artigo deixa clara a intenção de reafirmar que, apesar de comporem as forças armadas e participarem ativamente no *front* de guerra, essas mulheres não perderam sua “feminilidade”, ainda eram motivadas pela paixão e pelo sonho do

¹⁸⁷ HARTMANN, Susan. 1982, p. 42, grifos do original.

¹⁸⁸ *Reader's Digest* (Mai. de 1943, p. 85-88). No original: *the reason behind most enlistments is a man in the armed forces. Sweethearts, wives, mothers and daughters long to share wartime experiences with their men in uniform. In barracks, where the Waac is allowed to put up three pictures, photographs of men outnumber others better than two to one. But there are no movie stars. Every picture is there by right of kinship – either blood or heart. The Wacs are good soldiers, but in temperament they are still feminine. [...] And after the war? Most Wacs, of course, look forward to marriage and motherhood. Some plan to work at jobs for which they have been trained in the Corps. And many want to stay in the Corps and take part in the big postwar reconstruction job overseas. They think there is something appropriate in a woman's hand feeding the hungry children of Europe.*

Figura 6: *Reader's Digest*, maio de 1943, p. 85.

casamento, além de estarem atreladas à lógica da família.¹⁸⁹ A ideia de que a mulher pudesse escolher se dedicar apenas a sua vida profissional ou não se casar e não ter filhos não passava pelas normas da época, o que era reafirmado pelas revistas do *RDA*. As que se dedicassem às atividades do pós-guerra

¹⁸⁹ O artigo foi reproduzido em *Seleções* na edição de agosto de 1943 com o título de *Mulheres em passo de marcha*. A versão em português anunciava que "as WAC's são bem femininas, mas nem por isto deixam de ser bons soldados". (*Seleções do Reader's Digest*, Ago. de 1943, p. 54) *Seleções* já havia publicado, em junho de 1943, um artigo intitulado *Mulheres de armas da América*, que abordava a participação das mulheres norte-americanas no esforço de guerra. O artigo tratou das mulheres que ocupavam cargos de operárias na Intendência de Armamentos. (*Seleções do Reader's Digest*, Jun. de 1943, p. 71-73)

assumiriam funções relacionadas ao inerente senso materno, como alimentar crianças famintas e fazer trabalhos voluntários. Mesmo que a revista tornasse pública a mobilização das mulheres nos anos de guerra, ela já prenunciava que, no futuro, em anos de paz, a participação da mulher e o seu papel dentro da sociedade estaria condicionado aos tradicionais papéis de gênero.

Reitera-se a preocupação com o lugar da mulher no pós-guerra, já defendendo o retorno ao lar ou a atividades condizentes com os padrões sociais, como aponta o final do texto: “participar da grande reconstrução do pós-guerra no exterior. Elas acreditam que é apropriado que a mão de uma mulher alimente as crianças famintas da Europa.”¹⁹⁰ Apesar do espaço que coube à mulher, novamente os eixos da sua atuação estavam marcados, aqui como quem cuida das crianças, mesmo europeias. Indicava o lugar hegemônico que os Estados Unidos passaram a assumir. Caberia às mulheres, portanto, entenderem, ainda nos anos de guerra, as condições existentes para que tais deslocamentos pudessem ser permitidos.

Em um artigo intitulado *American Women in the war* (*As mulheres americanas na guerra*), de janeiro de 1944, Eleanor Roosevelt exalta a contribuição das mulheres no esforço de guerra, seja no campo de batalha, com as *WAC's*, seja no *homefront*.¹⁹¹ A primeira dama norte-americana destaca a contribuição das enfermeiras, das mulheres que adentraram à indústria, mas também daquelas que se dedicaram a manter as atividades rotineiras da nação funcionando, inclusive o lar. Eleanor Roosevelt questiona o fato de que a possibilidade de contribuição das mulheres nos *fronts* de guerra era limitada, uma vez que não participavam dos combates, sugerindo que estas poderiam atuar de forma mais intensa:

¹⁹⁰ *Reader's Digest* (Mai. de 1943, p. 88).

¹⁹¹ O artigo foi publicado em *Seleções* no mês de abril de 1944 com o título de *Mulheres da América ao serviço da vitória*. A tradução do artigo simplifica algumas colocações de Eleanor Roosevelt, por este motivo optei por realizar uma tradução do material original publicado pelo *Digest*.

até agora somente as Wacs puderam ir para o exterior. Isso me parece ridículo. Esta restrição das atividades dos nossos outros serviços militares femininos não é devido a nenhum sentimento do congresso ou das autoridades militares de que as mulheres não podem realizar este trabalho. É devido, ao invés disso, a um falso cavalheirismo que insiste que as mulheres devem ser protegidas dos perigos e dificuldades da guerra, mesmo contra sua vontade. Algumas mulheres aceitam este ponto de vista, mas eu acredito que a maioria de nós preferiria compartilhar integralmente as experiências dos homens.¹⁹²

A primeira dama rejeitava a tutela masculina e acrescentava que essa participação mais ampla e efetiva seria produtiva para o pós-guerra, uma vez que homens e mulheres seriam capazes de se reajustar melhor por terem partilhado de experiências semelhantes. Ao se referir às mulheres que se mantiveram no lar, cuidando do *homefront*, Eleanor Roosevelt comenta que: “as muitas centenas de mulheres que não estão fazendo nenhum trabalho incomum, mas estão cuidando de suas casas calma e eficientemente, estão contribuindo mais para o esforço de guerra do que imaginam”.¹⁹³

Ainda que esses artigos versassem basicamente sobre a participação geral das mulheres, a mobilização, de forma discursiva e pelas propagandas de guerra, buscava abarcar através do discurso as mulheres brancas e de setores médios da sociedade. A participação das mulheres negras não é destacada no esforço de guerra, nem o *Reader's Digest* era dirigido ao negro, mas à classe média branca. Na época, importa ressaltar que o país ainda vivia a desumana segregação racial, o que excluía grande parte dos negros da sociedade.

As mulheres na condição do esforço de guerra estavam, dessa forma, condicionadas a um mesmo grupo (apesar de, representativamente, branco),

¹⁹² *Reader's Digest* (Jan. de 1944, p. 42-45). No original: *So far the Waacs have been the only ones allowed overseas. This seems to me ridiculous. The restriction on the activities of our other women's military services is not due to any feeling of Congress or the military authorities that women cannot do the job. It is due, rather, to a false chivalry, which insists that women be protected from war hazards and hardships, even against their own wishes. Some women accept this point of view, but I believe most of us would rather share more fully in the experiences of our men.*

¹⁹³ *Ibidem*, p. 43. No original: *the many thousands of women who are not doing any unusual work, but are simply running their houses quietly and efficiently, are contributing more to the war effort than they themselves realize.*

diferentemente, como veremos, da forma como a revista tratou da convocação e da participação do homem negro no mesmo período de conflito.

3.1.3 – O trabalho feminino, os “desvios” sociais e o caminho para o pós-guerra: o *Digest* prepara a “desmobilização das mulheres”

No que concerne especificamente ao mundo do trabalho, anteriormente à entrada norte-americana no conflito, o *Digest*, quando publicava algum artigo sobre o papel da mulher que envolvesse estes aspectos, em suas mais variadas formas, geralmente as apresentava em profissões como secretárias, escritoras, *copy-desks*. O ambiente industrial pouco ou quase nunca era referido. Posteriormente à entrada do país no conflito, e devido às necessidades de suprir as lacunas profissionais existentes, o discurso sobre a apresentação da mulher no ambiente profissional se modificou e passou a relacionar os mais diversos aspectos do mundo social, como destacado. Se em 1940 se falava das secretárias e das *clipper girls*, a partir de 1942, seria a mulher, agora também na indústria, dedicada, consciente de sua participação social e cidadã, que ganharia as páginas da revista, apesar dos baixos salários. Como se sabe, as mulheres ganhavam menos que os homens no mesmo ofício.

Durante os anos de conflito, a força de trabalho feminino cresceu mais de 50% nos Estados Unidos e, neste cenário, aproximadamente 37% das mulheres norte-americanas exerciam alguma atividade em 1945. As atividades variavam entre os mais diversos setores, desde os industriais, até os da cultura e o da educação, agora dentro de ocupações mais reconhecidas socialmente, como cientistas e professoras universitárias. Ao final do conflito, “uma em cada quatro esposas estava empregada”.¹⁹⁴

¹⁹⁴ HARTMANN, Susan M.. 1982, p. 21.

Se durante os primeiros anos de guerra o *Digest* valorizava o trabalho feminino e a capacidade das mulheres em aprender e se dedicar, a partir de 1944, visualizando o pós-guerra, o retorno dos soldados para casa prontos a ocupar os postos de trabalho, e a necessidade de se incentivar a mulher a recolher-se ao seu papel tradicional de dona de casa, a revista começou a apresentar artigos diferentes daqueles iniciais. Assim, antes do final da Segunda Guerra, mas com a vitória dos Aliados apontando, o *Digest* passou a se preparar para o retorno do efetivo masculino para casa e a desmobilização das mulheres no pós-guerra. Em outras palavras, a mobilização feminina para engajamento no conflito durou cerca de três anos: de início de 1942 a 1944.

Se antes a tônica era a mobilização das mulheres, agora o *Digest* assumia que o retorno da mulher aos seus antigos papéis era importante para a reconstituição do país e o lugar dos Estados Unidos no mundo do pós-guerra. Em *They learned about women – why do women workers act like women? And what can be done about it? (Eles aprenderam sobre as mulheres - por que as trabalhadoras agem como mulheres? O que pode ser feito sobre isso?)* –, artigo de Gretta Palmer, o discurso, antes positivo, se modifica radicalmente.¹⁹⁵ As mulheres trabalhadoras no texto são apresentadas como indivíduos repletos de manias e problemas que estavam comprometendo o bom andamento do trabalho industrial. O artigo destaca que:

Na Consolidated Vultee Aircraft Corporation, por exemplo, onde há mais mulheres do que homens empregados, as faltas ao trabalho entre as mulheres foram cinco vezes maiores do que as dos homens. Além disso, quatro em cada cinco mulheres pediram demissão antes de um ano. Recrutar e treinar mais mulheres para suas vagas foi custoso tanto em tempo quanto em dinheiro; manteve trabalhadores qualificados ocupados ensinando ao invés de produzindo.

¹⁹⁵ *Reader's Digest* (Set. de 1944, p. 105-107). No original: *They learned about women (why do women workers act like women? And what can be done about it?)*. É perceptível que o artigo em questão destoa drasticamente da construção da mulher que trabalhou, nos anos de guerra, nas indústrias de aviões. O artigo foi reproduzido também por *Seleções* em dezembro de 1944 com o título de *Vamos aprendendo algo acerca da mulher. Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1944, p. 86-88).

[...] Mulheres estão principalmente interessadas em serem mulheres. Seus interesses em qualquer outro tipo de sucesso ficam em segundo lugar. Talvez possa se dizer que, da mesma maneira, homens estão interessados em serem homens – mas ser homem *inclui* se dar bem no mundo dos homens. Ser uma mulher de sucesso raramente inclui isso. Trabalhar por um salário é algo que uma mulher faz *até*: - até ela encontrar o homem certo, até o bebê chegar, até que seu marido volte para casa [...] até a guerra ser ganha.

[...] O que vai ser delas quando elas voltarem para suas casas? “Elas serão melhores esposas e donas de casa”, Senhor Jackson insiste. “Elas saberão quão cansado um homem está quando chega em casa. Elas saberão o que é ganhar dinheiro; significa trabalho duro. Elas terão aprendido o valor do tempo e como o aproveitar; seu novo conhecimento do valor do sistema e da ordem serão refletidos da manutenção de seus lares. Acima de tudo, elas estão aprendendo como é importante se dar bem com as pessoas – quanto um lar harmonioso vale, mesmo em termos de eficiência do trabalho e, portanto, no pagamento”.¹⁹⁶

Certamente, o artigo foi escrito por uma mulher conservadora. Após a guerra, segundo o texto, a mulher compreenderia o difícil trabalho do homem. Mas o artigo se esquece de apontar o contrário, ou seja, quando o homem reconheceria o trabalho da mulher dentro ou fora de casa. Como Greta Palmer aponta, “ser uma mulher de sucesso raramente inclui isso [se dar bem no mundo dos homens]”. Conservadora, não é de se estranhar que a autora destaque que o sucesso, no mundo masculino, não era meta para as mulheres, mas sim para os homens. Para ela, a realização da mulher raramente abarcava estar no mundo

¹⁹⁶ *Reader's Digest* (Set. de 1944, p. 105-107, grifos do original). No original: *At Consolidated Vultee Aircraft Corporation, for example, where more women are employed than men, absenteeism among the women was five times as bad as among the men. Also four out of five women quit before they had worked a year. Recruiting and training more women to take their places was expensive both in time and money; it kept expert workers busy teaching instead of producing.[...] Women are primarily interested in being women. Their interest in any other kind of success runs a bad second. Maybe it could be said with equal truth that men are primarily interested in being men – but being a man includes making good in a man's world. Being a successful woman seldom includes that at all. Working for wages is something a woman does until: - until she finds the right man, until the baby comes, until her man comes home [...] until the war is won. [...] And what will become of them when they go back to their homes? “They will be better wives and homemakers,” Mrs. Jackson insists. “They will know how tires a man is when he comes home. They will know what it means to earn money; it means hard work. They will have learned the value of time, and how to budget it; their new knowledge of the value of system and order will be reflected in their housekeeping. Above all, they are learning how important it is to get along with people – how much a harmonious home means, even in terms of efficiency on the job, and hence in the pay envelope.”*

dos homens, mas, ao contrário, residia, principalmente, na sua atuação no espaço doméstico.

Foi dessa forma que o *Digest* apresentou, ao término do conflito, o grupo das mulheres norte-americanas que trabalharam nas indústrias durante os anos de guerra: se antes elas se fizeram necessárias ao trabalho no esforço de guerra, ao fim do confronto, poderiam, novamente, ocupar o lugar em que historicamente “melhor desempenhavam” suas funções: o lar. Segundo o texto, essas mulheres agora estavam cientes do esforço desempenhado pelo homem na sociedade e no mundo do trabalho, por terem vivenciado uma experiência similar a deles. Em outras palavras, agora sabiam o quão dura era a vida do homem. Não era possível esperar algo diferente: a norma do período estava vinculada exclusivamente à ótica dita masculina.

Note-se que aqui está se falando mais uma vez de mulher branca de classe média. As revistas são porta-vozes da classe média e dirigidas à classe média, e há pouco, portanto, sobre a mulher pobre e/ou negra, e muito menos sobre a imigrante. Segundo a lógica do *Digest*, só era pobre – o *loser* (perdedor) – quem não conseguira com esforço próprio subir na vida. Resta saber por quanto tempo ainda estariam essas mulheres dispostas a retornar à lógica familiar, agora cientes dos outros papéis que poderiam ocupar ou desempenhar em outros espaços sociais que não o lar.

Com a ebulição social que a guerra causava, e as transformações sociais que ela suscitou, o *Digest* se ateve, também, aos problemas que, segundo a revista, atentavam contra a sociedade e a moral cristã. Dentre eles, a desestruturação da organização social, a pobreza, os relacionamentos fortuitos, e a consequente transmissão de doenças sexualmente transmissíveis causavam preocupação ao governo norte-americano, que via na migração de muitas jovens da zona rural para os centros urbanos uma de suas causas. No artigo, de título *Trouble on the street corners (Problema das esquinas)*, publicado em maio de

1943, a sexualidade feminina é condenada e a mulher é culpabilizada pela difusão de doenças venéreas.¹⁹⁷

Inúmeras jovens, muitas entre 15 e 17 anos, que acabaram trabalhando na prostituição ao longo dos anos de guerra, seriam as responsáveis pela epidemia que assolava a nação.¹⁹⁸ O artigo isenta o homem de qualquer responsabilidade, seja a de manter relações sexuais com as jovens, seja a de, também, ser disseminador de doenças. Entretanto, responsabiliza a mãe da jovem prostituta. A culpa era dela. O artigo acrescenta que

a raiz do problema está nos lares americanos. Atrás de toda garota delinquente, de toda tragédia de promiscuidade e doença, está a sombra de pais delinquentes. Todo pai em serviço militar deixa uma responsabilidade dupla para sua esposa; toda mãe na linha de produção tem um trabalho em dobro para realizar. As mães americanas hoje devem se tornar profundamente conscientes da importância da vida familiar; se não estiverem, muitas de nossas mães do futuro terão um passado sórdido de imoralidade e doenças venéreas.¹⁹⁹

Pesava sobre os ombros da mulher uma incumbência e tanto. O *Digest*, se por um lado buscava incentivar as mulheres a buscarem novos espaços e atuações sociais, por outro, as culpabilizava por posições “desviantes”, indesejáveis e pela falta de cuidado com as suas antigas e tradicionais atribuições.

Susan Hartmann confirma que apesar de haver outras oportunidades de papéis para as mulheres norte-americanas, eles estiveram atrelados a alguns princípios. O primeiro deles compreendia uma lógica de que o esforço das

¹⁹⁷ *Reader's Digest* (Mai. de 1943, p. 43-46).

¹⁹⁸ O assunto foi amplamente discutido em: YELLIN, Emily. The “wrong kind” of woman: prostitutes, unwed mothers, and lesbians. In: YELLIN, Emily. 2004. Sobre a questão, ver também: WINKLER, Allan M.. Wartime Dislocations. In: WINKLER, Allan M.. 2012, p. 49-54.

¹⁹⁹ *Reader's Digest* (Mai. de 1943, p. 43-46). No original: *the root of the problem lies in the American home. Back of every delinquent girl, every tragedy of promiscuity and disease, stands the shadow of delinquent parents. Every father in uniform leaves a double responsibility with his wife; every mother on the production line has a double job to do. America's mothers today must become more deeply conscious of the importance of family life; if they do not, too many of our mothers of the future will have a sordid background of immorality and venereal disease.*

mulheres em se apresentar ao mundo do trabalho fora do ambiente doméstico duraria apenas ao longo dos anos de guerra. O segundo ressaltava o fato de que as mulheres, apesar de agora desempenharem funções masculinas, não perderiam sua feminilidade. O último aspecto, que deveria ser constantemente reforçado pelos meios de comunicação, se concentrava nas motivações mais profundas das mulheres, tanto no que concerne ao seu caráter cívico, quanto na dedicação à família, ou seja: o esforço de guerra teria por princípio o retorno dos homens e a construção de um mundo apto às futuras gerações e com a mulher voltando ao lugar de onde havia saído.²⁰⁰

3.2– *Reader's Digest*: os deveres do homem no esforço de guerra

A Segunda Guerra Mundial, apesar de alterar a configuração mundial e deslocar enormes contingentes de pessoas, manteve uma estrutura de participação masculina direta no conflito, semelhante a de embates anteriores, apesar de ainda contar com uma grande disparidade no contingente militar entre brancos e negros.

Todos os homens considerados aptos foram convocados para atuar, principalmente, nos *fronts* de guerra na Europa e/ou no Pacífico. O *Digest* contribuiu sobremaneira para a construção de um imaginário de guerra que sustentasse e motivasse a participação popular nesse esforço. Sobre a participação masculina, podemos destacar a forma como a revista reforçou a necessidade de que os homens norte-americanos se alistassem para defender os princípios que, em tese, acreditavam sustentar a sociedade dos Estados Unidos, como liberdade, igualdade e democracia.

Um dos artigos do *Digest* aponta para a importância do esforço e sustentação da sociedade civil para que se pudesse apoiar devidamente aqueles

²⁰⁰ HARTMANN, Susan M. 1982, p. 23.

que partiam para o *front* de guerra: “nossos homens, que estão lutando, são nossa carne e nosso sangue. Eles serão mais fortes se nós estivermos fortes. Eles vão querer sair vitoriosos se eles souberem que nós estamos unidos e confiantes em casa.”²⁰¹

Apesar de a mobilização para a guerra ter se iniciado desde 1941, é apenas em 1943, como destacado anteriormente, que os civis serão explicitamente e intensamente convocados e mobilizados a ocuparem o seu papel no *front* de batalha ou em casa. O artigo, assinado pelo intitulado braço direito do então presidente Frank Delano Roosevelt, Lloyd C. Douglas, se dedica a apresentar as necessidades da contribuição de todos, homens e mulheres, para que a vitória contra os membros do Eixo pudesse ser alcançada.

Aos homens não considerados aptos ao *front* de guerra, o *Digest* também apresenta as possibilidades de contribuir com a nação. Em um artigo publicado em maio de 1942, o periódico narra a história de um casal que dedica todos os esforços possíveis para realizar atividades que contribuirão com aqueles que estão indo para os campos de batalha.²⁰² O autor do artigo, devido a uma deficiência física não citada, não pôde se alistar, no entanto, ele e sua esposa fizeram o que “acreditam ser o certo”. Segundo o texto,

nossos pais construíram este país, mas não com trabalho comum, regular. Quando havia trabalho a ser feito, eles o fizeram. Nós devemos trabalhar agora e descansar depois. Sacrificar nosso tempo de lazer por alguns anos é melhor do que sacrificar nossa liberdade.²⁰³

Aos homens que ficaram, havia outras formas de lutar pela defesa e manutenção da liberdade, e elas também deveriam ser realizadas, tais como economizar

²⁰¹ *Reader's Digest* (Fev. de 1942, p. 7). No original: *our fighting men are our flesh and blood. They will be strong if we are strong. They will have the will to be victorious if they know we are united and confident at home.*

²⁰² *Reader's Digest* (Mai. de 1942, p. 26-28)

²⁰³ *Ibidem*, p. 28. No original: *our fathers made this country, but not an eight-hour day. When there was work to be done they did it. We shall work now and rest later. Sacrificing our leisure for a few years is better than sacrificing our liberty.*

combustíveis, arrecadar dinheiro e produtos para se estocar e para serem enviados para o *front* de guerra, como também realizar trabalhos voltados para a indústria bélica e de serviços.

No entanto, é importante destacar que o *Digest* ao longo dos anos de guerra dedicou maior atenção à necessidade e importância do papel desempenhado pelas mulheres e pelos civis no *homefront* do que a promover o alistamento dos homens nas forças armadas, ainda que celebrasse os grandes feitos de soldados e oficiais no teatro de guerra. O papel masculino, pré-determinado em momentos históricos anteriores, não pareceu necessitar de grande reforço. Ao homem cabia exercer sua função social e cívica – tradicionalmente histórica, em tempos de guerra, ou seja, proteger a nação, a família e a liberdade. Dessa forma, coube à revista se dedicar, principalmente, à construção de uma estabilidade e organização no *homefront*, embora tenha tomado também para si o papel de reconfortar as tropas fora das fronteiras nacionais, já que a revista era distribuída nos campos de batalha. Era preciso justificar a participação dos Estados Unidos na guerra, a importância do esforço individual e coletivo das pessoas na luta contra um inimigo comum, e destacar o papel relevante de cada um dos grupos sociais que compunham a sociedade norte-americana.

3.2.1 – A participação do homem negro no esforço de guerra

A participação dos homens norte-americanos negros em conflitos se tornou um ponto importante de discussão nos Estados Unidos. A questão tanto da participação quanto do papel desempenhado pelos homens negros foi discutida no século XIX e impactou em questões mais amplas, que envolveram a promessa da liberdade e a garantia de direitos civis. Ao longo dos anos da Segunda Guerra Mundial, a população negra correspondia a aproximadamente

13 milhões de habitantes, cerca de 10% da população dos Estados Unidos.²⁰⁴ Próximo do término do conflito, em setembro de 1945, havia dentro das forças armadas norte-americanas perto de 700 mil afro-americanos.²⁰⁵

O *Digest* esteve atento à questão da participação do homem negro na guerra e, em abril de 1942, no artigo *The Negro in the Army (O Homem Negro no Exército)*, W. L. White discorreu sobre as possibilidades de participação para os negros na guerra que se iniciava.²⁰⁶ Sobre a questão, o artigo pontua que os negros

podem lutar; mas eles são bons oficiais? Até recentemente, nosso exército teria respondido que não, afirmando que o soldado negro não respeita os oficiais negros. Até recentemente, você poderia contar nos dedos de uma das mãos o número de oficiais negros comissionados no exército regular – a maioria deles capelães.²⁰⁷

O texto discute o fato de que, se até agora os negros tiveram problemas em atingir postos mais altos dentro do exército, o motivo se deve, em parte, ao fato de os próprios negros discriminarem seus pares ao não reconhecerem sua legitimidade em postos superiores. O argumento é inclemente: os negros não atingiam altos postos por causa dos próprios negros. Aos brancos e aos altos postos da sociedade, que referendavam a segregação racial, não eram imputadas responsabilidades a respeito. No entanto, visando angariar um alistamento considerável entre a população negra norte-americana, o artigo destaca que as possibilidades agora poderiam ser melhores e que a ordem das coisas estava mudando, apesar de na prática as divisões ainda se fazerem presentes, como o fato de ao longo do conflito muitos dos soldados negros terem estado

²⁰⁴ DIGGINS, John Patrick. *The Proud Decades: America in war and Peace, 1941-1960*. New York: W.W. Norton & Company, 1989, p. 28.

²⁰⁵ GERSTLE, Gary. *American Crucible: Race and Nation in the twentieth century*. New Jersey: Princeton University Press, 2002, p. 213.

²⁰⁶ *Reader's Digest* (Abr. de 1942, p. 51-4)

²⁰⁷ Ibidem, p. 51. No original: *can fight; but do they make good officers? Until recently our army would have answered No, claiming that the Negro soldier had no respect for Negro officers. Until recently you could count on the fingers of one hand the number of commissioned Negro officers in the regular army – most of them chaplains.*

arrigementados em formações compostas exclusivamente por soldados negros, sendo seus superiores, na maior parte dos casos, homens brancos.

O texto apresenta um histórico da participação daquele grupo em conflitos anteriores, não se abstendo de destacar as situações de desigualdade. No entanto, busca pontuar, partindo da perspectiva de que com as mudanças e avanços ocorridos dentro da sociedade norte-americana, naquele novo contexto que se apresentava, cogitava-se, inclusive, a possibilidade de uma ascensão na carreira militar dos homens negros (tanto na possibilidade de ocupar patentes superiores, quanto na de adentrar o conflito em diferentes frentes, como, por exemplo, sendo piloto de aviões). Importante destacar que a narrativa, neste sentido, parece ter uma preocupação de esclarecer aos seus possíveis leitores os deslocamentos e transformações que a guerra impunha à sociedade.

Apesar dos esforços do governo e de grande parcela da imprensa do período, a verdade é que havia segregação racial em todo o país, chancelada por instituições do governo e que alcançava as fileiras do exército. Ainda que revistas como o *Digest* procurassem apresentar um novo cenário para a participação dos homens negros no conflito, a proposta para esse grupo se deu de forma a ressaltar as exceções, ou seja, apenas alguns homens negros, devido aos seus esforços pessoais, atingiram novos postos e papéis sociais dentro da sociedade estadunidense. O argumento é conhecido e carece de sustentação como se sabe: se um negro se destacava era porque outros poderiam ter aptidão igual. Se não o faziam era porque não tinham os atributos necessários para subir na vida. Os meios de comunicação apontavam as exceções e excluía a grande maioria que engrossavam as fileiras das baixas patentes.

a Segunda Guerra Mundial também foi uma guerra racial no que tange à raça que se mantinha como o princípio de organização do exército americano. Durante toda a guerra, todos os ramos da área militar permaneceram amplamente segregados. Soldados rasos negros e brancos treinaram, serviram, e socializaram separadamente uns dos outros. Proporcionalmente, muito menos homens pretos do que

brancos em serviço, seja na infantaria, tanques, marinha ou fuzileiros, foram engajados em combate; quando o foram, quase sempre lutaram em unidades formadas só por negros, comandadas por oficiais brancos. Os militares separavam seus suprimentos de sangue de maneira a garantir que um soldado branco jamais receberia uma infusão de sangue de um negro.²⁰⁸

Em outro artigo do *Digest*, *How the negro fights for freedom* (*Como o negro lutou pela liberdade*), escrito por Stanley High, a participação do negro na Guerra que se inicia com destaque sob a perspectiva de que, diferentemente de 1917, no contexto da Primeira Guerra Mundial, agora o negro está “melhor conduzido, melhor educado”, e que isso o levaria não apenas a participar do conflito em outras condições, mas também a lutar por uma maior democracia em seu país, coisa que o autor, através de uma série de números e estatísticas, sugere que o negro estaria adquirindo.²⁰⁹

O artigo pontua, também, a crescente campanha pela *Double V* (Duplo V), destacando o lema: “Democracia: Em casa – No exterior”. Segundo Gerstle, “no início da Guerra, editores de jornais negros anunciaram seu comprometimento com o Duplo V” – vitória sobre o Eixo no exterior e sobre a desigualdade racial no próprio país – e deixou clara sua determinação em perseguir ambos com igual intensidade”.²¹⁰

Apesar de destacar os supostos avanços adquiridos pelos negros na sociedade norte-americana, o artigo aponta para o fato de que a Cruz Vermelha Americana, ao início do conflito, não aceitava, como destacado, a doação de sangue de pessoas negras. A prática havia se modificado parcialmente apenas

²⁰⁸ GESTLE, Gary. 2002, p. 203.

²⁰⁹ *Reader's Digest* (Jul. de 1942, p. 113-8). “Stanley High foi um jornalista dos jornais *Christian Science Monitor* e *Christian Herald*, e um comentarista de eventos para a *Companhia The National Broadcasting Company*. Em 1936, ele organizou a *Liga do Bom Vizinho*. Serviu como presidente desta Liga até 1937, direcionando seus esforços para promover a reeleição de Franklin D. Roosevelt enfatizando as conquistas sociais e econômicas do New Deal. Em 1937, High retomou sua carreira como jornalista”: Disponível em:

<http://www.fdrlibrary.marist.edu/archives/collections/franklin/index.php?p=collections/findingaid&id=183> Acesso em 14/10/2017

²¹⁰ GERSTLE, Gary. 2002, p. 210-11.

após protestos e, mesmo assim, o sangue doado seria separado para ser utilizado somente em tropas compostas por negros: “no entanto, este foi um passo em direção ao reconhecimento do direito do homem negro de compartilhar a participação em causas comuns”.²¹¹ O discurso era de apaziguamento das possíveis tensões ao ressaltar os “avanços” da causa negra até aquele momento. Ainda segundo Gary Gerstle:

Intelectuais brancos e negros estavam ansiosos por servir em agências de guerra do governo encarregadas de divulgar os objetivos de guerra americanos. Eles ajudaram FDR [Franklin Delano Roosevelt] a criar uma imagem dos Estados Unidos como uma democracia na qual as pessoas de todas as raças, credos e religiões podiam coexistir e prosperar. Eles colaboraram com FDR na elaboração das Quatro Liberdades – de expressão e religião, segurança e de combate à pobreza – como sendo o núcleo da identidade americana. Eles ainda ajudaram a criar uma celebração endossada pelo governo de diversidade étnica e racial sem precedentes na história do país.²¹²

O artigo anteriormente citado, de Stanley High, constrói uma narrativa que ameniza as demandas da luta negra, destacando a certeza de que o consenso e a coesão seriam capazes de solucionar a histórica tensão e o conflito racial presente no país. Os desdobramentos dos anos seguintes demonstram que muitos projetos e propostas foram incapazes de causar impactos estruturais em uma sociedade marcadamente construída sobre a desigualdade racial. Foi necessário que o movimento pelos Direitos Civis explodisse em todo o país para a questão pudesse começar a ser enfrentada. Mesmo após à assinatura de direito de voto para grande parte da população negra em 1965, a desigualdade cultivada por séculos se manteve como não poderia deixar de ser.

O cenário da Segunda Guerra suscitava, também, a necessidade de evitar conflitos entre brancos e negros no *homefront*. O esforço de guerra, diferentemente de outros momentos de paz da história norte-americana, exigia

²¹¹ *Reader's Digest* (Jul. de 1942, p. 118). No original: *even so, it is a step forward in recognition of the Negro's right to share participation in common causes.*

²¹² GERSTLE, Gary. 2002, p. 195. Acréscimo nosso.

que possíveis problemáticas internas fossem colocadas de lado e que toda a população se dedicasse e se unisse para derrotar a ameaça nazifascista. Em março de 1944, o *Digest* publicou um artigo intitulado *Whites and Blacks can work together* (*Branços e Negros podem trabalhar juntos*), escrito por William Hard.²¹³ Em tempos de guerra, mulheres e homens, negros e brancos, deveriam trabalhar em conjunto. Era preciso promover harmoniosas e tolerantes relações raciais e de gênero. Segundo o texto, “muitos empregadores e alguns sindicatos ainda discriminam os Negros”.²¹⁴ O texto prenunciava as tensões existentes na sociedade norte-americana e que eclodiriam de forma mais incisiva na década seguinte.

O *Digest*, portanto, não se dedicou ao alistamento dos homens brancos norte-americanos aptos ao serviço militar, fato que pareceu tratar como algo certo, um ato de patriotismo em defesa da liberdade. Dedicou especial atenção aos homens negros visando mobilizar uma parcela importante da população que, frente às condições de representatividade e de direitos dentro da nação, poderia – como o fez – apresentar discordâncias e dissidências diante da mobilização para a guerra.

Ao analisar os artigos publicados, percebe-se uma preocupação mais acentuada com a manutenção da ordem social e econômica ao longo do conflito no *homefront*, elemento que a revista julgava fundamental para a estratégia de guerra. Para tanto, era necessário se dedicar, então, na convocação e mobilização de homens e mulheres, dos mais distintos setores sociais, para contribuírem, seja na produção de alimentos, nas indústrias – principalmente as de materiais bélicos – na manutenção da moral dos soldados e na projeção de seu retorno. Era necessário evitar, naquele momento, os conflitos raciais e cuidar para que as mulheres entrassem no esforço de guerra e voltassem para o universo do privado, quando elas não fossem mais necessárias. Ao homem branco, apto fisicamente e

²¹³ *Reader's Digest* (Mar. de 1944, p. 17-22). Grifos do original.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 17. No original: *many employers, and some unions, still discriminate against Negroes*.

dentro do limite de idade permitido, havia um determinado papel a ser desempenhado: alistar-se e partir para o *front*. Na volta, lhe era prometido um mundo de prosperidade, pleno emprego, e com os Estados Unidos ocupando outra posição no mundo.

Nos anos seguintes ao término da guerra, o *Digest* dedicou pouca atenção à condição do homem negro, se restringindo a artigos que falassem de forma generalista ou que destacassem casualmente personagens negros que defendessem o *status quo*. Como veremos adiante, foi apenas com a eclosão mais intensa do movimento negro em prol de Direitos Civis, a partir de meados dos anos 1950, que a revista norte-americana mais uma vez dedicou especial atenção a esse segmento nos Estados Unidos. Desta forma, podemos destacar que a condição de homens e mulheres negras ganhava repercussão nas páginas do *Digest* apenas em momentos de grande mobilização social. Como já indicado, o público-alvo do *Digest* era a família branca de classe média, considerada como “universal” para a revista e tantos outros meios da imprensa. Desse modo, os negros estavam fora da diligência da publicação, ainda que em momentos emblemáticos não houvesse como não tratar do assunto.

3.3 – Desmobilizando as mulheres ao fim da Segunda Guerra Mundial

*Qualquer investimento que fizermos no casamento antecipado é, no final das contas, um investimento no futuro das famílias da América. Não há nada mais valioso do que isso.*²¹⁵

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a abordagem dada ao trabalho feminino e ao papel da mulher dentro da família e da sociedade se

²¹⁵ *Reader's Digest* (Out. de 1947, p. 1-4). No original: *Any investment we make in early marriage is, after all, an investment in the future families of America. There is nothing more gilt-edged than that.*

modificou mais uma vez. A preparação para a desmobilização das mulheres que tomou lugar desde 1944, agora era uma realidade a ser enfrentada e o *Digest* cumpriu com dedicação a tarefa. O período do pós-guerra assistiu a um embate nas formas de organização e nos padrões de comportamento e muitas mulheres demonstraram suas incertezas em relação aos papéis que deveriam representar. O término do conflito levou as mulheres que ocuparam uma grande parcela do mercado de trabalho nos Estados Unidos, entre 1941-1945, a serem “convocadas”, agora, como indicado, a retornarem a suas antigas posições no espaço doméstico. Segundo Hartmann:

seja por necessidade ou por escolha, mulheres deixaram a força de trabalho quando a guerra terminou. Por volta de 1946, a força de trabalho feminina havia caído de 19.170.000, quando do pico da época de guerra, para 16.896.000. A força de trabalho das mulheres civis caiu de 35,4 por cento em 1944 para 28,6 por cento em 1947; e a proporção de todas as mulheres no mercado de trabalho caiu de 36,5 por cento para 30,8 por cento. Entretanto, mesmo no seu nível mais baixo, esses números ainda foram mais altos do que aqueles de 1940 e, por volta de 1947, eles começaram a subir novamente, apresentando uma tendência de longo prazo quanto ao emprego feminino. No final da década, o número, mas não a proporção, de mulheres empregadas estava ligeiramente maior do que aquela da época da guerra. Perto de 29 por cento de todas as mulheres estavam na força de trabalho e constituíam 30 por cento de todos os trabalhadores.²¹⁶

Com o retorno dos soldados norte-americanos, o número de casamentos após 1945 cresceu exponencialmente nos Estados Unidos, e a geração do *baby boom* nasceu nos anos seguintes ao término da guerra.²¹⁷ Para que tal reorganização se efetivasse, fazia-se necessário que as mulheres reassumissem um papel de não-competição com os homens que retornavam do conflito. O governo norte-americano, então, implementou medidas de realocação e reinserção social para os homens veteranos de guerra através do *Servicemen's*

²¹⁶ HARTMANN, Susan M. 1982, p. 24.

²¹⁷ Sobre o assunto, ver: MAY, Elaine Tyler. Baby boom and birth control: the reproductive consensus. In: MAY, Elaine Tyler. 2008.

readjustment Act (Ato de reajuste para os militares) – também conhecido como *GI Bill of Rights* (Carta de Direitos dos Combatentes) –, de 1944.

A partir do *GI Bill*, os homens teriam preferências em contratações para cargos do governo, medidas que eram incentivadas a serem seguidas em oportunidades de empregos pelos demais setores da sociedade civil. Os ex-combatentes poderiam, ainda, conseguir subsídios para frequentar espaços educacionais, como a universidade; facilidades para comprar imóveis e iniciar empreendimentos; além de um ano de suporte financeiro ao seu retorno. Poucas das mulheres veteranas de guerra usufruíram benefícios na mesma medida, tanto pela forma como a sua participação militar havia sido assimilada pela sociedade, como pela própria descrença de muitas mulheres em serem tratadas como veteranas de guerra.

Ainda que muitas mulheres tenham vivenciado situações distintas e mais abertas durante os anos de guerra, concepções estruturais de seus “verdadeiros” papéis sociais, ou seja, de estruturas tradicionais dentro das relações de gênero, reapareciam constantemente. No caso em questão, muitas dessas mulheres não se colocavam como protagonistas também da vitória e pareciam acreditar que realizaram um trabalho secundário, em relação ao exercido pelos homens, para tal conquista. O que nos parece é que, nesta perspectiva, muitas mulheres ainda projetavam aquilo que haviam aprendido desde a infância: o lugar subalterno que deveriam ocupar frente ao homem na sociedade, o que contribuiu para a manutenção da desigualdade social de gênero existente.

As revistas, os jornais, o rádio, o cinema e outras formas de divulgação contribuía, em uma outra vertente, para que as mulheres fossem impelidas a retornar a um papel no âmbito familiar, mas secundário socialmente. Essas modificações apareceram nas páginas do *Digest*, que apontavam para as benesses do retorno ao lar, com a modernidade facilitando a vida das donas de casa, ao mesmo tempo em que se via uma forte exaltação do consumo, o que de

forma não despretensiosa contribuiu para que as mulheres passassem a ser vistas, a partir de então, como o principal agente consumidor pelo mercado.

No entanto, nesse período posterior à Segunda Guerra Mundial, embora os meios de comunicação e o próprio governo dos Estados Unidos incentivassem o retorno da mulher ao lar, a mulher norte-americana permaneceu em diversos postos de trabalho, principalmente nos cargos de secretárias, enfermeiras, estenógrafas, além da tradicional ocupação como professora.²¹⁸ Segundo William Chafe,

a guerra fez com que o trabalho feminino fosse cada vez mais aceito como parte da vida da classe média. No passado as esposas da classe média haviam sido desencorajadas a ter um emprego por medo do ostracismo social. Se uma mulher entrasse em um emprego que competisse com o de seu marido, ela representava uma ameaça às noções tradicionais de superioridade masculina e desafiava a imagem do homem como provedor. Por outro lado, se ela aceitasse um emprego que estava abaixo de seu nível social, ela traria vergonha para a sua família e criaria um problema de inconsistência de status. A guerra ajudou a resolver os dois problemas. Primeiramente ajudou a legitimar o trabalho para mulheres de todas as classes ao definir o trabalho como uma necessidade patriótica. Em segundo lugar, ela criou um grande aumento em empregos “respeitáveis” para mulheres brancas de classe média ocuparem – um aumento que continuou na era pós-guerra.²¹⁹

Essa permanência da mulher em posições de trabalho no contexto norte-americano, sobretudo ao longo da década de 1950, se deve, entre outros fatores, ao fato de que era a renda do trabalho feminino que contribuía para que muitas famílias dos Estados Unidos pudessem ser consideradas pertencentes à classe média e assim usufruir dos diversos bens de consumo disponíveis.

O deslocamento do lugar da mulher na sociedade afetava diretamente o seu papel dentro das relações de gênero, o que causou inúmeros conflitos. Grosso modo, para o governo, setores da economia e para a sociedade civil, a

²¹⁸ Cf. CHAFE, William H.. 1992.

²¹⁹ Ibidem, p. 162.

mulher poderia se manter em certos postos de trabalho, desde que a crescente e cada vez mais difundida família de classe média norte-americana, símbolo do cada vez mais enfático discurso do *american way of life*, estivesse em primeiro plano.

William Chafe caracterizou esse dilema que as mulheres viveram no pós-guerra como o "paradoxo da mudança", ou seja, ao mesmo tempo em que a mulher experimentava uma vida mais independente das atribuições do lar, a sociedade destacava que apesar do acesso à modernidade a mulher permanecia em segundo plano em relação ao homem.²²⁰ Nas décadas seguintes, o paradoxo permaneceria e, apesar de os papéis destinados e possíveis às mulheres cada vez mais se diversificarem, a dualidade da dupla jornada de trabalho para as mulheres se manteve, contribuindo, também, para a manutenção e crescimento do ideal de uma classe média, que se acreditava universal.

O paradoxo apontado por William Chafe destaca também a preocupação da sociedade norte-americana em reestabelecer ou reconfigurar os papéis de gênero tradicionais, ou seja, aqueles que sustentavam a família tradicional no período anterior à guerra. Era necessário que as oportunidades experimentadas pelas mulheres em outros espaços além do doméstico não afetassem a reconstituição da estabilidade social em tempos de paz.

Outros elementos em anos posteriores ao término do conflito foram ganhando espaço e reconstruindo problemáticas que apresentavam como resposta certa "necessidade" de que a mulher se dedicasse à família como uma forma de contribuição "inerente" ao seu papel social a ser representado. Podemos ressaltar, entre eles, as crescentes taxas de delinquência juvenil, o divórcio, que crescia à medida em que se passavam os anos posteriores à guerra, o deslocamento geográfico de inúmeras famílias, entre outros. O divórcio, em específico, era uma situação presente nos Estados Unidos, mas se intensificou

²²⁰ Cf. CHAFE, William H.. 1992. O autor, em capítulo intitulado *The debate on woman's place*, discute amplamente o assunto.

drásticamente no período do pós-guerra. Importante destacar que, segundo os preceitos da carta constitucional norte-americana, cada estado teve autonomia para regular as prerrogativas sobre a questão.

Uma das temáticas que aparece nas páginas da revista se refere à possibilidade do não retorno das empregadas domésticas – que ao longo dos anos de guerra ocuparam, ao invés dos trabalhos nos lares, funções dentro das indústrias –, aos seus antigos postos de trabalho. O artigo, escrito por Mrs. Shelby Cullom Davis, presidente da *National Council on Household Employment* (Conselho Nacional de Emprego Doméstico), e intitulado *Household Servants are gone forever* (*Os Servidores Domésticos se foram para sempre*), destaca que “sua empregada doméstica, se você tiver uma – após a guerra, ela terá o status social e econômico de um trabalhador de fábrica ou de escritório”.²²¹

Uma vez que as empregadas, antes domésticas, tiveram a oportunidade de vivenciar nas indústrias dos tempos de guerra melhores salários, menos horas de trabalho e, também, a convivência com outras trabalhadoras e organizações trabalhistas, elas retornariam a suas antigas funções com maiores exigências e mais qualificadas, demandando, assim, uma reestruturação na relação patroa-empregada.

Tal conflito é apresentado pelo texto destacando os embates históricos existentes entre esses dois grupos de mulheres, e apresentando novas possibilidades para essas relações no futuro. Segundo o autor, os novos termos de trabalho deveriam se manter na base dos negócios, ou seja, seria mais proveitosa uma relação menos próxima e um menor contato entre patroa e empregada. As empregadas teriam maior liberdade e poderiam, inclusive, trabalhar em mais de uma casa, enquanto as patroas poderiam ter uma maior privacidade e intimidade com a família. Neste sentido, manteria-se a estrutura da

²²¹ *Reader's Digest* (Abr. de 1945, p. 76-78). No original: *your maid after the war – if you get one – will have the social and economic status of a factory or office worker.*

mulher de classe-média, em sua posição no lar junto às prerrogativas da convivência familiar e, por conseguinte, se efetivava a seguinte premissa: “libertando os trabalhadores domésticos de sua antiga servidão, libertamos também nossos lares”.²²²

As transformações na estrutura do pós-guerra começavam, então, a serem sentidas, e a projeção da necessidade da reestruturação do espaço do lar e da organização da mulher e das famílias também, assim como suas relações com o mundo social, o que gerou a necessidade de se repensar os papéis desempenhados pelas mulheres dos mais diversos estratos. Os distintos projetos para as mulheres, apesar de carregarem elementos tradicionais, rígidos, ganhavam novas roupagens e reconfigurações.

Da mesma forma como se modificaram as estruturas sociais e trabalhistas, modificou-se, em certa medida, a percepção do mercado de trabalho sobre a condição do trabalho feminino. Mais ainda, alterou-se intensamente a percepção do mercado empresarial sobre a mulher, que passou a ser percebida como trabalhadora, empregadora, mas, principalmente, como consumidora em potencial.

O *Digest* assumiu também posição ambivalente que, como já destacamos, contribuiu, ao publicar diversos artigos sobre o tema, com a necessidade de as mulheres retornarem ao lar, dentro de uma política da domesticidade. Por outro lado, a revista destacou a possibilidade e, em alguns casos, a necessidade de ofertas de trabalho para alguns grupos de mulheres. Assim como a profissão de empregada doméstica passou por reformulações, acrescentando, por exemplo, a possibilidade da realização de atividades para mais de uma família, outros grupos de mulheres, tais como as denominadas *GI Jane*, mulheres que serviram nas forças armadas durante os anos de conflito, também ganharam olhares mais cuidadosos do mercado de trabalho, do governo e da imprensa em geral.

²²² *Reader's Digest* (Abr. de 1945, p. 78). No original: *by freeing domestic workers from their old servitude, we shall free our homes as well.*

É importante ressaltar que revistas como o *Digest*, assim como outros produtos da indústria cultural, eram produzidas, principalmente, por homens e, dessa forma, a persistência na reprodução de certos modelos de feminilidade não eram escolhas aleatórias de um tempo, mas uma tentativa de manter padrões de sexo e gênero tradicionais, ainda que muitas mulheres consciente ou inconscientemente apoiassem isso. Apesar de as mulheres não comporem a maioria no grupo de editores da revista norte-americana, elas eram, em larga escala, grandes leitoras e consumidoras também de produtos culturais. Nesse sentido, no pós-guerra, elas representavam um público leitor heterogêneo com o qual as revistas e anunciantes precisavam dialogar, seduzir e convencer, o que aponta a necessidade de o *Digest* contemplar os diversos grupos de mulheres e seus diferentes papéis. Contudo,

o imaginário feminino na cultura popular certamente falava acerca da própria ambivalência das mulheres sobre sua situação em mutação, uma ambivalência produzida, não apenas pela novidade de suas experiências, mas também pelo fracasso das instituições sociais e econômicas em mudar de maneira a facilitar a acomodação das mulheres nos diferentes papéis. Enquanto se validavam as novas atividades das mulheres, a mídia da época da guerra ligava aquelas saídas a um contexto de feminilidade e domesticidade convencional. No período de pós-guerra, a cultura popular tranquilizou aquelas mulheres que reassumiram seu lugar tradicional, enquanto as mensagens dominantes desencorajavam-nas com aspirações que conflitavam com o sistema sexo-gênero tradicional.²²³

Revistas de variedades como o *Digest*, ao apresentar perspectivas que poderiam soar como contraditórias a leitores atentos, precisavam lidar com permanências e transformações dentro da emergente economia norte-americana do período do pós-guerra. As propostas para homens e mulheres nos mais distintos papéis de gênero deveriam acompanhar as transições sociais e se inserirem de forma coesa e produtiva dentro de uma lógica de mercado que

²²³ HARTMANN, Susan M.. 1982, p. 205.

respondesse aos anseios econômicos e de grupos dentro da sociedade, sem que elementos tradicionalmente caros à manutenção de uma estabilidade social fossem colocados em questão. Neste sentido, “todas estas mudanças eram dependentes das mulheres enquanto assalariadas, compradoras e pagadoras de impostos, assim como mães e donas de casa.”²²⁴

Figura 7: *Reader's Digest*, setembro de 1946, p. 33.

Em um desses casos, em relação a uma política da domesticidade, e destacando a participação das mulheres no conflito, o artigo *A smarter GI Jane comes home* (*Uma GI Jane mais inteligente vem para casa*) chama a atenção

²²⁴ WEATHERFORD, Doris. 2008, p. 313.

para as 218 mil mulheres que retornaram do conflito da Segunda Guerra Mundial e que estavam encontrando dificuldades para serem realocadas no mercado de trabalho.²²⁵

O *Digest*, desde 1944, publicou inúmeros artigos destacando a preocupação com a realocação no mercado de trabalho dos homens que serviram no *front* de guerra. Os artigos sempre questionaram a necessidade de a nação se preparar para este retorno, além de se preocupar em manter uma estrutura econômica sólida, capaz de sustentar um crescimento sem a possibilidade de uma nova e intensa crise econômica, como a ocorrida no pós-Primeira Guerra Mundial.

No caso das mulheres que serviram nas forças armadas, a preocupação veio tardiamente, uma vez que o artigo supracitado, escrito por Eleanor Lake, é de setembro de 1946, ou seja, a realocação das mulheres que retornavam do conflito foi tratada de forma secundária, após um hiato que destacou a dificuldade daquele grupo em ser assimilado novamente pelo corpo civil da sociedade. Interessante notar que o texto apresenta as *GI Jane* como mulheres com características distintas do desejável de domesticidade apresentado em outros artigos do *Digest* do período. Imbuídas desses novos atributos, assim elas eram reapresentadas à sociedade e ao mercado de trabalho:

Empregadores sempre clamaram que mulheres são dadas a crises de temperamento, desistem a qualquer dificuldade, não permanecem em um emprego. Garotas em serviço tinham estes caprichos femininos cuidadosamente retirados delas. Uma Wave [*Women Accepted for Volunteer Emergency Service* - Mulheres Aceitas para Serviço de Emergência Voluntário] repreendida por um capitão irado não sai em lágrimas. Ela bate continência e volta ao trabalho. Uma mulher da corporação do exército de mulheres com um encontro marcado não vai embora se uma pilha de papéis urgentes chega à sua mesa exatamente na hora de sua saída. Ela telefona para o seu namorado, lamenta contidamente e finaliza o trabalho. [...] *GI Jane* não é uma supermulher. Ela é uma garota americana típica que, por força da guerra, desenvolveu uma

²²⁵ *Reader's Digest* (Set. de 1946, p. 33-35).

confiança e caráter incomuns. Tudo o que ela quer é uma chance para usar sua habilidade e maturidade, adquiridas duramente durante a Guerra, agora, em tempos de paz, assim como o fizera no período de guerra.²²⁶

Tais mulheres, decididas e ativas, poderiam ser úteis à sociedade e à economia norte-americana, conforme aponta o texto. A experiência no campo de batalha, de acordo com a colocação, havia tornado essas mulheres mais aptas a condições intensas de trabalho, pois não eram tão emocionais e inconstantes, além de estarem aptas a lidar com privações – como se as demais mulheres da sociedade não o estivessem. Importante pontuar que, como destacado anteriormente, essas mesmas mulheres que haviam se alistado e participado da guerra foram acusadas de perderem sua feminilidade, fato que revistas como o *Digest* se dedicaram a questionar e ressignificar naquele contexto. Essas contradições trazidas pelo periódico, mais do que destacar contingências históricas, demarcam as formas pelas quais as mulheres, assim como os negros, latinos e grupos de outras partes do mundo, foram sistematicamente representadas de acordo com as necessidades do pós-guerra e interesses políticos e econômicos dominantes, públicos e/ou privados.

Os artigos publicados pelo *Digest* destacavam, portanto, que a expansão da família de classe média se apresentava como um fator primordial para a manutenção da democracia no período do pós-guerra. A reorganização de homens e mulheres esteve pautada na tentativa de coadunar com as novas prerrogativas de desenvolvimento econômico, que abarcassem em uma mesma estrutura, como já destacado, a realocação dos homens no mercado de trabalho

²²⁶ *Reader's Digest* (Set. de 1946, p. 34-5). No original: *Employers have always claimed that women give in to fits of temperament, don't follow through when the going is difficult, don't stay on a job. Girls in the service had such feminine vagaries thoroughly knocked out of them. A Wave who was called down by a red-faced captain didn't retire in tears. She saluted and went back to work. A Wac with a seven o'clock movie date didn't walk out when a two-foot pile of urgent papers hit her desk just as she was ready to leave. She phoned her date, cursed under her breath and finished the job. [...] GI Jane is no superwoman. She is a typical American girl who, through the accident of war, has developed unusual poise, confidence and strength of character. All she wants is a chance to use her hard-won skill and maturity in America at peace, as she did in America at war.*

com a manutenção das mulheres em algumas ocupações específicas (desde que tal posição não comprometesse empregos destinados aos homens, nem as funções primárias creditadas às mulheres no espaço doméstico) e a expansão econômica norte-americana para outras partes do mundo.²²⁷

Como apontou Weatherford, “Rosie, a Rebitadora [símbolo das mulheres operárias ao longo dos anos de guerra], não desapareceu com a vitória; ela simplesmente se transformou na Wendy, a funcionária de escritório”.²²⁸ Todos esses aspectos seriam abarcados pela perspectiva do *american way of life* em consonância com a difusão e expansão de uma classe média com pretensões universais que seguisse os moldes do projeto norte-americano.

3.4 – Guerra Fria e gênero em um mundo bipolarizado

Com o término da Segunda Guerra, a compreensão dos anos de conflito e de transformações na sociedade começaram a se fazer sentir de forma mais evidente. Como pontuou Jeffries,

a Segunda Guerra Mundial não completou nem consumou muitas das mudanças comumente atribuídas a ela. O movimento pelos direitos civis levou uma década após 1945 para desenvolver um grande impulso, o movimento das mulheres mais de duas décadas; e tanto as mulheres como os afro-americanos permaneceram no fim da guerra submetidos pela discriminação e pelas antigas normas. O *baby boom*, a multiplicação dos subúrbios, o impacto das novas tecnologias e o amadurecimento do complexo militar-industrial também ficaram mais evidentes depois do que durante a guerra. A guerra pode ter

²²⁷ Segundo John Jeffries, “em casa, a Segunda Guerra Mundial parecia uma boa guerra por trazer não apenas pleno emprego, prosperidade geral sem precedentes, o explosivo crescimento pós-guerra da classe média e aumento dos padrões de vida, mas também novas oportunidades e expectativas para mulheres, afro-americanos e grupos étnicos, agricultores e a classe trabalhadora. Tudo isso foi conseguido sem o tipo de políticas repressivas internas e sanções sociais que violaram as liberdades civis durante a Primeira Guerra Mundial, e sem os custos sangrentos da Guerra Civil Americana ou de outros grandes combatentes na Primeira e Segunda Guerras Mundiais.” No entanto, ocasionou, também, distensões familiares, migrações, crescimento massivo industrial de alguns setores o que levou a um intenso acúmulo de riquezas para uma pequena parcela da sociedade. JEFFRIES, John W.. 1996, p. 10.

²²⁸ WEATHERFORD, Doris. 2008, p. 308.

galvanizado tais mudanças, mas não as completou, e qualquer cálculo da configuração da América moderna deve levar em conta as eras do pós-guerra (e antes da guerra), bem como os anos de guerra.²²⁹

Foi nesse sentido que, à medida em que a Guerra Fria começou a ganhar seus primeiros contornos, as revistas do *RDA*, como a versão norte-americana, dedicaram-se a publicar artigos que buscassem abordar esse novo cenário, reconfigurando seu projeto editorial para que os temas caros à revista pudessem ser apresentados aos leitores. Difundiram-se, então, de forma intensa nas páginas do *Digest* artigos sobre o estilo de vida norte-americano, suas políticas e cenário econômico, visando, claramente, se opor ao programa socialista difundido pela União Soviética e seus aliados. O sonho norte-americano seria o projeto de oposição do mundo capitalista ao mundo socialista e ele deveria ser capaz de atingir a todos os membros de uma das principais instituições representadas pelo *Digest*, a família:

As propagandas encorajavam as mulheres a sonhar e havia pouca dose de ironia quanto à maioria das conveniências modernas disponíveis quando o período de sua grande necessidade houvesse passado. Os anos de guerra das mulheres ainda eram dominados pelo cotidiano, mas esperava-se que elas vissem além disso, para um plano de futuro: “ela olha para esse plano quando sai de casa... e novamente quando volta cansada da fábrica de guerra. *É sua cozinha dos sonhos.*”

As casas dos sonhos atravessam as linhas das classes – todos querem o seu espaço e, mais ainda, acreditavam ter direito a isso. Uma vez que os materiais estivessem disponíveis, um exército de operários da construção aplicava técnicas de produção aprendidas durante a guerra. Ao invés de casas sofisticadas com ornamentos artesanais e arquitetônicos do passado, casas simples, mas acessíveis, eram rapidamente construídas. “Subdivisão” foi uma palavra acrescentada ao vocabulário americano com todas as suas implicações na mudança de vida das famílias. Casas de família e novas comunidades suburbanas reforçaram o núcleo familiar, segregaram pessoas por idade, assim como por raça e classe e isolaram as donas de casa. Entretanto, uma geração inteira viveu este momento antes que estes aspectos negativos fossem considerados; durante a guerra, as casas dos sonhos e uma alegria genuína permaneceram.

²²⁹ JEFFRIES, John W.. 1996, p. 7.

O preço da casa dos sonhos significava que, após alguns anos de descanso já no pós-guerra e nascimento de alguns bebês, as mulheres voltariam ao mercado de trabalho para garantir padrão de vida mais alto para suas famílias [na aquisição de bens de consumo, casa própria, carro, etc.]. Antes, porém, houve um tempo de experimentação, enquanto os homens tentavam sustentar essas casas mais elaboradas com uma única fonte de renda e, então – e provavelmente mais importante – um tempo em que o mundo dos negócios fez sua descoberta mais surpreendente, das mulheres como consumidoras.²³⁰

Os homens, na esteira das políticas de incentivo governamental, agora imbuídos de novos conhecimentos universitários e técnicos, ou enquanto trabalhadores e investidores, rapidamente reocuparam seus tradicionais espaços nas arenas públicas da sociedade e no território privado da família. As mulheres, contrariando as expectativas mais conservadoras, mais do que retornarem aos lares, retornariam aos lares, aos postos de trabalho e ocupariam, também, cada vez mais espaços nas universidades e nos movimentos sociais.

O bloco soviético, durante a guerra, como já apontado, foi apresentado, grosso modo, de forma neutra, como um aliado, apesar de suscitar desconfianças. Posteriormente ao conflito, passou a ser retratado de forma totalmente distinta. Neste contexto, a revista se converteu em um importante porta-voz, ao longo da Guerra Fria, da luta contra o comunismo, dentro e fora do território norte-americano. Joanne P. Sharp argumenta que o *RDA* contribuiu profundamente para a construção e colocação da URSS na figura do outro em relação aos Estados Unidos.²³¹ Um interessante gráfico elaborado pela autora dá a dimensão da questão para o projeto editorial da revista norte-americana.

²³⁰ WEATHERFORD, Doris. 2008, p. 312, grifos do original.

²³¹ SHARP, Joanne P. *Condensing the cold war: Reader's Digest and American Identity*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2000, p. 85.

Figura 8: Número de artigos sobre a União Soviética ou comunismo no *Reader's Digest*, 1922-1994.²³²

Em *What Russia wants (O que deseja a Rússia)*, artigo publicado em novembro de 1944, o *Digest* apresentava a seguinte perspectiva de cenário pós-guerra para as relações entre Estados Unidos e União Soviética:²³³

a Rússia poderá vir a ser a maior potência do mundo. Poderá tornar-se a maior ameaça jamais vista no mundo, e também o mais poderoso elemento de paz e de estímulo ao desenvolvimento ordeiro de todos os países. Acredito não ser exagero dizer-se que o futuro procedimento da Rússia dependerá, em grande parte, da habilidade que tenham os Estados Unidos de persuadir o povo e o governo russos de que o seu mais legítimo e permanente interesse está, precisamente, em cooperar com este país na criação e manutenção de uma organização mundial eficiente e democrática.²³⁴

²³² SHARP, Joanne P. 2000, p. 84.

²³³ *Reader's Digest* (Nov. de 1944, p. 20-4). O artigo é uma condensação do livro *The time for decision*, de Sumner Welles, ex-sub-secretário de Estado do governo norte-americano.

²³⁴ *Ibidem*, p. 24. *Russia is potentially the greatest power of the world. It can become the greatest menace that the world has yet seen. It can equally well become the greatest force for peace and for orderly development in the world. It is, I think, no exaggeration to say that Russia's future course depends very largely on whether the United States can persuade the Russian people and their government that their permanent and their truest interest lies in cooperating with us in the creation and maintenance of a democratic and effective world organization.*

Nesta conjuntura, mais uma vez os Estados Unidos se apresentam numa posição ativa, de tentativa de condução de uma política global com vias de manutenção da democracia, visto que esta era uma condição presente na sociedade norte-americana, segundo a revista. Em 1947, o *Digest* parecia ainda acreditar em um embate menos intenso com a União Soviética (uma vez que a revista acreditava na possibilidade de convencimento da população soviética sobre algumas vantagens de se aproximar dos norte-americanos), no entanto, a situação se modificaria rapidamente.

Em artigo que trata do modo como o modelo norte-americano estava sendo difundido pelo mundo, a revista não se colocou frontalmente contra a União Soviética, mas se opunha a ela elegendo os pontos “positivos” do que chama de Revolução Americana que conferiu modernidade ao país com base fundamental no capitalismo. Segundo o artigo do *Digest*:

se todo capital Americano no exterior fosse tão esclarecido e audacioso quanto o melhor capital americano no exterior, os impedimentos seriam todos derrubados e então, na maioria das regiões do mundo que não estão desenvolvidas hoje, haveria uma nova e melhor remunerada classe trabalhadora, uma crescente nova classe média, uma nova e maior classe de investidores e uma nova e crescente prosperidade. Contra a prosperidade os agentes da revolução russa se esforçariam em vão. Nenhum país moderno e eficiente, a não ser por pressão militar, entrou na órbita de Moscou.²³⁵

No pós-guerra, como vimos, o *Digest* declarava os Estados Unidos como modelo para o mundo. Dessa forma, a contenção do avanço soviético se apresentava como uma contra-revolução, em que o capitalismo seria fundamental para a difusão de um mundo mais próspero, democrático, em que as mais diversas classes sociais seriam beneficiadas, incluindo a tão apregoada

²³⁵ *Reader's Digest* (Mar. de 1948, p. 27-32). No original: *If all American capital abroad would be as enlightened and adventurous as the best American capital abroad, the impediments to it would wholly fall; and then, in most of the now undeveloped regions of the world, there will be a new better-paid working class, a new rising middle class, a new larger capital-investing class, a new growing prosperity. Against that prosperity the agents of the Russian Revolution would hurl themselves in vain. No modernized effective country, except under military pressure, has ever entered the Moscow orbit.*

crescente classe média. O *Digest* e as revistas do *RDA* ao redor do mundo vinham construindo essa versão contrária ao comunismo desde 1942, mesmo que de forma velada inicialmente.

A bipolarização do mundo causada pela Guerra Fria acentuou, também, as formas como as relações e os papéis de gênero eram apresentados pela revista. Este cenário intensificou as preocupações com a participação das mulheres para uma reorganização bem-sucedida da sociedade, sucesso esse que era visto como fundamental para a vitória do empreendimento norte-americano. Susan Hartmann aponta que

o período do pós-guerra trouxe uma retração aguda nas perspectivas de empregos para mulheres, mas como membros de uma família e consumidoras, as mulheres se beneficiaram da relativa prosperidade econômica que veio após a Guerra. Como cidadãs, mulheres engajadas no debate da política estrangeira assistindo ao início da Guerra Fria, e ao comportamento e crenças políticas das mulheres, assim como dos homens em vida pública, foram submetidas ao escrutínio das cruzadas anticomunistas.²³⁶

Ao construir uma oposição bem demarcada entre Estados Unidos e União Soviética, a representação do bloco socialista, de seus perigos, problemáticas e deficiências, a publicação constantemente se utilizou de elementos historicamente atrelados à família, e conseqüentemente aos papéis de gênero, para apontar aspectos problemáticos na organização soviética. Vários artigos abordaram a questão. Em um dos mais enfáticos sobre as perspectivas para a constituição da família, *I didn't want my children to grow up in Soviet Russia* (*Eu não queria que meu filho crescesse na Rússia Soviética*), Nina I. Alexeiev reporta seus supostos motivos para não querer que seu filho seja criado na nação soviética, no entanto, o mais enfático reside no ponto de que a criança não seria criada para o convívio familiar e sim para se tornar um servo do Estado.²³⁷

²³⁶ HARTMANN, Susan M.. 1982, p. 15.

²³⁷ *Reader's Digest* (Jun. de 1947, p. 27-32).

Essa preocupação com a figura feminina esteve presente no cenário norte-americano no pós-guerra de forma insistente, e destacou ainda mais, ou tornou explícitos, os já presentes sintomas de falência da organização social familiar tradicional. A mulher, impelida a voltar para o ambiente doméstico e reassumir o papel de mãe e dona de casa (mesmo que muitas delas, como destacado, realizassem a dupla jornada), dava, segundo as revistas do *RDA*, sinais de descontentamento com essa reorganização, que a mantinha em um papel secundário, muito embora suas atribuições tivessem aumentado.

Os anos posteriores de Guerra Fria consolidaram uma política de mundo bipolarizada, enquanto a sociedade norte-americana oscilava entre padrões, papéis e representações de gênero tradicionais e contornos um pouco mais maleáveis, mas ainda não o suficiente para as demandas de muitas mulheres que buscavam maior liberdade e autonomia. Neste sentido, a política, para diversas destas mulheres, continuaria sendo uma questão cívica e patriótica, enquanto para outras assumiria contornos distintos, se convertendo na necessidade da organização política em torno de questões que iam muito além das problemáticas da família e do trabalho, mas que começariam a questionar, também, estruturas mais profundas da organização social e que envolviam relações de poder em questões de classe, raça, ideologia, sexo, gênero e do controle do próprio corpo. Para muitas mulheres norte-americanas, em um mundo bipolar, o pessoal também se tornaria político.²³⁸

²³⁸ Na esteira dos movimentos sociais das décadas de 1950 e 1960, o feminismo, principalmente a partir dos anos 1970, ganharia novos contornos e pode-se colocar que “prolongando o movimento de contracultura dos anos 1960, umas das prioridades dos movimentos de libertação de mulheres é a afirmação de que *o privado é político*.” FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. In: HIRATA, Helena; [et al.] (orgs.). *Dicionário Crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 146. Nesta segunda fase do movimento nos Estados Unidos, há a projeção dos “grupos de fala”, de uma busca por identidade, mas também pela distensão do movimento em torno das questões de raça, classe social e gênero. Segundo Marlise Matos, “em 2007, [Nancy] Fraser advogou a tese de que a segunda onda do feminismo norte-americano poderia ser dividida em três ‘fases’: a dos anos 1960, marcados pela efervescência dos ‘novos’ movimentos sociais (instalando-se uma ampliação do ‘imaginário feminista’ por meio da exposição pública de aspectos da dominação masculina); a fase relativa à ‘política de identidades’ (com a incorporação, a partir do arrefecimento tanto do vigor utópico da Nova Esquerda quanto dos insights anti-economicistas, de um ‘imaginário

Para as condutas e representações negativas, desviantes e problemáticas de mulheres e homens, o *Digest* apresentava, como veremos no próximo capítulo, uma série de tipos modelares e desejáveis em contraposição. Os tipos inesquecíveis, pessoas comuns ou não, além de biografias de grandes personalidades históricas, seriam consistentemente retratados pela revista ao longo dos anos e se tornariam exemplos a serem seguidos e lembrados conjuntamente com as narrativas de sucesso de homens e mulheres do presente. A reorganização da nação, vista pelo *Digest*, passaria, então, por modelos históricos aceitáveis e assimilados pela sociedade, além de personalidades do presente que abarcavam antigos papéis e normas, sociais e de gênero. Os tipos inesquecíveis seriam parâmetros para a conformação de modelos familiares, numa perspectiva da família de classe média universal, condizentes com a perspectiva estamental norte-americana, mas também dos editores do *Digest*.

A despeito da Segunda Guerra Mundial ter aberto possibilidades outras para as mulheres, além do universo doméstico, as limitações para que as possibilidades se cumprissem de fato foram rapidamente reveladas: pela própria constituição da sociedade, pelo lugar do homem no pós-guerra e em razão da consciência possível de muitas mulheres acostumadas a serem relegadas ao previsível segundo plano de sempre. Ainda assim, a experiência dos anos do conflito marcou o país para sempre, abrindo o caminho para reconstituição dos papéis de gênero nos Estados Unidos e nos países ocidentais em geral.

culturalista' que reinventa a política como reconhecimento); e a fase do feminismo transnacionalizado (que ocupou vários espaços de articulação política no contexto da globalização)". MATTOS, Marlise. Movimento e Teoria Feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?. In: *Rev. Sociol. Polít.* Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010, p. 73.

CAPÍTULO IV – TIPOS INESQUECÍVEIS: OS MODELOS DE CONDUTA FEMININOS “ATEMPORAIS” DO *READER’S DIGEST*

*[...] o problema com as mulheres é que elas se tornaram muito parecidas com os homens. Elas trabalham, fumam, bebem e falam palavrões como os homens. Algumas até contam histórias como os homens. Ao se tornarem iguais aos homens, elas sacrificaram sua superioridade como mulheres.*²³⁹

Entre os anos 1940 e os anos 1960, revistas periódicas de variedades, como o *Reader’s Digest*, foram extremamente importantes para disseminar valores considerados tradicionais, apesar de também apresentarem, em menor medida, novas perspectivas para as relações de gênero nas mais distintas partes do globo. Segundo Susan Hartmann, durante o período posterior à Segunda Guerra Mundial, no contexto da Guerra Fria, “enquanto as preocupações com a instabilidade internacional ajudaram a sustentar o conservadorismo cultural nos Estados Unidos, elas também promoveram mudanças nos papéis de gênero”.²⁴⁰ Ainda que as mudanças não ganhassem tanto destaque nos grandes espaços midiáticos dominantes, era no corpo social, como indicavam os movimentos de contestação dos anos 1950-1960, que elas obtinham seu espaço primário de relevância.

Enquanto promotoras de “conhecimento rápido”, informação e publicidade, as revistas de variedade agiam, em grande medida, como manuais de conduta social. Nelas, posturas e atitudes eram apresentadas como elementos fundamentais para uma carreira e vida pessoal bem-sucedida. Neste sentido, inúmeros artigos se predispunham a analisar conjunturas e problemas sociais e

²³⁹ *Reader’s Digest* (Set. de 1947, p. 73-74). No original: *the trouble with women is that they have become too much like men. They work, smoke, drink and swear like men. Some even tell stories like men. In becoming the equals of men, they have sacrificed their superiority as women.*

²⁴⁰ HARTMANN, Susan. Women’s Employment and the Domestic Ideal. In MEYEROWITZ, Joanne (Org.). *Not June Cleaver: Women and gender in postwar America, 1945-1960*. Philadelphia, Temple University Press, 1994, p. 86.

propor resoluções ou exemplos para sanar situações tidas como nocivas aos indivíduos e à sociedade como um todo.²⁴¹ Diante das transformações de postura dos mais diversos grupos, principalmente no penúltimo quartel do século XX, revistas tradicionalmente conservadoras, como o *Digest*, se utilizaram ainda mais destes tipos de normas de conduta, apresentando ao longo das décadas inúmeras representações de pessoas “modelares” em contraposição a exemplos negativos.

Neste capítulo nos dedicaremos aos artigos que trataram das mulheres na revista *Reader's Digest* nos Estados Unidos. Cerca de 60% dos artigos aqui analisados foram depois selecionados pelo escritório de *Seleções* no Rio de Janeiro para comporem a revista brasileira. Entretanto, no período da Segunda Guerra Mundial, a seleção dos artigos a serem publicados no Brasil foi realizada em solo norte-americano, mas por brasileiros que trabalhavam para a revista. Reiteramos que a seleção de artigos feita primeiramente nos Estados Unidos e depois no Rio de Janeiro era tarefa de brasileiros. Eles dominavam a técnica com que era produzida a revista *Reader's Digest*: a seleção de artigos já publicados por outras revistas norte-americanas. Aplicavam os mesmos procedimentos para a constituição de *Seleções*; isto é, selecionavam artigos de

²⁴¹ Cf. DOUGLAS, Susan J. *Where the girls are: growing up female with the mass media*. New York: Three Rivers Press, 1995; MEYEROWITZ, Joanne. *Beyond the Feminine Mystique: a reassessment of postwar mass culture, 1946-1958*. In: MEYEROWITZ, Joanne. *Not June Cleaver: Women and gender in postwar America, 1945-1960*. Philadelphia, Temple University Press, 1994; MEYEROWITZ, Joanne. *Rewriting Postwar Women's History, 1945-1960*. In: Hewitt, Nancy A (org.). *A companion to American Women's History*. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2005, p. 382-96. Para o contexto brasileiro, há uma ampla bibliografia, com destaque para os trabalhos de Carla Bassanezi Pinsky, que se dedicou a estudar, por exemplo, as revistas de variedades voltadas para mulheres no contexto brasileiro, e chamou atenção para o fato de tais periódicos não funcionarem apenas como formadores de opinião, mas também como manuais de conduta social. Para mais, ver: BASSANEZI, Carla. *Mulheres nos Anos Dourados*. In: DEL PRIORE, Mary. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de texto). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 607-639. BASSANEZI, Carla. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. PINSKY, Carla Bassanezi. *Imagens e representações 1: a era dos modelos rígidos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012b, p. 469-512. PINSKY, Carla Bassanezi. *Imagens e representações 2: a era dos modelos flexíveis*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012c, p. 513-543.

interesse dos brasileiros, evitando os que tinham temática mais particular da sociedade norte-americana. Aqui, informaremos os artigos que foram publicados nos Estados Unidos e apontaremos os que foram selecionados para sair também no Brasil.

É importante enfatizar que o *Digest* anunciava que publicava artigos de interesse permanente. Acreditavam que o modelo de sociedade que vendiam não era exclusivamente norte-americana, mas “universal”. Entretanto, a própria necessidade de seleção de artigos mostra diferenças culturais e que os temas não tinham no Brasil a mesma recepção alcançada nos Estados Unidos.

Podemos apontar que, acerca da postura da revista norte-americana em relação ao papel da mulher na sociedade, o posicionamento do *Digest*, evidenciado pela escolha dos artigos publicados, revela-se como o de reforçar os comportamentos tradicionais, conservadores, destacando com insatisfação a existência indesejada de outros comportamentos vistos como transgressores, nocivos à organização da família e da estrutura sociopolítica e econômica da nação. Dentro da abertura de novas possibilidades de inserção para parte das mulheres no mundo social, com destaque para o mercado de trabalho – sentidas principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial –, o que se viu foram os setores mais tradicionais da sociedade articularem novos deveres a esse cenário de transformação de escolhas e papéis, mas, também, reforçarem os deveres que já eram atribuídos às mulheres naturalmente, como os do lar e da maternidade.

Essa "dupla jornada", como discutido no capítulo anterior, se caracteriza por deveres no mundo do trabalho assalariado/público sendo somados aos deveres domésticos/privados. Ao invés de compartilharem as atribuições e direitos com os homens, cabia às mulheres, já que "desejavam" ter novos direitos, arcarem também com o peso dos novos deveres sozinhas. Para tanto, essas mesmas mulheres deveriam se portar de forma a corroborar com os padrões de moral vigentes na sociedade norte-americana, reproduzi-los de forma ideal no seio da família tradicional, a de classe média, e se destacar na

participação em atividades cívicas e sociais. Incluía-se o âmbito político apenas quando este corroborava com as estruturas tradicionais vigentes.

Discorrendo sobre revistas de circulação de massa, Joanne Meyerowitz aponta que

das décadas de 1930 a 1950, artigos de revistas defendiam ideais domésticos e realizações não-domésticas para mulheres. Nas décadas de 1930 e 1940, assim como na década de 1950, as revistas femininas apresentavam donas de casa associadas à ficção romântica, conselhos matrimoniais, receitas, moda e anúncios de produtos domésticos. E em todas as três décadas, revistas populares, incluindo revistas femininas, destacaram mulheres de sucesso público, abordaram mulheres como trabalhadoras e promoveram a participação de mulheres no ativismo comunitário e na política. Ao longo de meados do século XX, os conservadores clamavam, ocasionalmente, pela subordinação das mulheres, e os defensores dos direitos das mulheres insistiam, ocasionalmente, na igualdade. Mais frequentemente, porém, as revistas afirmavam tanto um ideal doméstico de longa data quanto um *ethos* de conquista de longo alcance.²⁴²

Meyerowitz nota, ainda, que durante do período pós-guerra, as revistas populares analisadas por ela não demonstraram, necessariamente, um crescimento, em números, de artigos voltados para a domesticidade e a vida da esposa e mãe, mas, sim, que a ênfase dada a essas temáticas se intensificou.

O *Digest* se esmerou nos artigos que apregoavam a importância da mulher no universo doméstico. Pesava sobre ela a responsabilidade de amparar o homem, prover o seu bem-estar, criar os filhos e, portanto, fortalecer os pilares da família tradicional e as normas da sociedade de classe média. Para delimitar o campo da sociedade conservadora, a revista também abordou o seu inverso, aquilo que ameaçava a ordem estabelecida. Ocasionalmente, ao apontar posturas indesejadas, discutia problemáticas de cunho social e particularidades das relações entre homens e mulheres no espaço privado que não condiziam com a norma recorrentemente apregoada, ou mesmo a contradiziam. A revista se empenhou, também, em apresentar e se posicionar contrária aos emergentes

²⁴² MEYEROWITZ, Joanne. 1994, p. 249.

movimentos sociais que se difundiam nos anos 1950 e 1960, principalmente nos Estados Unidos, sem deixar de se atentar para outras partes do mundo.

Um exemplo dessas posturas indesejáveis, mas que ao mesmo tempo denunciavam os dilemas vivenciados por mulheres e homens a partir de finais dos anos 1940, pode ser percebido em um artigo publicado em fevereiro de 1947. Nele, o *Digest* apresenta um problema historicamente associado ao homem, o alcoolismo, agora como algo vivenciado também pelas mulheres, e se pergunta, no título, *Are women drinking too much? (As mulheres estão bebendo demais?)*. Tal artigo saiu no Brasil em abril de 1947, dois meses após sair nos Estados Unidos, com o título *Aumenta o alcoolismo entre as mulheres?*.²⁴³ O texto analisa o crescente número de mulheres que parecem viver

em uma época de profundo caos emocional e social. Duas grandes guerras mundiais e a consequente depressão econômica abalaram sua segurança. Novos conjuntos de valores superenfatizando o poder de sedução pessoal e do dinheiro afastaram a velha concepção de que ser uma boa esposa e boa mãe significava tudo na vida. As mulheres de hoje vivem na época dos super-homens, mas têm ainda o mesmo cérebro e o mesmo sistema nervoso de suas avós. O resultado é o fracasso no embate da vida. O aumento considerável de casos de desordens mentais e emocionais, bem como de excessos alcoólicos, é disso uma prova incontestável.²⁴⁴

A condição da mulher é apresentada como frágil, abalada mentalmente, incapaz de lidar com as realidades políticas e econômicas, esferas tipicamente masculinas. Ainda que estivessem “vivendo como homens” por terem assumido novos papéis sociais, o reforço à sua “inerente condição biológica” denuncia mais uma vez a essencialização do corpo da mulher, algo que a levaria a

²⁴³ *Reader's Digest* (Fev. de 1947, p. 45-7); *Seleções do Reader's Digest* (Abr. de 1947, p. 46-8).

²⁴⁴ *Reader's Digest* (Fev. de 1947, p. 45). No original: *in a chaotic and emotionally disturbing era. Two great wars and a disastrous economic depression have undermined her security. New sets of values overemphasizing glamour and wealth have displaced the old ideal that it is success enough to be a good wife and mother. Today's woman is living in the age of Superman, but she still has the brain and nervous system of her grandmother. As a result, she often cracks under the strain. The tremendous rise in all mental and emotional disorders nowadays is evidence, as well as her increasing alcoholism.*

demonstrar fraqueza e incapacidade neste novo cenário, elementos que estariam a conduzindo de forma crescente ao alcoolismo.

Nessa nova organização, o que ainda se esperava da mulher era que ela assumisse seus papéis naturais, essenciais, sendo a típica esposa e mãe, além de que estivesse ciente do papel diferenciado do homem na sociedade.²⁴⁵ Neste ponto, a revista validava a ideia tradicionalmente agregada à mulher de uma essência biológica, intensamente reforçada em meados do século XX e amplamente questionada pela segunda onda feminista (1960-1980) que *grosso modo* ampliou o debate das sufragistas — por direitos políticos, particularmente o direito do voto — para o lugar da mulher na sociedade e a igualdade entre os sexos.²⁴⁶ A discussão sobre a essência feminina, uma feminilidade inerente às mulheres, é um dos pontos centrais da política que impunha à mulher o âmbito doméstico tão em voga, principalmente nos anos pós-guerra.²⁴⁷ O homem era recorrentemente apresentado de forma positiva, e não deveria, como acontecia com as mulheres, ter seu papel social questionado.

Outro artigo, intitulado *It's a man's world... maybe (Este é um mundo do homem... talvez)*, que não foi publicado posteriormente por *Seleções*, destaca que

a esposa comum, que também é mãe, cozinheira, faxineira e governanta, tem um emprego sólido em suas mãos. Mas ela é sua própria chefe. Ela pode adiar até amanhã a limpeza dos armários do andar superior. Quando faz calor, é ela quem vai ao litoral com as

²⁴⁵ Segundo Joanne Meyerowitz, “[Betty] Friedan argumentou que jornalistas, editores de revistas, publicitários, educadores e cientistas sociais promoviam um sufocante ideal doméstico que afirmava que as mulheres só podiam se satisfazer com o casamento, a maternidade e a família. Friedan apontou as revistas femininas como a principal fonte popular dessa ‘mística feminina’ prejudicial, que, segundo ela, aprisionava as mulheres em casa e reprimia seu potencial”. MEYEROWITZ, Joanne. 2005, p. 390. O argumento parece se aplicar ao caso do *Digest*.

²⁴⁶ Sobre a segunda onda do movimento feminista, ver: BAXANDALL, Rosalyn; GORDON, Linda. *Second-Wave Feminism*. In: Hewitt, Nancy A (org.). *A companion to American Women's History*. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2005, p. 83-99.

²⁴⁷ A prática ganhou intensa crítica, por exemplo, com o lançamento do livro, já citado, de Betty Friedan, *A mística feminina*, em 1963. Ver: FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.

crianças. E quando seu marido chega em casa à noite, ele ajuda com a louça. Ela raramente o ajuda com o trabalho do escritório.²⁴⁸

Nota-se aqui uma inversão na atribuição de valor aos papéis: segundo o *Digest*, o homem ajudava a mulher com os pratos à noite, mas a mulher raramente podia ajudar em serviços de escritório do marido. A mulher cuidava da casa, da alimentação da família, dos filhos e isso não é visto como campo do homem. A preocupação com a mulher parece ter relação com um possível problema para a difusão consistente do ideário de uma classe média de pretensões universais. Se a mulher não estivesse disposta a reassumir seu papel na família, esta proposta de reorganização familiar estaria comprometida e consequentemente todo o bem-estar e sucesso da sociedade.

O *Digest*, em sua proposta editorial conservadora, principalmente em relação aos costumes, também apresentava sistematicamente artigos de pessoas de sucesso e exemplos de conduta moral, elementos que, caso seguidos, levariam os indivíduos a uma vida mais harmoniosa e condizente com prerrogativas consideradas “naturais” por parte da sociedade.

Nas próximas páginas, são destacadas propostas de histórias pessoais valorizadas pela revista. Em um primeiro momento, uma abordagem mais tradicional, atrelada a aspectos das memórias das pessoas no que concerne aos seus exemplos e trajetórias de vida. Depois, o que se analisa, principalmente, é a forma como mulheres do século XIX, ligadas ao movimento abolicionista e/ou sufragista, foram retratadas pela revista como exemplos a serem seguidos. Cabe destacar previamente que tais exemplos serviam, também, como uma forma de se contrapor aos emergentes movimentos de contracultura e de luta pelos

²⁴⁸ *Reader's Digest* (Mar. de 1947, p. 3-5). No original: *the average wife, who is also mother, cook, housekeeper, governess and charwoman, has a solid job on her hands. But she is her own boss. She can put off till tomorrow or next week the cleaning of upstairs closets. When the mercury climbs, she'd the one who is with the children at the seashore. And when a husband gets home at night, he helps with the dishes. She rarely helps him with his office work.*

Direitos Civis que ganhavam cada vez mais volume nos Estados Unidos, como os movimentos feministas e negros.

4.1 – *Meu tipo inesquecível*: modelos de conduta “atemporais”

Uma das seções mais famosas de toda a história do *Reader's Digest* é a *The Most Unforgettable Character I Ever Met (Meu tipo inesquecível)*.²⁴⁹ A seção, publicada no *Digest* pela primeira vez em setembro de 1939, em pouco tempo se tornou um dos maiores sucessos da revista, sendo reproduzida, também, nas edições internacionais. O primeiro texto, idealizado pelo escritor escocês Archibald Joseph Cronin, a pedido de DeWitt Wallace, definiu as bases gerais do espaço que, como o próprio nome sugere, se dedicaria a narrar a vida de pessoas, comuns ou famosas, vivas ou mortas, das mais diversas partes do mundo, que foram capazes de deixar uma marca na vida dos/as autores/as dos artigos. Mary Junqueira destaca que o primeiro texto da série

reproduzia a ideia central de um dos livros de Cronin. Tratava da trajetória de um médico de Lennox, Inglaterra, em que fazia de um homem aleijado – ridicularizado por todos na cidade – o mais respeitável médico da região, em função da sua envergadura moral e obstinação. A escolha de DeWitt Wallace pelo livro de Cronin demonstra que a revista optava por fórmulas já consagradas pelo público como a forma linear dos romances de A. J. Cronin, sempre enfatizando as virtudes pessoais.²⁵⁰

A série se mantém sendo publicada, de forma esporádica, até os dias atuais no *Reader's Digest*. No Brasil, a seção ganhou o nome de *Meu tipo inesquecível*, e também reproduziu, no seu primeiro exemplar, em fevereiro de 1942, o texto de A. J. Cronin.

²⁴⁹ Cf. HEIDENRY, John. *Theirs was the kingdom*: Lila and DeWitt Wallace and the Story of The Reader's Digest. USA, Norton & Company, 1994, p. 114-116.

²⁵⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande* – imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 28.

As narrativas da seção, escritas por autores homens ou mulheres, se tornam importantes exemplos sobre a representação dos homens no *Digest*, uma vez que esses compreendem, de forma determinante, a maior parte dos tipos inesquecíveis apresentados. Refletem, também, a perspectiva do imaginário de sucesso e de legado da sociedade norte-americana, uma vez que a maioria dos textos foi escrita por homens e mulheres dos Estados Unidos. Destacando as características do *self-made man*, da luta pela liberdade e justiça, os grandes exemplos de homens, raramente de mulheres, dentro da instituição familiar, como também as personalidades de outras nações, a série construiu ao longo dos anos um perfil claro e permanente do “tipo inesquecível”, quase sempre um homem branco, de origem anglo-saxã, de classe média que ascendeu socialmente por meios próprios ou que lutou por alguma causa defendendo os princípios liberais que a revista tanto prezava. Tais atuações, como dito, são consideradas atemporais – já que recuperam nomes do final do século XIX e início do XX como se fossem contemporâneos – enquanto a classe média é vista como universal, e como um dos sustentáculos da sociedade liberal.

A seção também se apresenta como importante na tentativa de ilustrar as relações de muitos desses homens com outras partes do mundo e, por consequência, da própria visão norte-americana sobre outras partes do globo, como África e Ásia.

A instituição familiar é outro elemento que ganhou destaque na seção. Grande parte dos artigos compreende memórias sobre pais, tios, avós, parentes próximos que mereciam, segundo os autores, serem lembrados por seus feitos e/ou abdições. As narrativas da seção, ao destacarem experiências de familiares, acabavam por fortalecer visões tradicionais dentro dessas relações, como a concepção patriarcal e hierárquica entre homens e mulheres e entre pais e filhos. No entanto, a seção contribuiu, também, para que pequenas rupturas àquela ordem pudessem ser apresentadas, desde que não contradissem os

parâmetros dominantes da sociedade norte-americana.²⁵¹ Um dos artigos exemplifica bem a questão.

Em fevereiro de 1941, Webb Waldron escreveu para a seção um texto sobre sua mãe. O autor apresenta a trajetória da mulher que, ao entrar no mercado de trabalho, vendendo seguros de vida, foi capaz de garantir os estudos dos filhos, mesmo que o emprego tenha lhe custado a distância do marido e da família. Diante da organização da família nuclear norte-americana, a possibilidade de contar com uma renda extra, dentro de um sistema econômico que valorizava o crescimento do consumo, se tornou uma busca legítima, capaz de ressignificar, em certa medida, o papel da mulher dentro da sociedade e da história. Ao final de seu texto, Webb Waldron destaca que

deve haver muitas outras mulheres como ela [mãe] – mulheres desconhecidas, cujos nomes jamais entrarão no livro de história, trabalhadoras, cujo entusiasmo e energia ajudaram a construir uma América mais rica e próxima de uma comunidade de responsabilidade e camaradagem.²⁵²

As mulheres, atreladas à figura da pioneira do século XIX, condizente com os valores protestantes norte-americanos, que abraçavam os preceitos do *self-made man*, eram apresentadas como modelos a serem seguidos, uma vez que condiziam com os valores morais e com os papéis de gênero tradicionais. Tratam-se de mulheres comuns que haviam lutado para manter a estrutura familiar na ausência do homem, em uma perspectiva de crescimento e sucesso diante das adversidades pelas quais a nação havia passado.

Também são apresentadas, em outros casos, mulheres que haviam buscado a participação política através do voto, os direitos de propriedade e que,

²⁵¹ Ainda que os parâmetros morais, sociais, culturais e mesmo econômicos e políticos da sociedade norte-americana tenham se modificado em grande medida e de distintas maneiras ao longo do século XX, para o *Digest*, eles se mantiveram em larga escala permanentes. Baseados em uma linha editorial pautada nos princípios liberais, no protestantismo e no ideal republicano.

²⁵² *Reader's Digest* (Fev. de 1941, p. 64). No original: *there must be many other women like her – obscure women whose names will never get into the history book, workers whose enthusiasm and energy have helped knit America into a closer, richer community of responsibility and comradeship.*

em alguns casos, defenderam a abolição da escravidão. De todo modo, foram escolhidas mulheres que, apesar de estarem inseridas em contextos históricos específicos, buscaram ao seu modo transformar suas realidades, cada qual a sua maneira, desde que o padrão de família de classe média tradicional fosse assegurado.

Desta forma, o *Digest*, mas também sua edição brasileira, *Seleções*, encontraram nos tipos inesquecíveis, e também em artigos esporádicos que se dedicavam a narrar trajetórias de vida, uma forma de representar simbologias da nação norte-americana e dos valores morais, éticos, político-econômicos, defendidos pelos editores das revistas. Neste sentido,

Seleções apresentava a sociedade norte-americana como harmônica e homogênea, construída pelo indivíduo ativo e empreendedor, que já pregava o liberalismo clássico. Não eram feitas referências às contradições da sociedade: problemas raciais ou questões sobre a violência e a pobreza. O *Digest* divulgou, interna e externamente, a visão de que a sociedade norte-americana era um universo ordenado e harmonioso, construído com base em uma classe média, branca, considerada universal.²⁵³

Mary Anne Junqueira, ao tratar do imaginário do *Wilderness* apresentado em *Seleções*, apontou para a intensa utilização da narrativa da fronteira e dos pioneiros reproduzidas pelas revistas norte-americana e brasileira. Neste sentido, Junqueira destacou a importância de tais discursos, tanto da marcha para o Oeste, como o objetivo de DeWitt Wallace de promover, “reproduzir e fortalecer a aventura épica norte-americana por várias décadas”, aquela feita pelo homem comum e com meios próprios.²⁵⁴

Reiteramos que membros da família de classe média universal tinham atuações consideradas como “atemporais” pelo *Digest*: exatamente os tais tipos inesquecíveis. Eram aqueles que atuavam numa direção rumo ao progresso

²⁵³ JUNQUEIRA, Mary Anne. 2000, p. 233-4.

²⁵⁴ Ibidem, p. 93.

econômico, defendido pela revista norte-americana e outros periódicos. Desta forma, a publicação apresentava não apenas o seu projeto, mas o que divulgava como único possível, o caminho correto para harmonia e ascensão social baseadas no individualismo, na racionalidade e na manutenção da propriedade privada, próprios do mundo liberal.

Cabia, portanto, também às mulheres um papel nessa narrativa da construção e consolidação da nação, que o *Digest* procurou apresentar construindo um imaginário de participação cidadã – como no caso das pioneiras sufragistas, ou das mulheres que contribuíram com o esforço de guerra –, mas sempre destacando e nunca deixando de abarcar, também, as preocupações com a manutenção da organização familiar e social.

Max Eastman, outrora socialista e posterior intenso colaborador do *Digest*, ao usar as palavras de sua mãe, seu tipo inesquecível, aponta que “ela sempre insistiu que as mulheres deveriam ser algo, além de esposas e mães”.²⁵⁵ As mulheres poderiam e o foram, como veremos, muito mais do que esposas e mães, mas nem todas ganharam representatividade nas páginas de revistas como as do *Digest*.

O periódico esteve firme em sua proposta de tratar como mudanças aceitáveis aquelas já incorporadas pela sociedade norte-americana ou as condizentes com o projeto político e conservador em relação à moral e aos costumes que a própria revista representava. *Seleções* seguia o mesmo projeto editorial. Novas demandas não eram bem-vindas ou, pelo menos, não obtiveram espaço em suas páginas. Fica claro que o *Reader's Digest* possuía um rigoroso critério sobre o que era universal e, ainda mais, sobre o que deveria ser permanente, e não incluía, em “tempos de paz”, grandes aberturas para as mulheres.

²⁵⁵ *Reader's Digest* (Jun. de 1941, p. 37). No original: *she always insisted that women ought to be something besides wives and mothers.*

4.2– O *Digest* e os modelos de conduta em períodos de exceção: abolicionistas, sufragistas, etc.

Como veremos, particularmente no período da Segunda Guerra Mundial, o *Digest* destacou principalmente a atuação de personalidades que eles consideravam pioneiras na luta pelos direitos das mulheres: com destaque para as sufragistas. Ainda que o *Digest* tenha se remetido, por exemplo, a mulheres abolicionistas, um número maior de artigos foi dedicado às sufragistas. Isso significa que a revista norte-americana prezava o direito de voto. As mulheres poderiam votar, de preferência num homem conservador. Veremos adiante, entretanto, que a proposição de igualdade entre homens e mulheres posta pelos movimentos feministas da segunda metade do século XX não encontrou grande receptividade no *Digest*.

Houve nos Estados Unidos movimentos de mulheres durante o século XIX que efetivaram sua busca por espaço dentro da sociedade norte-americana, tornando a luta pelo direito ao voto uma de suas principais reivindicações, que ganhou a praça pública particularmente com as mobilizações das sufragistas. Angela Davis destaca, no entanto, que grande parte dessas mulheres não estava, de fato, atenta às demandas e problemas mais urgentes de determinados grupos:

o movimento de mulheres do século XIX também era contaminado pelo preconceito de classe. Susan B. Anthony se perguntava por que seu apelo às mulheres da classe trabalhadora na questão do voto era tão frequentemente recebido com indiferença. Ela indagava o motivo pelo qual essas mulheres pareciam muito mais preocupadas em melhorar sua situação econômica do que em conquistar o direito ao voto. Por mais essencial que a igualdade política fosse para a campanha mais ampla pelos direitos das mulheres, aos olhos das trabalhadoras afro-americanas e brancas isso não era sinônimo de emancipação. O fato de que as estratégias de luta se baseavam conceitualmente na condição específica das mulheres brancas das classes privilegiadas colocava tais estratégias em desacordo com as percepções de empoderamento das mulheres da classe trabalhadora.²⁵⁶

²⁵⁶ DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 16.

É neste sentido que o destaque e a projeção nacional daquele momento foram perpassados por um protagonismo de mulheres em sua maioria brancas e dos setores médios. Ao longo do século XX, o *Digest*, ao buscar apresentá-las como partícipes diretas da sociedade e das lutas sociais, iria novamente dar a elas destaque em detrimento de outros movimentos que ganharam forma naquele século.

As atuações das mulheres exemplares apareciam na seção *Meu tipo inesquecível*, mas muitas, inclusive os exemplos destacados a seguir, foram introduzidas em artigos isolados, dedicados exclusivamente a contar a história de vida de renomadas mulheres norte-americanas.

Neste sentido, em meio a diversas páginas dedicadas à guerra e ao contexto local dos Estados Unidos, um artigo publicado em fevereiro de 1944 contempla uma mulher do século XIX e sua luta pelo citado sufrágio feminino, apresentando-a como uma mulher exemplar. Trata-se de um texto escrito por Orland Kay Armstrong, intitulado *Susan B. Anthony, Trail Blazer (Susan B. Anthony, a desbravadora)*, dedicado à pioneira sufragista norte-americana, também citada por Angela Davis em sua reflexão apontada anteriormente.²⁵⁷

Antes de entrar na análise do artigo, cabe tratar mesmo que rapidamente das gerações de ativistas no campo das reivindicações das mulheres. Martha Narvaz e Sílvia Koller tratam das diferentes ondas de reivindicações ao longo do tempo:

A primeira geração (ou primeira onda do feminismo) representa o surgimento do movimento feminista, que nasceu como movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens. O movimento sufragista (que se estruturou na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e na Espanha) teve fundamental importância nessa

²⁵⁷ *Reader's Digest* (Fev. de 1944, p. 89-92). Sobre a vida e participação de Susan B. Anthony (1820-1906) no movimento sufragista, ver: FLEXNER, Eleanor. *Century of struggle: the woman's rights movement in the United States*. USA: Harvard University Press, 1976; HYMOWITZ, Carol; WEISSMANN, Michael. *A History of women in America*. New York: Bantam Books, 1978.

fase de surgimento do feminismo. [...] A segunda fase do feminismo (segunda geração ou segunda onda) ressurgiu nas décadas de 1960 e 1970, em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada. As propostas feministas que caracterizam determinadas posições, por enfatizarem a igualdade, são conhecidas como “o feminismo da igualdade”, enquanto as que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como “o feminismo da diferença”.²⁵⁸

Essa caracterização que as autoras apontam acerca da luta pelo sufrágio feminino interligada a um ideário liberal se relaciona com a forma com que o *Digest* conduzia suas publicações. Consequentemente, a revista aprovava a luta das mulheres por direitos, particularmente a luta pelo voto – elas poderiam inclusive votar em homens com fortes princípios liberais, aumentando a base de apoio –, mas a equidade entre os sexos era questão, em geral, rechaçada pelo periódico. Posteriormente, a revista abordou a questão das mulheres em outros espaços sociais, incluindo o mundo do trabalho, no entanto, não deixou, também, de continuar reproduzindo artigos em que o lugar da mulher era predominantemente o espaço doméstico.

Inúmeras páginas do *Digest* trataram de grandes personalidades que contribuíram para transformações sociais, no entanto, a maior parte desses artigos era dedicada a homens e a notáveis do meio político. No artigo dedicado à Susan B. Anthony, aponta-se que

o *Reader's Digest* tem, nos últimos anos, apresentado uma galáxia de humanitários e desbravadores sociais que têm contribuído para o nosso crescimento como nação. Esta é a dramática história de uma

²⁵⁸ NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, set./dez. 2006, p. 649.

senhorinha vigorosa e ativa que lutou uma batalha de 58 anos por seu sexo – e ganhou.²⁵⁹

A supracitada pioneira Susan B. Anthony compôs, juntamente com Elizabeth Cady Stanton (1815-1902) e Lucy Stone (1818-1893), um grupo de mulheres que, obstinadamente, nas últimas décadas do século XIX e início do XX, principalmente, lutou pelo direito ao voto feminino.²⁶⁰ Por esse motivo ficaram conhecidas como sufragistas, como indicado, representantes da primeira onda feminista nos Estados Unidos. O artigo, exaltando a trajetória da pioneira, destaca a participação ativa de Susan Anthony em prol da emancipação das mulheres, e termina salientando que

a cruzada que ela empreendeu continuou. Uma década depois, a Primeira Guerra Mundial deu um novo ímpeto ao movimento quando as mulheres tomaram os lugares dos homens em escritórios, lojas e no campo. Em 1920 a emenda do sufrágio foi ratificada. Em sua própria terra o programa está quase terminado. Em 1943 vários estados aprovaram decretos permitindo serviço de júri e concedendo completos direitos civis às mulheres.

Se Susan Anthony estivesse viva hoje ela estaria maravilhada de como seus sonhos se tornaram *completamente* reais. Mas ela ainda estaria lutando, pois o progresso é um caminho sem fim.²⁶¹

O objetivo do artigo parece menos o de tratar da luta pelo sufrágio na virada do século XIX para o XX e mais o de validar a atuação feminina durante a Segunda Guerra Mundial que acontecia naquele momento. Buscava apresentar às leitoras o exemplo de luta bem-sucedida de uma mulher em outro contexto

²⁵⁹ *Reader's Digest* (Fev. de 1944, p. 89). No original: *The Reader's Digest has, in recent years, presented a galaxy of humanitarians and social pathfinders who have contributed to our rise as a nation. Here is the dramatic story of the crinoline-clad dynamo who fought a 58-year battle for her sex – and won.*

²⁶⁰ Cf. HYMOWITZ, Carol; WEISSMANN, Michael. 1978.

²⁶¹ *Reader's Digest* (Fev. de 1944, p. 92, grifos acrescentados). No original: *the crusade she had carried on continued. A decade later the World War gave it added momentum, when women took the places of men in offices, shops and fields. In 1920 the suffrage amendment was ratified. In her own land the program is nearly complete. Several states in 1943 passed acts permitting jury service and otherwise rounding out full citizenship rights for women. If Susan Anthony were living today she would be astonished at how completely her dreams have come true. But she would still be crusading, for progress is a path that has no end.*

histórico. Com a aquisição de novos direitos de cidadania, cabia à mulher, agora, lutar para mantê-los diante da ameaça que a guerra colocava aos Estados Unidos e ao povo norte-americano.

Cabe ressaltar que o artigo foi selecionado para sair em *Seleções* em maio de 1944, dois meses após sair no *Digest* nos Estados Unidos, com o título *Paladina dos direitos da mulher*. O texto publicado naquele país durante a Segunda Guerra certamente foi selecionado para o Brasil porque afirma que as mulheres tomavam os lugares dos homens em casos de necessidade — e a guerra foi um desses momentos na concepção da revista norte-americana. Com isso, pretendia valorizar a mulher lá, mas também aqui, desde que ela assumisse o papel que lhe era atribuído em caso de necessidade e soubesse o momento de se recolher novamente ao lar.

O período da Segunda Guerra e o estímulo para atuação das mulheres permitia recuperar figuras de destaque e que lutaram pela inserção da mulher no espaço público. Foi nesse sentido que as mulheres do movimento sufragista foram retratadas como modelos de luta, persistência e moral, exemplos a serem seguidos por aquelas que agora enfrentavam outros desafios impostos pelo conflito e, posteriormente, pelo período do pós-guerra. Joanne Meyerowitz aponta que

as histórias do pós-guerra das conquistas das mulheres não são surpreendentes. Mulheres famosas figuraram proeminentemente em biografias inspiradoras do século XIX, e as mulheres apareceram em histórias de sucesso de revistas populares pelo menos nas décadas de 1920 e 1930. As histórias afirmavam duradouras trivialidades burguesas sobre intenso trabalho, liberdade e mobilidade ascendente. Na era do pós-guerra, essas trivialidades ganharam novo curso nas tentativas da Guerra Fria de distinguir os indivíduos autônomos do “mundo livre” das massas suprimidas pelo comunismo. Aplicadas às mulheres, elas refletem o sucesso superficial de uma marca diluída de feminismo do começo do século XX que promoveu a “igualdade de oportunidades” e a “realização individual”. Elas também podem refletir um desejo de dar finalidades utópicas às histórias de mulheres

de classe média que cada vez mais entraram na força de trabalho no pós-guerra.²⁶²

Ainda que o artigo sobre Susan B. Anthony tenha sido publicado ao final da Segunda Guerra Mundial, ele já aponta para os desdobramentos posteriores ao conflito. No contexto de guerra, questões de gênero ainda não eram temáticas nos embates e postulados apresentados pela própria classe intelectual.²⁶³ No entanto, referências que abarcavam temáticas relacionadas ao mundo do trabalho e pela defesa dos princípios liberais, como a individualidade e a liberdade, acabavam por unir o que as leitoras/escritoras do *Digest* do século XX poderiam ter em comum com as pioneiras do século XIX. A estratégia da revista parece surtir efeito em distinguir, ainda que previamente à Guerra Fria, as “benesses” do que viria a ser o lugar de destaque dos Estados Unidos na segunda metade do século XX.

Em maio de 1941, o *Digest* já havia publicado um artigo abordando outra importante mulher do século XIX: a escritora abolicionista Harriet Beecher Stowe (1811-1896).²⁶⁴ Em *The book that brewed a war (O livro que gerou uma guerra)*, a revista apresenta a história da autora de *A cabana do Pai Tomás* (1852) e do processo de criação da obra. Assim como o título do artigo destaca, o texto é iniciado com o encontro de Harriet Stowe com o presidente

²⁶² MEYEROWITZ, Joanne. 1994, p. 237.

²⁶³ A discussão mais ampla sobre sexo e gênero ganhou corpo apenas nas décadas seguintes. A década de 1980 foi momento de elaboração teórica importante sobre o tema. É neste período que importantes trabalhos foram publicados, entre eles os de Joan Scott e Louise Tilly. Esses textos foram publicados depois em português no início dos anos 1990 e tiveram grande impacto nas produções historiográficas daqueles anos. Ver: SCOTT, Joan. “Prefácio a Gender and Politics of History”. In: *Cadernos Pagu*. n. 3, 1994, p. 11-27. SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 63-95. TILLY, Louise A.. Gênero, História das Mulheres e História Social. In: *Cadernos Pagu*. n. 3, 1994, p. 29-62.

²⁶⁴ *Reader's Digest* (Mai. de 1941, p. 103-107). O artigo foi publicado em *Seleções do Reader's Digest* na edição de fevereiro de 1943 com o título de *Livro de paz que gerou uma guerra*. A escritora de *A Cabana do Pai Tomás* já era conhecida no Brasil, mas podemos compreender a escolha do artigo pelo fato de estar entre aqueles que apoiavam determinadas ações das mulheres em espaço público em período de exceção como o da Segunda Guerra Mundial, a qual o Brasil acaba de adentrar.

Abraham Lincoln, em 1862, e a sugestão por parte do presidente norte-americano de que seu livro havia contribuído para a eclosão do conflito da Guerra Civil norte-americana ao fomentar a luta abolicionista:

Em novembro de 1862, segundo conta a história, Abraham Lincoln recebeu, na Casa Branca, uma senhora pequenina de meia idade. Segurando em um grande nó sua mãozinha, ele exclamou: “Então esta é a pequena senhora que fez essa grande guerra!”²⁶⁵

A forma como o artigo apresenta Stowe dá a tônica das narrativas apresentadas pelo *Digest*: mesmo quando as mulheres são as protagonistas das histórias, em grande parte das vezes, elas são apresentadas como coadjuvantes, ou os antagonistas são homens representados de forma grandiosa como, no caso em questão, a figura do presidente durante os anos de conflito, Abraham Lincoln (1861-1865).

No caso da autora de *A Cabana do Pai Tomás*, há ainda a sugestão de que ela teria sido capaz de fomentar o maior conflito interno da história dos Estados Unidos, evento que foi capaz de dividir a nação, como se já não houvesse rupturas e distensões políticas, econômicas e raciais anteriores. Como se sabe, Stowe era abolicionista, mas não acreditava na igualdade entre negros e brancos, aliás, como o próprio presidente Abraham Lincoln.²⁶⁶

Não deixa, entretanto, de ser interessante o *Digest* recuperar Stowe justamente no momento da Segunda Guerra Mundial. Com isso, informava como as mulheres deveriam agir em momentos de conflito: assegurando a ordem liberal, em nome da União, que tinha como projeto manter a integridade do país. Era essa a sua função ao atuar no espaço público, manter o mundo

²⁶⁵ *Reader's Digest* (Mai. de 1941, p. 103). No original: *Late in november 1862, so the story goes, Abraham Lincoln received at the White House a diminutive, middle-aged lady. Clasping her tiny hand in his great knotted one, he exclaimed: "So this is the little lady who made this big war!"* O encontro é constantemente rememorado e ganhou, em 2006, uma escultura produzida por Bruno Lucchesi e instalada em Hartford, Connecticut, estado natal de Stowe.

²⁶⁶ Cf. FONER, Eric. *The Fiery Trial*. Abraham Lincoln and American slavery. New York: W.W. Norton & Company, 2010.

liberal criado e dirigido pelos homens. Com isso, a revista informava também que igualdade entre homens e mulheres não estava em questão durante a Segunda Guerra Mundial.

Ainda que o artigo visasse destacar a escritora, as formas de representação e linguagem contribuem, e condizem, com postulados historicamente bem concebidos das dualidades e importâncias dos papéis das mulheres e dos homens dentro da sociedade. Dentre as capacidades apontadas de Stowe, se destacava a *sensibilidade* para compreender as peculiaridades e também o lado bom dos homens e mulheres sulistas, uma vez que, segundo o artigo,

frequentemente, como uma descoberta moderna, diz-se que os sulistas entendem o negro melhor do que os nortistas e sabem conviver melhor com ele. Contudo, Harriet estava escrevendo esta mesma história em 1851 e 1852. Ela não ignorou o lado agradável e patriarcal da escravidão, o que fez o seu livro tão difícil de entender. Alguns dos personagens mais gentis e honestos de seu romance eram sulistas e senhores de escravos. [...] Era preciso um olhar perspicaz para reparar este aspecto há um século.²⁶⁷

Note-se aqui a defesa sulista por parte da revista em momento de forte segregação racial no país. Quase vinte anos após os artigos comentados acima, o *Digest*, como veremos, manteria uma perspectiva semelhante ao apresentar ao público mulheres que o periódico considerava importantes para a História dos Estados Unidos. Em setembro de 1960, em um artigo de Paul Friggens, a revista destacou a vida da, também, sufragista Esther Morris (1814-1902), que, na segunda metade do século XIX, lutou pelo voto feminino no estado do Wyoming (abrangência estadual), obtido em 1869, e se tornou a primeira mulher

²⁶⁷ *Reader's Digest* (Mai. de 1941, p. 105). No original: *It is often brought forth as a modern discovery that the Southerner understands the Negro better than the Northerner, and knows better how to get along with him. Yet Harriet was writing this very thing in 1851 and 1852. She did not overlook the pleasant, patriarchal side of slavery, which was one thing that made her book so hard to answer. Some of the Kindest and most upright characters in the novel were Southerners and slaveholders. [...] It took a shrewd eye to note that point a century ago.*

a ser juíza de paz.²⁶⁸ O artigo destaca que a ativista “ficou exultante com a toada de direitos iguais de Susan B. Anthony, Elizabeth Cady Stanton, Lucretia Mott e outras reformadoras feministas”.²⁶⁹ Relaciona Morris, ainda, diretamente à figura do pioneirismo norte-americano e da marcha para o Oeste, concluindo que ela chegou ao território do Wyoming “com o sopro de liberdade e igualdade em suas narinas”.²⁷⁰ Importante destacar aqui que a relação não esteve vinculada com a legitimação da atuação das mulheres na Segunda Guerra Mundial, mas abre para a questão da igualdade que passa a se tornar tema importante com os movimentos dos Direitos Civis, por exemplo.

Com o avanço das demandas dos movimentos sociais ao longo do século XX, a possibilidade de ressignificar e conter os questionamentos, como os dos crescentes movimentos feminista e negro, acentuaram a necessidade de se resgatar personalidades que pudessem ser agregadas ao panteão dos heróis nacionais. As mulheres do movimento sufragista e abolicionista – cabe salientar mais uma vez que todas as destacadas eram mulheres brancas, em geral casadas e, dos segmentos médios – agora podiam ser apresentadas como exemplos de luta e de conduta.

O *Digest*, ao apresentá-las como modelos para a nação desde os anos de guerra, sustenta que elas deveriam servir como exemplo também para as/os leitoras/es. A luta destas mulheres deveria ser baliza, portanto, para a atuação durante a Segunda Guerra Mundial, como destacado, mas também para a contraposição aos movimentos que se radicalizavam na segunda metade do século XX. A atuação era importante, mas tinha seus limites impostos primeiramente pelo lugar do homem na sociedade. Esse lugar como “cabeça do

²⁶⁸ Sobre a história do voto nos Estados Unidos, ver: KEYSSAR, Alexander. *The right to vote: the contested history of democracy in the United States*. New York: Basic Books, 2000.

²⁶⁹ *Reader's Digest* (Set. de 1960, p. 198). No original: *became fired with the equal-rights gospel of Susan B. Anthony, Elizabeth Cady Stanton, Lucretia Mott and the other feminist reformers*.

²⁷⁰ *Ibidem*. No original: *with the breath of freedom and equality in her nostrils*. O artigo não foi publicado posteriormente por *Seleções*. Provavelmente o contexto brasileiro não comportava tais demandas, além de se tratar de uma narrativa bem localizada.

casal”, chefe da família e como aquele que naturalmente dominava o espaço público não deveria ser ameaçado. A revista, portanto, buscava valorizar as lutas passadas – que dentro de seus contextos compunham importantes estágios da luta por direitos, e que em sua época foram questionados e desvalorizados como, aliás, o *Digest* fazia com os movimentos que considerava radicais e pressupunham ameaçar a família tradicional. As reformas sociais permitidas eram, assim, as realizadas em momentos anteriores.

4.3– O *Digest* e os modelos de conduta no pós-Guerra: mulheres em postos de destaque

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, exemplos de atuação como o das abolicionistas e das sufragistas aos poucos deixam as páginas da revista, ainda que aqui e ali apareçam outro tipo de “pioneiras e desbravadoras”. Da mesma forma, desapareceu a mobilização para que as mulheres entrassem em fábricas enquanto o homem estava no *front* de guerra. Agora, o *Digest* exaltava médicas, professoras, servidoras públicas. A título de exemplo, podemos aludir ao artigo *Trail Blazer in Medicine – Elizabeth Blackwell and how her dream came true* (*Pioneira na Medicina – Elizabeth Blackwell e como seu sonho se tornou realidade*).²⁷¹ Trata-se de outra mulher recuperada do século XIX que é retratada como exemplo de luta obstinada e legítima.

Elizabeth Blackweel (1821-1910) é apresentada como “a pequena e invencível jovem que abriu as portas da prática médica às mulheres”.²⁷² Mais uma vez, ao protagonizar a história de uma importante mulher do século XIX, o *Digest* utiliza-se de recursos que visam elencar uma suposta fragilidade física da mulher e destacada determinação em se formar em medicina. No entanto, cabe

²⁷¹ *Reader's Digest* (Nov. de 1949, p. 55-9). O artigo foi publicado por *Seleções* em fevereiro de 1950 com o título de *Médica Vanguardreira – Elizabeth Blackwell, e como o seu sonho se tornou realidade*.

²⁷² *Reader's Digest* (Nov. de 1949, p. 55-9). No original: *The slight, invincible young lady who opened the doors of medical practice to women*.

dizer que Blackweel também era uma destacada abolicionista, fato não mencionado ao longo do texto, e por consequência não associado à sua obstinação e luta.

Aos poucos, também, os exemplos de atuação do século XIX e lutas da virada para o XX vão deixando as páginas do *Digest*. Passam as ser destacadas as mulheres profissionais, mas que referendavam a família tradicional ou o lugar subalterno dos negros na sociedade. Isso quer dizer que, bem ou mal, a revista precisou incorporar mudanças ao longo do tempo, entre elas o lugar da mulher no mercado de trabalho, desde que determinados parâmetros do projeto conservador exaltado fosse respeitado. Não é demais lembrar que alguns dos perfis comentados aqui são de mulheres “notáveis” do período.

Paul O’Neill, em um artigo que analisa a vida da colunista Ann Landers²⁷³, destaca que grande parte de seu sucesso se deve ao fato de sua personalidade e de suas posições, que ele apresenta da seguinte forma:

Seus pontos de vista aventureiros e sua linguagem, entretanto, revestiam uma ortodoxia antiquada. Ela acredita que o casamento deva ser permanente, mesmo quando perturbado pela insanidade masculina; ela considera mulheres que não conseguem fazer o casamento funcionar ligeiramente ridículas. Ela tem pouca paciência com as pessoas que negligenciam os deveres da paternidade. Tem ainda menos paciência com crianças que se rebelam contra autoridade e acha que milhares delas deveriam levar um chute no traseiro. Ela tem restrições ao sonho juvenil de amor, considera o relacionamento pré-nupcial indesculpável, se não um pecado, e é rigorosamente contra casamento inter-racial – simplesmente porque “casamento já é suficientemente difícil sem obstáculos extras”.

[...] No processo de reflexão sobre os problemas mentais, emocionais, financeiros e nupciais da nação, a coluna de Landers tornou-se um registro da cultura norte-americana.²⁷⁴

²⁷³ Ann Landers é o pseudônimo de Esther Pauline Friedman Lederer (1918-2002). Landers se destacou como uma importante colunista e conselheira (respondendo a problemas acerca das mais distintas temáticas). Suas colunas eram distribuídas através de agências de notícias, que as revendiam para os mais diversos jornais ao redor do mundo.

²⁷⁴ *Reader’s Digest* (Set. de 1960, p. 106; 9). No original: *Her adventurous views and idiom, however, clothe an old-fashioned orthodoxy. She believes that marriage should be permanent, even when disturbed by masculine lunacy; women who cannot make marriage work she finds faintly ridiculous. She has little patience with people who neglect the duties of parenthood. She has even less for children*

O excerto, sucintamente, apresenta os posicionamentos que encontramos em grande parte dos artigos apresentados pela revista norte-americana. Landers, tradicional e conservadora, tinha princípios endossados pelos dirigentes do *Digest* e, dessa forma, era apresentada como uma mulher que construiu uma trajetória de destaque sem se desvencilhar das prerrogativas do lar e da família, o que a tornava, portanto, uma mulher apta a falar, aconselhar, e que deveria ser ouvida. O mesmo deveria ser proposto e difundido para as outras partes do mundo, utilizando os exemplos das mulheres norte-americanas, ou mesmo das mulheres locais, como veremos, no próximo capítulo, para o caso brasileiro.

Michael Scully, um dos reiterados colaboradores do *Digest* sobre assuntos referentes à América Latina, apontou em um artigo intitulado *Senhora de Obregón's invincible whim (A invencível força de vontade da Senhora Obregón)* o quanto “uma das mulheres mexicanas mais bonitas e graciosas demonstra que a feminilidade e o feminismo podem ir de mãos dadas”.²⁷⁵

O artigo destaca que Obregón fundou e dirigia a primeira escola de moças do México, atuava em serviços filantrópicos e atuou em âmbito diplomático. Interessante notar que o artigo, neste caso, foi publicado primeiramente na revista brasileira como o título de *A feminista feminina do México* e no mês seguinte saiu nas páginas do periódico norte-americano.²⁷⁶ No entanto, era raro um artigo sair primeiro na América Latina. Provavelmente, o perfil de Obregón foi produzido pelos próprios mexicanos e depois recuperado pelo *Digest*.

who rebel against reasonable authority and feels that thousands of them would be better off for a good kick in the pants. She regards love's young dream with an extremely suspicious eye, considers premarital unchastity inexcusable folly if not sin, and is sternly opposed to mixed or interracial marriage – simply because “marriage is difficult enough without extra handicaps.” [...] In the process of reflecting the nation's mental, emotional, financial and marital problems, the Landers column has become a record of Americana.

²⁷⁵ *Reader's Digest* (Abr. de 1947, p. 132-4). No original: *One of the most ornamental and gracious Mexican women demonstrates that femininity and feminism can go hand in hand.*

²⁷⁶ *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1947, p. 85-7). Sobre a vida e a concepção de feminismo de Adela Formoso de Obregón, ver: AGUIRRE, Aalhi. A propósito de Adela Formoso de Obregón Santacilia y su connotado discurso en el Primer Congreso de la Unión de Universidades Latinoamericanas en 1949. In: *Universidades, Unión de Universidades de América Latina y el Caribe, México*, n. 59, p. 69-74, jan-mar. 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37332547007> Acesso em: 11 de julho de 2018.

Demonstra-se também o caráter transnacional e, às vezes, interativo entre as publicações do *Digest* e de algumas de suas subsidiárias pelo mundo, além de apontar os elementos que a editoria dos Estados Unidos julgava interessante de reproduzir acerca da América Latina, sendo o papel desempenhado pelas mulheres um deles.

One of the most ornamental and gracious Mexican women demonstrates that femininity and feminism can go hand in hand

Señora de Obregón's Invincible Whim

Condensed from *The Pan American*
Michael Scully

ADELA Formoso de Obregón Santacilia is tiny, chic, fragile, sparkling. She looks always as though she were about to be photographed for a fashion magazine. Yet she is one of the hemisphere's busiest women. She conducts Mexico's first modern college for women, her own creation; she directs a national campaign that has saved thousands from blindness; she serves her government in special capacities—for instance, as a United Nations delegate at San Francisco. She is Mexico's most sought woman speaker, a widely read writer, and a talented musician, organizer of the first professionally polished Mexican ballet. And she is the mother of three handsome children and the wife of one of Mexico's most contented husbands.

This array of roles is the more remarkable when one considers Señora de Obregón's background. For the pretty little girl, Adela Formoso, was reared as a social ornament in the centuries-old Spanish tradition that women of the upper class have no place in life outside the home and exclusive society.

As Adela grew up in the big house in Mexico City, she pondered the inequity which sent her brothers to college while she and girls like her were taught nothing more than French, poetry and the social graces that would lead to a good marriage. She felt that hers was an artificially underprivileged class which, given the chance, could help to bring a better order in Mexico. So she sharpened her mind on an extensive family library and waited.

Her opportunity came when she met Carlos Obregón Santacilia, a young architect who agreed with her that women have brains worth cultivating. The secret pact they made with their engagement became a sensation when, after marriage in 1927, she announced she was now free to enter the National University.

132

Published by Famous Features Syndicate, Inc., 1150 Sixth Ave., New York 19, N. Y.
(The Pan American: Magazine of the Americas, October, '46)

Figura 9: *Reader's Digest*, abril de 1947, p. 132.

Provou ser tão fácil realizar uma obra útil como uma empresa supérflua, sendo que a primeira nos dá maior satisfação

A feminista feminina do México

(Condensado da revista «The Pan American»)
Por Michael Scully

ADELA FORMOSO de Obregón Santacilia é um palminho de mulher, elegante, franzina e cheia de vida. Está sempre bem posta, como se esperasse ser fotografada para a capa de uma revista de modas. No entanto, é uma das senhoras mais diligentes deste hemisfério. Dirige a primeira escola superior para moças no México, instituição por ela organizada; orienta um serviço nacional de proteção aos cegos, que tem salvo milhares de vítimas da cegueira; e serve ainda ao governo do seu país em missões especiais, tendo sido delegada mexicana à Conferência das Nações Unidas, em S. Francisco da Califórnia. É a mais solicitada das oradoras do país. Distingue-se também como escritora, muito lida e apreciada, e foi a organizadora do primeiro bailado artístico produzido no México. É mãe desvelada de três lindas crianças e esposa de um dos maridos mais felizes.

E mais ainda sobressaem esses numerosos predados quando tomamos em consideração os antecedentes da sra. de Obregón. Sim, porque essa prezada criatura—Adela Formoso—foi educada como um ornamento social, consoante a tradição secular espanhola, pela qual a

mulher que pertence à classe abastada não deve ter posição alguma fora do seu lar e da sociedade em que figura.

Adela provem de uma das respeitáveis famílias do México; criou-se numa casa senhorial, e sofreu a afronta de ver seus irmãos seguirem cursos universitários, enquanto ela e outras moças ficavam em casa e tudo que aprendiam era francês, literatura, e as maneiras de etiqueta social, com a finalidade de lograr um próximo casamento. Com razão, pensou ela que pertencia a uma classe artificialmente desprivilegiada, que, se tivesse melhor oportunidade, poderia ajudar na obra de remodelação das coisas no seu país. Preparou-se, pois, lendo tudo que pôde na biblioteca paterna, e aguardou a sua vez.

Essa oportunidade lhe chegou ao conhecer Carlos Obregón Santacilia, um jovem arquiteto cujas idéias combinavam com as dela a respeito de que as mulheres também possuem um cérebro a ser cultivado. O pacto secreto que fizeram, para casar, foi glosado com sensacionalismo, quando ela declarou publicamente, depois de suas núpcias em 1927, que agora sim, estava livre, e podia entrar para a Universidade Nacional.

85

Figura 10: Seleções do Reader's Digest, março de 1947, p. 85.

Isso quer dizer que embora houvesse artigos que não saíssem no Brasil, uma vez que alguns deles tratavam de temas muito particulares da sociedade norte-americana, como o lugar do negro e a segregação racial, outros eram bem recebidos aqui. Não há dúvida que havia elementos da classe média tradicional

que circulavam e encontravam ressonância na sociedade brasileira, como demonstra o sucesso de *Seleções* no Brasil.

Seleções não se eximiu de destacar a palavra feminista no título, mesmo que fosse para amenizá-la a seguir com a adjetivação de feminina, diferentemente do *Digest*, que buscou utilizar os termos apenas no subtítulo. Cabe ressaltar que a mulher retratada vinha de altos estratos econômicos da sociedade e que transitava pelos meios políticos e diplomáticos mexicanos, aos moldes das influentes mulheres norte-americanas.

O texto se inicia destacando que apesar de ser esposa de uma das personalidades mais importantes do México, e também ser mãe, a Senhora de Obregón seria uma mulher que mesmo se apresentando de forma frágil está sempre pronta a ser fotografada para qualquer revista de moda, e ainda coordena um dos mais modernos colégios para garotas do país hispânico, além de participar de eventos diplomáticos. Também acrescenta que

o objetivo subjacente da Senhora de Obregón é criar mães-cidadãs. Cursos de dietética e treinamento infantil são enfatizados, mas a aluna é constantemente lembrada de que ela tem obrigações fora de casa por um lema parafraseado de Aristóteles: "Metade de todos os cidadãos são mulheres". Ela pode estudar assuntos tão práticos como direito, finanças, jornalismo, enfermagem e preparação para o serviço consular.²⁷⁷

É dessa forma, associando cuidado familiar e conduta cívica, assistência social e feminilidade, que as mulheres poderiam contribuir para a transformação da sociedade. A Senhora de Obregón poderia ser comparada a Lila Wallace. São esses tipos que o *Digest* buscava destacar, visto que são os perfis que a revista

²⁷⁷ *Reader's Digest* (Abr. de 1947, p. 134). No original: *Señora de Obregon's underlying aim is to create citizen-mothers. Courses in dietetics and scientific child training are emphasized, but the student is constantly reminded that she has obligations outside the home by a motto paraphrased from Aristotle: "Half of all citizens are women." She may study such practical subjects as law, banking, journalism, nursing and preparation for the consular service.* No Brasil, algumas frases, por vezes parágrafos inteiros, eram omitidos durante o processo de tradução e editoração. No artigo em questão, a passagem de Aristóteles, "Metade de todos os cidadãos são mulheres", não aparece na revista brasileira. *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1947, p. 87).

endossava e valorizava enquanto posturas socialmente aceitas para as mulheres diante das novas possibilidades que o pós-guerra e a Guerra Fria apresentavam.

Neste sentido, ainda que caiba novamente ressaltar que certas representações femininas do século XIX se faziam presentes nas páginas do *Digest* (consequentemente para as suas subsidiárias ao redor do mundo) e tinham suas lutas reformistas reconhecidas como importantes para o desenvolvimento da nação, é importante destacar que pouco é abordado sobre as mulheres do próprio século XX, suas lutas e movimentos por igualdade social, por representatividade e espaço em diferentes setores da nação. Desta forma, o que se pode inferir é que se o *Digest* fosse um veículo contemporâneo àquelas manifestações e lutas do século XIX, provavelmente não teria dado o mesmo destaque às transformações encabeçadas pelas mulheres que agora celebrava. Joanne Meyerowitz aponta que

enquanto os estereótipos femininos às vezes fornecessem amálgamas convenientes que aumentavam em contraste com a realização pública atípica de uma mulher, eles também serviam como lembretes conservadores de que todas as mulheres, até mesmo mulheres de sucesso público, deveriam manter distinções tradicionais de gênero.²⁷⁸

Como mencionado, os perfis masculinos figuravam muito mais entre as páginas do *Digest*. Já os perfis das mulheres do século XX, além de Eleanor Roosevelt, recebiam menos destaque pelo *Digest* ao longo do período delimitado por esta tese. Entretanto, os perfis escolhidos para serem evidenciados mais uma vez mostram mudanças que a revista teve que incorporar, como a aceitação de mulheres médicas, diplomatas ou juízas, como veremos adiante, ao mesmo tempo em que defendia a família conservadora. A revista fazia esforço para defender que uma coisa não dependia da outra.

Vale comentar o artigo que apresenta Edith Spurlock Sampson (1901-1979), a primeira juíza negra dos Estados Unidos, que também foi indicada para

²⁷⁸ MEYEROWITZ, Joanne. 1994, p. 233.

o cargo de delegada da recém fundada Organização das Nações Unidas (ONU).²⁷⁹ A publicação, *Edith Sampson – Thorn in Russia’s Side* (*Edith Sampson – Um obstáculo aos russos*), condensa e reafirma algumas das posturas assumidas pela revista no que concerne à representatividade da mulher nos Estados Unidos e à questão racial no país.

Sampson, mulher negra proeminente na sociedade norte-americana, recebeu tratamento diferenciado, ressaltando sua atuação no serviço público. Segundo a publicação, o único jornal a questionar a indicação que a tornaria delegada na Organização das Nações Unidas havia sido o periódico comunista *Daily Worker*. Desta forma, o *Digest* se apresenta como uma publicação teoricamente contra a discriminação racial e de mulheres, além de, em tempos de Guerra Fria, imputar tais características à propaganda comunista.

A caracterização de Sampson ao longo do artigo é a de demonstrar seu crescimento pessoal através de uma trajetória de mérito, na qual a advogada, assim como Lila Wallace, havia iniciado sua carreira como uma assistente social, até se graduar e atingir um alto posto, trabalhando na ONU com figuras como Eleanor Roosevelt com quem “compartilha a mesma humanidade profunda, bom humor e tolerância”.²⁸⁰

Neste sentido, pode-se apontar que a revista indiretamente equipara três mulheres com perfis semelhantes: Eleanor Roosevelt, Lila Wallace e Edith Spurlock Sampson. Busca, dessa forma, caracterizar uma representatividade positiva, mesmo que de distintas maneiras. Lila Wallace, apesar de pouco aparecer nas páginas da revista, permanecia nas entrelinhas, mas sua atuação ultrapassava os limites do periódico em que se enfatizava a trajetória de sucesso ao lado de DeWitt Wallace, assumindo uma postura filantrópica e de relações

²⁷⁹ *Reader’s Digest* (Abr. de 1951, p. 107-9).

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 108. No original: *share the same deep humanity, easy good humor and tolerance*.

públicas diante do império constituído pelo *Digest*.²⁸¹ Eleanor Roosevelt, esposa de Franklin Delano Roosevelt, o presidente que assumiu o país em plena Depressão e que atuou para que entrasse na guerra ao lado dos Aliados, teve participação importante na política norte-americana, bem como nas páginas da revista, e serviu como uma importante representação feminina para a nação.²⁸²

Edith Sampson, ao ser equiparada às duas mulheres, se destaca como uma das raras representações negras nas páginas da revista. O *Digest*, ao incluí-la, podia afirmar que contemplava, sim, as mulheres negras, mas aquelas que estavam no caminho que a revista aprovava. Os exemplos comparativos são de mulheres brancas, bem-sucedidas econômica e socialmente. Nesse sentido, a fala de Sampson é escolhida por não destoar drasticamente da proposta veiculada pela revista. Assim, o artigo elenca que a juíza, quando questionada por um de seus pares se “os negros têm direitos iguais na América?”, responde:

Minha resposta é não. Mas lembremos que, há 85 anos, negros na América eram escravos, quase 100 por cento analfabetos. Os dados mostram que o negro avançou mais nesse período do que qualquer outro grupo similar em todo o mundo. Isso significa que os negros na América estão satisfeitos? Não. Nunca estaremos satisfeitos até que as barreiras raciais sejam demolidas. Mas sabemos que, sob uma democracia, temos liberdade e oportunidade para melhorar as condições existentes. Não seremos vítimas da propaganda comunista que divide e coloca o branco contra o negro. Nós, negros, podemos distinguir a diferença entre um sistema escravocrata e a democracia. A divisão hoje é entre aqueles que trabalham em prol da liberdade individual e aqueles que fariam das pessoas servas de um estado todo-poderoso.²⁸³

²⁸¹ Pode-se apontar as inúmeras aparições de Lila Wallace em eventos para arrecadação de fundos, mas também para receber prêmios por suas ações de caridade. Ao longo das décadas, recorrentemente apareceu nas páginas dos mais distintos jornais dos Estados Unidos.

²⁸² Eleanor Roosevelt (1884-1962) foi uma das personalidades retratadas na série *Meu tipo inesquecível*, quando em outubro de 1963 a ex-sufragista e jornalista Emma Bugbee (1888-1981) dedicou a seção à ex-primeira-dama norte-americana. *Reader's Digest* (Out. de 1963, p. 91-7). Em junho de 1949, a revista já havia publicado um artigo tratando de sua vida como delegada das Nações Unidas, texto que traça um perfil de sua trajetória e que foi intitulado *The Evolution of Eleanor*.

²⁸³ *Reader's Digest* (Abr. de 1951, p. 107). No original: *Do Negroes have equal rights in America? [...] My answer is no. But let's remember that 85 years ago Negroes in America were slaves, almost 100 percent illiterate. The record shows that the Negro has advanced further in this period than any similar group in the entire world. Does this mean that Negroes in America are satisfied? No. We will*

Sampson corrobora o discurso da situação, sustentando a violenta segregação racial que alcançava Norte e Sul do país, assim como o fazia o próprio *Digest*. Alguns anos depois, ainda na década de 1950, o movimento dos Direitos Civis irrompera com força, sacudindo a sociedade norte-americana. A juíza, exceção entre a população negra dos Estados Unidos, utiliza-se das proposições da liberdade individual, do mérito e da democracia para apontar os avanços já concretizados e as perspectivas futuras. Descarta, na mesma proposição, a propaganda comunista, que aponta como uma retomada ao sistema servil. Conjuntamente aos propósitos de uma concepção liberal, condizente com o projeto político e econômico, tanto dos Estados Unidos quanto do *Digest*, Sampson reafirma os valores dos promotores da revista.

É questionável, portanto, que Sampson seja representativa da maior parte das mulheres negras norte-americanas. Lila Wallace advogava para as mulheres um lugar que ela não desempenhou na vida no espaço público. Do mesmo modo, Sampson propunha para os negros que primeiro esperassem para em seguida alcançar o nível em que se encontravam os brancos. Ela, entretanto, ocupava posição pública e não era representativa da esmagadora maioria dos negros e negras.

O *Digest*, portanto, apesar de salientar importantes movimentos de luta de mulheres, destacando personalidades importantes e fundadoras, não abriu espaço para que, de forma ampla e equivalente, outras histórias pudessem ser contadas. Forjou alguns tipos inesquecíveis em contextos oportunos à revelia de outros grupos que permaneceram silentes e, em muitos casos, apresentados de forma a serem contidos e combatidos, como aconteceu com os movimentos dos Direitos

never be satisfied until racial barriers are lifted. But we know that under a democracy we have freedom and opportunity to better existing conditions. We will not fall prey to Communist propaganda to divide white against colored peoples. We Negroes can tell the difference between a slave system and democracy. The division today is between those working toward individual freedom and those who would make the people servants of an all-powerfull state.

Civis e da contracultura, ou para servirem de forma utilitarista ao projeto editorial da revista, como no caso de Edith Sampson.

Se o *Digest* pretendia apresentar temas considerados “universais”, sua concepção de universalidade seguia preponderantemente um tipo inesquecível, que se manteve, ao longo das décadas em questão, majoritariamente, como temos visto, masculino, branco, protestante e de classe média. Às mulheres restavam algumas páginas bem selecionadas dentro da História dos Estados Unidos. À comunidade negra, as páginas utilizadas em momentos de necessidade e mobilização nacional, ou de contenção e de exemplificação de modelos de conduta. Suas histórias foram pouco narradas e, quando o foram, traziam discursos apaziguadores ou como exemplos excepcionais dentro de uma nação heterogênea e tensionada pelas desigualdades raciais.

4.4– Direitos Civis e a Contracultura

A intensificação de distintos movimentos sociais a partir, principalmente, da segunda metade dos anos 1950 obrigou os editores do *Digest* a tratarem de questões que anteriormente não ganhavam espaço nas páginas da revista. O grande número de artigos e a concordância ou não com os movimentos negros, de luta pelos direitos civis, feministas e de contracultura oscilavam, assim como grande parte dos posicionamentos do periódico norte-americano. Reiteramos que a publicação, na maior parte das vezes, assumia uma postura conservadora, atendo-se a aspectos pontuais para desqualificar ou categorizar negativamente os movimentos em questão. Sobre a questão dos Direitos Civis, por exemplo, Heidenry pontua que:

Nos anos 40 e início dos anos 50, o *Digest* apoiou de maneira cautelosa o crescimento bastante tranquilo do movimento dos direitos civis. Este movimento clamava por melhor educação, oportunidades iguais e maior dignidade para o negro, ainda que frequentemente expressasse seu temor de que a “agressividade” natural do negro

pudesse se tornar incontrolável. Em meados dos anos 50, entretanto, enquanto o Sul fervia com as turbulências provocadas pela decisão da Corte Suprema quanto ao caso histórico *Brown v. Board of Education*, em 1954, pela não segregação das escolas, a proporção de artigos simpáticos ao segregacionismo aumentou fortemente e não foi aplacada senão em mais de uma década. Mesmo depois que Eisenhower, em 1957, ordenou que tropas federais em Little Rock, Arkansas, protegessem alunos negros que tentavam ingressar em escolas públicas, o *Digest* ainda insistiu que os sulistas se oporiam à integração até que os “padrões morais dos brancos e negros, como grupos, se aproximassem muito mais, até alcançarem um mesmo nível”.²⁸⁴

Assim como no caso da juíza Edith Sampson, o *Digest* buscou uma posição amena diante das convulsões que assolaram os Estados Unidos, principalmente na segunda metade da década de 1950 e da década de 1960. A revista se ateve a uma proposta conciliadora diante dos movimentos pelo fim da segregação, e pelos direitos civis. Defendia que os passos fossem dados aos poucos de forma progressiva. Em suma, o negro deveria esperar, enquanto se preparava para ter lugar na sociedade. Em artigo publicado em setembro de 1955, *The Negroes Among Us (Os negros entre nós)*, a revista apontava que

À medida em que mais e mais negros asseguravam empregos bem remunerados, a diferença econômica entre negros e brancos americanos diminuiu gradualmente. O negro ainda ganha menos que um trabalhador branco em média, mas seus salários aumentaram para mais de quatro vezes em relação ao nível de 1940. Sua nova prosperidade criou um vasto mercado novo com um poder de compra de 16 bilhões de dólares por ano – mais do que o valor anual de todas as nossas exportações. O novo poder de ganho do negro não foi consolidado apenas em coisas materiais. Mais do que nunca, ele se esforça por educação.²⁸⁵

²⁸⁴ HEIDENRY, John. 1994, p. 258.

²⁸⁵ *Reader's Digest* (Set. de 1955, p. 104). No original: *As more and more Negroes have secured well-paid employment, the economic gap between Negro and white Americans has gradually narrowed. The Negro still earns less than a white worker on the average, but his wages have increased to more than four times their 1940 level. His new prosperity has created a vast new market with a purchasing power of 16 billion dollars a year – more than the annual value of all our exports. The Negro's new earning power has not been plowed only into material things. More than ever, he strives for education.* O artigo foi posteriormente publicado por *Seleções* em junho de 1956 e foi intitulado *O negro hoje em dia nos Estados Unidos*.

Neste sentido, pontuava-se que progressivamente a condição do negro em meio à sociedade norte-americana estava melhorando e, ainda segundo a revista, “eles estão se tornando rapidamente, como eles sonham há muito tempo, cidadãos de primeira classe”.²⁸⁶ O artigo reforça o “nós”, os brancos, e o “eles”, os negros, e com isso reiteravam a divisão da sociedade. Reforçava-se, portanto, que não havia motivo para alarde. O artigo destaca ainda que, além das contribuições à economia, havia uma grande e crescente contribuição dos negros na música e no esporte, elementos que demonstrariam a presença do negro nos mais distintos setores da nação. O texto, de forma positiva, após elencar vários pontos em que supostamente a condição de vida e de participação dos negros na sociedade estaria se efetivando, acrescenta que “as lacunas que separaram negros do resto de nós estão se fechando rapidamente”.²⁸⁷

Em outro artigo apresentado como *Face to face: plain talk on Civil Rights* (*Cara a cara: conversa franca sobre os Direitos Cíveis*), a revista destacava que

é uma questão que é impossível para um cidadão americano informado não ter opinião. Com isso em mente, logo após a aprovação do controverso Ato dos Direitos Cíveis de 1960, *The Reader's Digest* pediu ao senador Paul H. Douglas, democrata de Illinois, um dos principais defensores da legislação dos direitos cíveis, que participasse de uma franca e sincera discussão sobre o assunto com o senador Herman E. Talmadge, democrata, da Geórgia, um porta-voz mais articulado do ponto de vista do sul.²⁸⁸

A revista utilizava-se do artifício do debate de ideias para aparentemente se eximir de posicionamento sobre a discussão, ainda que apontasse que todos deveriam ter opinião sobre o assunto. Interessante notar que elenca, também,

²⁸⁶ *Reader's Digest* (Set. de 1955, p. 101). No original: *they are rapidly becoming, as they so long dreamed, first-class citizens.*

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 106. No original: *the gaps that separate Negroes from the rest of us are rapidly closing.*

²⁸⁸ *Reader's Digest* (Jul. de 1960, p. 60). No original: *it is an issue which it is impossible for an informed U. S. citizen not to have an opinion. With this in mind, shortly after passage of the controversial Civil Rights Act of 1960, The Reader's Digest asked Senator Paul H. Douglas, Democrat, of Illinois, a leading advocate of civil-rights legislation, to participate in a candid, face-to-face discussion of the subject with Senator Herman E. Talmadge, Democrat, of Georgia, a most articulate spokesman for the Southern viewpoint.*

dois senadores do partido democrata para abordarem o tema, ainda que os propositores do *Digest* nutrissem amplo apoio aos republicanos. Enquanto Douglas era defensor dos Direitos Civis, Talmadge era feroz opositor. Com isso, a revista afirmava que entre os democratas havia aqueles que eram contra o movimento. O artigo termina com uma última fala do senador Talmadge, ao destacar que

em abril passado, uma pesquisa da opinião pública em 39 estados fora do sul revelou simpatia genuína pelo ponto de vista sulista. "Da Califórnia ao Maine", a pesquisa relatou que "os homens reconhecem que décadas de rigoroso costume social no Sul não podem ser revertidas rapidamente". Essas são palavras calorosas para os sulistas.²⁸⁹

Ao se analisar a recorrência e a abordagem da condição e da luta do negro na sociedade norte-americana no *Digest*, fica claro que a revista ao tratar do movimento dos Direitos Civis coadunava com a fala destacada do Senador Talmadge, ou seja, havia avanços acontecendo nas relações entre negros e brancos, no entanto, era necessário que elas acontecessem mais lentamente, particularmente no Sul do país. Acreditava, portanto, em acomodação entre brancos e negros, cuja integração ocorreria de “forma natural”.

A revista, para tanto, intensificava a publicação de artigos enumerando os avanços da população negra entre os anos de 1950 e 1960 e dessa forma apontava que parte das reivindicações era, portanto, infundada e causada por extremistas. Em janeiro de 1967, a revista publicou um artigo dedicado a estabelecer um balanço sobre a situação do negro intitulado *What the Negro has – and has not – gained (O que o negro tem – e não tem – ganhado)*.²⁹⁰ O artigo pontua avanços nas áreas de emprego, renda, educação, moradia, política,

²⁸⁹ *Reader's Digest* (Jul. de 1960, p. 66). No original: *Last April a survey of public opinion in 39 states outside the South disclosed genuine sympathy for the Southern viewpoint. "From California to Maine," the survey reported, "men recognize that decades of strict social custom in the South cannot be overturned quickly." Those are heart-warming words to the people of the South.*

²⁹⁰ *Reader's Digest* (Jan. de 1967, p. 70-4).

aceitação social e chegava a pontuar que grande parte do problema envolvia a disparidade existente entre negros mais pobres e os que haviam alcançado os patamares da classe média, uma vez que

essa grande disparidade criou uma profunda hostilidade entre o negro de baixa renda e seu irmão de classe média, mais rico e bem-educado. O negro da favela é amargamente invejoso em relação aos que ele chama com desdém de “pretos brancos”. O negro de classe média, por outro lado, é perturbado pelos tumultos e gritos de “poder negro”, que ele sabe que prejudicam sua causa. O abismo entre os dois é alargado pelo fato de que o negro em melhor situação tende a demonstrar pouca preocupação com aqueles que ele deixou para trás.²⁹¹

O artigo, ao elencar os ganhos que os negros vinham obtendo na sociedade, aponta para o fato de que o Estado norte-americano e os brancos estavam se mobilizando em prol dos negros, mas que estes, em contrapartida, ao se rebelarem violentamente ou ao ascenderem socialmente, seriam incapazes de se preocupar com a consolidação mais ampla dos espaços para os negros na sociedade norte-americana. A crítica aqui é ao movimento *Black Power* que consideravam agressivo. Como se sabe, o *Black Power* propunha que o negro tivesse orgulho de tudo que era próprio do negro: da cor da pele, passando pelo cabelo até a sua capacidade de empreender, que deveria ser voltada para o negro. Isto é, desenvolver uma economia dos negros para os negros. Para a revista, mais uma vez, a classe média negra não faria aquilo que um negro dos guetos, movido pelo *Black Power*, faria.²⁹² Entretanto, diferencia, claramente, uma classe média branca – estável, fortalecida e com senso de comunidade – de uma negra, na qual não havia sequer uma “instituição de caridade significativa

²⁹¹ *Reader's Digest* (Jan. de 1967, p. 71, grifos do original). No original: *this great disparity has created a profound hostility between the low-income Negro and his more affluent, well-educated, middle-class brother. The slum Negro is bitterly jealous of those he scornfully calls "white niggers."* *The middle-class Negro, on the other hand, is troubled by the riots and the chants of "black power," which he knows hurt his cause. The gulf between the two is widened by the fact that the better-off Negro tends to demonstrate too little concern for those he has left behind.*

²⁹² JOSEPH, Peniel E. *Dark Days, Bright Nights: From Black Power to Barack Obama*. New York: Basic Civitas Books, 2009.

apoiada por suas próprias pessoas para suas próprias pessoas”.²⁹³ Para o *Digest*, os problemas dos negros pobres deveriam ser resolvidos pelos negros de classe média, não pela sociedade norte-americana.

Nem todos os artigos supracitados que abordam a questão dos Direitos Civis saíram na revista brasileira e os propósitos de serem discutidos aqui são para reforçar que, embora o *Digest* defendesse que o que publicava era de interesse permanente e que os temas abordados eram universais, a seleção dos artigos da revista norte-americana, feita pelos editores de *Seleções*, estava atrelada muitas vezes às temáticas que interessassem aos brasileiros. Os Direitos Civis, entre outros, não eram tema de conhecimento da população brasileira.²⁹⁴

Conjuntamente ao avanço do movimento dos Direitos Civis, o movimento feminista pouco foi abordado pela revista norte-americana e, conseqüentemente, por *Seleções*. Figuras proeminentes dessa luta não tiveram a oportunidade de apresentar suas ideias ou mesmo de se posicionarem diante das inúmeras acusações que essas movimentações recebiam. A publicação, que se pretendia uma fonte de acesso universal ao conhecimento prático, mas que nunca se esquivou em apresentar informações políticas e econômicas, como destacado, dava pouco espaço a outras formas de se representar as mulheres, e grupos minoritários, que não as tradicionais.

O movimento *Beatnik* e os *Hippies* foram dois grupos que ganharam artigos negativos por parte do *Digest* em finais da década de 1950 e ao longo da de 1960.²⁹⁵ A revista pouco se preocupou em dar voz às distintas partes, como

²⁹³ *Reader's Digest* (Jan. de 1967, p. 71). No original: *no significant charity supported by their own people for their own people*.

²⁹⁴ *Seleções do Reader's Digest* republicaria um artigo intitulado *A posição do Negro nos Estados Unidos*, em fevereiro de 1958. O mesmo pretendia amenizar a intensidade dos conflitos dentro da nação norte-americana e apontava que, “se alguém tem dúvida quanto à condição – atual ou futura – do negro na vida norte-americana, para dissipá-la bastará que leia o registro dos progressos feitos nestes últimos 15 anos”. Concluía, ainda, apontando que “o padrão de vida do negro nos Estados Unidos tem mudado tanto que ele está pronto e em condições de tomar o lugar que lhe cabe no futuro da América do Norte”. *Seleções do Reader's Digest*, (Fev. de 1958, p. 57; 62).

²⁹⁵ Cf. ISSERMAN, Maurice e KAZIN, Michael. *America Divided*. The civil War of the 1960s. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 2000.

chegou a defender em outros momentos, e rapidamente catalogou como problemas que precisavam ser solucionados para que a nação não perdesse as características morais e sociais defendidas pelo próprio periódico ao longo das décadas anteriores. Nesses cenários, as mulheres aparecem como suscetíveis à exploração, influenciáveis ou como vítimas dentro desses movimentos, seja sucumbindo aos discursos do grupo, seja sendo exploradas, violentadas e até mortas. Ou seja, as mulheres precisavam ser protegidas desses grupos que formulavam o dissenso da ordem.

No caso dos *Beatniks*, o movimento literário ganhou espaço nos anos 1950, propalando crítica ao modo de vida tradicional norte-americano e visando uma escrita literária mais próxima da realidade, influenciado pelas experiências com drogas diversas. No entanto, em *Life among the beatniks – Every generation has its quota of nonconformists, but dig these crazy Beats...* (*Vida entre os beatniks – Toda geração tem sua cota de inconformistas, mas veja só esses loucos Beats...*), o *Digest* aponta um amplo retrospecto negativo acerca do grupo. Criticamente, o artigo destaca que

por toda sua conversa sobre sexo, a orgia do movimento *beat* é em grande parte uma invenção de suas imaginações. Existem relativamente poucas mulheres *beats*, e – sendo as garotas as criaturas práticas – as "garotas que partilham almofadas" são poucas e distantes entre si. O benefício que os *Beats* realmente parecem querer da feminilidade é o apoio financeiro. "O boêmio maduro", de acordo com a máxima de North Beach, "é aquele cuja mulher trabalha em período integral".²⁹⁶

As mulheres que se envolviam com os *Beatniks* eram fracas e desfrutáveis; enquanto os homens, aproveitadores. O artigo em questão não foi publicado posteriormente em *Seleções*, provavelmente por refletir sobre uma

²⁹⁶ *Reader's Digest* (Abr. de 1960, p. 68). No original: *For all their wind about sex, the beat orgy is largely a figment of their imagination. There are relatively few female Beats, and - girls being the practical creatures they are - the "pad-sharing chicks" are few and far between. The boon the Beats really seem to want from femininity is financial support. "The mature bohemian." according to North Beach maxim, "is one whose woman works full time."*

movimentação literária muito específica. O texto, no *Digest*, possuía uma função específica de deslegitimação e contenção das ideias do grupo nos Estados Unidos e talvez sua publicação no Brasil pudesse ser assimilada de outra maneira, contrária aos propósitos dos editores.

Figura 11: *Reader's Digest*, abril de 1960, p. 64.

Sobre o amplo movimento *hippie*, formado por grupos distintos que, grosso modo, visavam questionar as bases materialistas e estruturais da sociedade norte-americana (família, Estado, guerras), o *Digest* não poupou argumentos para desqualificar todo o movimento e se utilizou da história de uma mulher para expor suas opiniões sobre a questão. Em *Maybe somebody else can learn from it* (Talvez alguém possa aprender com isso), a revista aborda de forma sensacionalista o assassinato de uma moça para deslegitimar toda essa movimentação de jovens do período, caracterizando-a como criminosa e como uma ameaça às famílias norte-americanas.²⁹⁷ Segundo a própria revista:

Aqui está provavelmente o artigo mais apavorante que *The Reader's Digest* já publicou. É a história de como, em questão de semanas, uma garota de 18 anos com vantagens extraordinárias se tornou viciada em uma vida *hippie* de drogas psicodélicas – e acabou assassinada, com a cabeça quebrada por tijolos, o corpo nu esticado no chão encardido de uma sala de caldeiras do Greenwich Village.

Estamos reimprimindo este notável artigo do *New York Times* porque acreditamos que ele fala com trágica eloquência para pais e jovens em época em que os laços familiares são ameaçados e os adolescentes são tentados por um mundo de fantasia em que eles podem facilmente perder o caminho.²⁹⁸

Neste sentido, cabe destacar que há uma preocupação latente do *Digest* com o andamento das mobilizações sociais que ocupavam o seio da sociedade naquele momento. A escolha dos artigos para tratar de tais assuntos sempre se

²⁹⁷ Esse não foi o único artigo da revista que tratou o movimento *hippie* como uma organização homogênea, violenta e criminosa. Outro exemplo sobre a questão é o artigo *Trouble in hippieland – Murder, rape, disease, suicide – the dark side of the hippie moon has become increasingly visible. Even its leaders admit that the movement has gone sour.* (Problemas em hippieland – Assassinato, estupro, doença, suicídio – o lado escuro da lua hippie tornou-se cada vez mais visível. Até seus líderes admitem que o movimento se perdeu.) *Reader's Digest* (Jan. de 1968).

²⁹⁸ *Reader's Digest* (Dez. de 1967, p. 96) No original: *Here is probably the most nightmarish article The Reader's Digest has ever published. It is the story of how, in a matter of weeks last fall, an 18-year-old girl with extraordinary advantages became addicted to a hippie life of psychedelic drugs – and ended up murdered, her head shattered by bricks, her nude body stretched out on the grimy floor of a Greenwich Village boiler room. We are reprinting this remarkable article from the New York Times because we believe that it speaks with tragic eloquence to both parents and youth in a day when family ties are threatened and teen-agers are tempted by a world of fantasy in which they may too easily lose their way.*

preocupava em apresentar a forma como as jovens faziam parte de tais movimentos ou, como a revista acreditava, que elas eram manipuladas pelos homens, sendo, portanto, um elo fraco da sociedade que demandava proteção e intervenção, como destacado excertos acima. Apesar dessa apresentação fragilizada de parte das mulheres, em especial as jovens, no contexto dos anos 1960 e início dos 1970, e do reforço de um cuidado inerente para com as mesmas nos artigos publicados, a revista enquanto instituição teria que lidar com mulheres que destoavam deste perfil e que abalariam as estruturas de um império editorial consolidado.

4.5 – As funcionárias processam o *Reader's Digest*

Movimento feminista

Quando Napoleão disse à Madame de Staël que as mulheres não deviam interessar-se pela política, ela respondeu: “num país onde mulheres têm sido decapitadas, é muito natural que as outras mulheres perguntem: ‘Por quê?’”

Quando alguém perguntou a Eleanor Roosevelt: “Que fizeram as mulheres com o voto?”, sua resposta veio pronta: “Eu gostaria de saber por que não fazer a mesma pergunta aos homens!”²⁹⁹

Apesar do discurso conservador e do tão divulgado bom ambiente entre aqueles que trabalhavam para o andamento do *Reader's Digest*, ecos do movimento feminista dos anos 1960 e 1970 alcançaram a revista. Naquelas décadas, artigos que informavam sobre a pílula anticoncepcional, por exemplo, e pequenas anedotas de cunho feminista, como as que abrem este texto, começaram a aparecer mais correntemente nas páginas do *Digest*. O movimento

²⁹⁹ Dois pequenos textos localizados em pé de página com o título de *Movimento Feminista. Seleções do Reader's Digest* (Jul. de 1967, p. 70)

refletia, claramente, uma articulação de mulheres dentro das estruturas do próprio conglomerado e, claro, respondia, ainda que de forma tímida e contraditória, às demandas dos movimentos sociais que ganharam forma naqueles anos.

Dentro dos moldes institucionalizados do *Reader's Digest*,

o modelo da empresa para as mulheres era, naturalmente, Lila Acheson Wallace – que, apesar de ter exercido enorme poder na empresa e agora tivesse uma reputação própria como patrona das artes, ainda via seu papel principal como esposa e colaboradora de DeWitt Wallace. Seguindo o exemplo de Lila, muitas das editoras e secretárias do *Digest* aspiram a nada mais do que o posto de esposa de um executivo da empresa, uma vez que isto oferecia às mulheres em Pleasantville não apenas mais dinheiro, mas também maior prestígio social do que qualquer outra coisa.³⁰⁰

No entanto, a suposta estrutura “harmoniosa” do corpo de editores do *Digest* e da composição de sua estrutura de trabalho foi definitivamente questionada quando um grupo de ex-funcionárias decidiu processar o conglomerado no início da década de 1970. Influenciadas pela efervescência das ruas e pelo levante feminino em nome da igualdade entre os sexos, algumas mulheres passaram a se organizar diante de algumas atitudes masculinas que consideravam problemáticas nos escritórios do *Digest*, em Pleasantville.³⁰¹

O primeiro ponto se referia à questão das diferenças salariais entre homens e mulheres, o segundo, à disparidade entre homens e mulheres que ocupavam os cargos superiores dentro da instituição, e o terceiro atingia diretamente o proprietário, DeWitt Wallace, além de outras figuras influentes, e abarcava a questão do assédio moral e/ou sexual sofrido por muitas das funcionárias (a questão envolvia brincadeiras e comentários vistos como

³⁰⁰ HEIDENRY, John. 1994, p. 520.

³⁰¹ Sobre a questão de negros em postos de trabalho dentro do *Digest*, não há levantamentos realizados nas biografias e demais livros sobre os Wallace. Ainda que o *Digest* possuísse um número considerável de mulheres trabalhando em seus escritórios, o discurso difundido dentro dos espaços em Pleasantville sobre a existência de uma “grande família” de funcionários do *Reader's Digest Association* parece ter ganhado repercussão dentro das páginas de suas revistas.

naturais por parte dos homens dentro dos escritórios em Pleasantville). Portanto, a reivindicação das trabalhadoras era por igualdade, exatamente aquilo que o *Digest* criticava até então.

Em 1973, lideradas por Patricia New Warren e Susan Smith, e conduzidas por uma professora de Columbia, Harriet Rabb (que já havia movido processos representando mulheres contra *Newsweek* e *Time*), um grupo de oito mulheres decidiu processar coletivamente o *Reader's Digest*, em um caso de grande repercussão, o *Smith v. Reader's Digest*, que foi a tribunal somente em 1977. Segundo Heindery,

a única defesa montada pelo *RDA* [*Reader's Digest Association*] apenas aprofundou a indignação coletiva e a descrença das feministas. A empresa declarou que, sob a Primeira Emenda, tinha o direito de contratar quem desejasse, inclusive somente homens, levar a cabo suas políticas editoriais – assim como uma revista de mulheres tinha o direito de ter apenas mulheres como editoras e uma revista para negros tinha direito de contratar apenas negros como editores.³⁰²

Os argumentos apresentados pelo *Reader's Digest* coadunam-se com as ideias que a revista havia propalado aos longos dos anos: o veículo havia apresentado de forma totalmente desigual e oportuna em suas páginas a relação entre homens e mulheres e entre brancos e negros. Defendiam-se afirmando liberdade de escolha. Neste sentido, percebe-se que preceitos e representações de gênero e raça serviram como articuladores de interesses políticos e econômicos para a revista. Fosse na Segunda Guerra Mundial, ao longo dos anos de Guerra Fria, na defesa dos interesses da família tradicional de classe média, ou acerca dos interesses relacionados à política externa, o *Digest* lançou mão de atributos da desigualdade que julgava pertinentes e condizente aos homens e mulheres, negros e brancos, forjando, dessa forma, uma sólida compreensão daquilo que acreditava permanente e de interesse em sua fórmula editorial.

³⁰² HEIDENRY, John. 1994, p. 525.

O assunto repercutiu e foi publicado no *New York Times* em 5 de novembro de 1977. Ainda em 1977, o *Reader's Digest* propôs um acordo de indenização, no qual concordava em pagar reparações para todas as funcionárias querelantes, de forma retroativa.

**READER'S DIGEST PAYS
1.5 MILLION TO WOMEN**

**Settles Employees' Suit Charging
Sex Discrimination in Jobs**

By DEIRDRE CARMODY

In one of the biggest settlements of a sex discrimination lawsuit, The Reader's Digest agreed yesterday to pay more than \$1.5 million to 2,600 women currently and formerly employed by the magazine.

While not acknowledging that there had been any discriminatory practices, the magazine said it had agreed to settle to avoid lengthy litigation on the suit, which was brought in 1973 by eight employees.

Under the agreement, the 2,600 women will share \$1,375,000 in back pay, and \$200,000 more will go into immediate salary increases for 142 currently employed women as salary adjustments.

Start Top Jobs, N. Y. N. J.

These lump-sum salary increases range from \$500 to \$8,000 for each employee, with the average payment being \$1,400.

The company has also agreed to give women more top editorial jobs, not only on the magazine but also in Reader's Digest book operations.

The agreement, which was signed yesterday by Judge Marvin E. Frankel in United States District Court in Manhattan, involved the Reader's Digest Association and two affiliated companies, Reader's Digest Services and Reader's Digest Sales and Services.

The charges of discrimination in the lawsuit refer to hiring, promotion, assignments, pay and other conditions. Seven experts were called in to study company records, but according to the settlement

Continued on Page 46, Column 1

The New York Times
Published: November 5, 1977
Copyright © The New York Times

Figura 12: *The New York Times*, 5 de novembro de 1977, capa.³⁰³

³⁰³ A qualidade da imagem se deve à digitalização realizada e disponibilizada em acervo online pelo próprio *The New York Times*.

Apesar de tais medidas e, ainda que, vez ou outra, as revistas do *RDA* publicassem artigos que destacavam as mulheres nos mais distintos setores, a retórica construída pela defesa do conglomerado reforçava claramente uma desigualdade entre homens e mulheres. Casos semelhantes antecederam o destacado e outros se seguiram e, posteriormente, conduziram a inúmeros processos contra empresas dos mais distintos setores. Tais processos possibilitaram importantes avanços na luta por direitos trabalhistas mais igualitários entre os gêneros e demarcam um momento crucial no avanço das lutas pelos direitos das mulheres que se fortaleciam desde os anos 1960 nos Estados Unidos.³⁰⁴

Reader's Digest Settles Bias Suit

Continued From Page 1

there was no consensus among them as to any pattern or practice of discrimination.

To be eligible for the settlement pay, women must have been employed by The Reader's Digest since July 21, 1971, and have worked there at least two years. They will be notified of the settlement and will have until Dec. 30 to file any protests. A hearing has been set for Jan. 10.

The management declined to comment on the agreement, but said it represented an "amicable compromise among all parties."

Harriet Raab, one of the lawyers representing the women who brought the class-action suit, said: "We are just delighted and we think this does very well for everyone at The Digest."

Mrs. Raab said that at one point the judge had said that any women who wanted to drop out of the suit could do so. She said that about half the women who were eligible had asked to be disassociated from the suit, but that when the settlement was reached, the women who were still involved decided the money should be shared by everyone who was eligible including those who had not wanted to take part.

Earlier this year NBC settled a similar sex-discrimination suit for \$2 million. That settlement, which also covered 2,600

past and present employees, gave cash payments estimated at \$500 to \$1,000 to each employee, as well as salary adjustments.

Method of Payment

The back payments for the employees at The Reader's Digest are broken down into \$1 million to be divided among salaried employees and \$375,000 to be divided among employees paid by the hour. The salaried employees will be paid according to their salary level, although no woman who submits a claim will receive less than \$1,000 or more than \$5,500.

The eight women who brought the suit will not receive any more payment than their proportional share according to their salary scale. In agreements such as this, those who bring suit are sometimes accorded more money than others in the class action.

Under the settlement, fees for the plaintiffs' three lawyers, from the Employment Rights Project of Columbia Law School, will be paid by The Reader's Digest.

The New York Times

Figura 13: *The New York Times*, 5 de novembro de 1977, p. 46.

³⁰⁴ Joan W. Scott conduziu uma importante análise sobre a temática ao abordar o processo movido contra a empresa *SEARS*, durante os anos 1980. Para mais, ver: SCOTT, Joan W.. Deconstructing Equality-versus-Difference: Or, the Uses of Poststructuralist Theory for Feminism. In: *Feminist Studies*, Vol. 14, nº1 (Spring, 1988), p. 32-50.

CAPÍTULO V – RELAÇÕES DE GÊNERO EM *SELEÇÕES DO READER'S DIGEST*

A década de 1940 demarcou um ponto importante para o *Reader's Digest* uma vez que, como apresentado nos capítulos I e II, houve uma ampla difusão de suas revistas para as mais diversas partes do mundo. A Segunda Guerra Mundial forneceu as condições necessárias para que as publicações, em suas diversas traduções, se consolidassem, por exemplo, por toda a América Latina, tanto a de língua espanhola quanto a portuguesa.

O *Reader's Digest*, como vimos, não só se dedicou a estabelecer uma aproximação entre as nações do continente, mas também atentou em veicular amplamente o projeto do governo norte-americano ao dar destaque aos desdobramentos da Política da Boa Vizinhança, como a vinda de Orson Welles ao Brasil, em 1942, ou às produções dos Estúdios Disney.³⁰⁵ A preocupação, no caso brasileiro, residia, também, em apresentar elementos dos demais países latino-americanos, dando destaque a governos e políticas econômicas alinhadas ao governo dos Estados Unidos, forjando, neste sentido, uma pretensa ideia de colaboração conjunta entre os países, tanto no que se refere a aspectos econômicos e sociais, quanto de projeção social e cultural.

Ainda que a revista norte-americana defendesse que veiculava temas que considerava universais, como mencionado, os limites da empreitada do *Reader's Digest* em solo brasileiro se impunham, uma vez que aspectos religiosos, morais e culturais demonstraram ser, por vezes, entraves efetivos a uma difusão mais ampla de certas temáticas como, por exemplo, o aborto, ou mesmo artigos que envolvessem questões relativas à religião protestante, temas comuns na revista norte-americana.

³⁰⁵ Orson Welles ganhou destaque em um artigo publicado em *Seleções* em setembro de 1942 intitulado *Orson Welles, o gênio do espetáculo*. Walt Disney foi lembrado pela revista em janeiro de 1943, com o artigo *Walt Disney, o pai do camundongo*.

As diferenças entre os países eram grandes. Enquanto os Estados Unidos já eram primeira economia em 1939, sendo que com o final da Segunda Guerra alcançaram a almejada hegemonia mundial, o Brasil era um país que ainda lutava para se industrializar. Em terras brasileiras, o deslocamento populacional do campo acabaria por inchar as grandes cidades. Havia uma concentração no litoral e zonas desconhecidas no interior, como Goiás e Amazonas, que atraíam a curiosidade tanto de brasileiros quanto de norte-americanos, o que se refletiu em diversos artigos de *Seleções*, mas também do *Digest*.³⁰⁶ Além disso, havia as diferenças culturais e religiosas, como o fato de os Estados Unidos serem basicamente um país protestante e o Brasil católico.

Entretanto, artigos sobre a mulher – o seu papel na família, modelos de conduta, além de hábitos de consumo – cruzaram fronteiras e foram amplamente veiculados no Brasil. Isso aconteceu independentemente das diferenças econômicas, políticas e sociais entre os dois países, o que se refletiu em distinções das posições das mulheres lá, como a mobilização delas no período da guerra, o que não ocorreu aqui. Veremos também semelhanças quanto ao lugar que lhes cabia nos dois países.³⁰⁷

Seleções ecoou o *Digest* na época da Segunda Guerra Mundial, como esperado: os nazistas eram os inimigos a serem combatidos, e Hitler considerado o grande responsável pela situação mundial. Na edição de novembro de 1942, por exemplo, *Seleções* publicou o artigo *Não é possível fazer negócios com Hitler*, em que destaca o modo como os alemães conduziam sua política e o seu

³⁰⁶ Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

³⁰⁷ Sobre o contexto norte-americano, a mulher, sua participação no conflito, e o contexto da Segunda Guerra Mundial, ver: CHAFE, William H.. *The paradox of change: american women in the 20th century*. Oxford: Oxford University Press, 1992; DIGGINS, John Patrick. *The Proud Decades: America in war and Peace, 1941-1960*. New York: W.W. Norton & Company, 1989; HARTMANN, Susan M.. *The Home Front and Beyond: American Women in the 1940s*. Boston: Twayne Publishers, 1982; MAY, Elaine Tyler. *Homeward Bound: American families in the cold war era*. New York: Basic Books, 2008; WEATHERFORD, Doris. *American Women and World War II*. New York: Castle books, 2008; YELLIN, Emily. *Our mother's war: American women at Home and at the Front during the World War II*. New York: Simon and Schuster, 2004.

desenvolvimento às custas de outras nações.³⁰⁸ Trata-se da compilação do livro *You can't do business with Hitler*, de Douglas Miller, que foi publicado pelo *Reader's Digest* em setembro de 1941. Segundo o texto,

o que se terá de deduzir do exame frio dos fatos é que é de todo impossível, em termos de boa fé, cultivar relações comerciais com a Alemanha nazista. Seus métodos de comércio obedecem a fins ou propósitos, antes militares e políticos, e se caracterizam pela fraude e ausência total de escrúpulos.

[...] Os nazistas, se triunfantes na Europa, atacariam, sem contemplações, o sistema de vida americano, por todos os meios e modos de pressão econômica.³⁰⁹

Desta forma, o texto destacava para o público brasileiro que o confronto contra a Alemanha se fazia necessário não somente devido a questões ideológicas, mas também por aquelas de cunho econômico. Estas, se afetadas, atingiriam o modo de vida dos norte-americanos e, conseqüentemente, também suas relações com o Brasil. Ao modo inescrupuloso dos alemães citado pelo autor do artigo deveria se opor, positivamente, a democracia norte-americana. Era necessário segundo o projeto editorial do *Digest* e de *Seleções*, portanto, que os países da América se aproximassem e se alinhassem à política dos Estados Unidos e ao seu estilo de vida. O Brasil não foi uma exceção.

O distanciamento entre Brasil e Estados Unidos tornou-se menor em agosto de 1942, quando o país sul-americano, ainda que no auge do Estado Novo (1937-1945), declarou guerra à Alemanha e à Itália. Iniciava-se, então, um momento decisivo para a política e para as relações exteriores brasileiras. Em pouco tempo o Brasil se aproximou dos Estados Unidos e passou a ser um dos países estratégicos para a difusão da política e cultura daquele país na América do Sul. *Seleções*, neste contexto, foi um espaço de intensa propaganda no qual

³⁰⁸ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1942, p. 57-64).

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 62; 64.

os Estados Unidos apareceram como liderança frente aos países da Europa e outros do Ocidente.³¹⁰

5.1 – O papel da mulher durante a Segunda Guerra Mundial em *Seleções*

Grande parte dos números do *Digest* entre 1942 e 1945 foram dedicados ao conflito, seus personagens (heroicos ou não), e os possíveis desdobramentos futuros para a organização política do mundo. A mesma posição foi adotada por *Seleções*, mesmo com a participação de Brasil e Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial ter se dado de forma tão distinta ao longo daqueles anos, inclusive no que se refere à participação efetiva das mulheres.

No entanto, cabe destacar que não há em *Seleções*, ao longo dos anos de guerra, um único artigo sequer que verse, exclusivamente, sobre a mulher brasileira, mesmo que naquele momento a revista brasileira fosse produzida ainda nos Estados Unidos, com a participação de brasileiros. Mesmo assim, a revista brasileira veiculou artigos sobre a mobilização para guerra de norte-americanas, indicando a liderança industrial e econômica do país e a sua organização que colocava na frente de trabalho mulheres, enquanto os homens estavam na frente de batalha. Sem dúvida, tais artigos buscavam indicar a liderança norte-americana não só nos embates durante a Segunda Guerra, mas no mundo. De qualquer forma, como indicado, tais inserções forneciam modelos de conduta para as mulheres em períodos de exceção.

Por um lado, *Seleções* manteve o foco em destacar elementos historicamente atrelados às mulheres, tais como a feminilidade ou o papel da mulher no matrimônio, além de pequenas anedotas e piadas que poderiam ser

³¹⁰ Cabe ressaltar que outras lideranças políticas da América Latina também ganharam destaque no *Digest*, mas Getúlio Vargas era visto como a mais importante na América do Sul no contexto que remete ao pré-guerra, o que ressaltava a relevância do Brasil, além de México e Argentina, para um futuro contexto de conflito mundial.

facilmente difundidos para mulheres dos mais distintos locais e culturas, mas que poderiam, também, ser lidos pelos demais membros da família. Um exemplo desses textos que abordaram a existência da essência feminina é o artigo de título *O papel de Eva*:

Apesar de tudo, ainda achamos que toda mulher inteligente deve estar munida, acima de tudo, de um espelho grande no quarto e de um espelhinho na bolsa: são essas as suas melhores armas, o seu melhor equipamento. Com efeito, das mulheres que inspiraram os poetas de todas as eras, destronaram reis e abalaram impérios, das mulheres, enfim, que passaram à História – nenhuma se distinguiu nem pela erudição, nem pela virtude... Se são lembradas, é apenas porque em sua vida tiveram, em abundância, aquele elemento que homem algum, por mais brilhante que seja, poderá jamais possuir: a feminilidade, esse elemento sem o qual o mundo seria bem desinteressante.³¹¹

Em tempos de guerra, o que era anunciado à mulher brasileira era que sua arma mais interessante e poderosa era garantir e exercer a feminilidade. Além disso, há um destaque ao fato de que o feminino era algo exclusivo do corpo de mulheres, tanto como um elemento de apreciação, quanto de diferenciação entre os sexos, uma vez que os homens “jamais” possuíam esse atributo, ou não eram homens. O artigo não foi localizado na publicação norte-americana.

Por outro lado, antes de o Brasil entrar no conflito, e mesmo após isso, foi a contribuição das mulheres norte-americanas na indústria bélica nos Estados Unidos que ganhou maior destaque em *Seleções*, igualmente como foi destacado no caso do *Digest*. É importante lembrar que os artigos veiculados sobre o trabalho das mulheres no período da Segunda Guerra Mundial em *Seleções* foram publicados primeiramente no *Digest*, o que reforça a ideia de que em períodos de exceção e, a depender do país, a mulher poderia ser deslocada, amplamente, para o mercado de trabalho. Entretanto, com o retorno dos homens, o seu lugar permanecia no lar.

³¹¹ *Seleções do Reader's Digest* (Out. de 1942, p. 16).

Diferentemente das mulheres norte-americanas que, além dos papéis esperados como no campo da enfermagem, adentraram em distintos setores da indústria no país. Já no Brasil, algumas mulheres também serviram como enfermeiras durante a guerra. Ao fim do conflito, tiveram que lutar para manter seus postos nas Forças Armadas.³¹² Assim, nos Estados Unidos e no Brasil, a força de trabalho da mulher era vista como secundária entre os homens e entre as próprias mulheres. Pode-se inferir o motivo pelo qual os artigos do *Digest*, sobre o papel da mulher, fossem veiculados também no Brasil.³¹³ Apesar da modernidade da indústria bélica anunciada em tempos de guerra, a força de trabalho das mulheres nessa indústria era secundária, menos importante que a dos homens. O lugar subalterno e o trabalho secundário das mulheres, portanto, permaneciam lá e aqui.

Em artigo publicado em agosto de 1942, *Seleções* evidenciou como o trabalho feminino norte-americano foi importante também ao fomentar uma "saúdável" competição entre homens e mulheres naquele contexto, afirmando desta forma a importante mobilização para a guerra e os seus desdobramentos sociais. Intitulado por *Seleções* como *A mulher acelera a produção de aviões*, o artigo havia sido publicado pelo *Digest* em junho de 1942 com o título de *New women workers speed plane production*.³¹⁴

O texto destacava o crescimento diário da mão-de-obra feminina norte-americana nas fábricas destinadas à produção de aviões, salientando a eficiência das mulheres que realizavam diversas tarefas com maior rendimento. Essa eficiência era benéfica para a produção por gerar uma competição entre homens e mulheres, pois era usual a prática de substituir um homem de baixa

³¹² Cf. OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra: o processo de reinclusão no serviço militar ativo do exército (1945-1957)*. Rio de Janeiro: EEAN, UFRJ, Tese de Doutorado, 2010 (mimeo). OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Entre ganhos e perdas simbólicas: A (des)mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial*. Esc. Anna Nery [online]. Rio de Janeiro, v.11, n.3, p. 423-8, set. 2007.

³¹³ Cf. ABRAMO, Laís Wendel. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força secundária*. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 2007 (mimeo).

³¹⁴ *Seleções do Reader's Digest* (Ago. de 1942, p. 71-74); *Reader's Digest* (Jun. de 1942, p. 102-105).

produtividade por uma mulher. Aquele, ofendido, passava a produzir mais. Isso demonstra o quanto o homem, tanto no âmbito privado, mas principalmente no público, não poderia se ver em uma posição inferior à da mulher, nem mesmo em um contexto emergencial de guerra. Por outro lado, esperava-se do homem determinada postura, ímpeto, força, engajamento no trabalho e resultados. Caso contrário, poderia ser substituído, de forma humilhante, por uma mulher.

Tais elementos denotam desigualdades históricas e serviam tanto ao contexto norte-americano quanto ao brasileiro, mesmo que as mulheres brasileiras não viessem a ser mobilizadas para a guerra aos moldes das norte-americanas. Interessante notar que o artigo em questão destaca o fato de que aqueles que viram a entrada das mulheres no mercado de trabalho com resistência mudaram de opinião, pelo menos inicialmente. A colocação tinha o claro intuito de também convencer os leitores acerca dos benefícios dessas transformações. Segundo o texto,

uma razão aliás por que o emprego de mulheres vai dando tão bons frutos, é que houve efetivamente, na indústria de aviação, uma sensível mudança em métodos de fabrico. Para alcançar a produção em massa, muitas operações se converteram em outras de menor vulto que se prestam mais a repartir-se, tornando-se por consequência mais monótonas. Ora, a costura e o tricô tornam as mulheres em geral habituadas à monotonia. Têm elas, em regra, dedos mais destros, e são mais pacientes que os homens.³¹⁵

O excerto deixa claro que o sucesso do trabalho feminino nos Estados Unidos se deve mais às mudanças sofridas no processo produtivo do que, de fato, à competência das mulheres, pois o trabalho delas na indústria era comparado ao trabalho manual que exerciam em casa, ou seja, eram ainda os papéis delimitados de homens e mulheres na sociedade que justificariam o sucesso das mulheres nessas novas funções.

³¹⁵ *Seleções do Reader's Digest* (Ago. de 1942, p. 72).

Apesar do contexto do artigo diferir-se drasticamente da realidade brasileira, ele foi veiculado por *Seleções*, destacando os avanços da modernidade norte-americana, mas também sua capacidade de se mobilizar em momentos de crise, mesmo que mudanças na organização social fossem necessárias.

Não havia saída: mesmo entrando no serviço de guerra, o trabalho da mulher era visto como menor, inferior. Desta forma, percebe-se como as concepções de gênero se adaptavam a novos contextos históricos utilizando-se de categorias conhecidas, nas quais mulheres e homens possuíam características essencializadas, mesmo em contextos tão distintos.

Sobre o perfil das trabalhadoras, o texto indica que operavam nas fábricas mulheres casadas, com maridos no *front*, ou as viúvas, entre 25 e 35 anos, que possuísem filhos para sustentar. Era preciso legitimar o trabalho de tais mulheres dentro e fora dos Estados Unidos. Aquelas com alta instrução e as "muito bonitas" não deveriam ser alvo das contratações. Percebe-se, portanto, que as mulheres com tais características eram vistas como problemáticas pelas indústrias, ou seja, poderiam desestruturar as rígidas hierarquias produtivas e de divisão social do trabalho instauradas.

Por fim, por motivos óbvios, como destacado, *Seleções* não trouxe à tona a mulher brasileira no contexto de guerra, mas sim a norte-americana. Importava vender os Estados Unidos como liderança e exemplo a ser seguido. Entretanto, veremos adiante que, ao longo do processo do golpe de 1964, as mulheres brasileiras de classe média, mães e donas de casa, foram fortemente mobilizadas e encorajadas por *Seleções* a assumirem papéis em âmbito público diante de convulsões sócio-políticas que assolaram o território nacional. A revista as converteu em protagonistas – ainda que também em período de exceção.

Assim, podemos apontar que *Seleções* seguiu as diretivas do *Digest*. Em um primeiro momento se dedicou a destacar a necessidade da participação de mulheres norte-americanas na contribuição do esforço de guerra, nos mais distintos setores: nos âmbitos civil e militar. Em seguida, *Seleções* pontuou a

desmobilização, salientando o retorno ao lar, aos cuidados com a família, ressaltando uma preocupação social com a manutenção da feminilidade, como destacado. Por fim, em meio aos dois posicionamentos, *Seleções* veiculou as exceções que apontavam caminhos diferenciados para algumas poucas mulheres com participação na política, na economia e na vida jurídica. No entanto, essas inserções ocorreram em menor número em *Seleções*, quando comparadas às do *Digest*.

De modo geral, com a visualização do término do conflito, a revista brasileira também ressaltou uma forte mobilização para o consumo, associando-o às benesses do lar, escolha demonstrada, por exemplo, na grande inserção de anúncios publicitários na edição brasileira.

Em setembro de 1945, em *Algumas nascem com ele, mas todas podem adquiri-lo*, a revista retoma o modelo tradicionalmente auferido às mulheres e acrescenta que ao término da guerra, “após um período de feminismo, em que o importante não era mais o encanto da mulher mas sua inteligência, a feminilidade entra outra vez na moda, quanto à educação das moças”.³¹⁶ Interessante pontuar que o *Digest* havia publicado o artigo, com o título *Victorians had a word for it*, em julho de 1935, ou seja, dez anos antes de *Seleções*, em um contexto totalmente diferenciado.³¹⁷ Era raro *Seleções* reproduzir artigo tão antigo do *Digest*, em geral, veiculavam-se artigos com diferenças de cerca de três meses. Mesmo assim, após os anos de guerra, a revista brasileira julgou pontual retomar a busca pelo *encanto* que todas as mulheres poderiam sustentar.

Neste sentido, o texto, realocado em um novo contexto, visava reconstruir os papéis de gênero no pós-guerra reafirmando valores como o matrimônio e a maternidade, apontando que toda mulher

³¹⁶ *Seleções do Reader's Digest* (Set. de 1945, p. 93).

³¹⁷ *Reader's Digest* (Jul. de 1935).

precisa saber que o casamento e os filhos limitarão qualquer outra atividade e que ainda, sem eles, não poderá esperar nenhuma felicidade. Aliás, é bom que se convença de início que, se se interessar por qualquer estudo ou trabalho seu, e se ela e o marido começam a vida juntos, aos 20 anos, ele de qualquer maneira levará uma vantagem de 10 anos em relação à esposa, pois a esta não faltarão outros e pesados encargos, quais os de dona de casa e mãe de família, por melhor que aproveite o tempo e distribua suas horas. Não poderá jamais dedicar-se, tanto quanto ele, a esses estudos e trabalhos, que para ela serão luxo.³¹⁸

Se quisesse trabalhar, um luxo para a revista, a mulher teria que arcar com carga dobrada. As estatísticas apresentadas pelo texto, sem qualquer preocupação de referência, buscam construir um teor de confiança ao apontar que “85 por cento das moças veem no casamento a sua finalidade na vida, e se quiserem seguir carreira, esta terá que ser compatível com o matrimônio”.³¹⁹ Tal discurso já vinha sendo praticado, de forma mais indireta, durante os anos de guerra, inclusive com uma abordagem que se pretendia mais científica.

Isso se relaciona com outro ponto de destaque na revista *Seleções* nos anos de guerra, os inúmeros artigos de caráter científico publicados, que indicavam a liderança dos Estados Unidos também na ciência. Um país para se tornar hegemônico precisava ter determinada organização social, economia forte, indústria de ponta e domínio científico. Muitos artigos eram assinados por "especialistas", influentes pesquisadores e médicos. Em um texto, de março de 1942, assinado pelo médico Alexis Carrel, laureado com o Prêmio Nobel em 1912, discursos sobre os papéis de mulheres e homens se misturaram a discursos eugênicos e moralizantes.³²⁰

Intitulado *Renove seu próprio eu*, o artigo aborda a necessidade de uma vida disciplinada, pois esta levaria à normalidade física, que seria fundamental para a moralidade social. Segundo Dr. Carrel, falta à "nossa raça [...] injeções de

³¹⁸ *Seleções do Reader's Digest* (Set. de 1945, p. 94 -5).

³¹⁹ *Ibidem*, p. 93.

³²⁰ *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1942, p. 1-5). O artigo foi publicado pelo *Reader's Digest* em setembro de 1940 com o título de *Work in the laboratory of your private life*.

disciplina, moralidade e compreensão das cousas".³²¹ Para o autor, a transformação deve vir não do governo, mas dos indivíduos. Importante ressaltar que neste momento o Brasil vivia o auge do Estado Novo, regime que propunha um fortalecimento e centralização do poder, e apesar das diferenças no contexto político, artigos como este eram capazes de falar para públicos e países distintos.

Em relação a questões concernentes ao papel das mulheres, vale a pena destacar no artigo a defesa ao fato de que a mulher deveria atender a um suposto chamado biológico no que diz respeito à reprodução: "uma mulher fisicamente capaz de ter uma criança será mais feliz e mais forte, como pessoa, e mais útil como cidadã, se realmente a tiver", e conclui apontando que, inversamente, há de ser uma criatura mais fraca, mais infeliz, menos útil, se se recusa a cumprir esta sua função essencial.³²² Veremos adiante que a mulher devia procriar para "ser feliz", mas com cautela e precaução, de forma programada e "racional", tendo um determinado número de filhos aos quais poderia criar nos moldes tradicionais.

Depreende-se da afirmação que o próprio discurso médico e de autoridade é utilizado aqui para reforçar um papel de gênero específico, o da maternidade. Donna Haraway aponta que uma "'ficção reguladora' semelhante, básica para o conceito ocidental de gênero, insiste em que a maternidade é natural e a paternidade cultural: as mães fazem os bebês naturalmente, biologicamente. A maternidade salta à vista; a paternidade é inferida."³²³

Assim, da mesma forma que *Seleções* era capaz de difundir novas propostas de papéis sociais para as mulheres, ainda que temporários – como o que defendia o trabalho da mulher norte-americana durante a guerra –, a revista se encarregava de reafirmar discursos tradicionais, que partiam de uma essencialização de funções baseadas no biológico, tido como fixo.

³²¹ *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1942, p. 1).

³²² *Ibidem*, p. 4.

³²³ HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In: *Cadernos Pagu* (22), 2004, p. 201-246, p. 220.

O que se pode ressaltar é que temas, relativos a onde e quando a mulher poderia trabalhar fora de casa, ou quando retornar exclusivamente ao lar, e também à maternidade, estavam sendo veiculados durante os anos de conflito e circulando entre Estados Unidos e Brasil. As realidades diferentes não impediam que temas conservadores fossem compartilhados. À mulher relegava-se lugar subalterno nos Estados Unidos, no Brasil e em outros países e regiões do mundo. A essencialização do papel da mulher enquanto mãe era um dever enquanto partícipe da sociedade. Alex Carrel, ao relacionar a possibilidade física/capacidade da mulher de gerar filhos ao seu dever cívico de fazê-lo, transforma um dado biológico em um papel social obrigatório. Essencializa, portanto, a mulher como reprodutora por excelência. O autor utilizava-se de seu *status* de cientista para prescrever a conduta correta e aceitável para a mulher, advertindo-a do destino de tristeza que a esperava caso decida seguir um caminho diferente.

5.2 – O papel do homem durante a Segunda Guerra Mundial em *Seleções*

Ao longo dos anos de guerra, *Seleções* dedicou-se a informar os leitores sobre o *front*, apresentando artigos sobre o andamento da guerra, o avanço dos Aliados e a relação que estava sendo constituída entre os Estados Unidos e os países da América Latina. A veiculação de artigos nos anos de guerra sobre o papel dos homens no correr do conflito se deu, grosso modo, pela informação sobre as batalhas que aconteciam, principalmente no continente europeu, opondo Aliados e Eixo. Os homens eram quase sinônimo do embate. *Seleções*, entretanto, discutiu muito mais sobre as motivações, ideologias, futuro do mundo, do que sobre a participação masculina no conflito. Neste sentido, esperava-se que os homens, assim como as mulheres, ocupassem seus papéis esperados, se alistando e participando efetivamente das decisões tomadas pelos

dirigentes nacionais. Já os homens brasileiros, devido à participação tardia da nação no conflito que assolava a Europa, ao longo dos anos de guerra, apareceram em outras missões, como abordaremos, do que propriamente em campo de batalha.

Se *Seleções* desde a sua primeira edição abordou intensamente essas nuances da guerra, das quais o Brasil ainda não participava, ela apresentou o país ainda lidando com outros invasores, como se percebe em *Como o Brasil abateu um invasor*, artigo republicado do *Correio da Manhã*, que destacava como “a inigualável realização científica do Brasil – o extermínio do mortífero mosquito *gambiae* – salvou o continente americano de uma praga letal”.³²⁴ O Brasil ainda não havia adentrado o conflito, mantendo uma postura de neutralidade, mas *Seleções*, desde sua primeira edição, introduziu o homem brasileiro em um *clima bélico*, mesmo que a partir de outros enredos.

O artigo é apresentado aos moldes de uma narrativa de guerra, detalhando campanhas, batalhas e enaltecendo a força e persistência dos combatentes brasileiros ao mosquito.³²⁵ Construía-se o imaginário de guerra destacando que “o Brasil tem um verdadeiro exército científico para o fim de combater as moléstias transmitidas pelos mosquitos.”³²⁶ A relação aqui é do inimigo como inseto. Enquanto os Estados Unidos enfrentavam o Eixo, o Brasil lutava contra os mosquitos. A imagem da América Latina no *Digest* e em *Seleções* era a de região pobre, onde a classe média era pequena e um lugar em que o homem branco ainda não havia civilizado devidamente, e por isso ainda estava combatendo a natureza.³²⁷

³²⁴ *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1942, p. 62-6). O artigo, provavelmente por tratar de questões muito próprias ao contexto brasileiro, não foi publicado pelo *Reader's Digest*.

³²⁵ Podemos destacar: “Os combatentes mantinham-se cautelosos e apreensivos, pois conheciam agora intimamente o *anófeles gambiense*, o traiçoeiro e difícil inimigo.” [...] Os combatentes do mosquito, porém, não desanimavam. [...] As forças de campo foram aumentadas para 4.000 homens; novas táticas foram desenvolvidas. Os combatentes declaravam, cheios de confiança: ‘Este ano os invasores não escaparão à morte’”. Ibidem, p. 65.

³²⁶ Ibidem, p. 63.

³²⁷ Cf. JUNQUEIRA, Mary. 2000.

A luta que assolava a nação brasileira de forma mais intensa ainda era, portanto, a empreendida em prol da modernidade. A forma da narrativa seguia o modelo norte-americano de guerra, e os homens brasileiros ainda estavam abrindo as portas para o modelo do desenvolvimento empreendido por aquela nação. Interessante notar que a modernidade aqui é apresentada pela luta do Brasil contra o mosquito transmissor da malária, porém, com financiamento de instituições norte-americanas, como a Fundação Rockefeller.

Em março de 1943 a guerra ganhou contornos mais delineados para os brasileiros nas páginas da revista *Seleções*, com a publicação de um relato do Capitão Lauro Reis, um dos poucos sobreviventes do ataque à embarcação *Baependi*, ocorrido no litoral brasileiro em 15 de agosto de 1942, evento que seria definidor para que o Brasil se posicionasse a favor dos Aliados no conflito bélico que tomava o mundo.³²⁸ A narrativa, em primeira pessoa e em tom melodramático, aproximava o conflito dos leitores brasileiros e, apesar de não citar em nenhum momento os alemães, reforça a presença real de uma ameaça ao território nacional. Conclui o Capitão apresentando o desfecho do evento para os leitores brasileiros:

Quase todos os nossos camaradas tinham sido tragados pelas ondas. E quando um médico, náufrago também, nos relatou o episódio da morte do mais jovem dos nossos companheiros de armas, não pudemos conter as lágrimas. Ao atirar-se ao mar, sem salva-vidas, certo do fim que o aguardava, o tenente Assunção lançou em voz vibrante este grito derradeiro de patriotismo: “Viva o Brasil!”³²⁹

Nos meses que se seguiram, a revista não destinou outras páginas para tratar da participação efetiva dos homens brasileiros na guerra. Não se falou de contingentes humanos em campo de batalha, nem da necessidade de apoio de tropas brasileiras no conflito. A revista se preocupou, de forma reiterada, em defender o apoio governamental e da sociedade na luta contra o Eixo.

³²⁸ *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1943, p. 3-7).

³²⁹ *Ibidem*, p. 7.

Parece evidente que, enquanto os homens norte-americanos e europeus lidavam com o conflito bélico na Europa, aos olhos de *Seleções*, cabia ao homem brasileiro lidar com a organização nacional, desbravar territórios, conter inimigos naturais e doenças, ou seja, estabelecer bases mínimas do que se poderia considerar como desenvolvimento para o período, reforçadas pela experiência norte-americana de sucesso, que continuou sendo amplamente difundida nas páginas da revista brasileira.

O que se pode concluir, então, é que as representações masculinas nacionais que *Seleções* buscou destacar nestes anos de conflito estavam diretamente associadas a um projeto científico-tecnológico, de modernidade. Santos Dumont e Oswaldo Cruz foram os nomes escolhidos para esse contexto.

A trajetória de Santos Dumont, apresentada em dezembro de 1942 por *Seleções* com o título de *Santos Dumont, Pai da Aviação*, elencou a contribuição do rico filho de cafeicultores brasileiros para o desenvolvimento da “aeronáutica mundial”.³³⁰ Representava o *novo* diante da velha estrutura brasileira, pois “estava meio século adiante de seu tempo”.³³¹ Não é de se estranhar que a revista tenha optado por difundir a história de Santos Dumont, uma vez que ao longo dos anos de guerra as empresas de companhia aéreas e de produção de aviões estiveram entre as que mais publicaram propagandas na revista. O artigo havia sido publicado pelo *Digest* em outubro do mesmo ano e foi intitulado *Santos-Dumont: The Father of Flight*.

Importante destacar aqui, contudo, o fato de *Seleções* conceder ao brasileiro Santos Dumont a primazia da invenção do avião, sendo que os Estados Unidos defendem a grande invenção por parte dos irmãos norte-americanos Wright. O artigo pontua que o brasileiro, “em 1906 deu ao mundo a primeira demonstração pública de voo num aparelho ‘mais pesado que o ar’ [Os

³³⁰ *Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1942, p. 50-4).

³³¹ *Ibidem*, p. 53.

irmãos Wright só vieram a voar publicamente em 1908].”³³² É provável que o período da guerra e o envolvimento dos Estados Unidos para que os países latino-americanos se posicionassem ao lado dos Aliados ajudassem em tamanha concessão, isto é, a invenção do avião.

Oswaldo Cruz, por sua vez, é apresentado em *O médico que salvou o Brasil*, longo artigo publicado em novembro de 1944, e escrito pela já referida Lois Mattox Miller.³³³ Contemplando a trajetória pessoal e profissional do médico sanitarista, o texto é construído para elencar, também, a forma como o Brasil, principalmente a cidade do Rio de Janeiro, havia se desenvolvido ao se modernizar, mas antes precisou passar por processo de limpeza sanitária, no caso aqui, resolvendo o problema da febre amarela, transmitida por mosquitos. Artigo de Mattox Miller aponta que:

Pelas alturas de 1895, circulavam no Velho Continente os tristes rumores de que uma nação do Novo Mundo estava morrendo: “O Brasil está doente... O Brasil agoniza... O Brasil é uma terra de morte.” O pior é que as versões eram corroboradas por episódios, de fato impressionantes. Um navio italiano havia ancorado a meia milha do porto do Rio de Janeiro. Cinco dias depois, seu comandante e 233 membros da tripulação estavam sepultados no mar. Apenas 103 angustiados sobreviventes conseguiram empreender a viagem de regresso. O flagelo: febre amarela.

Os brasileiros, das cidades do interior, evitavam ir ao Rio, e a outros pontos do litoral; e, quando o faziam, em casos de absoluta necessidade, tratavam de não passar a noite ali. Os diplomatas estrangeiros deixavam a capital, preferindo buscar abrigo em Petrópolis. Os cariocas, que dispunham de algum recurso, também arribavam para a montanha, ao primeiro sinal do verão, que era a estação epidêmica. Os negociantes de café em Santos pagavam aos seus empregados enormes salários, admitindo assim tacitamente que se impunha no caso alguma forma de seguro de vida. Os vapores, ao deixar Buenos Aires, traziam o aviso de que “este navio não tocará no Rio ou em qualquer outro porto brasileiro”. Companhias europeias de navegação anunciavam “viagens diretas ao Rio da Prata, sem tocar em portos do Brasil”. Era o meio de impedir que os navios destinados à América do Sul partissem vazios.³³⁴

³³² *Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1942, p. 54).

³³³ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1944, p. 1-9).

³³⁴ *Ibidem*, p. 1-2.

O texto alude ao quanto foi necessário que o Brasil, principalmente o Rio de Janeiro, se modernizasse, na primeira década do século XX, para que pudesse receber novamente produtos e pessoas de todas as partes do mundo. O artigo, que saiu na revista norte-americana com o título *The doctor who saved Brazil*, em agosto de 1944, três meses antes de ser publicado em *Seleções*, traz à tona uma importante figura histórica brasileira, e na esteira da Política da Boa Vizinhança que buscava aproximar os países da América Latina.

O artigo pretende constatar que Oswaldo Cruz não apenas salvou o Brasil da Febre Amarela e de outras doenças epidêmicas, mas também foi capaz de o tirar, pelo menos a cidade do Rio de Janeiro, do atraso, colocando-o, conjuntamente com Rodrigues Alves e Pereira Passos, que são lembrados no texto, nos trilhos da modernidade. O texto traz à tona também o reconhecimento de Oswaldo Cruz pelos norte-americanos, na figura do presidente Theodore Roosevelt que, em 1913, teria apontado que:

o papel exercido pelo Brasil na luta contra as doenças tropicais, utilizando as armas da ciência, não tem sido devidamente apreciado no estrangeiro. O instituto Oswaldo Cruz é esplêndido no que concerne ao seu equipamento. Não o é menos sob o aspecto da capacidade dos seus homens. O dr. Oswaldo Cruz é um homem da raça de Pasteur.³³⁵

Interessante notar que os dois artigos referidos aludem a um processo formativo tanto de Santos Dumont quanto de Oswaldo Cruz que remonta à Europa, ao Velho Mundo. Fica subentendido que, a partir dessa formação, esses personagens históricos representavam aspectos do Brasil moderno em meio ao atraso. Patamar da modernidade que, agora no contexto da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, do pós-guerra, fazia com que o território nacional fosse apresentado como aquele que poderia alcançar outros estágios da civilização e, portanto, da modernidade.

³³⁵ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1944, p. 9).

Neste sentido, ao retratar Oswaldo Cruz, mas também Santos Dumont, que eram cultuados no Brasil como grandes nomes da nação, a revista desejava criar alianças, promovendo a aproximação entre os dois países, enquanto reconhecia os aspectos locais brasileiros. Intentava também manter as vendas, uma vez que nos mesmos exemplares divulgava produtos norte-americanos mostrando, em publicidades e em diversos artigos, a modernidade em curso, já apontando elementos que se consolidariam no pós-guerra.

5.3 – Relações de gênero no imediato pós-guerra: a modernidade conservadora

Seleções demonstrou, mais intensamente, o interesse de preparar a mulher para o pós-guerra, construindo ideários de um papel feminino mais ativo socialmente, no entanto, sem desassociá-lo dos atributos do lar e das expectativas de consumo que se tornavam mais altas.³³⁶ Conjuntamente, apresentava o mundo da modernidade norte-americana, da industrialização e das possibilidades de consumo de produtos novos que viriam com o término da guerra. Preparava, neste sentido, o público leitor brasileiro para uma difusão mais intensa de uma lógica de consumo que ganharia corpo em um discurso enaltecendor da classe média e do estilo de vida e “sucesso” dos norte-americanos. Ainda que permanecessem os aspectos da tradição, a mudança estava relacionada a aparelhos que facilitavam a vida das mulheres e o destaque era dado a algumas delas que assumiram posições no meio social nos Estados Unidos. Para a grande maioria, no pós-guerra, a principal função continuava como a atividade no lar. Tratava-se, assim, de uma modernidade conservadora.

³³⁶ *Seleções*, desde o primeiro número publicado no Brasil, se deteve a difundir produtos voltados para o ambiente doméstico e para a família, tais como: ar condicionados, rádios, lavadoras de roupa, geladeiras, máquinas de escrever e de costurar. Por outro lado, inúmeros produtos, de certo modo inacessíveis ao público, também aparecem nas páginas de publicidade, como aviões e automóveis.

No artigo *O que o homem nota primeiro na mulher?*, de fevereiro de 1946, publicado por *Seleções* (impresso pelo *Digest* em julho de 1940 com o título de *What men notice first about women*), é apresentado um diálogo entre homens que comentam as primeiras impressões sobre uma mulher. Em sequência, a revista traz o relato de alguns indivíduos do sexo masculino no que se refere a essas primeiras observações.³³⁷ As duas partes são intermediadas pela seguinte colocação:

a fim de constatar quão variadas são as primeiras impressões masculinas, indagamos de alguns cavalheiros o que cada um nota primeiramente em uma mulher. Se o leitor fizer a mesma pergunta a alguns amigos, ficará surpreso diante das dissertações que ouvirá sobre a anatomia, indumentária, fisiologia e psicologia femininas...³³⁸

Os comentários masculinos sobre as mulheres, no artigo, se referem ao corpo (anatomia, fisiologia), à aparência (indumentária e cuidados pessoais), ao que consomem (posição na sociedade), como se portam (postura) e ao estado mental (psicologia), todos atrelados a um essencializado "universo feminino". O artigo indicava às mulheres como se portar e vestir para atrair o homem.

No entanto, acerca das construções e relações de gênero na sociedade, como as aludidas pelo artigo, Linda Nicholson argumenta que:

a população humana difere, dentro de si mesma, não só em termos de expectativa social sobre como pensamos, sentimos e agimos; há também diferenças nos modos como entendemos o corpo. Consequentemente, precisamos entender as variações sociais na distinção masculino/feminino como relacionadas a diferenças que vão “até o fundo” – aquelas diferenças ligadas não só aos fenômenos limitados que muitas associamos ao gênero (isto é, a estereótipos culturais de personalidade e comportamento), mas também a formas culturalmente variadas de se entender o corpo. Essa compreensão não faz com que o corpo desapareça da teoria feminista. Com ela o corpo se torna, isto sim, uma variável, mais do que uma constante, não mais capaz de fundamentar noções relativas à distinção masculino/feminino

³³⁷ *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1946, p. 19-20).

³³⁸ *Ibidem*, p. 19.

através de grandes varreduras da história humana, mas na forma como a distinção masculino/feminino permanece atuante em qualquer sociedade.³³⁹

Cabe pontuar o quanto, ao tratarem de diferenças comportamentais, de gosto, de personalidade, os homens e a revista acreditavam estar tratando de como era realmente a mulher e do que de fato ela pretendia. Em suma, falavam pelas mulheres, ainda que, como visto, mulheres conservadoras também escrevessem para a revista legitimando o projeto em questão.

Seleções, como indicado, seguiu uma proposição editorial e política muito bem definida de atrelamento ao governo e aos ideários norte-americanos, e fomentou transformações e reconfigurações nos/dos papéis representados por homens e mulheres, individualmente ou no âmbito familiar, que fossem convenientes às contingências históricas pelas quais passaram os Estados Unidos. Todas essas modificações, principalmente aquelas concernentes a um ideário da modernidade, foram apresentadas nas páginas da revista brasileira, tanto pelos artigos publicados quanto pela grande quantidade de publicidade inserida no periódico. Carla Bassanezi Pinsky destacou que os anos de 1945 a 1964 assistiram a

importantes transformações culturais quando a vontade de inovar atinge a música (surge a bossa nova), o teatro, a literatura, as ciências sociais, a arquitetura e as artes. Contribuem para isso: a formação de um público consumidor dessas manifestações culturais (especialmente na classe média urbana escolarizada), a precariedade da “indústria cultural” de então (que dá espaço para a criatividade e a erudição) e uma “mentalidade cultural” voltada para “o ideal do moderno”, que adquire grande força a partir dos anos 1950. Porém, o projeto, ou o desejo, de modernização (antes da modernização propriamente dita) considera o moderno um progresso em si sem submetê-lo, nessa época de euforia, a uma análise crítica.³⁴⁰

³³⁹ NICHOLSON, Linda. Interpretando Gênero. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, jul./dez, 2000, p. 14-5.

³⁴⁰ PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 20, grifos do original.

Seleções aponta diretamente para tais considerações ao veicular a mulher moderna como aquela que consumia, ajudando na circulação de mercadoria. Cabe ressaltar que grande parte dos produtos em anúncios em *Seleções* eram de empresas norte-americanas. As possibilidades de consumo que surgiam, presentes na revista *Seleções* e no *Digest*, refletiram tais propósitos e, apesar das diferenças econômicas e políticas entre Brasil e Estados Unidos, elas parecem ter sido assimiladas pela população brasileira, tendo em vista a tiragem crescente das publicações ao longo dos anos 1950 e 1960. Tal fato nos leva a crer que tais proposições estavam inseridas em discursos de articulação entre o local e o global, já que existiram edições da revista, por exemplo, no Japão, divulgando o modo de vida norte-americano e os Estados Unidos como aquele vencedor da guerra e o que liderava o moderno mundo livre.

A modernidade era apresentada para os leitores de *Seleções*, principalmente para as mulheres, que claramente se tornaram o público-alvo mais intensamente buscado pela publicidade. Anúncios de produtos, como o da Walita, de dezembro de 1964, demonstram essa associação: “Natal! Alegria! Presentes. Aquela gostosa emoção, a surpresa feliz quando o presente é Walita. Escolha para ela o presente de Natal mais desejado pela *mulher moderna*: um aparelho Walita.”³⁴¹

Nesse mesmo sentido, uma das seções de *Seleções* publicadas ao longo dos anos 1950 e 1960 foi *Falando de compras – uma crônica de anúncios para a mulher brasileira*, escrita por Nancy Sasser, possivelmente um pseudônimo de algum dos editores. Aqui se aponta uma peculiaridade da revista brasileira, uma vez que tal seção não era publicada pelo *Digest*, ainda que a revista norte-americana tivesse iniciado drasticamente a utilização de publicidade a partir de 1956. Uma seção que dialogasse diretamente com os leitores, apontando

³⁴¹ *Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1964, p. 6-7, grifos acrescentados).

aspectos de consumo e produtos presentes do mercado, no entanto, não foi introduzida no *Digest*.

Falando de Compras
com *Nancy Sasser*
Uma crônica de anúncios para a mulher brasileira

Uma pele bonita é a “essência” do charme feminino... e todas as peles podem ser bonitas... dependendo do cuidado que lhes devotamos! Com o CREME DE ALFACE BRILHANTE, sua pele terá tudo o que ela necessita: ficará livre das impurezas, podendo respirar à vontade; eliminará os cravos e espinhas, dando-lhe um frescor natural, e proporcionará uma ótima base para sua maquiagem! Aplique, uma ou mais vezes ao dia, o já famoso Creme de Alface Brilhante — e v. se orgulhará de sua cutis... fina, sadia e sedosa!

Eu escolho minhas meias sempre com especial carinho, pois sei que dêste detalhe depende minha aparência pessoal. Esta é a razão por que dou preferência às meias IBRAM (aquelas que vêm em caixas individuais), muito mais finas e resistentes! E a Ibram, agora, está oferecendo um interessante folheto “Algo Que a Senhora Deve Saber Sobre Meias”, com utilíssimas sugestões sobre como escolher, usar e conservar meias. Se você, querida amiga, desejar receber um exemplar, escreva-me para Caixa Postal, 5830 — São Paulo.

Como esposa e mãe, compreendo a necessidade de salvaguardar a saúde de meus entes queridos. Assim sendo, empenho-me em preparar refeições nutritivas, de fácil digestão e assimilação. Pois consigo tudo isso com MAIZENA! Veja, por exemplo, o tempo que o organismo gasta para assimilar alguns amiláceos: batata—2 a 4 hs; trigo—½ a 1 hora; cevada—10 a 15 minutos; aveia—5 a 7 minutos e... Maizena—2 a 3 minutos. Não é espantosa a rapidez alimentícia de Maizena? É por isso que as donas de casa preferem Maizena... há mais de um século!

Preparar um prato gostoso, nutritivo e apetitoso... custa bem menos do que v. imagina! Principalmente quando v. usar as deliciosas SALSICHAS FRANKFURT ou VIENA da SWIFT. Faça o seu menu ainda mais saboroso, seja no recheio de pastéis, empadas ou pastelões, nas maioneses e saladas, macarronadas e risotos... ficam lindos e saborosos com as Salsichas Swift! E v. estará “avitaminando” o pessoal, pois as Salsichas Swift são uma fonte de vitaminas e proteínas... Eu tenho sempre várias latas na despensa!

Minha amiga, ouça a opinião de quem já experimentou tudo em matéria de limpeza: uma roupa que dá gosto, de tão limpa, é a roupa lavada na espuma incomparável do SABÃO MINERVA EM PÓ. Porque é mais sabão, Minerva em Pó espuma melhor e é muito mais econômico, penetra melhor em cada fio do tecido, limpando de dentro para fora, e lava melhor, sem precisar deixar a roupa de molho mais tempo! Roupa limpa, bem limpa, tão limpa que dá gosto, v. só consegue com Sabão Minerva em Pó!

Figura 14 - Seleções do Reader's Digest, outubro de 1960, p. 30.

As estratégias de apelo à mulher no Brasil, visando consolidar o crescimento de um público leitor/consumidor forte no território nacional.³⁴² Ainda que a autora tivesse um nome americanizado e anunciasse produtos

³⁴² Cf. PINSKY, Carla Bassanezi. 2014; FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. “*Liberdade é uma calça velha azul e desbotada*”: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). Editora Hucitec, História Social, USP: São Paulo, 1998.

importados, também destacava os nacionais e rede de lojas locais. Apontava, por exemplo, que as leitoras paulistanas deveriam visitar,

sem demora, os “Supermercados Sirva-se”, à rua da Consolação nº 2581, para aproveitarem as atrações da “Quinzena de Seleções”. Lá vocês encontrarão ofertas, demonstrações, e receberão amostras de produtos, num ambiente de grande hospitalidade. Não percam a “Quinzena de Seleções”, durante a primeira metade de outubro, para comprar o que vocês precisam, com maior proveito para a sua economia de tempo e dinheiro!³⁴³

A prática de tais seções era comum nas revistas da época no Brasil, e a série, no caso da revista brasileira, passou a compor uma relação que envolvia a publicidade e a indicação de produtos realizada pela autora. Interessante pontuar que as indicações variavam de produtos alimentícios (incluindo enlatados), medicamentos, cosméticos, produtos de limpeza, até eletroeletrônicos, como rádios e televisores. Era em tom de diálogo e acolhimento que Nancy Sasser se dirigia às leitoras:

Como é bom me encontrar de novo com v., neste cantinho feito especialmente para nós! Como é gostoso um “bate papo” entre amigas... como a gente se sente feliz em poder ser útil! É por isso que procuro, sempre dar a v. conselhos ou sugestões. Por exemplo: aqueça um bocadinho a faca antes de cortar as batatas... as fatias saem iguaizinhas! E agora...³⁴⁴

Em um artigo de 1964, intitulado *O sucesso das escolas que ensinam sucesso*, que apresentava o desenvolvimento de habilidades de expressão e como lidar com dilemas do cotidiano, as mulheres aprendiam como ser mais eficientes, pois “descobrem que atividades como ler, tricotar ou bordar, fazer exercícios respiratórios, aprender rudimentos de uma língua estrangeira, podem ser efetuadas nos ‘minutos congelados de cada dia’”.³⁴⁵ A mulher moderna era

³⁴³ *Seleções do Reader's Digest* (Out. de 1955, p. 30, grifos do original).

³⁴⁴ *Seleções do Reader's Digest* (Ago. de 1958, p. 18).

³⁴⁵ *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1964, p. 67).

dinâmica, atenta ao lar, aos afazeres do trabalho, mas podia dedicar-se a trabalhos manuais ou aos rudimentos de uma língua estrangeira para combater a monotonia do lar. Para tanto, como destaca uma das participantes da escola citada, era preciso compreender “que não era um emprego fora de casa que eu queria – estava precisando era de um emprego dentro de mim mesma!”.³⁴⁶

De forma mais ampla, no entanto, *Seleções* tratava mais dos Estados Unidos do que do Brasil, ainda que cuidasse, como destacado, para que o país também estivesse nas suas páginas como aquele que poderia alcançar a tão aludida modernidade. Esse potencial de crescimento econômico do país sul-americano foi retratado, primeiramente, pelo *Digest* no artigo *Boom Town Extraordinary* (*Uma cidade que cresceu muito*), publicado em março de 1947.³⁴⁷ Posteriormente, foi apresentado em *Seleções* com o título de *São Paulo – a cidade pujante do planalto*, em outubro do mesmo ano. No texto, o articulista escreve que para a capital paulista

afluíram imigrantes de quase todos os países da Europa. São Paulo viu-se transformado no primeiro grande *melting-pot* da América Latina, dando fusão, assim, a um novo amálgama humano, composto de muitas raças.

Mais importante ainda, começou a surgir ali uma classe-média rural. Os pequenos proprietários estavam dispostos a cooperar na construção de escolas, estradas e melhores habitações e na obtenção de maiores safras – benefícios estes com os quais o trabalhador rural não se preocupava.³⁴⁸

³⁴⁶ *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1964, p. 67).

³⁴⁷ *Seleções do Reader's Digest* (Out. de 1947, p. 49-53).

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 50-1. A tradução para a revista brasileira omite a relação feita entre a formação de uma nova raça que o texto julgava mais parecida com os norte-americanos do que qualquer outra ao sul dos Estados Unidos. No original em inglês: *From almost every country in Europe, people poured in. São Paulo, Latin America's first melting pot, began to produce a vital new race, more like North Americans than any other south of our border. More important, a rural middle class was born. The small landowner was willing to work for schools, roads, better homes and crops – benefits that leave a peon population unstirred.* *Reader's Digest* (Mar. de 1947, p. 125, grifos acrescentados).

O que chama a atenção é que o último parágrafo da condensação do artigo original foi omitido na publicação em português. O autor do texto, Michael Scully, havia escrito na parte omitida que:

[...] São Paulo tem significância política e econômica para os Estados Unidos. A importância de nossa amizade histórica com o Brasil pode ser demonstrada na guerra mais recente. A influência de São Paulo promete fazer do Brasil uma potência mundial, e uma que concordará conosco neste cenário.³⁴⁹

É provável que a exclusão do excerto esteja relacionada ao fato de que a ênfase recai sobre o interesse dos Estados Unidos por São Paulo, embora a revista circulasse por todo o Brasil. Importante destacar que quem selecionou o artigo e o editou foi um brasileiro que trabalhava para *Seleções* nos Estados Unidos, uma vez que, como apontado, a revista passou a ser editada em solo brasileiro apenas no ano de 1951.

Dessa forma, conjuntamente às novas possibilidades que a revista apresentava para as mulheres e os homens brasileiros, como as emergentes formas de consumo, destacando o potencial de desenvolvimento nacional, como no caso da cidade de São Paulo, se faria necessário que projetos de planejamento familiar fossem emplacados, visando a possibilidade da expansão das famílias de classe média. Não tardaria para que *Seleções* apresentasse artigos voltados para o controle de natalidade e o fortalecimento da difusão da pílula anticoncepcional.

5.4 – Contracepção: modernidade e controle demográfico

Como vimos, um dos aspectos da modernidade ressaltado por *Seleções* era o universo científico abraçado pelos Estados Unidos, e uma das pontas de

³⁴⁹ *Reader's Digest* (Mar. de 1947 p. 128). No original: *São Paulo has political as well as economic significance for the United States. The importance of our historic friendship with Brazil was demonstrated in the recent war. São Paulo's influence promises to make Brazil a true world power, and one that will see eye to eye with us in world affairs.*

lança para exercer a hegemonia mundial expressa, inclusive, no seu embate com a União Soviética. No que diz respeito à classe média, ela devia ter atitudes que correspondessem à racionalidade: verificar o que ganhava e o que gastava, fazer poupança para a velhice, consumir produtos que confirmassem a produção industrial e as facilidades do cotidiano, poupar para a escola e universidade dos filhos e, acima de tudo, limitar o número de filhos. O controle da natalidade era, portanto, central para o *Reader's Digest* e, conseqüentemente, para *Seleções*. Isso tornou-se ainda mais possível graças à ciência e à pílula anticoncepcional, testada e aprovada primeiramente nos Estados Unidos em 1960.

Entretanto, o tema sempre era dirigido mais aos países do então terceiro mundo, entre eles o Brasil, em que se diagnosticava a existência de classe média menor e índices elevados de pobreza em que, segundo o *Digest*, não havia controle da natalidade. Havia famílias ou mães solteiras com elevado número de filhos que perpetuavam a mesma condição. O controle demográfico era tema recorrente em *Seleções* particularmente quando se tratava dos países da América Latina, área sob zona de influência dos Estados Unidos.³⁵⁰

No caso do Brasil, território em que a religião católica predominava, a preocupação também se demonstrou latente e transpareceu de formas distintas. No início da década de 1960, por exemplo, a sociedade brasileira valorizava intensamente a instituição matrimonial, apresentando naquele momento, conjuntamente “com o Uruguai e o Chile, a mais forte ordem marital da América Latina.”³⁵¹

Planejar, zelar e cuidar da família e do lar eram prerrogativas associadas à mulher por *Seleções*. Os cuidados que a mulher teria de realizar para manter a saúde do cônjuge e da família, por exemplo, foram apresentados como

³⁵⁰ Cf. RAAD, Lenita Jacira Farias. Revista *Seleções* do Reader's Digest e as campanhas de controle demográfico no interior da guerra fria. In: *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 11, no. 11, 2004, p. 167-176.

³⁵¹ THERBORN, Göran. *Sexo e Poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 251.

fundamentais. *Seleções* aborda a questão, em *Como assassinar seu marido*, de forma irônica, elencando as medidas que a mulher devia tomar para encurtar a vida de seu consorte.

Engorde-o; Mantenha-o bebido; Acima de tudo, mantenha-o sentado; Alimente-o com bastante gordura saturada; Comida bem salgada; Ofereça-lhe cigarros; Mantenha-o acordado até tarde; Não o deixe tomar férias; Pelas dúvidas, aborreça-o, lhe preocupe.³⁵²

A partir da ironia que o artigo aponta, acrescentava-se que se a mulher *realmente* ama o seu esposo, que seguisse o inverso. Durante a década de 1950, a manutenção e sucesso do casamento e saúde do marido, com as devidas exceções, era responsabilidade da mulher. Artigos voltados para as leitoras, sugerindo atitudes para manter o casamento, eram comuns nos Estados Unidos e também o foram no Brasil. Já havia reincidentes artigos sobre a temática do controle de natalidade, nos anos 1950, cuja exarcebação se deu na década seguinte.

Ainda em 1959, *Seleções* se perguntava, em artigo que abre a edição de fevereiro daquele ano, *Seremos demais?*³⁵³ O artigo não foi localizado no *Reader's Digest* no período compreendido por esta tese. A revista defendia medidas de controle de natalidade e acrescentava que “o homem estará tornando a vida mais inconveniente e menos bela para si mesmo e condenando gerações futuras à subnutrição, a um limite de vida mais curto e à frustração geral.”³⁵⁴ Nesse sentido, o mundo tenderia a convergir para a situação dos países mais pobres, como os Estados Unidos via grande parte da América Latina. A solução seria o estabelecimento, portanto, de programas familiares e “continuar na trilha da evolução que dura há bilhões de anos, visando a maior bem-estar. O homem é o único agente por meio do qual o processo evolucionário pode continuar nesse

³⁵² *Seleções do Reader's Digest* (Out. de 1970, p. 28-30). O artigo apareceu na edição da revista norte-americana em agosto de 1970, com o título de *How to Murder Your Husband*.

³⁵³ *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1959, p. 29-32).

³⁵⁴ *Ibidem*, p. 31.

rumo”.³⁵⁵ Em afirmativa polêmica, a revista sustentava que o controle da natalidade fazia parte da evolução da espécie.

Para tanto, *Seleções* apontava que Índia e Japão já haviam adotado medidas de controle de população e acrescentava uma informação fundamental para o público brasileiro, a de que a “Igreja Católica Romana não se opõe, em princípio, a todas as ideias de manter reduzido o número de seres humanos”, uma vez que “o excesso de população podia levar a grandes misérias, e recomendou a todos os católicos previdentes o estudo do problema da população”.³⁵⁶

No caso brasileiro, a década de 1960 demarcou um ponto importante. A preocupação com a difusão de um projeto de modernidade recaía, como apontado, primordialmente sobre a estruturação das famílias. Os mais pobres, como indicado, não tinham planejamento familiar. Além disso, havia o diagnóstico de que o comunismo se alastrava em países pobres e não naqueles que tinham uma classe média consolidada. O diagnóstico era o de que os países latino-americanos e outros precisavam de políticas de controle demográfico.

Seleções publicava, mesmo que indiretamente, artigos sobre as possibilidades do controle de natalidade há anos, no entanto, com a introdução da pílula anticoncepcional no mercado, na década de 1960, a discussão ganhou ampla repercussão e abriu espaço para que, conjuntamente aos métodos contraceptivos, a temática sobre a necessidade da educação sexual além do espaço familiar viesse à tona, tornando-se tema de especulação e debates sociais e políticos. Como vimos em excerto anterior, a função da mulher era procriar. Fazê-lo a deixaria feliz, já que cumpria suas funções biológicas. Todavia, o casal deveria programar o número de filhos que seriam criados nos moldes da família tradicional, enfim, cumprir a função biológica, mas com controle próprio da racionalidade do homem.

³⁵⁵ *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1959, p. 32).

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 31.

Apontando a diminuição de nascimentos no Brasil na década de 1970, Göran Therborn argumenta que

a mudança brasileira foi, sobretudo, um processo cultural, embora a ditadura militar a partir de 1965 assumisse uma postura permissiva sobre o controle de natalidade. A escolarização, da coorte de nascimentos dos anos 1940 em diante, a rápida proletarização, a urbanização, a migração interna em grande escala nordeste-sudeste dos anos 1950-1960, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa dos anos 1960 e 1970 alteraram o contexto e as perspectivas sobre a formação dos casais e das famílias. A extensão dos serviços de saúde privados, comprometidos, por razões econômicas, com os nascimentos por cesariana, proporcionaram uma âncora institucional para o controle de natalidade por meio da esterilização feminina. O aborto era também frequente, embora basicamente ilegal.³⁵⁷

Como destaca *Seleções*, em *A explosão demográfica e o que significa realmente* (o artigo foi publicado pelo *Digest* dois meses antes de sair no Brasil, com o título *What the population explosion really means*), “quanto mais as pessoas ganham e aprendem, menos filhos querem, e uma nação decidida e organizada pode frear com relativa rapidez a sua explosão demográfica.”³⁵⁸ O artigo destacado pontua, ainda, que em alguns países a redução da natalidade se daria mais lentamente do que em outros, no entanto, “*deve* ser conseguida para que a espécie humana não ultrapasse os seus recursos e acabe com padrões de vida comparáveis aos da era do obscurantismo”.³⁵⁹ Dessa forma, pontuava que não bastava apenas construir uma base de consumo, mas que essa base deveria ser sólida, capaz de manter-se sustentável. Por fim, a revista era assertiva:

A única maneira de retardar o aumento da população no mundo é exercer o controle da natalidade. O método anticoncepcional não é por si mesmo decisivo. As mulheres porto-riquenhas vêm aceitando quase todos os métodos anticoncepcionais que lhes chegam ao alcance e, nos Estados Unidos, talvez metade ou mais das mulheres casadas há 10 anos ou mais vem fazendo uso de métodos anticoncepcionais “não

³⁵⁷ THERBORN, Göran. 2006, p. 412.

³⁵⁸ *Seleções do Reader's Digest* (Jul. de 1965, p. 79); *Reader's Digest* (Mai. de 1965).

³⁵⁹ *Seleções do Reader's Digest* (Jul. de 1965, p. 79).

permitidos”. Ao contrário do que em geral se crê, a Igreja Católica não se opõe a que os pais limitem o número de seus filhos aqueles que podem ter esperança de criar e educar convenientemente. Mas até agora a Igreja só aprovou o método do ritmo para espaçar os nascimentos, e esse método é ineficiente em 40% a 50% das vezes.³⁶⁰

O método de ritmo era também chamado de tabelinha e consistia em evitar relações sexuais nos dias férteis da mulher, nem sempre seguro. A revista promovia abertamente a discussão e clamava pela ação incisiva dos governos, afinal “a adoção generalizada de qualquer método exigirá campanhas de educação e a assistência técnica dos governos interessados”.³⁶¹ Porto Rico, embora associado aos Estados Unidos, tinha cultura latino-americana: baixa industrialização e classe média reduzida. Mais uma vez, *Seleções* pontua o apoio da Igreja Católica em medidas de contenção de natalidade, obviamente visando ganhar aderência à temática nos territórios da América Latina e, aqui no caso, no Brasil.

Neste sentido, a discussão apareceu em solo brasileiro trazendo como contexto de debate a sociedade norte-americana, que se apresentou como o modelo para a divulgação da pílula. Joana Maria Pedro, em um importante trabalho sobre a questão do controle de natalidade no Brasil, apontou que

as notícias sobre o novo contraceptivo [pílula] – considerado mais eficaz que os anteriores – vieram acompanhadas, no Brasil, de dados alarmantes sobre o perigo de superpopulação no mundo. Assim, em abril de 1960, a revista *Seleções*, num artigo intitulado “Gente Demais! Que Fazer?”, informava que dali a 40 anos, ou seja, no ano de 2000, o mundo teria 8 bilhões de pessoas e, dessas, 70% seriam afro-asiáticas. A razão disso, informavam, era a redução da mortalidade infantil, bem como o aumento da longevidade.³⁶²

³⁶⁰ *Seleções do Reader's Digest* (Jul. de 1965, p. 79).

³⁶¹ *Ibidem*

³⁶² PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, p. 241.

Segundo a autora, o Brasil foi colocado entre as nações que estariam contribuindo com a problemática do crescimento demográfico. O país, como temos demonstrado, apresentava-se como um ponto importante na América Latina para o *Reader's Digest* e as proposições do governo norte-americano. Não é de se estranhar que o projeto de controle demográfico, neste sentido, tenha ganhado força na década de 1960, conjuntamente com o apoio ao golpe de 1964, e na esteira de projetos contra a pobreza. Dessa forma, a revista encampou fortemente a defesa da utilização da pílula, na mesma proporção em que defendia o desenvolvimento das sociedades vistas como atrasadas ou pré-modernas.

Conter a expansão demográfica ganhou contornos dramáticos nas páginas de *Seleções* que, em 1969, em *Explosão populacional: estará perdida a batalha* (publicado pelo *Digest* em fevereiro daquele ano, com o título de *World Population: Is the Battle Lost?*), ostensivamente apontava que “dizer que a explosão populacional é um problema dos países subdesenvolvidos é o mesmo que dizer a um companheiro de viagem: “o seu lado do barco está afundando””.³⁶³ O texto indicava que não bastava apenas os Estados Unidos afiançarem o controle de natalidade se outros países também não o fizessem. Neste sentido,

os E.U.A. poderiam ter de anunciar que não remeteriam mais víveres para países que não quisessem ou não pudessem controlar o aumento da sua população. Muitos se horrorizariam com essa atitude, mas, como nação, os E.U.A. têm mostrado disposição de ir contra a opinião do mundo em outros casos. Por que não neste, o mais importante? O sofrimento será intenso, mas a doença está adiantada, e só com cirurgia radical o doente terá alguma chance de sobreviver.³⁶⁴

Muito embora a projeção da introdução da pílula anticoncepcional em finais da década de 1960 no Brasil tenha sido amplamente divulgada por

³⁶³ *Seleções do Reader's Digest* (Abr. de 1969, p. 98).

³⁶⁴ *Ibidem*

Seleções, o medo diante de efeitos colaterais que ela pudesse causar ainda era amplo. No entanto, a revista se preocupou em apontar, reiteradamente, que apesar de tais possibilidades o método era seguro. Em março de 1968, apresentou o artigo *Pílula ou não?* (o artigo foi publicado no *Reader's Digest*, em janeiro de 1968, como *How safe is the pill?*). *Seleções* procurava abarcar o máximo possível o tema, visando soar neutra, como mostra o título do artigo, procurando dar espaço para posição divergente. No entanto, a resposta ao longo do texto reforçava uma construção positiva sobre a utilização do método contraceptivo em questão.³⁶⁵ Apontava, inclusive, dados sobre o tema:

95% dos especialistas receitam a pílula às suas clientes; 87% receitam-na com maior frequência do que qualquer outro método de planejamento da família. Um ínfimo 1% – 76 médicos [o total era de aproximadamente 7000] – consideram risco demais receitá-la como anticoncepcional.³⁶⁶

Insistindo na temática, em outro artigo, de dezembro de 1970, *A pílula em debate* (o artigo havia sido publicado em outubro de 1970 pelo *Reader's Digest* e foi intitulado *The Pill in Perspective*), *Seleções* destacava:

Cada dia vemos crescerem os problemas mundiais por causa da rápida expansão das populações. A anticoncepção garantida e eficaz é essencial à luta do homem para controlar seu ambiente. Até agora a discutida Pílula continua a ser uma de nossas armas mais eficazes. Tomada adequadamente, sob cuidadosa orientação médica, ela ainda é o meio mais seguro, inventado pelo homem para uso em grande escala, de evitar a gravidez indesejada.³⁶⁷

Os artigos tendem a reduzir a concepção exclusivamente ao corpo feminino, uma vez que não abordam possibilidades de contracepção como responsabilidade masculina. Como destaca o excerto acima, a anticoncepção “é

³⁶⁵ *Seleções do Reader's Digest* (Mar. de 1968, p. 25-30).

³⁶⁶ *Ibidem*, p. 26.

³⁶⁷ *Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1970, p. 12).

essencial à luta do homem para controlar seu ambiente” e, por conseguinte, isso perpassava controlar o corpo da mulher.³⁶⁸

O artigo trazia, ainda, o parecer da *Planned Parenthood Federation* (Federação de Paternidade Planejada), que apontava: “embora qualquer inovação na Medicina traga consigo certos riscos, que são por natureza imprevisíveis, o uso seguido dos anticoncepcionais é amplamente justificado”.³⁶⁹ A autora do artigo acrescenta, ainda, que “esta opinião é, em essência, o ponto de vista expresso da maioria dos médicos”.³⁷⁰

Conjuntamente à pílula, como demonstrado, aumentou-se também a presença de discursos sobre o sexo nas páginas da revista. Uma das preocupações da publicação esteve contida na educação sexual que o periódico abordou de forma conservadora, porém recorrente. *Seleções* procurava responder perguntas sobre o que os jovens pensavam e ainda não sabiam sobre sexo. Nesse momento, revistas como *Seleções* se apresentavam com “funções pedagógicas” capazes de “influir no processo de constituição do indivíduo, na maneira como este se autopercebe e se relaciona com o mundo a sua volta”.³⁷¹

Neste sentido, a revista advogou *Por uma educação sexual esclarecida*, pontuando a necessidade da instrução sexual e indicando que a temática era algo natural dentro da organização social.³⁷² Na revista norte-americana, o texto foi publicado como *The case for enlightened sex education*, em maio de 1967. Após elencar que muitos pais se apresentavam como entraves ao ensino sexual, o periódico apelava a argumentos de representações religiosas para legitimar seu ponto de vista, elemento que agradaria aos leitores brasileiros:

³⁶⁸ *Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1970, p. 12).

³⁶⁹ Ibidem. Como destacou Joana Maria Pedro, “desde 1962 eram feitas pesquisas isoladas, visando a prestar informações sobre anticoncepcionais para mulheres de camadas populares, com recursos da *Internacional Planned Parenthood Federation*, em várias cidades brasileiras.” PEDRO, Joana Maria. 2003, p. 243.

³⁷⁰ *Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1970, p. 12).

³⁷¹ LUCA, Tania Regina de. Imprensa feminina: Mulher em revista. In. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 459.

³⁷² *Seleções do Reader's Digest* (Jul. de 1967).

É significativo o aumento do número de líderes religiosos e sociais e também o de associações nacionais de pais e professores que se batem por uma educação sexual esclarecida. “É uma ironia que, em nossa sociedade que se diz sexualmente liberta, o sexo seja, ainda uma palavra suja”, diz o Padre George Hagmaier, professor de religião da Universidade Católica da América. O Padre Hagmaier quer que a educação sexual seja intensificada porque “os jovens inadaptados se tornam pais incompetentes”.³⁷³

Seleções, ao tentar responder a *O que os jovens ainda não sabem sobre sexo?*, ponderava que “já é mais do que tempo de estabelecer entre as gerações uma comunicação honesta sobre os fatos da vida – e do amor”.³⁷⁴ Temas como controle da natalidade e educação sexual faziam parte da modernidade da época. Defendia, assertivamente, “uma educação sexual aperfeiçoada nas escolas”.³⁷⁵ Enfim, alertava para o fato de que a educação não poderia se restringir, no entanto, apenas ao espaço escolar, pois “é igualmente importante que os pais compreendam os poderosos fatores emocionais que impedem que um número muito grande de jovens aplique o conhecimento teórico de sexo que já possui”.³⁷⁶ Visando reforçar o projeto do controle de natalidade, era necessário que as escolas e a família também abordassem, portanto, a questão sexual.

Por fim, em 1970, *Seleções* anunciava aos leitores a publicação de um livro contendo 50 artigos dedicados à temática sexual, para serem lidos pelo casal, desde o namoro até a idade madura, abarcando, claramente, a estrutura social do casamento. A revista se prontificava, como era um de seus princípios, a trazer as mais “relevantes informações”, pautada por estudos e visando a manutenção de um casamento feliz e satisfatório.

O controle sobre a natalidade, assim como as informações em manuais de conduta sobre a sexualidade e o casamento, funcionou para *Seleções* como uma maneira de informar a tão pretensa família de classe média propalada

³⁷³ *Seleções do Reader's Digest* (Jul. de 1967, p. 81, grifos do original).

³⁷⁴ *Seleções do Reader's Digest* (Fev. de 1971, p. 72).

³⁷⁵ *Ibidem*, 71.

³⁷⁶ *Ibidem*

constantemente pela revista e suas publicidades. Tal perspectiva ultrapassa a pretensão de construir um mercado de consumo, e visualiza a possibilidade de influenciar leitores.

Se o que você quer saber é a verdade...
Se o que você quer é um casamento feliz...
Se você de fato dá à vida a importância que ela merece...

Dentre os mais notáveis estudos publicados no mundo sobre a vida do casal, desde o namoro até a idade madura, foram escolhidos 50 artigos, escritos no estilo de Seleções, para dar a você as mais atualizadas informações sobre um tema que fascina a todos.

Um livro indispensável para que você se situe dentro da revolução sexual pela qual o mundo passa.

O livro que fará você pensar e chegar a conclusões
O livro que lhe poderá trazer mais felicidade e satisfação

Apenas 5 cruzeiros em sua banca de jomais

Compre hoje mesmo o novo lançamento de Seleções
sexo e casamento

Figura 15 - *Seleções do Reader's Digest*, agosto de 1970, p. 132-3.

Induzir mulheres, homens, suas filhas e filhos de acordo com o que se projetava na nação norte-americana era criar um público consumidor que pudesse ser, muitas vezes, previsto, quando o interesse era vender produtos e ideias; por outro lado, esse mesmo público abraçaria as perspectivas que a ele fossem apresentadas, e as defenderia contra ameaças como, por exemplo, a comunista.

Nesse sentido, o golpe de 1964 no Brasil faria com que *Digest* e *Seleções* apoiassem o regime ditatorial. Em tempos de Guerra Fria, pautar, de forma mais ostensiva, como essas famílias deveriam ser era uma forma de influenciar como elas deveriam agir. O protagonismo de mulheres em defesa do golpe foi um exemplo claro disso. E a revista não hesitou em manifestá-lo.

5.5 – As mulheres protagonistas do golpe de 1964

O golpe militar no Brasil, em março de 1964, representa um marco na história do país no século XX e apresenta-se, também, como um importante ponto de embate sobre a história recente da nação. A disputa simbólica sobre a terminologia do evento, golpe ou revolução, esteve presente em *Seleções*, que não poupou páginas nem argumentos para validar o evento, tratando-o como um ponto crucial na luta contra o comunismo no Brasil.³⁷⁷

Seleções qualificou as brasileiras como salvadoras da nação, um ponto diferencial para os papéis femininos costumeiramente apresentados pela revista, além de aproximar a atuação das mulheres brasileiras da atuação das norte-americanas, principalmente da figura das pioneiras ou paladinas, como destacado no capítulo anterior.

A presente tese não pretende adentrar em discussões historiográficas sobre o período do golpe militar que tomou o poder em março de 1964.³⁷⁸ Busca, por outro lado, discutir a forma como revistas como *Seleções* se dedicaram a apresentar aos seus leitores o evento ocorrido no Brasil, validando, através de suas páginas, posicionamentos tanto institucionais quanto estatais. Procura-se discutir as atuações, celebradas por *Seleções* ou não, desempenhadas por homens e mulheres no contexto em questão, atentando, já naquele momento,

³⁷⁷ Sobre a questão, incluindo a abordagem de *Seleções*, ver: CARDOSO, Lucileide Costa. Os discursos da “Revolução de 1964”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.31, nº 62, p. 117-140, 2011.

³⁷⁸ Sobre as discussões acerca sobre do Golpe Militar de 1964, adotamos como referência obras que se detêm a analisar a participação civil no evento, atentando, principalmente para a relevância de setores empresariais, médios e de outros governos internacionais. A compreensão, no entanto, concorda com Marcos Napolitano quando este destaca não endossar “a visão de que o regime político subsequente [ao golpe] tenha sido uma ‘ditadura civil-militar’ ainda que tenha tido entre os seus sócios e beneficiários amplos setores sociais que vinham de fora da caserna, pois os militares sempre se mantiveram no centro decisório do poder”. NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 11. Para outras referências, ver: FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. In: *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.9, n.20, jan./abr, 2017, p. 05 - 74. FICO, Carlos. *O grande irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

para um papel decisivo dos setores civis e médios para a legitimação da ruptura democrática que se estabeleceu naquele momento na sociedade brasileira.

O ponto fundamental sobre o fato em *Seleções* foi a publicação de um longo texto em formato não usual. Tratava-se de um encarte que poderia ser, inclusive, vendido separadamente ou doado a amigos e familiares. *A nação que se salvou a si mesma* foi publicado em novembro de 1964.³⁷⁹ Escrito por Clarence Hall, importante articulista do *Digest*, o texto ganhou destaque, e o formato escolhido – com a possibilidade de ser destacado e repassado – poderia aumentar a circulação. A adesão do *Digest* e *Seleções* ao golpe de 1964 foi inegável.

O encarte totalmente fora dos padrões da revista assemelhava-se a uma propaganda política. O artigo possuía 27 páginas, tamanho incomum para as publicações da revista, que normalmente apresentava textos entre três e oito páginas; continha ainda diversos subitens. Além da versão em português, o artigo foi publicado no mesmo mês na versão norte-americana e em dezembro de 1964 apareceu em espanhol.³⁸⁰

É notável a preocupação do *Digest* em abordar o evento ocorrido no Brasil tornando-o um texto capaz de ser publicado nas suas mais diferentes versões, de forma transnacional, atingindo os mais diversos países e continentes, funcionando tanto como denúncia de um avanço comunista, quanto como lembrete de resistência a tal movimento.

³⁷⁹ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 93-120)

³⁸⁰ *Reader's Digest* (Nov. de 1964). O artigo saiu com o título: *The country that saved itself*; *Selecciones del Reader's Digest* (Dez. de 1964). Na versão em espanhol foi intitulado como *La Nación que se salvó a si misma*. Sobre o tema da contenção comunista, ver: SHARP, Joanne. *Condensing the Cold War: Reader's Digest and American Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

Figura 16 - *Seleções do Reader's Digest*, novembro de 1964, p. 93.

SPECIAL FEATURE

THE COUNTRY THAT SAVED ITSELF

By CLARENCE W. HALL, Senior Editor, *The Reader's Digest*

The inspiring story of how an aroused Brazilian people stopped the communists from taking over their nation. *Because it is a document of unusual significance, this feature has been especially bound so that it can be detached and mailed to other interested readers. For details, see back covers of this article.*

Figura 17 - *Reader's Digest*, novembro de 1964, p. 133.

Tomo XLVIII
No. 289

Selecciones del Reader's Digest

Diciembre de
1964

Condensaciones de artículos de interés permanente, coleccionadas en folleto

SECCIÓN DE LIBROS

LA NACIÓN QUE SE SALVÓ A SÍ MISMA

POR CLARENCE HALL
Redactor decano del Reader's Digest

Alentadora historia del alzamiento
del Brasil para frustrar el golpe de
Estado proyectado por los rojos

41

Figura 18 - *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1964, p. 41.

Nesse sentido, a escolha de um articulista internacional para analisar o fato brasileiro era necessária para dar um aparente caráter neutro à publicação, além de garantir certa legitimidade, uma vez que o autor em questão era um renomado jornalista em assuntos sobre a América Latina. Não é preciso afirmar que a escolha foi por um profissional conservador. O distanciamento temporal para que a revista brasileira se pronunciasse diretamente sobre o assunto, quase oito meses após o golpe, fez com que *Seleções* demonstrasse cuidado com o assunto, apresentando dados e informações para validar a opinião, ainda que, como o próprio título denuncia, o entusiasmo com o golpe era notório.³⁸¹

Desta maneira, a revista reforçava que o evento era fundamental para a contenção do comunismo que poderia se difundir pela América Latina, mas também para a projeção da consolidação de uma classe média aos moldes norte-americanos. Neste ponto, o artigo é contundente em destacar os grupos sociais brasileiros, apontando, inclusive, os supostos elos mais fracos da nação, as classes desfavorecidas, os moradores das regiões periféricas, das “favelas, ponto especial de ataque da propaganda vermelha”.³⁸² Como aponta Marcos Napolitano, o golpe

envolveu um conjunto heterogêneo de novos e velhos conspiradores contra Jango e contra o trabalhismo: civis e militares, liberais e autoritários, empresários e políticos, classe média e burguesia. Todos unidos pelo anticomunismo, a doença infantil do antirreformismo dos conservadores.³⁸³

O interesse aqui recai sobre o papel e o destaque dado à participação feminina ao longo do artigo. Em contraposição aos homens, representados de forma geral pela instituição militar, o texto se dedica a esmiuçar a participação civil das mulheres naquele contexto, fator fundamental, segundo a publicação, para o sucesso não somente da contenção da propaganda e golpe comunista em

³⁸¹ Em 1978 o artigo foi republicado pelo exército brasileiro com o objetivo de rememorar a data.

³⁸² *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 105).

³⁸³ NAPOLITANO, Marcos. 2014, p. 43-4.

solo nacional, mas também para a consolidação de um projeto de modernização e solidificação da “classe média brasileira”. Neste cenário, os militares são apontados como coadjuvantes de um projeto mais amplo, liderado por civis, colocando as forças armadas como defensoras da vontade popular e da democracia ameaçada.³⁸⁴

Quando trata efetivamente da participação feminina no evento, o autor destaca, após o subtítulo *Feminina e Formidável*, que

é às mulheres do Brasil que cabe uma enorme parcela de crédito pela aniquilação da planejada conquista vermelha. Em escala sem paralelo, na história da América Latina, donas-de-casa lançaram-se à luta aos milhares, fazendo mais para alertar o País para o perigo do que outra força qualquer. “Sem as mulheres”, diz um líder da classe média da contra-revolução, “nunca teríamos podido sustar a tempo o mergulho do Brasil em direção à ditadura. *Muitos dos nossos grupos de homens tinham de trabalhar disfarçadamente, mas, as mulheres trabalharam às claras... e como trabalharam!*”³⁸⁵

A revista inverte os termos: havíamos nos livrado da ditadura e não estabelecido uma. Embora o contexto seja o de 1964, o artigo indica que o papel da mulher em espaço público permanece o mesmo que foi evidenciado quando analisamos a participação da mulher durante a Segunda Guerra Mundial no *Digest* e em *Seleções*. Em períodos de exceção, a mulher deveria ir às ruas para salvar a família, a propriedade e a classe à qual pertencia. A exceção aqui no caso do Brasil era a ameaça comunista que, segundo o periódico, havia já entrado no país.

O destaque recaiu sobre um modelo exemplar de mulher, Dona Amélia, assim como foram utilizadas e representadas as pioneiras norte-americanas

³⁸⁴ Sobre a participação das mulheres de setores conservadores na luta anticomunista no Brasil e em outros países da América do Sul, ver: POWER, Margaret. Who but a woman? The transnational diffusion of Anti-Communism among conservative women in Brazil, Chile and the United States during the Cold War. In. *Journal Latin American Studies*. Cambridge, nº 47, 2015, p. 93-119.

³⁸⁵ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 103, aspas do original, grifos em itálico acrescentados).

abordadas no capítulo anterior. Elege-se, também, um movimento propulsor das movimentações, a CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia).³⁸⁶ A revista apresenta a atuação da CAMDE como extremamente bem-sucedida e destaca ainda que:

A difusão das organizações femininas foi espetacular. Algumas tornaram-se filiais da CAMDE; outras, como a LIMDE (Liga das Mulheres Democráticas) em Belo Horizonte, possuíam identidade própria. As mulheres de Belo Horizonte, no estado brasileiro talvez mais ferrenhamente anticomunista, eram a coragem personificada. Quando o Congresso das Uniões dos Trabalhadores da América Latina (CUTAL), dirigido pelos vermelhos, anunciou um comício a ser efetuado em Belo Horizonte, tendo como oradores principais dois organizadores comunistas vindos da Rússia, as líderes da LIMDE mandaram um recado curto ao CUTAL: “Favor ficar cientes que, quando chegar o avião trazendo esses homens, centenas de mulheres estarão deitadas na pista.” Elas cumpriram a palavra, e o avião nunca pousou na capital mineira; em vez disso, prosseguiu para Brasília. As mesmas mulheres realizaram demonstração igualmente eficaz em fevereiro de 1964. Um Congresso de Reforma Agrária devia reunir-se em Belo Horizonte, tendo como orador principal o cunhado de Goulart. Quando o deputado Brizola chegou ao saguão, encontrou-o tão apinhado com 3.000 mulheres que não conseguiu fazer se ouvir acima do ruído dos rosários e do murmúrio das preces pela libertação da Pátria. Saindo, Brizola viu as ruas igualmente cheias de mulheres rezando até aonde a vista podia alcançar. O deputado Brizola foi impelido para fora de Belo Horizonte, levando no bolso, sem o pronunciar, um dos mais violentos discursos de sua carreira. Em 12 meses, grupos assim atuaram em todas as cidades grandes, de Belém a Porto Alegre.”³⁸⁷

As mobilizações elencadas no excerto, motivadas pela ação de Dona Amélia – aquela que teria nortado o movimento –, segundo o artigo garantiram a seguridade da participação civil, destituindo, neste sentido, a conotação de golpe militar. Conferia-se, portanto, a outros setores da sociedade o desejo da intervenção no andamento político do país. Para *Seleções*, mulheres de classe

³⁸⁶ Para um importante estudo sobre as mulheres do momento, principalmente sobre a organização e atuação da CAMDE, ver: CORDEIRO, Janaína Martins. “*A nação que se salvou a si mesma*”. Entre memória e história, a campanha da mulher pela democracia (1962-1974). Departamento de História – Universidade Federal Fluminense. Dissertação de mestrado, 2008, 164 f.

³⁸⁷ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 105).

média lideraram movimentos civis em favor do golpe e garantiram a própria existência da nação. O apoio dos Estados Unidos direta ou indiretamente ao golpe de 1964 é evidenciado, assim, em *Seleções* e em outros impressos.

Figura 19 - *Seleções do Reader's Digest*, novembro de 1964, p. 104.

Ao se perguntar sobre “quem tem mais a perder com o que está acontecendo com o nosso País do que nós mulheres?”, Dona Amélia, segundo o artigo, demonstra apreensão diante da possibilidade de que o papel da mulher brasileira naquele cenário viesse a ser alterado diante de um possível avanço do

comunismo.³⁸⁸ Assim, a luta precisava ser conjunta, e cabia às mulheres assumirem um papel cívico diante dos perigos que se instauravam, “a política se havia tornado demasiado importante para ser deixada inteiramente nas mãos dos homens.”³⁸⁹

Para tanto, o esforço abarcaria os mais distintos setores da sociedade e, segundo o artigo, as mulheres precisaram mediar a organização para que, agenciadas pela CAMDE, o movimento de oposição ao governo ganhasse força pelo Brasil. Segundo o texto, em um subitem intitulado *Corrente de Simpatia*,

quando a sala de estar de dona Amélia não mais pôde acomodar todas as donas-de-casa ansiosas por tomar parte na CAMDE, ela mudou suas reuniões para salões paroquiais de igrejas, formou dezenas de outras pequenas células em casas de família. Cada mulher que comparecia era encarregada de organizar outra reunião com 10 de suas amigas; por sua vez estas tinham de recrutar outras. Para financiar suas atividades, elas economizavam nos orçamentos domésticos e pediam ajuda às amigas com posses. As mulheres da CAMDE insistiam em ação. Formavam comícios de protesto público; ficavam horas diariamente ao telefone; escreviam cartas (certa vez, mais de 30.000) a congressistas para “assumirem posição firme em prol da democracia”. Pressionavam firmas comerciais para que tirassem sua publicidade do jornal Última Hora, punham anúncios em jornais avisando sobre suas reuniões, apareciam em comícios públicos para discutir com esquerdistas e desafiar os agitadores, distribuíam milhões de circulares e livretos preparados pelas organizações democráticas denunciando o namoro do Governo com os vermelhos. Além disso, produziam literatura própria, especialmente orientada no sentido das preocupações femininas; mais de 200.000 exemplares só de um trabalho, descrevendo o que as mulheres podiam fazer, foram distribuídos pela CAMDE às suas sócias, cada uma devendo tirar cinco cópias e mandá-las a possíveis candidatas a sócias. Quando o diretor esquerdista dos Correios e Telégrafos vedou a distribuição de mensagens e publicações da CAMDE, dona Amelinha organizou uma força de senhoras estafetas para entregar o material de automóvel, convencendo pilotos de companhias de aviação brasileiras a transportá-lo para lugares distantes.³⁹⁰

³⁸⁸ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 104).

³⁸⁹ *Ibidem*, p. 104.

³⁹⁰ *Ibidem*, p. 105.

Cabe destacar a organização e persistência das mulheres ao assumirem o espaço público em período de exceção, o faziam para assegurar o seu lugar tradicional. Conforme aponta Marcelo Ridente:

Em primeiro lugar, as mulheres ocupavam posições submissas na política e na sociedade brasileira, pelo menos até o final dos anos 60. A norma era a não participação das mulheres na política, exceto para reafirmar seus lugares de “mãe-esposas-donas-de-casa”, como ocorreu com os movimentos femininos que apoiavam o golpe militar de 1964.³⁹¹

Salvaguardar o Brasil, segundo as mulheres apresentadas pelo artigo de *Seleções*, significava adentrar em todos os territórios possíveis, costurando relações com experiências distintas daquelas experienciadas pelas mulheres da classe média. No entanto, o que se depreende dessas relações é que elas deveriam ser articuladas de forma verticalizada, ou seja, com os setores da classe média executando mobilizações e convencimento dos setores mais pobres, mas mantendo a desigualdade de classe.

As donas-de-casa da classe média não se limitaram a seu próprio ambiente. Elas se concentraram, por exemplo, nas mulheres do sindicato dos estivadores, fortemente influenciado pelos vermelhos. “Vocês devem convencer seus maridos”, diziam àquelas mulheres. Muitas o conseguiram, e não poucos foram os estivadores assim convertidos à democracia, comunicando depois às suas esposas: “Não somos mais comunistas!”³⁹²

Desta forma, fica exposto que a problemática estava contida tanto em uma dualidade de classe quanto de gênero, elementos que se misturavam e convergiam e que a revista visava destacar. A ampliação e consolidação de uma classe média no Brasil indicava que o país estava no caminho da modernidade, contendo o comunismo. Cabia justamente aos representantes da classe média

³⁹¹ RIDENTI, Marcelo Siqueira. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. In: *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2(2); 113-128, 2. Sem., 1990, p. 114.

³⁹² *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 105).

assumirem o controle dos movimentos e, posteriormente, da nação. A revista aponta e legitima, também, os espaços de ação das mulheres, agora aptas a ocuparem outros âmbitos da sociedade, mesmo que temporariamente.

Assim como os modelos de mulheres norte-americanas apresentadas no *Digest*, mas também em *Seleções*, no caso brasileiro, o exemplo viria de mulheres brancas, de classe média, que precisavam atingir os pontos centrais de entrada da propaganda comunista no Brasil, que o artigo localiza como sendo, principalmente, as favelas.³⁹³ No entanto, no subtítulo *O Murmúrio das Orações*, o texto aponta que, mesmo nesses espaços, a mulher pode tornar-se protagonista, uma vez que a revista destaca que na comunidade da Rocinha uma lavadeira, não nominada, argumenta que:

Este lugar aqui – disse a mulher – está cheio de comunistas. Eles dizem que querem ensinar a gente a ler e escrever, e trazem divertimentos para nós. Mas os únicos livros que usam são cartilhas cubanas, as únicas fitas que passam são de guerrilheiros cubanos. Imediatamente formou-se uma célula na Rocinha, centralizada na casa dessa lavadeira; organizaram-se classes de alfabetização, forneceram-se livros. E dali a pouco as mulheres da Rocinha estavam em condições de discutir com os vermelhos em seu próprio nível, dizendo aos candidatos comunistas ao Congresso e a propagandistas da UNE: “Vão embora. Sabemos o que é que vocês estão querendo.” Os vermelhos partiram em busca de presas mais fáceis.³⁹⁴

No caso, *Seleções* abriu espaço para mulheres de segmentos mais pobres, mas indicando que até esses grupos estavam contra o comunismo no Brasil. Quer dizer, não era porque o Brasil detinha grande desigualdade que os

³⁹³ René Dreifuss apontou que, “a escolha da dona de casa da classe média como potencial ponta de lança para o contra-ataque a João Goulart foi de especial importância. Ao fazer tal escolha, o IPÊS visava diretamente as esposas, irmãs e mães dos militares, profissionais, comerciários e tecnoburocratas. Era voz corrente que o IPÊS teria importado antropólogos e sociólogos, que orientavam sobre a grande influência exercida pelas mães e avós na sociedade brasileira. Parece que os empresários levaram um ano para aprender como usar as técnicas de mobilização das classes médias, mas uma vez aprendidas, elas se tornaram um ‘rolo compressor que não parava’. Glycon de Paiva a considerava como exemplo perfeito de uma ‘Ideia-Força’, que dispunha de organização, dinheiro e slogans.” DREIFUSS, René apud MENDES, Ricardo Antônio Souza. Marchando com a Família, com Deus e pela Liberdade. O “13 de Março” das Direitas. In. *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 21 nº 33 Janeiro/2005, p. 244.

³⁹⁴ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 104-5).

marginalizados adeririam ao comunismo. Nesse sentido, as comunidades mais pobres seriam educadas e salvas do comunismo pelo assistencialismo da classe média brasileira e pelos que foram instalados no poder pelo golpe de 1964.

O protagonismo feminino prossegue no artigo ao discorrer sobre a organização empreendida pelas mulheres da Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

A Marcha das Mulheres

Os primeiros a agir foram as mulheres de São Paulo. Ouvindo pelo rádio e TV o comício de 13 de março, centenas de donas-de-casa correram para os telefones para convocar um comício capaz de fazer a demonstração engendrada por Goulart parecer insignificante. Seis dias depois, a 19 de março, as largas avenidas do centro de São Paulo ficaram entupidas pelo que as mulheres denominaram “A Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Apertando livros de oração e rosários contra o peito, mais de 600.000 pessoas marcharam solene e ritmicamente sob pendões anticomunistas. E enquanto elas marchavam, os jornaleiros nas calçadas venderam centenas de milhares de exemplares de jornais contendo na íntegra uma proclamação de mais de 1.000 palavras, previamente preparada pelas mulheres. É dessa proclamação o seguinte trecho:

“Esta nação que Deus nos deu, imensa e maravilhosa como é, está em extremo perigo. Permitimos que homens de ambição ilimitada, sem fé cristã nem escrúpulos, trouxessem para nosso povo a miséria, destruindo nossa economia, perturbando a nossa paz social, criando ódio e desespero. Eles infiltraram o nosso País, o nosso Governo, as nossas Forças Armadas e até nossas Igrejas com servidores do totalitarismo exótico para nós e que tudo destrói... Mãe de Deus, defendei-nos contra a sorte e o sofrimento das mulheres martirizadas de Cuba, da Polônia, da Hungria e de outras nações escravizadas”!³⁹⁵

Destacadamente, o artigo constrói uma atmosfera de caos para a nação, caso os comunistas tivessem obtido sucesso. O clima de tensão é contraposto pelo posicionamento dos setores médios da sociedade, em especial as mulheres, que em prol de princípios morais e religiosos se organizavam para defender a família, a propriedade e a nação. O artigo, neste sentido, endossa o golpe, creditando à sociedade civil, consciente dos males do comunismo, o apoio à ação dos militares.

³⁹⁵ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 108).

As mulheres brasileiras retratadas pela revista poderiam ter sido nomeadas, assim como as mulheres norte-americanas destacadas pelo *Digest*, como as *pioneiras* ou as *paladinas* em prol da democracia, apesar dos distintos contextos. A narrativa era a mesma utilizada pelo *Digest* para apresentar a história de Susan B. Anthony ou Harriet Beecher Stowe. Segundo a revista, as mulheres estavam, naquele momento, participando da construção democrática da história nacional, ao ponto de que

um espectador classificou a marcha das mulheres em São Paulo como a demonstração mais comovente da história brasileira. Dias depois, foram organizadas marchas semelhantes para várias das principais cidades do País. Nem todos os esforços do governo para desencorajá-las, nem as ameaças da polícia de dissolvê-las conseguiram deter as entusiásticas cruzadas.³⁹⁶

A cruzada empreendida pelas mulheres brasileiras, que se opunham, inclusive, à ação do governo e da polícia, diferentemente dos movimentos sociais tão criticados pelo *Digest* e por *Seleções*, ganha um caráter legítimo, uma vez que buscavam a manutenção da ordem vigente, das estruturas tradicionais e, como salienta o texto, da conservação da democracia francamente ameaçada. Em suas movimentações após o golpe, segundo o artigo, as mulheres brasileiras prosseguiriam assumindo o papel que lhes cabia, organizando planos de educação e assistência social.

Os grupos femininos também não se estão desmobilizando. Diz Dona Amélia Bastos, da CAMDE: “Nós, as mulheres do Brasil, descobrimos a nossa força. Vamos trabalhar agora para conservar a democracia que ajudamos a salvar.” As mulheres da CAMDE estão voltando suas energias para a educação e a assistência social. Elas também sugeriram ao Governo um plano minucioso para combater o analfabetismo, oferecendo-se para montar uma campanha de âmbito nacional, destinada a angariar fundos para realizar esse plano. Se essa atitude se difundir suficientemente, o Brasil poderá de fatos a ir do longo mergulho em direção ao caos e dar grandes passos para a

³⁹⁶ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 108).

realização de seu imenso potencial. E, assim fazendo, poderá contar como apoio de todo o mundo livre.³⁹⁷

As mulheres da CAMDE pareciam acreditar que continuariam a ter participação no período posterior ao golpe. Carlos Fico destaca que logo após a tomada de poder no Brasil o governo norte-americano patrocinou a ida de algumas dessas lideranças femininas conservadoras aos Estados Unidos, “onde foram recebidas como campeãs da democracia contra o comunismo, participando de palestras e outras atividades”.³⁹⁸ Fico, no entanto, acrescenta que as mulheres da CAMDE rapidamente foram colocadas de lado, tanto por parte do governo brasileiro quanto do governo norte-americano, a partir de um estudo coordenado pelo secretário Lowell C. Kilday.

ressentidas por não terem sido chamadas a opinar sobre as políticas implementadas pela “Revolução”, as mulheres que participaram das marchas seriam pouco críticas, segundo Kilday, diferentemente de outras, mais intelectualizadas e, na verdade, atrapalhariam as iniciativas do governo, inclusive por suas posições radicais em relação à repressão (que Castelo procurava manter em níveis mínimos). [...] A avaliação negativa era compartilhada com o regime militar já que as “Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade” logo seriam abandonadas como evento constitutivo da memória que a ditadura pretendeu construir de si mesma, não sendo muito lembradas nas celebrações do 31 de março patrocinadas nos anos seguintes.³⁹⁹

A verdade é que as conservadoras foram igualmente deslocadas novamente para o lugar atribuído às mulheres em geral: o retorno ao lar ou às atividades de assistência social. O protagonismo era concedido a algumas mulheres notáveis, no caso do *Digest* e de *Seleções*, exceções que, em geral, confirmavam a regra ou em períodos de exceção como no caso da Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos ou na investida do golpe de 1964 no Brasil.

³⁹⁷ *Seleções do Reader's Digest* (Nov. de 1964, p. 119).

³⁹⁸ FICO, Carlos. 2008, p. 85.

³⁹⁹ *Ibidem*

5.6 – *Seleções* perde terreno no Brasil

Em finais dos anos 1960, ainda que mantivesse um público cativo, *Seleções* foi afetada pela expansão da televisão no Brasil, que monopolizou espaços de informação e lazer das famílias brasileiras. Quanto ao *Reader's Digest* nos Estados Unidos, embora a revista exista ainda hoje, teve que fazer mudanças consideráveis para sobreviver à televisão.⁴⁰⁰

O mesmo ocorreu com *Seleções*. A revista fez chamadas publicitárias apresentando o perfil de seu público leitor, a fim de intensificar a procura por anunciantes. Isto é, *Seleções* procurava com isso financiamento para manter-se no país. O propósito era destacar o potencial de consumo dos leitores da revista. Segundo os anúncios, publicados em 1970, grande parte dos leitores do periódico brasileiro eram mulheres, tinham carro e pertenciam às classes A e B.⁴⁰¹ Os anúncios mostrados a seguir são resultado de pesquisa encomendada por *Seleções* à Marplan, empresa que realiza até os dias atuais pesquisas de mercado, incluindo a relação entre mídia e consumo.⁴⁰² A realização de tais levantamentos teve importância central para o desenvolvimento do projeto editorial da revista *Seleções* no Brasil, desde os anos 1950, como destaca Sílvio Pereira, que informa que *Seleções* sempre se baseou em pesquisas de mercado para definir suas estratégias editoriais:

⁴⁰⁰ Cf. HEIDENRY, John. *Theirs was the kingdom: Lila and DeWitt Wallace and the Story of The Reader's Digest*. USA, Norton & Company, 1994. Dentre tais concessões podemos destacar a introdução de publicidade, na revista norte-americana, a partir de 1956. Ibidem, p. 235.

⁴⁰¹ Para um paralelo interessante sobre a questão das publicidades em revistas nos anos de 1950 e 1960, principalmente *O Cruzeiro* e *Manchete*, ver: FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. 1998. Segundo Figueiredo, “o público-alvo da grande maioria das campanhas publicitárias era constituído, no Brasil, por elementos provenientes sobretudo das camadas médias urbanas, havia muito que os ideais da harmonia doméstica, do amor romântico e da ascensão social, representados pelas imagens da ‘família feliz’, da ‘infância promissora’, dos ‘casais enamorados’ ou dos ‘campeões’ (só para citar alguns exemplos das imagens mais comuns que remetiam à esfera da vida privada) eram sistematicamente empregados pela publicidade.” Ibidem, p. 88.

⁴⁰² Os estudos Marplan abarcam uma série de análises sobre os hábitos de consumo de mídia. Destacaram-se no Brasil a partir da década de 1960 e seguem sendo realizados pela IPSOS Marplan.

Saulo Guimarães [ex-vice-presidente da revista brasileira] também informou que *Seleções* dava uma enorme importância aos estudos de audiência, boa parte feita pelo Ibope e pelos Estudos Marplan, um instituto especializado em audiência, pois o perfil do leitor era um poderoso elemento na venda de anúncios. Segundo me informou, os Estudos Marplan indicavam as porcentagens de possuidores de um ou mais automóveis, de eletrodomésticos, de casa própria, enfim, aquilo que caracterizava a renda das pessoas, isto é, o seu poder aquisitivo; estes estudos mostravam o leitor da revista, em termos gerais, acima da média dos leitores das outras revistas, inclusive de *O Cruzeiro*.⁴⁰³

As chamadas dos anúncios evidenciam a preocupação de *Seleções* em se vender como periódico diferenciado de classe média. Portanto, as empresas que anunciassem na revista alcançariam público selecionado e com poder aquisitivo. Como apontado, eram leitores que possuíam carros, o bem de consumo próprio de classes média e alta, que viajam constantemente e podiam usufruir de momentos de lazer

Além desses pontos, chama atenção a perspectiva da revista de que as mulheres compõem uma parcela importante do mercado consumidor, como apresentamos ao longo desta tese. Neste cenário, a mulher, casada ou solteira, mãe ou não, se apresentava como um agente determinante no sucesso da economia nacional. A publicidade, ao destacar suas leitoras, as caracteriza dentro de um padrão de mulher, influente na hora do consumo, já que foi dedicado a ela um anúncio em especial. O anúncio afirma que as leitoras de *Seleções* são

mulheres casadas e solteiras, que cuidam da alimentação da família, utilizam eletrodomésticos, compram produtos de limpeza, cosméticos, roupas de cama e mesa, vestem os filhos, o marido e a si mesmas.⁴⁰⁴

⁴⁰³ PEREIRA, Sílvio Luiz Gonçalves. *Seleções do Reader's Digest, 1954-1964: um mapa da intolerância política*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 2006, (mimeo), p. 108.

⁴⁰⁴ *Seleções do Reader's Digest* (Dez. de 1970, p. 104).

**52%* das pessoas
que lêem Seleções
todos os meses
possuem carro.**

Marplan, 1969.
Isto lhe dá uma idéia do elevado poder aquisitivo de quem lê Seleções.

**Dê o seu recado pelo
veículo certo. Programe**

Seleções

Figura 20 - *Seleções do Reader's Digest*, agosto de 1970, p. 73.

**78%* das pessoas
que lêem Seleções
todos os meses,
não param em casa.**

78% dos leitores de Seleções pertencem às classes A e B (Marplan 1969) - são pessoas de elevado poder aquisitivo, que se divertem, viajam, fotografam, seguem a moda. Vivem!

**Dê o seu recado pelo
veículo certo. Programe**

Seleções
DO READER'S DIGEST

Figura 21 - *Seleções do Reader's Digest*, novembro de 1970, p. 129.

**48%* das pessoas
que lêem Seleções
todos os meses
são mulheres.**

Mulheres casadas e solteiras, que cuidam da alimentação da família, utilizam eletrodomésticos, compram produtos de limpeza, cosméticos, roupas de cama e mesa, vestem os filhos, o marido e a si mesmas.

* Marplan 1970

**Dê o seu recado pelo
veículo certo. Programe**

Seleções
DO READER'S DIGEST

Figura 22 - *Seleções do Reader's Digest*, dezembro de 1970, p. 104.

As mulheres brasileiras, leitoras de *Seleções*, pertencentes segundo a publicidade a um setor destacado da sociedade brasileira, seriam não apenas consumidoras, mas influentes no consumo para os filhos e para o marido.⁴⁰⁵ Ainda que dê aqui destaque às mulheres, é importante ressaltar que, grosso modo, elas permanecem no âmbito do lar.

O que importa notar é que o período de ouro de *Seleções* e do *Reader's Digest* chegava ao fim na década de 1970. Os escritórios de *Seleções* deixaram o Brasil para se instalar em Portugal. Houve forte campanha publicitária para reinserir a revista a partir dos anos 1990. Ainda hoje ela pode ser encontrada em bancas, mas nunca mais foi a mesma.

Não só as mudanças tecnológicas, como a ressaltada entrada da televisão, também as mudanças no âmbito da Guerra Fria, o avanço dos movimentos sociais a partir de 1968 (negro, feminista e gay), a crise do petróleo, a guerra do Vietnã e mesmo a redução da tensão entre Estados Unidos e União Soviética (*détente*) exigiam novas posturas e novas inserções no mundo. Se mulheres e homens tiveram suas relações afetadas por essas transformações e contextos, e em certa medida também contribuíram para essas mesmas mudanças, o *Digest* e *Seleções*, como outros títulos da imprensa, também precisaram reunir esforços para sustentar o seu projeto, mas acima de tudo, manter-se no mercado

⁴⁰⁵ Interessante pontuar, comparativamente, que em dados de pesquisa de recepção da própria revista, em 2012, também realizada pelos estudos Marplan, *Seleções* apresentava a seguinte recepção: 33% dos leitores eram homens, 67% mulheres. Da totalidade, os leitores se denominavam como pertencentes às seguintes classes sociais: A (16%), B (56%), C (33%), D/E (1%). A pesquisa concluía apontando que havia “grande presença de mulheres: donas de casa, mães, casadas. Consomem produtos e serviços para elas, para a família, para o lar. Ponto positivo, uma vez que as mulheres representam a força de consumo do mercado brasileiro.”

<Fonte: https://mais.selecoes.com.br/publicidade_perfil_leitores.asp Acesso em 28/09/2018> Percebe-se, de forma majoritária, que a revista ainda persistia sendo lida pelos setores A e B (que totalizam juntas 72% do público leitor) com uma ascensão de leitores na classe C, o que se coaduna com o crescimento de tal classe social no período no Brasil.

Considerações Finais

No decorrer do século XX, grandes conglomerados de imprensa vivenciaram momentos de sucesso e de declínio nos Estados Unidos e no Brasil. Dentre esses veículos de comunicação e informação, destacaram-se a revista de variedades norte-americana *Reader's Digest* e sua versão brasileira *Seleções do Reader's Digest*, analisadas ao longo desta tese. O sucesso dessas publicações, como visto, teve relação direta com o contexto histórico em que foram lançadas e com a forma como buscaram se manter nas décadas que se seguiram, como também com os projetos que endossaram. No caso do *Digest*, lançado em 1922, o periódico surgiu como um produto do empreendimento pessoal de DeWitt e Lila Wallace, nos anos posteriores à Primeira Guerra Mundial. A revista, portanto, acompanhou a crise de 1929, a Depressão, a Segunda Guerra Mundial e a conquista da hegemonia mundial por parte dos Estados Unidos na primeira metade do século XX.

Seleções, por outro lado, representou a expansão de tal projeto e serviu como uma tentativa de aproximação dos Estados Unidos para com o Brasil (e países da América Latina), como resultado da Política da Boa Vizinhança nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. A revista, lançada em território nacional em 1942, foi amplamente veiculada em todo território brasileiro e recebida com entusiasmo pelo público. DeWitt e Lila Wallace exerceram, neste sentido, papéis fundamentais na condução das revistas distribuídas pelo *Reader's Digest Association* para as distintas partes do mundo. A influência dos proprietários foi extremamente destacada até suas mortes na década de 1980 e se manteve sendo rememorada nos anos posteriores.

Lila Wallace, por exemplo, em 1995, foi lembrada no Brasil quando um Projeto de Lei (PL1557/1995) movido pelo então vereador Mário Noda, na Câmara Municipal de São Paulo, apontou seu nome para intitular uma travessa na região de Perdizes. A lembrança nostálgica aconteceu justamente em um

momento em que *Seleções* lutava para retornar ao mercado brasileiro, década em que realizou uma intensa campanha publicitária – que anunciava sorteios e brindes aos leitores – sem alcançar o sucesso pretendido. O evento aponta para duas direções: em primeiro lugar, para a importância que a revista *Seleções* teve para as gerações de leitores, principalmente entre os anos 1940 e 1960; em segundo, para o fato de que o tempo de *Seleções* havia definitivamente passado.

Ao longo dos capítulos desenvolvidos nesta tese, destacamos a forma pela qual as relações de gênero foram apresentadas por ambas as revistas no período compreendido entre 1939 e 1971. O foco principal, no entanto, recaiu sobre como era demarcado o papel das mulheres no período da Segunda Guerra Mundial, nos anos de Guerra Fria e nos momentos de incisivas convulsões sociais dos anos 1960, nos Estados Unidos e no Brasil. Pode-se afirmar que tais publicações tiveram um importante papel ao longo desses anos, sendo catalisadoras de um projeto norte-americano que visava difundir as prerrogativas do *american way of life* para outras partes do mundo e implementar a concepção de família de classe média, desenvolvida ao longo dos capítulos, compreendida pela revista como “universal”. Tais elementos corroboravam as diretrizes iniciais de DeWitt Wallace, ao projetar suas revistas como espaços destinados à veiculação de temas considerados permanentes e de amplo interesse. Fissuras, no entanto, foram encontradas no projeto tão entusiasmamente veiculado.

As análises das revistas nos permite assegurar que, desde o início, *Digest* e *Seleções* reproduziram intensamente representações sobre o papel da mulher no seio da família, principalmente a dos setores médios. Tais reproduções tanto reforçaram papéis de gênero vigentes na época (imperando a heteronormatividade e a desigualdade de gênero) quanto buscaram articular e também amenizar os crescentes dilemas suscitados durante a Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra, tais como a cada vez maior participação das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, na esfera pública. Entretanto, como se sabe, desigualdade de gênero não era característica exclusivamente dos

republicanos e/ou conservadores, mas era ponto importante e incontornável desse segmento social que avaliava o papel subalterno da mulher de classe média.

Foi possível notar que havia temáticas que podemos considerar como transnacionais, ainda que os contextos locais e de inserção dos Estados Unidos e Brasil, no mundo, tenham sido levados em consideração na escolha e edição dos artigos publicados em cada um dos periódicos. Neste sentido, fica claro que os processos de edição do *Digest* e de *Seleções* mantiveram cuidadosas escolhas de temas para que as revistas atendessem a demandas locais sem, porém, deixar de difundir temas que pudessem ser bem recebidos nas duas sociedades. Desta forma, compreende-se que os periódicos se adequaram às sociedades e mercados locais e ao mesmo tempo difundiram discursos coerentes com a política externa adotada pelos Estados Unidos. O *Digest* e, conseqüentemente, *Seleções* apostavam, portanto, na ampliação e consolidação dos setores médios contra o avanço do nazismo e do comunismo. Esses elementos eram encarados pelos periódicos como um suporte à expansão de um público amplo de consumo tanto das revistas quanto dos produtos e ideias por eles veiculados.

Para tanto, os papéis de gênero foram intensamente utilizados na luta contra esses diferentes opositores da política norte-americana. Assim, ainda que o papel da mulher no âmbito da família e da sociedade estivesse, na maior parte das vezes, subordinado ao papel do homem, para as revistas, a atuação de mulheres foi importante em períodos de exceção como durante a Segunda Guerra nos Estados Unidos e o golpe de 1964 no Brasil. Foram também essas mulheres, ao serem alvos diretos das revistas, importantes agentes da efetivação associativa entre família e consumo. Funcionaram tanto como modelos conservadores, quanto como o elo fraco a ser contido e resgatado de desvios sociais e de influências de grupos problemáticos.

As diferentes mobilizações – de mulheres e homens, brancos e negros – em momentos como o do esforço de guerra ou de contenção do comunismo,

demarcaram, como demonstrado, parte dessa importante atuação. Nos Estados Unidos e no Brasil, essas movimentações foram apresentadas pelas revistas como permeadas por alusões cívicas, religiosas (protestantes e católicas), mas também de defesa de princípios liberais e democráticos. Temas transnacionais e locais se sobrepunham em ambas as revistas. A participação de mulheres brasileiras no golpe de 1964 é um exemplo claro dessa especificidade da ação feminina contra uma ameaça que os Estados Unidos elencavam como de caráter mundial. O evento, porém, também respondia às demandas de determinados grupos locais e por isso foi intensamente veiculado em ambas as revistas.

As mulheres, portanto, se mantiveram como assunto e público recorrentes e se caracterizaram como uma das temáticas de caráter transnacional mais abordadas pelos periódicos. Notadamente, aspectos da vida doméstica, sentimental, das áreas da saúde e educação dos filhos, etc., temas historicamente creditados ao universo feminino, foram intensamente reproduzidos pelo *Digest* e por *Seleções*. Esses papéis a elas destinados nas revistas e as representações utilizadas visaram alimentar e promover a emergente lógica de consumo nos Estados Unidos e no Brasil, no caso de *Seleções*, perceptível desde o início, e no *Digest*, intensificado após a adesão de publicidades em 1956.

Verificou-se que as atuações femininas também foram amplamente destacadas através de personagens que o *Digest*, em especial, caracterizou como pioneiras, paladinas, desbravadoras em prol de lutas que foram validadas pelo periódico e que em momentos específicos encontraram ressonância também em *Seleções*. No entanto, tais representatividades tinham clara função de servir como modelos de conduta e de reforçar lutas, como o direito ao voto, que as revistas endossaram. Validavam com essas alusões, grosso modo, demandas alinhadas a um projeto economicamente liberal, mas, também, politicamente republicano e moralmente conservador.

Por outro lado, era evidente a insatisfação das revistas com movimentos que julgava problemáticos e radicais, destacadamente os emergentes

movimentos pelos Direitos Civis e de mulheres a partir da segunda metade da década de 1950. Para tais grupos, as revistas concederam espaço irrisório. Quando abordados, foram tratados de forma depreciativa e generalista. Essas referências, na maior parte das vezes, não foram tratadas como elementos transnacionais, como no caso da luta pelos Direitos Civis, dada a ínfima representatividade concedida à questão nas páginas de *Seleções*, ainda que o Brasil também vivenciasse um amplo cenário de desigualdade social e racial.

Considerando-se a tendência conservadora seguida pelas revistas, foi perceptível que, com a eclosão mais intensa do Movimento Feminista, principalmente nos Estados Unidos, a partir da década de 1960, as revistas precisaram adotar mudanças a respeito do lugar da mulher na sociedade, sem deixar de assertivamente manter um discurso tradicional no que dizia respeito, principalmente, ao apoio central ao marido e à educação dos filhos. Embora os periódicos tenham passado a veicular o trabalho feminino como possível, eles nunca deixaram de pontuar que ele viria com consequências, como a dupla jornada para a mulher, que deveria manter o que a ela se creditava como função biológica e social, além de sua feminilidade, atuando como mãe, esposa e responsável pelas atribuições do lar. Vigorou, desta forma, em ambos os contextos, um projeto editorial que demarcou as relações de gênero como bem delineadas e rígidas, ainda que com aparentes concessões. Como visto, nos anos 1970, o *Digest* seria atingido diretamente com posições contrárias, tendo sua estrutura questionada quando processado por um grupo de funcionárias que denunciaram justamente as desigualdades presentes dentro da instituição. De certa maneira, era o prenúncio da falência de seu projeto editorial.

Assim, apesar de conservadoras, ao promoverem um processo de difusão da modernidade norte-americana e uma lógica crescente de consumo, as revistas agenciaram alardeadamente a utilização de métodos contraceptivos com destaque para a pílula anticoncepcional. Essas projeções, mesmo que aparentemente tenham dialogado com algumas demandas de movimentações de

mulheres a partir da década de 1950, corresponderam, principalmente, a um intenso projeto de controle da natalidade e, conseqüentemente, do corpo da mulher na América Latina e, no caso aqui em questão, no Brasil.

Seja pela demanda relativa ao trabalho feminino, seja com a busca pela liberdade sexual ou os movimentos de luta pelos direitos civis, *Digest* e *Seleções* precisaram, em dados momentos, abrir espaço para que certos elementos relativos a um pretenso equilíbrio nas relações de gênero viessem a compor suas páginas. Foram movimentações lentas e, por vezes, contidas, sempre alertando para as possíveis conseqüências (em geral, negativas) de tais modificações de papéis na sociedade.

No entanto, apesar de tais transformações, as revistas foram perdendo força à medida em que o século se encerrava. Começaram a prevalecer outros meios de entretenimento e diversão como, por exemplo, a televisão. De qualquer forma, o impacto suscitado pela imprensa escrita, como demonstrado ao longo desta tese, foi intenso e por vezes determinante diante dos mais distintos contextos e convulsões pelas quais Estados Unidos e Brasil passaram no período analisado.

Ainda que se mantenham sendo publicadas nos dias atuais, com configurações muito distintas de seus projetos originais, o franco declínio pelo qual essas revistas passaram, desde os anos 1970, confirmam que elas foram produtos de contextos históricos localizados e determinados. Ainda que bem-sucedida em boa parte do período abarcado por esta tese, a crença na veiculação de papéis e relações de gênero delineadas segundo os interesses dos periódicos, que se direcionassem a diferentes territórios de forma pretensamente permanente e atemporal, não foi suficiente para sustentar o sucesso contínuo das revistas. Esses e outros fatores foram determinantes para que *Digest* e *Seleções* não conseguissem em nenhum momento atingir, de fato, a almejada universalidade.

FONTES

Reader's Digest: revistas mensais publicadas entre janeiro de 1939 e dezembro de 1971. Acervo pessoal e da Biblioteca Mario de Andrade.

Seleções do Reader's Digest: revistas mensais publicadas entre fevereiro de 1942 e dezembro de 1971. Acervo pessoal e das Bibliotecas Mario de Andrade e ESPM.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís Wendel. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força secundária*. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 2007 (mimeo).

ABREU, Alzira Alves de et al (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

AGUIRRE, Aalhi. A propósito de Adela Formoso de Obregón Santacilia y su connotado discurso en el Primer Congreso de la Unión de Universidades Latinoamericanas en 1949. In: *Universidades*, Unión de Universidades de América Latina y el Caribe, México, n. 59, p. 69-74, jan-mar. 2014.

ALVES JR., Alexandre Guilherme da Cruz. *Discursos americanos de cooperação durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900 – 2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BASSANEZI, Carla. Mulheres nos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de texto). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 607-639.

_____. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BAYLON, Daniel. *L'Amérique Mythifiée: le Reader's Digest de 1945 à 1970*. Paris: Presses Universitaires Du Mirail/ Éditions du CNRS, 1988.

BAYLY, C. A.; BECKERT, Sven; CONNELLY, Matthew, et al.. Conversation: on Transnational History. In: *The American Historical Review*. Chicago: The University of Chicago Press, Vol. 111, Nº 5, Dezembro/2006, p. 1441-1464.

BEGHETTO, Lorena. *O Pesadelo comunista ameaça o Ocidente: O anticomunismo nas revistas Seleções do Reader's Digest, (1946-1960)*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Dissertação de Mestrado, 2004, (mimeo).

BENDER, Thomas. *A Nation Among Nations. América's Place in World History*. Nova York: Hill and Wang, 2006.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). *A América Latina: entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRENNAN, Mary C.. *Wives, mothers, and the red menace: conservative women and the crusade against communism*. Colorado: University Press of Colorado, 2008.

BRINKLEY, Alan. *Liberalism and its discontents*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

BURBAGE, Robert.; CAZEMAJOU, J.; KASPI, A. *Os meios de comunicação nos Estados Unidos: imprensa, rádio, televisão*. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAMPBELL, D'Ann. Women in combat: The World War II Experience in the United States, Great Britain, Germany, and the Soviet Union. In: *The Journal of Military History*, vol. 57, nº2 (abr., de 1993).

CAMPBELL, W. Joseph. *Yellow Journalism: Puncturing the Myths, Defining the Legacies*. Westport: Praeger Publishers, 2001.

CANNING, Peter. *American Dreamers: the Wallaces and Reader's Digest: an insider's story*. New York, NY: Simon & Schuster, 1996.

CAPELATO, Maria Helena R. Cultura e política no varguismo e no peronismo. In: *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. O controle da opinião e os limites da liberdade: Imprensa paulista (1920-1945). *Revista brasileira de História*. São Paulo: São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 12, nº. 23/24, 1991.

_____. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Orga). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

_____; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo"*. São Paulo: Alfa Omega, 1980.

CARDOSO, Lucileide Costa. Os discursos da "Revolução de 1964". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.31, nº 62, p. 117-140, 2011.

CHAFE, William H.. *The paradox of change: american women in the 20th century*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel, 1990.

COBBLE, Dorothy Sue; GORDON, Linda; HENRY, Astrid. *Feminism unfinished: a short surprising history of american women's movement*. New York: W.W. Norton and Company, 2014.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 103-130.

CORDEIRO, Janaína Martins. “*A nação que se salvou a si mesma*”. Entre memória e história, a campanha da mulher pela democracia (1962-1974). Departamento de História – Universidade Federal Fluminense. Dissertação de mestrado, 2008, 164 f.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 207-232.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial/EDUSP, 2002.

DAVIS, Angela Y.. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIGGINS, John Patrick. *The Proud Decades: America in war and Peace, 1941-1960*. New York: W.W. Norton & Company, 1989.

DOUGLAS, Ann. *The feminization of American culture*. London: Papermac, 1996.

EHRENREICH, Barbara. *O Medo da Queda: Ascensão e Crise da Classe Média*. São Paulo: Scritta, 1989.

ELSHTAIN, Jean Bethke. *Women and war*. New York: The Harvester Press Limited, 1987.

EMERY, Edwin. *História da imprensa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. In: *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.9, n.20, jan./abr, 2017, p. 05 - 74.

_____. *O grande irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. “*Liberdade é uma calça velha azul e desbotada*”: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). Editora Hucitec, História Social, USP: São Paulo, 1998.

FLEXNER, Eleanor. *Century of struggle: the woman's rights movement in the United States*. USA: Harvard University Press, 1976.

FONER, Eric. *The Fiery Trial*. Abraham Lincoln and American slavery. New York: W.W. Norton & Company, 2010.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. In: HIRATA, Helena; [et al.] (orgs.). *Dicionário Crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FRASER, Steve; GERSTLE, Gary (orgs.). *The Rise and Fall of The New Deal Order: 1930-1980*. New Jersey: Princeton University Press, 1989.

GERSTLE, Gary. *American Crucible: Race and Nation in the twentieth century*. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

GIMENES, Gabriela Xabay. *Estados Unidos e América Latina nas páginas do Chicago Tribune: Pan Americanismo e Exposição Universal de Chicago (1889-1894)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2016, (mimeo).

GORDON, Linda. *The moral property of women: a history of birth control politics in America*. USA: University of Illinois Press Urbana and Chicago, 2007.

GORDON, Linda. The women's liberation Movement. In: COBBLE, Dorothy Sue; GORDON, Linda; HENRY, Astrid. *Feminism unfinished: a short surprising history of american women's movement*. New York: W.W. Norton and Company, 2014, p. 69-146.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG/Unesco, 2003.

_____. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a, p. 151-186.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In: *Cadernos Pagu* (22), 2004, p. 201-246, p. 220.

HARTMANN, Susan M.. *The Home Front and Beyond: American women in the 1940s: the home front and beyond*. Boston: Twayne publishers, 1982.

HARTMANN, Susan. Women's Employment and the Domestic Ideal. In MEYEROWITZ, Joanne. *Not June Cleaver: Women and gender in postwar America, 1945-1960*. Philadelphia, Temple University Press, 1994.

HEIDENRY, John. *Theirs was the kingdom: Lila and DeWitt Wallace and the Start of The Reader's Digest*. USA, Norton & Company, 1994.

HEWITT, Nancy A. (org.). *A companion to American women's history*. USA: Blackwell Publishing Ltd, 2005.

HYMOWITZ, Carol; WEISSMANN, Michael. *A History of women in America*. New York: Bantam Books, 1978.

ISSERMAN, Maurice e KAZIN, Michael. *America Divided. The civil War of the 1960s*. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 2000.

JACOBUS, Mary. *Reading Woman: essays in feminist criticism*. Bristol: Methuen, 1987.

JEFFRIES, John W.. *Wartime America: The World War II Home Front*. Chicago: American Ways Series, 1996.

JOSEPH, Peniel E. *Dark Days, Bright Nights: From Black Power to Barack Obama*. New York: Basic Civitas Books, 2009.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Ed. da USF, 2000.

KEYSSAR, Alexander. *The right to vote: the contested history of democracy in the United States*. New York: Basic Books, 2000.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 179-206.

LEWIS, Jan E. A revolution for whom? Women in the Era of the American Revolution. In Hewitt, Nancy A (org.). *A companion to American Women's History*. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2005.

LIMONCIC, Flávio. American way of life. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coordenador)... [et al.]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. *Os inventores do New Deal: Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LITOFF, Judy Barrett; SMITH, David C. American Women in a World at War IN: *OAH Magazine of History*, Vol. 16, No. 3, World War II Homefront (primavera, 2002).

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. In: *Revista MATRIZES*. São Paulo, V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014, p. 65-80.

LÓPEZ, A. Ricardo; WEINSTEIN, Barbara (orgs). *The Making of the middle class: toward a transnational history*. USA: Duke University Press, 2012.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008A, 149-175.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

_____. Imprensa feminina: Mulher em revista. In. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 447-468.

_____.; MARTINS, Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008B.

MACLEAN, Nancy. *The American women's movement, 1945-2000: a brief History with documents*. USA: Bedford/St. Martin's, 2009.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas Culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP, 2000.

MATTOS, Marlise. Movimento e Teoria Feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?. In: *Rev. Sociol. Polít.* Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e a cultura política nos tempos da política da Boa Vizinhança. *Anais do Museu Paulista*. v. 22, p. 133-159, 2014.

_____. Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n.49, p. 43-76, 2005.

MAY, Elaine Tayler. *Homeward Bound: American families in the cold war era*. New York: Basic Books, 2008.

MCEUEN, Melissa A. *Making War, Making Women: Femininity and Duty on the American Home Front, 1941-1945*. USA: University of Georgia Press, 2010

MENDES, Ricardo Antônio Souza. Marchando com a Família, com Deus e pela Liberdade. O “13 de Março” das Direitas. In: *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 21 nº 33 Janeiro/2005, p. 244.

MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery. *A Política Cultural norte-americana no Brasil: o caso do OCIAA e o papel das Seleções Reader's Digest 1940-1946*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UERJ - Departamento de História, 2002 (mimeo).

MEYEROWITZ, Joanne (org.). *Not June Cleaver: women and gender in postwar America, 1945-1960*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. Lazer: “Programa de Mulher”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 148-168.

MONTEIRO, Erica Daniel. *A Guerra como Slogan: visualizando o Advertising Project na propaganda comercial da revista Seleções do Reader's Digest (1942-1945)*. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGHIS, 2006.

_____. *Quando a Guerra é um negócio*. F. D. Roosevelt, iniciativa privada e Relações Interamericanas durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editoras Prismas, 2014.

MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1945: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

_____. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MUNHOZ, Sidnei; TEIXEIRA, Francisco Carlos. *Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XIX, XX e XXI*. Maringá: Editora Universidade Estadual de Maringá, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, set./dez. 2006, p. 647-654.

NELSON, Cortney, "Our Weapon is the Wooden Spoon." Motherhood, Racism, and War: The Diverse Roles of Women in Nazi Germany" (2014). Dissertação (Mestrado em História) – East Tennessee State University. Tennessee, 2014.

NICHOLSON, Linda. Interpretando Gênero. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, jul./dez, 2000, p. 9-42.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra: o processo de reinclusão no serviço militar ativo do exército (1945-1957)*. Rio de Janeiro: EEAN, UFRJ, Tese de Doutorado, 2010 (mimeo).

_____. *Entre ganhos e perdas simbólicas: A (des)mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial*. Esc. Anna Nery [online]. Rio de Janeiro, v.11, n.3, p. 423-8, set. 2007.

_____. *Signos do esquecimento: os efeitos simbólicos da participação das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial (1943-1945)*. Rio de Janeiro: EEAN, UFRJ, Dissertação de mestrado, 2007 (mimeo).

PATTERSON, James T.. *Grand Expectations: The United States, 1945-1974*. New York: Oxford University Press, 1997, p. 165-206.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, p. 239-260.

PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Ligia. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014.

PEREIRA, Sílvio Luiz Gonçalves. *Seleções do Reader's Digest, 1954-1964: um mapa da intolerância política*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 2006, (mimeo).

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis, 17 (1): 296, janeiro-abril/2009.

_____. Imagens e representações 1: a era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012b, p. 469-512.

_____. Imagens e representações 2: a era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012c, p. 513-543.

_____. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012a.

POWER, Margaret. Who but a woman? The transnational diffusion of Anti-Communism among conservative women in Brazil, Chile and the United States during the Cold War. In: *Journal Latin American Studies*. Cambridge, nº 47, 2015, p. 93-119.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX. In MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira. A grande transação*. São Paulo, Editora SENAC, 2000, p. 319-347.

RAAD, Lenita Jacira Farias. “... denunciando os males do comunismo”: o anticomunismo na revista Seleções Reader’s Digest (1950-1960). Florianópolis: Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Dissertação de Mestrado, 2005, (mimeo).

_____. Revista Seleções do Reader's Digest e as campanhas de controle demográfico no interior da guerra fria. In: *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 11, no. 11, 2004, p. 167-176.

RANCHOD-NILSSON, Sita; TÉTREAULT, Mary Ann (orgs.). *Women, states and nationalism: at home in the nation?*. New York: Routledge, 2000.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. In: *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2(2); 113-128, 2. Sem., 1990.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres*. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

SCHERER JUNIOR, Charles. A disseminação da cultura e da ideologia norte-americana no Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial e o caso da *Revista Seleções do Reader’s Digest* In: *Revista Latino-Americana de História*. Vol. 3, nº 10 – Ago. de 2014.

_____. *A Revista Selecciones del Reader’s Digest e a constituição da imagem dos estereótipos do american way of life: 1940/1950*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Tese de Doutorado, 2009, (mimeo).

SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: A Social History of American Newspapers*. New York: Basic Books, 1978.

SCOTT, Joan Wallach. Deconstructing Equality-versus-Difference: Or, the Uses of Poststructuralist Theory for Feminism. In: *Feminist Studies*, Vol. 14, nº1 (Spring, 1988), p. 32-50.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

_____. “Prefácio a gender and politics of history”. In: *Cadernos Pagu*. n. 3, 1994, p. 11-27.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 63-95.

SHARP, Joanne. *Condensing the Cold War: Reader's Digest and American Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco; introdução à cultura de massa brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 52-3.

TEBBEL, William. *Os meios de comunicação nos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1978.

THERBORN, Göran. *Sexo e Poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

TILLY, Louise A.. Gênero, História das Mulheres e História Social. In: *Cadernos Pagu*. n. 3, 1994, p. 29-62.

TOKARSKY, Flávia Millena Biroli; MIGUEL, Luis Felipe (orgs.). *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

TÖPKE, Denise Rugani. *Miss Anos Dourados: as representações da mulher nos anúncios de Seleções do Reader's Digest*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007 (mimeo).

TOTA, Antonio Pedro. *O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VICINUS, Martha. *Independent Women: work & community for single women 1850-1920*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

WEATHERFORD, Doris. *American Women and World War II*. New York: Castle Books, 2008.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. In: *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.14, jan./jun. 2013 p. 10-31.

WINKLER, Allan M.. *Home Front U.S.A.: America during World War II*. Illinois: Harlan Davidson, 2012.

YELLIN, Emily. *Our Mother's war: American women at home and at the front during World War II*. New York, Free Press, 2004.

ZAHRAN, Geraldo. *Tradição liberal e política externa nos Estados Unidos: um diálogo com interpretações realistas e idealistas*. Rio de Janeiro: Apicuri: Ed. PUC-Rio, 2012.